

Orientação

AGRADECIMENTOS

O presente, espelha algo que outrora se afigurava como inalcançável. Um objetivo que parecia inatingível, um feito que agora permanece real.

Ao longo deste caminho, foram muitas as figuras de referência que não me deixaram desistir, quando a vontade de o fazer falava mais alto, e me fizeram acreditar que tal era possível.

Neste sentido, queria primeiramente expressar o mais sincero agradecimento às minhas orientadoras, Professora Doutora Sílvia Barros, e (co) orientadora Professora Doutora Helena Carvalho. A elas devo todo o apoio e acompanhamento incondicional. Sou grata pelas reflexões conjuntas, pela partilha de conhecimentos, pelas críticas construtivas, e total disponibilidade de acompanhamento neste processo. Obrigada por me fazerem acreditar.

Aos adultos mais velhos e equipa técnica do centro de dia onde teve lugar o projeto “O Outrora de Hoje”, pela abertura em me receberem no seu espaço, e onde foram protagonistas deste trabalho conjunto.

O meu especial agradecimento à minha família, particularmente aos meus pais, que sempre estiveram lá, que ouviam a minha angústia, e aplaudiam as pequenas conquistas, fazendo-me acreditar nas minhas capacidades;

Aos meus amigos, sem exceção, pelos momentos de partilha, reflexão, cumplicidade, e verdadeira amizade;

Por último, e não menos importante, à doutora Ruth Sampaio, por todo o acompanhamento, reflexão e ajuda.

Sou verdadeiramente grata a todos, e devo-vos a conclusão deste projeto in(alcançável). Obrigada a todos!

RESUMO

O presente relatório de estágio resulta do desenvolvimento do Projeto de Educação e intervenção social, intitulado como “O Outrora de Hoje”, realizado num centro de dia. O objetivo do mesmo foi a construção de um trabalho coconstruído, com os demais atores sociais. Para tal, este projeto teve como sustentação a metodologia de Investigação-Ação-Participativa (IAP), e como modelo de avaliação CIPP (i.e., contexto, “input”/entrada, Processo, Produto) de Stufflebeam & Shinkfield (1995), que pressupõe quatro momentos de avaliação, consignado na sua designação. A confluência da metodologia IAP, com o modelo de avaliação CIPP, permitiu um conhecimento aprofundado da realidade e um desenho de uma intervenção com base nas necessidades dos atores sociais, que almejavam uma mudança nos seus quotidianos.

Para um conhecimento mais profundo da realidade em questão, foi também igualmente importante a mobilização de diversas técnicas de investigação, nomeadamente: conversas intencionais, observação participante e análise documental. Estas, permitiram dar voz aos interventores sociais e dessa forma possibilitar a identificação dos problemas e necessidades sentidos por estes, o que levou a ambicionar como finalidade “proporcionar à comunidade institucional, um melhor relacionamento interpessoal”.

O projeto que aqui se evidencia, encontra-se organizado em três ações. A ação A, intitula-se como “olhar e recordar para contar”; ação B “caminhando lado a lado” e ação C “em busca de um trabalho em equipa”. Estas ações contemplam um conjunto de atividades, que procuram o alcance de quatro objetivos gerais e seus objetivos específicos.

Os seus resultados espelham a reflexão conjunta de um trabalho realizado pelos atores sociais desta instituição, onde a dedicação e o envolvimento, foram o ponto central de partida para uma efetiva mudança. Deste modo, com a iniciativa e

motivação de todos os interventores sociais, foram colhidos frutos significativos, e deste modo alcançada a mudança para uma melhor qualidade de vida destas pessoas, que até então, não tinham percepção do seu “eu”, e do quanto as suas memórias e as suas vivências seriam importantes para a sua redescoberta. Tornando-se assim numa mútua aprendizagem.

Palavras-chave: Adultos mais velhos, Memórias, Recordações, Envolvimento.

ABSTRACT

This internship report results from the development of the Education and Social Intervention Project, entitled “Once in a while”, held in a Day Care Center. The main aim of it was the construction of a co-constructed work, with the other social actors. For this purpose, this project was supported by the participatory methodology of Action-Research (AR), and the Stufflebeam & Shinkfield (1995) evaluation model CIPP (i.e. context, input, process, product) which integrates four moments of evaluation, consigned in its designation.

The confluence of the AR methodology, with the CIPP evaluation model, allowed a deep knowledge of the reality and a sketch of an informed intervention of the social actors needs, which wanted a change in their lives.

For a deep knowledge of the reality in question, it was equally important the mobilisation of several research techniques, such as: intentional conversations, participant observation and documentary analysis. These techniques gave voice to the social auditors, and, in this way, identify some problems and needs felt by them, which led to the ambition of “providing the institutional community a better interpersonal relationship”.

This project is organised in three actions: Action A entitled as “look and remember to tell”; Action B “walking side by side”, and Action C “the search of teamwork”. These actions contemplate a set of activities, which sought the achievement of four general objectives and their specific objectives.

Their results shows a joint reflection, of a work carried out by the social actors of this institution, where dedication and involvement were the starting point for an effective change. In this way, with initiative and motivation of all social auditors, which allowed us to get good things from it, and this way, achieving the change and to make these people's lives better, who, until then, had no perception of their “I”, and how

much their memories and life experiences would be important to their rediscovery. These became a mutual learning.

Keywords: Older Adults, Memories, Souvenirs, Involvement.

ÍNDICE

Agradecimentos	I
Resumo	II
Abstract	IV
Introdução	1
1. Enquadramento Metodológico	3
1.1. Projetos em educação e intervenção social e o papel do interventor social	3
1.2. A Investigação-Ação Participativa	8
1.3. O modelo de avaliação do projeto	10
2. A Construção do Conhecimento da Realidade do Centro de dia	14
2.1. O Contexto de Intervenção	14
2.2. Organização e Dinâmica Institucional	16
2.3. O Centro de Dia	22
2.3.1. O Centro de Dia e as Dinâmicas Relacionais	24
2.4. Avaliação do Contexto	32
3. Enquadramento Teórico	34
3.1. Compreender o Envelhecimento	35
3.2. Repercussões acerca do Envelhecimento (redes de suporte)	40
3.2.1. Ser cuidador: implicações de uma prática refletida	45
3.3. A importância da humanidade e do snoezelen no “O Outrora de Hoje”	49
4. Projeto “O Outrora de hoje”: Desenho, Desenvolvimento e Avaliação	52
4.1. Finalidade, Objetivos Gerais e Objetivos Específicos	53
4.2. Ações, Atividades e Estratégias	55

4.3. Avaliação de Entrada	57
4.4. Desenvolvimento do Projeto e Avaliação do Processo	58
4.5. Avaliação do Produto	75
Considerações Finais	81
Referências	85
Anexo A – Organigrama Institucional	91
Apêndice A – Complemento sobre as Técnicas de Investigação em Ciências Sociais mobilizadas	92
Apêndice B – Plano de atividades Semanal	95
Apêndice C - Sistematização de algumas características das pessoas que frequentam o centro de dia	96
Apêndice D – Síntese das características das pessoas do Centro de Dia	105
Apêndice E - A construção de “O Outrora de Hoje”	114
Síntese introdutória	114
Notas de campo	122
Dia 24 de outubro, 2016: “Síntese das principais ideias acerca da instituição”. 122	
Dia 02 de novembro, 2016: “Viver em grupo, ter amizades”	125
Dia 07 de novembro, 2016: “Autorretrato; conversa intencional com equipa técnica”.	128
Dia 09 de novembro, 2016: “como me sinto”	132
Dia 14 de novembro, 2016: “Bingo”	134
Dia, 16 de novembro, 2016: Brainstorming - “Amizade é”	135
Dia 21 de novembro, 2016: “Dia do pijama”	138
Dia 23 de novembro, 2016: “Conflito; a ilha”	140
Dia 28 de novembro, 2016: “Observação; jogo da confiança”	142

Dia, 30 de novembro, 2016: “Recordações: visionamento de fotos”	144
Dia, 12 de dezembro, 2016: “Ensaio de Natal”	145
Dia 14 de dezembro, 2016: “Centro de saúde”	146
Dia 19 de dezembro, 2016: “Lembrar o Natal; momento reflexivo”	147
Dia, 21 de dezembro, 2016: “Recordações e memórias do Natal”	149
Dia 27 de dezembro, 2016: “O Natal do presente”	150
Dias 28-29-30/12/2016 e 02/01/2017: “Paz”	151
Dia 16 de janeiro, 2017: “Importância do Riso, conversa intencional com auxiliares”	153
Dia 17 de janeiro, 2017: “Risoterapia”	155
Dia 23 de janeiro, 2017: “Comentar notícias”	157
Dia 25 de janeiro, 2017: “Participação; envolvimento”	158
Dia 30 janeiro, 2017: “Cinema”	159
Dia 6 de fevereiro, 2017: “Preparação dia dos namorados; estimulação e malha”	160
Dia 08 de fevereiro, 2017: “Ditos populares”	161
Dia 15 de fevereiro, 2017: “Brainstorming – “Amor”	161
Dia 20 de fevereiro, 2017: “Pensamento; reflexão; interpretação”	164
Dia 22 de fevereiro, 2017: “Dia do pensamento”	166
Dia 08 de março, 2017: “Dia da mulher”	167
Dia 13 de março, 2017: “Estimulação; toque e tato”	168
Dia 15 de março, 2017: “Exploração gostos e interesses”	169
Dia 20 de março, 2017: “Brainstorming - O que me faz Feliz”	170
Dia 21 e 27 de março, 2017: “Organização de calendário”	171
“Recorda-me”:	172

Dia 03 de abril, 2017: “Ditos e provérbios populares; cantar”	173
Dia 05 de abril, 2017: “Jogos tradicionais”	174
Dia 18 de abril, 2017: “Dia dos monumentos”	176
Dia 24 de abril, 2017: “Profissões e partidas”	178
Dia 02 de maio, 2017: “Festas populares, comentar notícias”	179
Dia 15 maio, 2017: “Dia da família”	181
Dia 16 maio, 2017: “Cinema”	183
Dia 23 a 25 de maio, 2017: “Sessão de fotos”	185
Dia 01 e 02 junho, 2017: “Atividade de pastelaria para amostra de trabalhos”	187
Dia 06 de junho, 2017: “Caraterísticas”	188
Dias 13 e 14 de junho, 2017: “Marchas e programação atividades”	191
Dias 20 e 21 junho, 2017: “Encontro intergeracional com jogos tradicionais”	194
Dia 27 e 28 de junho, 2017: “O piquenique”	197
Dia 03 julho, 2017: “Encontro intergeracional de pintura”	199
Dia 04 e 05 de julho, 2017: “O lanche mais partilhado”	200
Dia 11 de julho, 2017: “Aos olhos dos outros”	203
Dia 12 e 19 de julho, 2017: “Lembrando momentos, O Outrora de Hoje”	205
Apêndice F - Ação C: em busca de um trabalho em equipa	209
1ª Sessão: 06 de fevereiro, 2017: “Integração do grupo”	209
2ª Sessão: 20 de fevereiro, 2017: “Sessão de relaxamento e conhecimento do outro”	211
3ª sessão: 13 de março de 17: “Medos e receios”	213
Apêndice G: Sistematização do Desenho do Projeto	215

INTRODUÇÃO

O presente projeto de educação e intervenção social, “O Outrora de Hoje”, foi realizado num centro de dia localizado no concelho de Penafiel e teve como finalidade “proporcionar à comunidade institucional, um melhor relacionamento interpessoal”.

Este projeto, foi realizado no âmbito do mestrado e na Especialização em Ação Psicossocial em Contextos de Risco. Nele, assentou a metodologia de Investigação Ação Participativa, e como modelo de avaliação CIPP (Contexto, Input/Entrada, Processo e Produto).

Os protagonistas deste projeto foram principalmente os adultos de idade mais avançada (termo adotado para designar os beneficiários da intervenção, opção que será posteriormente justificada), bem como todos os intervenientes da instituição em questão. Com a realização do mesmo, pretendia-se dar voz e incentivar a que as pessoas fossem agentes da própria mudança, nos problemas elencados pelos mesmos. Desta forma, e após uma extensa análise da realidade e avaliação do contexto, verificou-se a existência de três problemas centrais, a saber: A reduzida iniciativa, participação e envolvimento das pessoas e pouca valorização pessoal; reduzida coesão grupal e existência de relação conflituosa no grupo de pares; e escassas oportunidades de interação positivas entre profissionais técnicos e não técnicos, bem como pouco envolvimento ativo no quotidiano das pessoas apoiadas (Apêndice G).

Como será elucidado ao longo do presente, o projeto “O Outrora de Hoje”, pretendeu melhorar significativamente a qualidade de vida destas pessoas, bem como permitir uma maior capacitação, empoderamento, participação, dando-lhes voz no projeto de que fizeram parte. A sua designação, evidencia isso mesmo, o poder de reflexão e o papel ativo que as pessoas demonstraram ter ao relembrar e evocar momentos por eles passados e que voltaram a relembrar nos dias de hoje, demonstrando assim, que a “idade não é um posto” e que muito pode ser realizado.

Pelo exposto, importa salientar que este relatório se encontra organizado em quatro capítulos. Assim, o primeiro capítulo contempla o enquadramento metodológico, onde são abordadas algumas temáticas importantes como a importância dos projetos em educação e intervenção social, e o papel do profissional, bem como as características do mesmo. Também é descrita a metodologia subjacente a este projeto: a Investigação Ação Participativa (IAP) e o modelo avaliativo CIPP. Num segundo capítulo é apresentado o conhecimento do contexto de intervenção, bem como a avaliação do mesmo. O terceiro capítulo diz respeito a uma conceptualização teórica acerca da compreensão do processo de envelhecimento, nomeadamente os desafios inerentes a este processo, as características, rede de suporte, assim como é apresentada a importância do cuidador, a contribuição da filosofia de humanidade e *snoezelen* para o mesmo. Num quarto capítulo são apresentados o desenho e avaliação do projeto “O Outrora de Hoje”.

São ainda tecidas algumas considerações finais, que refletem acerca do percurso que foi desenvolvido. No final são ainda apresentados anexos e apêndices, para complementar e apoiar uma melhor compreensão acerca do projeto em questão. Os apêndices encontram-se organizados de forma sequencial, permitindo ao leitor uma leitura facilitada e organizada cronologicamente na ordem temporal das atividades/ações.

1. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

1.1. PROJETOS EM EDUCAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL E O PAPEL DO INTERVENTOR SOCIAL

Dada a crescente complexidade da sociedade atual, e todas as repercussões que essas mudanças acarretam tanto a nível económico, político ou social, torna-se evidente que muitos desafios possam surgir (Serrano, 2008). Cada vez mais, se afigura como importante a existência de investigadores no terreno, capazes de perceber a realidade o mais próximo das pessoas (Guerra, 2007), e que se assumam como facilitadores do desenvolvimento e descoberta dos sujeitos, grupos ou comunidades (Simões, Fonseca, & Belo, 2006). A emergência de projetos em educação e intervenção social resulta de uma atitude investigativa audaciosa onde se procura conhecer para transformar (Cembranos, Montesinos, & Bustelo, 1988). Os projetos devem “despertar diálogos e interpretações dos diferentes atores sociais acerca da (sua) realidade social, de identificar necessidades, recursos e potencialidades” (Timóteo & Bertão, 2012, p. 18) pois é através deste acordar sobre os aspetos e/ou situações que envolvem a realidade que se tornarão os sujeitos, tendencialmente, mais capazes de refletir sobre o seu mundo e de adquirir um maior controlo e poder de decisão sobre as suas vidas. Pelo exposto, elucida-se serem os projetos sociais o retrato de múltiplas esperanças porque, ao desenvolverem-se num “ambiente aberto que permite a sua modificação e análise” (Boutinet, 1990, p. 257), realçam histórias e sentires, procuram conciliar perspetivas e sentidos e abraçam vontades e intenções que se encontram embebidas na realidade em conhecimento (Boutinet, 1990; Mendonça, 2002; Serrano, 2008). Esta necessidade de “projectar-se segundo uma lógica de pronominalização” (Boutinet, 1990, p. 257), ou seja, a partir das pessoas enquanto protagonistas da ação (Carvalho & Baptista, 2004) e das suas particularidades, confere

sentido à autenticidade presente no trabalho por projetos, tornando-o numa criação original e de natureza irrepetível (Boutinet, 1990).

Como um processo consciente, os projetos são conotados por uma visão antecipadora do futuro (Mendonça, 2002) que pondera e almeja a concretização de uma mudança através da melhoria de um conjunto de situações sentidas como prioritárias (Carvalho & Baptista, 2004; Serrano, 2008). Para Cembranos e Colaboradores (1988), esta mudança deverá surgir após um conhecimento suficientemente aprofundado da realidade em que se irá atuar. Importa, para isso, orientar a ação para um conjunto de procedimentos, entre os quais: a descrição da realidade psicossocial, a perceção das pessoas e grupos que a compõe e a interpretação que dela fazem (Cembranos, Montesinos, & Bustelo, 1988).

Sucintamente, a descrição da realidade psicossocial sugere que se compreenda não só, o que nela existe – nomeadamente, os recursos e as potencialidades com que se pode contar – bem como, se adote um olhar curioso e atento aos aspetos que se encontram latentes (Cembranos, Montesinos, & Bustelo, 1988). Por sua vez, será igualmente premente atentar nos discursos partilhados pelas pessoas, de modo a perceber quais os constructos e significações que nutrem acerca do contexto. O educador social, deve assim primar pela promoção da “autonomia, a liberdade e a implicação crítica, consciente e reflexiva do sujeito, que se transforma em produtor de conhecimento, gradualmente capaz de encontrar novas formas de se conhecer e de entender o mundo” (Timóteo & Bertão, 2012, p. 17). A coadunação entre a descrição e a compreensão humana informa acerca da realidade e quanto ao facto de se apresentar de determinada maneira, permitindo a sua justificação e interpretação (Cembranos, Montesinos, & Bustelo, 1988). O investigador envolve-se ativamente no processo de mudança social, assumindo um papel preponderante na descoberta dos significados e interpretações sobre as perceções que as pessoas atribuem aos fenómenos sociais. O mesmo é dizer que o trabalho social esteja implicado na realidade e apele à participação dos demais atores sociais, envolvidos na mesma.

A participação assume-se como factor fundamental, ao permitir que os sujeitos possam desempenhar um papel ativo na superação das suas dificuldades sociais (Timóteo & Bertão, 2012) além disso, a participação exige ainda “uma ação orientada para a mudança da realidade social injusta e com uma maior incidência sobre as causas que geram essas mesmas desigualdades” (p.15), sendo a participação social encarada como um eixo fundamental da ação educativa e como um direito de cidadania (Timóteo & Bertão, 2012). Saliente-se que, o facto de os sujeitos estarem envolvidos neste processo participativo permite que os mesmos sintam, analisem e solucionem os seus próprios problemas o que, conseqüentemente, poderá desencadear uma maior tomada de consciência quanto aos seus próprios recursos e à sua mobilização (Lima, 2003). O trabalhador social, deve assim acreditar nas potencialidades e no carácter transformador do sujeito social e/ou grupo e promover não só, a sua liberdade, como também a sua autonomia e implicação crítica, consciente e reflexiva, tornando-os criadores de conhecimento, sendo cada um “gradualmente capaz de encontrar novas formas de se conhecer e de entender o mundo” (Timóteo & Bertão, 2012, p. 17). O educador social evidencia-se assim como um profissional que deverá “intervir e provocar mudanças a nível pessoal, interpessoal e nos diferentes sistemas onde o sujeito se move (...), procurando mudanças de atitude e gradualmente mudanças de culturas ou de subculturas” (Timóteo, 2010, p. 10), proporcionando assim um questionamento crítico e reflexivo da sua realidade, de modo a que estes se tornem progressivamente mais capazes de analisar a sua situação e de construir novas formas de lidar com os seus problemas (Timóteo, 2010). O educador social, deverá igualmente valorizar as potencialidades dos sujeitos, e não apenas delimitar o seu foco de atuação na mudança. Assim, o mesmo deverá encontrar condições que colmatem a sua(s) fragilidade(s) e desenvolver nestes a motivação para acreditarem em si próprios pois “a reflexão sobre a experiência permite transformar as dificuldades e os erros em oportunidades de aperfeiçoamento; reconhecer que errar é humano implica também a responsabilidade de aprender com os próprios erros. Para isso, é preciso que

saibamos desenvolver a capacidade de interrogação sobre o que fizemos, porque o fizemos, como o fizemos e como o deveríamos ter feito” (Baptista, 2005, p. 5).

O interventor social deve estar dotado de ferramentas, que lhe permitam fazer face a desafios que possam advir do contexto, nomeadamente características da personalidade, como a reduzida autoestima ou autoconfiança, e que podem comprometer a participação das pessoas. Assim, com base na relação de ajuda o educador social poderá capacitar as pessoas para a análise da sua situação (tornando-as conseqüentemente mais capazes de reconhecer os obstáculos que as impedem de participar), construir novas formas de lidarem com os problemas (incentivando-as à mudança) e promover a autonomia e liberdade subjacentes ao empoderamento (Timóteo, 2010). Não é por acaso que a relação de ajuda é definida como sendo uma relação de ajuda psicológica onde “pelo menos uma das partes procura promover na outra o desenvolvimento, a maturidade, um melhor funcionamento e uma maior capacidade de enfrentar a vida” (Rogers, 1970 in Timóteo, 2010, p.38). Além disso, o direito de inserção implica o direito de implicação, o que por sua vez pressupõe quebrar a visão aliada aos sujeitos como meros beneficiários, no sentido em que, os sujeitos devem ser “reconhecidos como autores do seu próprio destino e, como tal, protagonistas privilegiados de um viver em comum” (Carvalho & Baptista, 2004, p.52). Neste sentido, o interventor social, deve criar espaços, para que as pessoas possam não só promover o diálogo, bem como ter tempo adequado de discussão e reflexão. A igualdade deve estar presente no exercício da profissão pois o educador ao contribuir para que as pessoas pratiquem os seus direitos enquanto cidadãos, está igualmente a fomentar momentos de participação (Delgado, 2006).

Nesta relação entre interventor social, como agente de mudança, e sujeito/ atores sociais, existem características latentes e que não devem ser descoradas, como as características do próprio interventor social. Pois é na interação entre aquilo que são as características de ambos, que a relação se estabelece (Coutinho & Ribeiro, 2009). “É numa relação de intimidade implícita partilhada que o processo (...) se vai essencialmente desenrolar” (Matos, 2004, p. 29). Segundo Phaneuf (1995, citado em

Simões, Fonseca & Belo, 2006), a construção da aliança terapêutica é constituída por três fases: fase da preparação da pessoa que ajuda; a fase de exploração da relação; e o fim da relação. Sucintamente e de forma a tornar possível uma melhor compreensão, de toda a envolvência concernente à relação estabelecida, a primeira fase caracteriza-se pela informação sobre a pessoa, e o seu quadro conceptual, os seus sentimentos, crenças, valores, objetivos. Isto é, o interventor social, deve primar por conhecer o outro tal qual ele é, assumindo uma atitude profissional de transparência, aceitação incondicional, de consideração positiva, numa relação não diretiva. A segunda fase, consiste na interiorização, exploração e tomada de consciência do vivido, por parte do sujeito. Devem assim ser criadas condições para que a própria pessoa aprenda a adaptar-se, conviver e ultrapassar os seus problemas e dificuldades. Por último, a terceira fase compreende o fim da relação, onde é esperado que a pessoa tenha atingido o patamar de autonomia, de aceitação ou de mudança, e conseqüentemente a autonomia face ao técnico (Phaneuf 1995, citado em Simões, Fonseca & Belo, 2006).

À semelhança do que vem a ser escrito, importa assim destacar que de facto os projetos em educação e intervenção social são uma mais-valia por compreenderem a pessoa na sua íntegra e toda a sua envolvência. Da mesma forma, o interventor social emerge assim com um papel preponderante na procura da compreensão dos fenómenos sociais. Contudo, não podemos esquecer que o profissional também é humano, e como tal, tendencialmente se desconsidera que as características pessoais do profissional interagem com aquelas que as pessoas trazem, formatando assim o tipo de relação estabelecida (Coutinho & Ribeiro, 2009). Com isto denota-se que algumas características pessoais do interventor possam influenciar a relação estabelecida, contudo, essa influência não apresenta o mesmo peso em todas as fases da relação (Coutinho & Ribeiro, 2009). “No fundo, é o envolvimento amoroso do sujeito pelo objeto que cria e recria o verdadeiro sujeito: o sujeito livre, espontâneo, expansivo e feliz” (Matos, 2004, p. 28). Deste modo, os profissionais considerados mais capazes no estabelecimento de relações consideradas de qualidade, reúnem as seguintes características: empáticos, calorosos, genuínos, com baixo nível de

hostilidade dirigida a si próprio, maior suporte social percebido e conforto com a intimidade nas relações interpessoais (Coutinho & Ribeiro, 2009). Também o uso de diversas técnicas parece influenciar a construção de uma boa relação como: exploração, reflexão, salientar ganhos, facilitar a expressão de afetos, o uso de interpretações adequadas, compreender e validar a experiência da pessoa (Coutinho & Ribeiro, 2009). Aos olhos de Coimbra de Matos (2004), o - amor do profissional- é condição “absolutamente necessária para a aceitação genuína e o empenhamento sincero. É preciso saber que os afectos não se encomendam, brotam espontaneamente; e a génese permanece muitas vezes inconsciente e misteriosa ou enigmática, indecifrável” (p. 28). O que desta forma se pode concluir, à luz do poema de Fernando Pessoa que o interventor social, não poderá ser um fingidor.

1.2. A INVESTIGAÇÃO-AÇÃO PARTICIPATIVA

Os projetos sociais, com recurso à metodologia de investigação-ação participativa procuram ligar a prática à pesquisa, e neste sentido, a sua definição é sobretudo alvo de discussões (Guerra, 2007). Contudo pode referir-se que as metodologias de investigação vocacionadas para a ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão) (Coutinho, 2013), “permitem, em simultâneo, a produção de conhecimentos sobre a realidade, a inovação no sentido da singularidade de cada caso, a produção de mudanças sociais e, ainda, a formação de competências dos intervenientes” (p.52), numa maior “interacção entre a teoria e a prática” (Guerra, 2007, p. 63). Por ser uma metodologia que rompe com os paradigmas tradicionais, aproximando-se do paradigma sociocrítico, que pressupõe o envolvimento e participação ativa dos sujeitos, sendo estes os atores da sua própria realidade, com visões únicas da mesma, o investigador assume-se assim como um profissional implicado no contexto de atuação e promotor dos interesses das pessoas (Coutinho, 2013).

Note-se que, a investigação-ação participativa ao pressupor a participação ativa dos sujeitos, grupos e/ou comunidades, ao associar-se a este paradigma, procura aproximar-se da realidade destas pessoas e ao procurar compreender quais as suas preocupações, problemas, necessidades, potencialidades e encontrar possíveis mudanças (Lima, 2003), parece ausentar a objetividade do conhecimento por considerar que cada sujeito, grupo ou comunidade entende a realidade em que está inserido de forma particular. Também pressupõe o envolvimento e participação ativa dos mesmos, perspetivando a transformação social e ainda destaca a neutralidade da investigação, sendo o investigador social um defensor dos interesses destas pessoas e/ou grupos (Coutinho, 2013). Este profissional pode ser designado como um “agente da proximidade humana e da atenção directa porque desenvolve o seu trabalho com as pessoas, a favor dos seus interesses, expectativas, necessidades e projectos de vida. Esta é a metodologia com a qual o “educador social se identifica (...) uma metodologia participativa (...) e que possibilita uma inserção social mais activa, porque acredita no potencial humano, no aperfeiçoamento do indivíduo e das comunidades mediante a educação, o educador social é um profissional que se assume um perfil lutador e ambicioso, que acredita e luta por uma sociedade mais justa e solidária” (Veiga & Correia, 2009, pp. 62-63).

Esta metodologia apresenta como principais características o facto do percurso da investigação ser um processo contínuo; os objetos de conhecimento são sujeitos do conhecimento; o ponto de partida não é uma teoria, mas um problema, uma situação concreta ou uma prática observada (Guerra, 2007), bem como procura a transformação da realidade que só é possível com um progressivo questionamento, de modo a proporcionar aos sujeitos ambicionar com a transformação da realidade, e efetivar uma verdadeira mudança (Lima, 2003). Destacando-se assim a vertente do processo de mudança social. A investigação-ação participativa também assenta no reconhecimento dos sujeitos como autores do seu próprio mundo (sendo estes dotados de conhecimentos fundamentais que possibilitam a reorganização da sua vida), tentando simultaneamente diminuir as relações pautadas pela dominação e

subordinação e colmatar a distância que tende a existir “entre as possibilidades de decisão de uns e de outros para que a responsabilidade seja assumida por todos”. (Lima, 2003, p. 317). Desta forma, considera-se que os pressupostos defendidos por Paulo Freire (1996), vão ao encontro desta metodologia de eleição. Pois como o próprio denomina “ensinar não é produzir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 12). Podem ser analisados assim alguns dos princípios defendidos por ambos, nomeadamente na consciencialização acerca das necessidades e dos factores que condicionam as pessoas/ grupos; o princípio da autonomia, capacitação e desenvolvimento das capacidades e competências para tomar as decisões adequadas; o compromisso de ação transformadora da sua realidade (Quintana, 1986); sendo fundamental a reflexão crítica sobre a prática (Freire, 1996).

Assim, o trabalho por projeto pode ser entendido como “avanço antecipado de acções a realizar para conseguir determinado objectivo” (Serrano, 2008, p. 16) assente numa estrutura que permita planear, delinear e desenvolver aquilo que foi idealizado e proposto, advindo do desejo, de vontade em modificar ou melhorar uma dada realidade. Desta forma, os projetos de educação e intervenção social, à semelhança dos pressupostos da investigação-ação participativa, procuram potenciar momentos de descoberta e desenvolvimento nos indivíduos e comunidades, despertar momentos de diálogo, identificar determinados problemas e as suas causalidades, e de recursos e potencialidades presentes nos mesmos (Timóteo & Bertão, 2012).

1.3. O MODELO DE AVALIAÇÃO DO PROJETO

Um projeto de educação e intervenção social, pressupõe um modelo avaliativo. Assim, o projeto “O Outrora de Hoje” teve como modelo de avaliação o modelo CIPP, proposto por Stufflebean e Shinkfield (1995) que designa a avaliação como um processo que fornece informação útil para a tomada de decisões. Identifica assim as

variáveis a avaliar com as siglas que dão nome ao seu modelo- CIPP: Contexto, Input, Processo e Produto. Um projeto de educação e intervenção social, compreende um processo contínuo, não faseado, e deve ser o mais coletivo possível. Assim, e dada a volatilidade da realidade é necessário um planeamento na medida em que “não nos podemos esquecer de que a realidade é melhorada não por se fazer muito, mas por se planear uma ação significativa que propicie de forma óptima a mudança e melhoria dessa realidade” (Serrano, 2008, p. 13). Neste sentido, a avaliação sugere momentos que apelem à reflexão, de modo a que seja possível reconhecer “os avanços, os retrocessos e os desvios no processo de consolidação” (Serrano, 2008, p.81). Esta reflexão surge pela importância de compreender o caminho traçado na construção de um projeto e procura promover o desenvolvimento e auxiliar o investigador a recolher e utilizar informação contínua e sistemática, com o intuito de satisfazer as necessidades existentes e fazer o possível com os recursos existentes (Stufflebeam & Shinkfield, 1995). A avaliação não se circunscreve a uma fase do projeto, uma vez que ela deve estar presente em todo o desenvolvimento do projeto, desde o início até ao seu término (Boutinet, 1990).

Assim, a avaliação de contexto diz respeito à primeira fase deste modelo de avaliação. Tem como principal objetivo a identificação e diagnóstico da população, dos seus problemas ou necessidades e evidência igualmente as potencialidades do contexto (Stufflebeam & Shinkfield, 1995). A mesma, está relacionada com o momento de análise e diagnóstico da realidade, onde se pressupõe a identificação de possíveis mudanças sociais que estão presentes, em articulação com o consequente conhecimento científico de determinados fenómenos sociais e com a definição de intervenções que estejam relacionadas com a superação das causas destes fenómenos (Guerra, 2007). Note-se que, “para enquadrar um diagnóstico é necessário ter um modelo aberto, mas cientificamente sedimentado, de referências teóricas e um conhecimento das necessidades em acção social” (Guerra, 2007, p. 130), bem como, torna-se necessário o envolvimento dos sujeitos, grupos ou comunidades na compreensão de eventuais constrangimentos, dos recursos existentes no ambiente,

das histórias, dos desejos e aspirações de quem está inserido na realidade (Boutinet, 1990). O segundo momento deste modelo avaliativo, compreende uma avaliação de entrada. Nele se destaca o planejamento de um programa, através do qual possa ser possível o alcance de uma dada mudança e identificação e avaliação de alguns métodos, e explicadas as questões das escolhas, devem ainda ser considerados os constrangimentos e limitações, bem como potencialidades relativas a recursos humanos, físicos ou materiais (Stufflebeam & Shinkfield, 1995). Este momento está inteiramente relacionado com a delimitação dos objetivos, na medida em que estes são os propósitos que se pretende alcançar com a realização de uma dada ação (Espinoza, 1986 citado por Serrano, 2008). Os objetivos podem ser consignados como objetivos gerais e objetivos específicos, sendo que os primeiros compreendem as grandes orientações para a ação (Serrano, 2008) e devem evidenciar uma linha de coerência com a finalidade do projeto em questão (Guerra, 2007), enquanto os segundos, mais específicos evidenciam “e identificam de forma mais precisa aquilo que se pretende alcançar com a execução do projeto” (Serrano, 2008, p. 46). Neste momento avaliativo, é pertinente mencionar também, a finalidade a que o projeto se propõe. Salientam-se que, o mesmo deverá espelhar um compromisso entre o desejável e o possível. Deste modo, afigura-se importante a coerência entre a finalidade e os objetivos a que o projeto se propõe, de modo a que exista coerência e exequibilidade, entre si (Boutinet, 1990).

Com o terceiro momento avaliativo deste modelo, designado avaliação de processo, permite obter informação acerca do desenvolvimento do plano previamente delineado. Ou seja, se o mesmo está a ser desenvolvido conforme planejado, se utiliza os recursos disponíveis de maneira eficiente, permitindo igualmente a sua modificação sempre que seja necessário (Stufflebeam & Shinkfield, 1995). Este momento, pode ser associado ao período de execução do plano que delimita o projeto, devendo ter em conta uma gestão eficiente daquilo que realmente está a ser levado a cabo e os imprevistos e obstáculos que eventualmente possam surgir (Boutinet, 1990).

O último momento avaliativo, diz respeito à avaliação do produto. Nele, procura-se interpretar e analisar os resultados obtidos ao longo de todo o projeto (Stufflebeam & Shinkfield, 1995). Assim, afigura-se como importante neste momento procurar entender até que ponto, com o desenvolvimento do projeto, as principais necessidades dos sujeitos/ grupos foram ou não satisfeitas, bem como, os feitos desejados e não desejados e os resultados do mesmo (Stufflebeam & Shinkfield, 1995). Embora esta última etapa possa comportar um momento avaliativo, torna-se fundamental que a avaliação entendida como forma de compreender quais os eventuais avanços, retrocessos ou desvios que ocorreram ao longo projeto e se este comportou ou não a eficiência e coerência desejada ao mesmo (Serrano, 2008; Boutinet, 1990), esteja presente no decorrer de todo o projeto e não somente no término do projeto (Boutinet, 1990).

Salienta-se que, em todo o processo do desenvolvimento do projeto, bem como no momento avaliativo do mesmo, é importante a participação dos atores sociais. A participação do trabalho social deverá assentar numa participação induzida, isto porque, advém do fomento que tende a existir face ao desenvolvimento de um projeto de acordo com os interesses de cada sujeito/grupo (Ander-Egg, 2000). O trabalhador social deverá ainda promover e defender a integração dos sujeitos, bem como, o direito de estes estarem implicados na participação e na construção dos seus próprios projetos de vida (Carvalho & Baptista, 2004).

2. A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DA REALIDADE DO CENTRO DE DIA

Para que um projeto possa ser desenvolvido, importa ao profissional compreender aquilo que se conhece da realidade, para que possa saber para onde ir (Cembranos, Montesinos, & Bustelo, 1988). Assim, para a construção do conhecimento do centro de dia em questão, foram mobilizadas algumas técnicas de investigação baseadas na observação, bem como técnicas baseadas na conversação e análise de documentos (capítulo que pode ser consultado pormenorizadamente no apêndice A). Destacam-se assim as conversas intencionais, observação participante, exercícios de dinâmicas de grupo e consulta documental, que podem ser consultados, no apêndice E. Na construção do conhecimento o investigador parte do que é visível, do que lhe é demonstrado da realidade em evidência, assumindo uma postura crítica e reflexiva da realidade em questão (Cembranos, Montesinos, & Bustelo, 1988).

2.1. O CONTEXTO DE INTERVENÇÃO

A instituição na qual se desenvolveu o projeto “O Outrora de Hoje” encontra-se sediada numa das 28 freguesias do concelho de Penafiel, do distrito do Porto. Penafiel é uma cidade com 72265 habitantes residentes (Conselho Local de Ação Social de Penafiel, 2014), sendo cerca de 9000 residentes acima dos 65 anos (Intituto Nacional de Estatística, 2011) existindo a tendência para aumentar, tendo em conta o aumento do envelhecimento demográfico (Dias & Rodrigues, 2012). Dispõe de oito empresas de transporte coletivos de passageiros e um ferroviário (Conselho Local de Ação Social de Penafiel, 2014). Contudo a partir da observação foi possível entender que apenas uma empresa de transportes coletivos de passageiros abarca aquela freguesia, o que de

certa forma limita o acesso a redes de suporte. As redes de suporte, podem ser definidas como “um conjunto significativo de pessoas, que alçam do anonimato cada indivíduo, tornando-o único na sua experiência de ser e viver” (Domingues, 2012, p. 177). Assim, as relações interpessoais destas pessoas tendem a ser rotineiras, e delimitadas, quer por condicionantes pessoais, quer sociais: como a escassa oferta de acessos (Coelho, 2013). Penafiel, ao longo dos anos tem vindo a registar um aumento do setor secundário e terciário onde os principais setores de atividade são: a indústria têxtil, construção civil, e extração de granitos (Conselho Local de Ação Social de Penafiel, 2014), em contraposição ao setor primário. Contudo ainda é uma região marcada fortemente por características rurais o que é coerente com o que respeita à escolaridade dos residentes, detendo maioritariamente o ensino básico (67,16%). O mesmo é possível de ser verificado nos familiares e nas próprias pessoas que usufruem do centro social, e que será alvo de análise.

De modo a dar sentido e coerência a este trabalho, particularizando para a instituição em questão, importa referir, que esta nasceu da ideia de um grupo de amigos, em maio de 1999, e foi depois fundada por escritura. É uma instituição particular de solidariedade social (IPSS)¹, que visa promover e contribuir para o desenvolvimento da freguesia, prestando apoio em matéria de ação social e desenvolvimento de atividades de âmbito cultural e humanitário. A associação, com vista ao desenvolvimento local, contempla um pavilhão gimnodesportivo, onde a mesma promove ofertas à população ao nível da formação desportiva, de cultura e lazer. Neste sentido, destaca-se na área do desporto a modalidade de hóquei em patins. Na área de cultura e lazer, possibilita aos seus associados manter uma boa saúde física e mental, contemplando aulas de “jump” e zumba, aeróbica, dança criativa e danças de salão.

¹ Nome da instituição e referenciais à mesma são omitidos para garantir confidencialidade e anonimato.

Além do pavilhão gimnodesportivo, esta associação tem, como já referido, um centro social onde o projeto “Outrora de Hoje” foi desenvolvido. O centro social é aquele que reúne as condições e requisitos para a concretização do principal objetivo da associação, uma vez que, como é referido no site da instituição, contempla as respostas sociais de: creche, serviço de apoio domiciliário, centro de dia e estrutura residencial para idosos (ERPI), (site da instituição)².

De forma a obter uma melhor compreensão acerca da estrutura organizacional do centro social, e do modo como estas respostas sociais operam, é descrito em seguida o organigrama institucional, que pode ser consultado no Anexo A. Contudo, antes de mais, importa referir que a associação possui uma direção com três anos de mandato, sendo os elementos eleitos pelos associados. Estes, por sua vez, estão categorizados em: sócios fundadores, que são as pessoas que contribuíram para a sua fundação; sócios honorários, que são as pessoas que através de serviços ou donativos contribuem para a realização dos fins da associação; e por último, sócios efetivos, que são as pessoas que se propõem colaborar na realização dos fins da associação, obrigando-se ao pagamento da joia e quota mensal, nos montantes afixados pela assembleia geral. Do que foi possível observar, é pelo órgão de direção da associação que passam todas as decisões, demonstrando uma regularidade na sua presença no centro, cerca de uma a duas vezes por dia. Foi perceptível o envolvimento e predisposição do representante nas atividades elaboradas pelo centro, bem como nas atividades para a construção deste projeto.

2.2. ORGANIZAÇÃO E DINÂMICA INSTITUCIONAL

Ao nível do organigrama (anexo A), verifica-se que a diretora técnica (D.T.) é comum a todas as valências. Assim, para efeitos administrativos, divide o seu tempo em 30% de afetação por cada valência de S.A.D, C.D., E.R.P.I, e os restantes 10% na valência da creche. Parecendo incomum, esta partilha de horário está regulado na

portaria 67/2012 do Diário da República, referindo que é adequado “quando a capacidade da estrutura residencial for inferior a 15 residentes” (p.1326) o que é o caso.

Como determina a legislação a figura do D.T. é alguém que deve deter formação ao nível superior “ciências sociais e do comportamento, saúde ou serviços sociais” (Portaria n.º 67/2012 do Diário da República, p.1326). Neste sentido, a D.T. deste centro de dia é licenciada em serviço social, desempenha este cargo há cerca de 5 anos. É responsável também pelas tomadas de decisão, bem como pela resolução de problemas diários, que não necessitam de aprovação por parte da direção. Refere a portaria nº 67/2012 do Diário da República, que cabe ao D.T. a função de “dirigir o estabelecimento, assumindo a responsabilidade pela programação de atividades e a coordenação e supervisão de todo o pessoal” (p.1326). Neste seguimento é de destacar entre as suas muitas funções: a elaboração de horários, pagamentos, inscrições nas valências, gestão de diligências ou conflitos, trâmites legais, protocolos, inscrições em projetos, entre outros. Contudo salienta-se que, apesar do pouco tempo disponível, após o almoço, tenta ler o jornal com os adultos mais velhos, na sala de convívio. Desde o início do contacto com esta realidade, que esta profissional sempre se mostrou recetiva em acolher/ receber um mestrando na área da educação e intervenção social, bem como as ideias e metodologias defendidas pelo mesmo. Ao longo do tempo, foi sendo constatado o seu cansaço e desmotivação (conversas intencionais), face a situações com os demais elementos da instituição, por estes não se organizarem, de modo a que esta não fique sobrecarregada com tudo.

A diretora técnica conta com o apoio dos serviços administrativos e escriturária, que são assegurados pela mesma pessoa. Esta tem o 12º ano, e é responsável por diversas funções como: organização dos documentos da instituição, pagamentos de contas, abastecimentos, encomendas, receção de pagamentos das valências e emissão de recibos, correspondência, bem como resolução de alguns conflitos que pontualmente surjam, uma vez que o seu posto de trabalho está localizado junto da

entrada, e todas as pessoas se dirigem até lá. Em conversas intencionais, foi também perceptível o seu estado de saturação e desmotivação.

Compreendidas as valências existentes neste centro social, e prosseguindo no sentido descendente do organigrama (Anexo A), é propositadamente dirigida a atenção às valências de Centro de Dia e ERPI, onde decorreu o projeto “O Outrora de Hoje”. Nestas valências, há uma técnica de animação sociocultural, licenciada em serviço social. Esta profissional, “realiza tarefas e atividades de animação, que é capaz de estimular os outros para uma determinada ação. Atua como catalisador da sua vontade, ou de terceiros, junto de um grupo ou de uma pessoa. O animador é um mediador, um intermediário, um provocador, um gestor, um companheiro e um agente de ligação entre um objetivo e um grupo alvo” (Jacob, 2013, p. 21).

Do que foi possível observar, esta técnica acumula também outras funções, entre elas destaca-se o apoio na distribuição da medicação, auxílio na resolução de problemas pontuais, além do planeamento de atividades a desenvolver com as pessoas, tendo em conta as temáticas do mês, ou dias comemorativos e organização de eventos; consta também da sua rotina a contabilização das presenças. Deste modo, pelo que foi possível observar, as pessoas que frequentam as valências não têm um papel ativo na decisão deste plano de atividades, bem como nos eventos a ser realizados, sendo-lhes comunicada qual a tarefa a desenvolver. Esta técnica de animação sociocultural conta também com o contributo de outros profissionais, descrito ao longo do relatório.

A animadora sociocultural, juntamente com a diretora técnica, elaboram os planos individuais de cada pessoa (PI), bem os planos de atividades de desenvolvimento pessoal (PADP). É de salientar que não foi perceptível observar a participação das pessoas na definição dos seus planos individuais, deste modo o “idoso ao não participar na decisão sobre alterações de rotinas ou quotidianos institucionais, tornaram-se receptores passivos que acentuam a sua desvalorização social” (Carvalho, 2013, pp. 27-28). Neste sentido, deve ser dada a “oportunidade de envelhecer sendo protagonista da sua vida” (Bermejo, 2013, p. 182). Salienta-se assim, para a

importância “da participação ativa dos idosos na concepção e implantação dos programas que os afetam, procurando que sejam os atores principais da planificação do seu futuro (...) É imprescindível que os idosos se tornem nos principais gestores da sua própria vida, pelo que é necessário potenciar a sua participação em todos os aspetos e em todos os níveis em que sejam tomadas decisões que os afetem” (Osório & Pinto, 2007, p. 236).

Em retrospectiva, estas três profissionais encontram-se na instituição desde o dia da inauguração em 2011. Nota-se que têm uma cumplicidade e amizade que extravasa as paredes da instituição. Foi notório o empenho e dedicação de todas, mesmo em atividades não remuneradas, que envolvia a participação da instituição, mesmo ao fim-de-semana. Também foi perceptível o desejo de quererem saber mais, ao procurarem formação, de modo a enriquecer os seus conhecimentos e os seus contínuos questionamentos, de modo a serem melhores profissionais. Contudo compreende-se o desgaste e desmotivação sentido pelas mesmas, pois encaram diariamente desafios, e sentem que não são compreendidas, nem valorizadas pelo trabalho que desempenham.

Retomando a leitura do organigrama, é possível ainda verificar a existência de auxiliares de ação direta comuns nas diversas valências. Contabilizam-se 14 auxiliares de ação direta, sendo nove a contrato, e cinco prestadoras de serviços. Estas últimas, apenas realizam algumas horas na instituição, pois têm outros locais de trabalho. Na cozinha contabilizam-se quatro pessoas, sendo duas cozinheiras e duas ajudantes de cozinha.

Ao longo do desenvolvimento do projeto, foi constatada a falta de tempo destas auxiliares para estarem com as pessoas, circunscrevendo-se ao tempo da higienização. Compreendendo-se assim, a falta de disponibilidade para a prestação de cuidados individualizados. A reflexão acerca desta situação pode enquadrar-se na filosofia “humanidade”, que visa principalmente acabar com a desumanização dos cuidados, lembrando aos profissionais e cuidadores, aspetos vulgares do cuidar (Pereira, Gomes, & Galvão, 2012). O seu conceito remete-nos para um “conjunto de

particularidades que fazem com que nos sintamos a pertencer à espécie humana e reconheçamos um outro ser humano como pertencendo à nossa mesma espécie. Que sejamos também reconhecidos como pertencentes à espécie humana” (Salgueiro, 2014, p. 27). Esta filosofia, embora recente, salienta a importância para as práticas dos cuidados, da figura do cuidador/ profissional, bem como da pessoa que é cuidada. Viver em “humanidade”, é ter a subtileza de olhar para o ser humano com humanidade, na totalidade das vertentes da palavra. Esta filosofia assenta em quatro grandes pilares: o olhar, a palavra, o toque, e a verticalidade (Salgueiro, 2014). Esta filosofia tentou estar implícita no decurso deste projeto, bem como o *snoezelen*, assim, algumas destas reflexões vão sendo espelhadas no apêndice E: A construção de “O Outrora de Hoje”.

O centro social disponibiliza gratuitamente formação constante, nas instalações da instituição, por profissionais da área. A última decorreu durante o mês de junho. Pelo que foi possível observar, as auxiliares aderem às formações, o que pode ser uma mais-valia no seu percurso laboral, e no modo como contribuem para o bem-estar das pessoas a que prestam cuidados.

De modo a assegurar o bom funcionamento, o centro recorre à prestação de serviços variados (e.g., contabilista, equipa de desinfestação/desratização, análise de perigos e pontos críticos de controlo (HACCP), medicina de trabalho, equipa de manutenção do elevador, equipa de climatização: aquecimento, ventilação e ar condicionado (AVAC), recolha e tratamento de resíduos hospitalares e manutenção de equipamentos hospitalares).

O organigrama não estaria totalmente analisado sem a inclusão dos voluntários. Assim, no centro social foi possível compreender que os voluntários têm um papel muito importante, pois são eles que proporcionam momentos de lazer e atividade às pessoas. Através da observação e conversas intencionais com a equipa técnica (D.T., animadora sociocultural e escriturária/administrativa), depreendeu-se que estas pessoas têm uma ligação afetiva ao centro, neste sentido destaca-se aqui o trabalho do enfermeiro, médico, cabeleireiro, professor de educação física, professor de música

e motorista, que se deslocam à instituição sem contrapartidas, apenas pela afetividade.

Deste modo, ressalva-se que, uma vez por mês, a nutricionista, elabora as ementas para o centro social (S.A.D., C.D. e E.R.P.I.) e creche, contemplando as devidas restrições alimentares e pratos de dieta. À enfermeira compete a organização da medicação nas caixas individuais, para que, posteriormente, as auxiliares de ação direta possam distribuir correta e atempadamente, bem como a distribuição para o fim-de-semana. Salienta-se que o centro social possui carrinhas próprias: duas carrinhas adaptadas para cadeiras de rodas, com nove lugares cada, e três carrinhas de cinco lugares cada. As mesmas são usadas para transporte das pessoas do centro, passeios, transporte da creche, apoio domiciliário, transporte ao centro de saúde, farmácia, e sempre que se justifica. Neste âmbito é de destacar que apenas um motorista é contratado, e o mesmo é também responsável pela manutenção, verificação e limpeza das carrinhas.

De modo a possibilitar uma melhor compreensão acerca da estrutura física desta instituição, é de seguida apresentada de forma sintética a sua disposição. Assim, o edifício do centro social contempla dois pisos. O primeiro piso, que é onde se localiza a valência de ERPI, dispõe de elevador de acesso aos quartos e uma copa. O piso 0, onde se encontra a resposta social de centro de dia, tem uma área de acesso destinada à receção e espera, o gabinete dos serviços administrativos e uma sala destinada a reuniões. Neste piso, estão também: a área de direção (que compreende o gabinete administrativo, gabinetes técnicos e instalações sanitárias); uma área de instalações para as auxiliares (que contempla uma sala de estar, instalações sanitárias e vestiário); uma área destinada a serviços (estando localizada a cozinha, copa e dispensa, lavandaria, instalações sanitárias de usufruto das pessoas inscritas no centro); uma área de saúde (onde são prestados serviços médicos e de enfermagem); e três salas destinadas às pessoas do centro: sala de convívio, sala de atividades e sala de estar. Ainda outros espaços como cabeleireiro/barbeiro, refeitório, sala de higiene pessoal, área de descanso e ainda um espaço exterior, onde as pessoas podem passear

livremente, que inclui uma pequena horta, e jardim. Estas áreas estão em conformidade com aquilo que é exigido pelo Instituto da Segurança Social, I.P. (2015) e Bonfim & Saraiva (1996) da direcção geral de acção social. A existência neste piso, de um quarto com duas camas, destinado ao alojamento temporário. Este “é dirigido a pessoas que se encontrem em situações de maior risco de perda de independências e/ou autonomia” (regulamento interno, 2015, p.2), de modo que possam permanecer num ambiente que seja estável e seguro, garantindo condições adequadas às suas necessidades e especificidades, respeitado a sua identidade, personalidade e privacidade, na impossibilidade dos familiares ou de outras redes de suporte o fazerem (Instituto da Segurança Social, I.P., 2015). Assim, o mesmo se dirige a situações pontuais como ida dos familiares de férias sem ter onde deixar a pessoa, descanso do cuidador, perda de autonomia ou independência, ou outras situações, como referidas no Regulamento interno (2015), não podendo ser ultrapassado o limite máximo de três meses. Através da observação, e conversas intencionais com a diretora técnica, foi possível perceber que este espaço se encontra ocupado, e que num dos casos a pessoa permanece para além do tempo estipulado pelo regulamento, pois a família não possui condições para a prestação de cuidados adequados. A pessoas em alojamento temporário, são contabilizados na capacidade do centro de dia.

2.3. O CENTRO DE DIA

Esta valência funciona em regime diurno, de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas, sendo assegurado transporte gratuito. No entanto, a instituição permite a frequência de algumas pessoas ao fim-de-semana, desde que assim se justifique, de modo a assegurar os seus cuidados diários. No entanto, ao fim-de-semana, o transporte fica ao cargo da pessoa responsável. A valência de centro de dia encerra nos feriados, véspera e dia de natal e ano novo, assim como na terça-feira de carnaval e feriado municipal (Documentação interna, 2015).

Segundo o regulamento interno (2015), o centro de dia tem como objetivos fomentar a permanência da pessoa no seu meio natural de vida, proporcionar serviços adequados às necessidades biopsicossociais das pessoas, assegurar atendimento individual e personalizado tendo em conta as necessidades específicas de cada um, promover a dignidade da pessoa e oportunidades para a estimulação da memória, do respeito pela história, cultura, e espiritualidade pessoal, contribuir para o envelhecimento ativo, contactar com novas tecnologias, assim como promoção de oportunidades para a saúde, prevenir e despistar inadaptação, deficiência, ou situação de risco, assegurando o encaminhamento mais adequado, proporcionar estratégias de promoção da autonomia e independência do autocuidado e autoestima, assim como oportunidades para a mobilidade e atividade regular, promover um ambiente de segurança física e afetiva, prevenindo os acidentes, quedas, problemas com medicamentos, isolamento e qualquer outra forma de maus tratos, integrar ambientes estimulantes, promovendo as capacidades, a quebra da rotina e a manutenção do gosto pela vida, promover os contactos sociais e integração social, tem também como objetivo proporcionar um ambiente inclusivo que fomente as relações interpessoais, conciliar com a vida familiar e profissional do agregado familiar, promover relações com a comunidade e na comunidade, e dinamizar relações intergeracionais (Regulamento Interno, 2015; Instituto da Segurança Social, I.P., 2015).

O centro de dia assegura a prestação de cuidados e serviços em: atividades socioculturais, lúdico-recreativas, de motricidade e de estimulação cognitiva; nutrição e alimentação, nomeadamente: pequeno-almoço, almoço, lanche e por vezes jantar, bem como administração de fármacos quando prescritos; cuidados de higiene pessoal e imagem, e como já referido transporte (Regulamento Interno, 2015). Conferindo “serviços adequados à satisfação das necessidades dos utentes” (Instituto da Segurança Social, I.P., 2015, p. 6).

Assim, os diversos documentos analisados (Bonfim & Saraiva, 1996 da Direcção-Geral da Acção Social; Regulamento Interno da instituição, 2015; Instituto da Segurança Social, 2015), designam o centro de dia, como uma prestação de serviço e

apoios aos seus “utentes/ clientes”. De imediato surge a indagação, de que se são prestação de serviços e apoios, alguém já definiu que estas pessoas necessitavam deles, sem, no entanto, os questionar. Da mesma forma, conferindo o atributo de cliente/ utente, dá à pessoa o estatuto de depender destas instituições, mediante o pagamento de “uma mensalidade pelos serviços utilizados” (Bonfim & Saraiva, 1996, p. 9). Assim sendo, onde fica o livre arbítrio da pessoa? Ao longo do presente trabalho, vão ser apresentados relatos, onde estas prestações de serviços são expressas. Onde os adultos mais velhos referem, “eu pago, por isso tenho direito”, levando ao questionamento de onde se insere a questão da humanidade, pois o ser humano é complexo demais para se encaixar em serviços pré-definidos. Estes temas serão explorados ao longo do demais.

2.3.1. O Centro de Dia e as Dinâmicas Relacionais

A resposta social de centro de dia tem capacidade para 30 pessoas, ERPI, 10 pessoas, e SAD, 20 pessoas, encontrando-se todas na lotação máxima. No piso 0, destinado ao centro de dia, é comum encontrar pessoas de todas as valências, sendo o número exato de pessoas presentes em cada dia variável.

Ao longo deste relatório, os utentes do centro de dia, SAD ou ERPI vão sendo denominados como “pessoas”, “adultos mais velhos”, “pessoas apoiadas”, “sujeitos beneficiários da intervenção”. Uma vez que na definição de velhice, o “idoso” tende geralmente a reportar para uma questão mais cronológica (Fontaine, 2000), e dado que nem todas as pessoas reúnem condições para serem objetivamente designados como tal, foi de preferência pessoal a adoção desta terminologia.

Caraterizando as pessoas inscritas na valência de centro de dia, foi possível constatar um leque variado de idades, compreendidas entre os 40 e os 89 anos. Duas pessoas têm entre 40 e 50 anos; três pessoas entre 51 e 60 anos; cinco pessoas entre

61 e 70 anos; 11 pessoas entre 71 e 80 anos; e seis pessoas entre os 81 e 90 anos (análise documental – processos individuais). Importa clarificar alguns dos motivos inerentes à inscrição em centro de dia, em idades precoces. De acordo com o regulamento interno de 2015², o centro de dia consiste numa “prestação de cuidados individuais e personalizado às pessoas e famílias, quando por motivo de doença, deficiência ou outro impedimento, não possam assegurar temporária ou permanentemente, a satisfação das necessidades básicas de vida diária” (p.1.). Neste sentido, é condição de admissão nesta valência o facto de ter idade igual ou superior a 65 anos, com exceção de casos em que haja doença crónica ou outras situações que sejam causa de invalidez precoce ou de significativa redução de esperança de vida. São também critérios de admissão “a situação de isolamento social, situação económica, ausência ou indisponibilidade da família em assegurar os cuidados básicos, proximidade geográfica, ser sócio, ausência de respostas sociais na área de residência” (p.2).

Assim, foi possível verificar a existência de nove pessoas que, não preenchendo requisitos em termos de idade para a frequência do centro de dia, têm motivos relacionados com patologias que lhes causam constrangimentos e impedimentos de desenvolver autonomamente as atividades de vida diária. Entre esses motivos, e como é passível de análise no Apêndice C encontra-se uma pessoa diagnosticada com doença degenerativa, e as remanescentes sofreram acidente vascular cerebral (AVC).

O centro de dia visa oferecer respostas individuais às pessoas, respondendo às necessidades identificadas pelas pessoas responsáveis³, e neste sentido, através da consulta dos processos individuais (PI), foi possível compreender que, as mesmas pessoas apresentam mais do que um problema de saúde. É possível identificar, como

² As referências completas estão omissas para garantir o anonimato.

³ Refere-se “pessoas responsáveis”, e não “familiares responsáveis” como referencia a instituição, uma vez que nem todos apresentam grau de parentesco com as pessoas do centro de dia.

descrito no Apêndice C: hipertensão, colesterol elevado, diabetes, problemas psiquiátricos, problemas com dependência de álcool, e sequelas de AVC. Neste seguimento, mais se adianta que maioritariamente as pessoas responsáveis são filhos, seguidos de cônjuge, o que leva a refletir que ambos se encontram em idade laboral, e neste sentido se encontram ocupados profissionalmente (informação recolhida através dos processos individuais)⁴, não podendo assegurar as condições básicas de alimentação e higiene. Em conformidade com o descrito, denota-se ainda que a maioria das pessoas são viúvas. Salienta-se para o facto dos casos em que as pessoas são casadas, o cônjuge assume o papel de pessoa responsável, com a exceção de um caso. De modo a concluir este enquadramento demográfico, baseado em análise documental e conversas intencionais, importa referir que em termos gerais as pessoas que frequentam o centro de dia apresentam uma baixa escolaridade, com uma média situada na 4ª classe, correspondente ao atual 1º ciclo do ensino básico. Pode ainda ser verificado que há três pessoas sem habilitações literárias. Tal como mencionado acima, no que respeita à população em geral deste concelho, também foi possível denotar um nível de alfabetização situado no ensino básico. Certo é, que o processo de envelhecimento é contínuo ao longo da vida de uma pessoa, e desde o nascimento que vamos preparando esta fase (Fernandes, 2012). Assim, todas as condicionantes da vida vão determinando o sucesso de um envelhecimento com qualidade, entre eles fatores sociodemográficos, estilos de vida, saúde, educação, (Pereira, Cotta, Franceschini, Ribeiro, Sampaio, Priore, Cecon, 2006; Fernandes, 2012), além da própria percepção de qualidade de vida (Pereira, et al., 2006; Bermejo, 2013).

Neste sentido, e em concordância com Conselho Local de Ação Social de Penafiel (2014), as pessoas inscritas no centro de dia apresentam como principais setores de atividade: a construção civil, indústria têxtil, fabril, setor mobiliário, bem como um

⁴ No respeito pela ética, confidencialidade e dignidade da pessoa, a consulta dos processos individuais, ajudou a ajustar e adequar as atividades às patologias dos beneficiários, bem como realizar uma adequada análise da realidade.

número significativo de pessoas que ao longo da sua vida foram domésticas, e que tratavam das atividades do cuidado de casa, e do cultivo dos campos (conversas intencionais), são analfabetas, o que revela as características de um concelho marcado ainda por características rurais. Esta característica interfere na vida destas pessoas, uma vez que os exercícios de dinâmica de grupo têm de ser adaptados a todos os elementos para que possam participar sem constrangimentos. Um exemplo disso, foi a realização de uma atividade onde as pessoas tinham de escrever numa folha uma frase, que fosse representativo deles próprios, um texto escrito, uma poesia, uma música, algo que expressasse como se sentiam naquele momento. O facto de nem todas as pessoas saberem ler, representou uma limitação/constrangimento para o interventor, que tentou solucionar adaptando o desafio, referindo que também poderiam realizar um desenho, sentindo-se uma tristeza por parte dos adultos apoiados, por não poderem realizar a tarefa, tal como os colegas (Apêndice E: dia 07 de novembro, 2016: Autorretrato; conversa intencional com equipa técnica).

Da mesma forma, a percepção de satisfação face ao trabalho desenvolvido, contribuirá em grande parte para um envelhecimento saudável. E pelo que foi evidenciado nos seus discursos, relatam uma vida de trabalho, de sacrifício, mas que, no entanto, comparando com os tempos de hoje, eram tempos felizes. Esta percepção face ao seu percurso de vida, com ganhos e perdas, decorrentes do processo de desenvolvimento da vida, é fundamental para a forma como organizam esta fase de envelhecimento, que requer uma reorganização a diversos níveis (Fonseca, 2004). Assim, a forma como a pessoa se vê a si própria, e ao seu mundo, vai contribuir grandemente para a definição da satisfação da sua qualidade de vida (Fonseca, 2004), caracterizando-a como positiva ou negativa, tal como estas pessoas transmitem nos seus discursos. Pois apesar do sofrimento e da vida dura, denotam ter sido felizes.

O dia-a-dia institucional carece de uma análise detalhada e profunda uma vez que, foi partir da observação e interação nas dinâmicas institucionais, com todos os seus envolventes, que teve origem este projeto. Assim, foi perceptível que nas rotinas das pessoas, nem todas as atividades do plano semanal são idealizadas pelos mesmos, mas

sim pela animadora sociocultural. Nestas dinâmicas “rotineiras”, percebeu-se que pelas manhãs, sempre que o tempo o permite, é realizada uma caminhada, nas imediações da instituição. Ao final da tarde, após o lanche, algumas pessoas dirigem-se até à sala de atividades, e lá fazem o seu ritual religioso. Denota-se que esta atividade partiu da iniciativa das pessoas que frequentam o centro de dia, e fazem-no fora da sala de convívio (sala maior), de modo a respeitar as outras pessoas, e as diferentes religiões. Informação obtida através de conversas intencionais estabelecidas com uma pessoa da valência de E.R.P.I.. No que respeita à rotina diária destas pessoas, foi possível observar que vão chegando ao centro social, entre as 09 e as 10 horas, e alguns tomam o reforço do pequeno-almoço. Durante as manhãs, os sujeitos beneficiários da intervenção, estão distribuídos pelas três salas, e é de manhã que as auxiliares realizam os procedimentos higiénicos. Por volta das 11 horas comem bolachas que são distribuídas, em geral, pela voluntária. Às 12 horas almoçam, e durante a tarde estão nas salas, até à hora do lanche, às 16 horas. Após o mesmo aguardam nas salas até as 17 horas, pelo transporte de regresso a casa. Denota-se que também pelas 17 horas algumas pessoas ceiam e tomam a medicação da noite, pois não possuem retaguarda familiar. Esta informação foi obtida através de conversas estabelecidas com a administrativa e animadora sociocultural. As manhãs e as tardes destas pessoas, como referido, são passadas nas salas. Cada pessoa, por sua iniciativa e preferência tomou partido do local que considera seu.

Como referido, o plano de atividades é elaborado pela animadora sociocultural, em articulação com outros profissionais. Às terças e quintas de tarde têm aula com o professor de educação física. Pelo que foi possível observar, esta é uma atividade a que as pessoas aderem e colaboram, e decorre na sala de convívio. Às terças e quintas, pela manhã, algumas pessoas têm fisioterapia e terapia da fala, e estas atividades ocorrem na sala de estar. De referir que a designada sala de estar, encontra-se no momento equiparada a uma sala de fisioterapia, com todos os utensílios e recursos necessários. Neste sentido, é ainda de salientar a presença diária de uma estagiária de fisioterapia, que durante as manhãs e tardes, vai trabalhando com as pessoas. As

peças aderem à mesma, pois as suas queixas são maioritariamente de dores e mau estar no corpo, e o seu trabalho neste sentido vai responder a esta sintomatologia. Ainda nesta dinâmica institucional, é de salientar a presença de um estagiário de mestrado de educação social. O mesmo desenvolveu um projeto no domínio da estimulação cognitiva. Participou também em algumas dinâmicas deste projeto.

Em retrospectiva, se compreende que as pessoas aceitam estas dinâmicas, como um “ter de ser”, uma vez que elas existem institucionalmente, sem, no entanto, terem contribuído para criação destas. Neste seguimento, as atividades e eventos realizados pela animadora sociocultural também chegam até às pessoas já idealizados e programados. A título exemplificativo, os recortes ou colagens para as temáticas das estações do ano são pensados e executados pela profissional, assim como passeios e visitas, cabendo à pessoa a decisão de ir ou não ir. Contudo, através do que foi possível observar, esta profissional tende a refletir sobre o motivo pelo qual as pessoas não aderem às atividades, e demonstra-se recetiva em acolher novas estratégias, por considerar parca a participação dos mesmos. Segundo Jacob (2013), o profissional, deve “dar oportunidade aos idosos para eles próprios possam propor outras atividades que sejam do seu agrado, bem como permitir que eles participem nas atividades diárias da Instituição, por exemplo, fazendo as suas camas, limpando o pó dos seus quartos, colaborando na elaboração e confeção das ementas, regando as plantas, etc., desde que tal seja do seu agrado” (p. 27).

Enquanto profissional neste contexto, coloquei várias vezes a hipótese se aquela seria a melhor maneira de envolver as pessoas. O trabalho de projeto, como já descrito, requer uma grande atenção por parte do investigador/ interventor social, uma vez que nele estão implícitas metodologias, métodos e técnicas precisas, assim como a participação ativa das diversas pessoas implicadas no mesmo (Carvalho & Baptista, 2004). Um projeto social tem, assim, como objetivo melhorar a realidade a investigar, que advém das adversidades que as pessoas enfrentam na sociedade (Carvalho & Baptista, 2004; Serrano, 2008). Os projetos podem ser diversificados, tendo em conta os seus objetivos e metodologias, contudo partilham a missão de

“prever, orientar, e preparar bem o caminho do que se vai fazer, para o seu posterior desenvolvimento” (Serrano, 2008, p. 16). Assim, num projeto de intervenção e educação social, o interventor, face ao desejo e vontade de agir em prol de uma sociedade mais equilibrada, mobiliza os recursos existentes, de modo a fomentar as potencialidades do sistema, para que as pessoas possam tirar partido de um maior bem-estar. Neste projeto está intrínseca a metodologia de investigação-ação participativa (IAP), onde não existem fases, nem etapas, uma vez que o trabalho a desenvolver nunca está concluído, logo nunca acabamos de conhecer a realidade onde estamos inseridos (Lima, 2003). Assim, esta metodologia apresenta ao investigador linhas orientadoras do caminho a desenvolver, uma vez que limitar em fases e etapas é redutor de todo o processo uma vez que “estas...se interpenetram” (Guerra, 2007, p. 127) e não são estanques podendo ser revistas, analisadas, e adequadas permanentemente (Guerra, 2007).

Neste sentido, e assumindo uma atitude reflexiva, interpretativa e construtivista da realidade social em evidência (Igea, Agustín, Beltrán, & Martín, 1995; Guerra 2007) considera-se que a animadora sociocultural, no desempenho das suas funções, deve adequar a sua prática, uma vez que a pessoa tem um papel importante na sua mudança. E que esta profissional tendo percepção dos métodos e técnicas usados por si, encontra dificuldades em se descentrar dos seus costumes/hábitos.

Foi durante este contacto com as rotinas e o dia-a-dia destas pessoas, que se foi percebendo as dinâmicas relacionais, bem como a relação uns com os outros, os seus gostos e suas vontades. E no que concerne às relações entre as pessoas que usufruem do centro de dia, estas tendem a ser, por vezes conflituosas, uma vez que têm dificuldade em compreender os comportamentos e atitudes dos outros, principalmente quando se trata de patologias do foro psicológico. O mesmo é evidenciando através dos seus discursos “ela não está nada doente, quando é para

tratar mal os outros ela sabe bem fazê-lo” - (D. Laura)⁵; “não há respeito nenhum, antigamente é que era... (dona M.A.S.- S.A.D.); metem cá tudo menina (D. Matilde) “ele é um porco, não tem cuidado nenhum, cheira mal, e vem para aqui cagar os assentos todos” (Sr. A. – E.R.P.I.). Estes comentários são repostados em voz alta, pelo que todos os colegas ouvem, e se sentem mal com a situação, já tendo existido agressões verbais. De modo a combater tais situações a animadora sociocultural reportou que tenta conversar com eles, chamar-lhes à atenção de que não se sabe como serão no futuro, e que não é maneira de se tratar os colegas, confessando “não adianta de nada, entra a cem e sai a mil”. Outra situação evidenciada pelas pessoas do centro de dia, é a abordagem de alguns técnicos com eles, e que também foi possível observar, nomeadamente quando algum técnico quer dirigir-se ao grupo e refere “meninos...vamos fazer” ou “meninos vamos trabalhar” e são distribuídos por tarefas e pelas salas, que alguns recusam entrar. Nos seus discursos é possível ouvir “ai meninos!!...voltamos à escola” (dona M.A.S.–S.A.D.) retorquindo em tom de descontentes; “tratam-nos como crianças...temos de fazer o que eles querem e já trabalhei muito durante a vida” (D. Matilde). Outra situação prende-se com esta relutância de participação nas atividades “já não sei o que fazer mais, eles nunca querem fazer nada...nunca nada está bem” - Animadora sociocultural, que poderá estar associado a esta imposição de participação que não é autónoma, nem refletida com os mesmos.

Evidencia-se outro aspeto importante, referente aos lugares. Na sala de convívio, onde passam, como referido, maior parte do seu tempo, é norma da instituição a não existência de lugares marcados, contudo, sempre que algum colega se senta num lugar que não é o dele, os outros colegas colocam alguns atritos, referindo para “sair dali,

⁵ Referencia exclusiva para proteger anonimato. Foram usadas duas formas de proteger o anonimato das pessoas. Uma referente aos beneficiários do centro de dia, indicado pelo nome, e outra por siglas, designado as pessoas das valências de SAD e ERPI.

que não é o lugar dele”, o que gera conflitos e tumultos na sala. Tornando o tempo de ocupação, de lazer e comunicação, num ambiente pesado, negativo, no qual as pessoas não querem permanecer (Jacob, 2013). Este facto, faz com que as pessoas não se sintam integradas na instituição, sentindo como um espaço que não é deles, se evidenciem “agressivos, casmurros e introvertidos, são comportamentos frequentes nos idosos institucionalizados (estes comportamentos surgem frequentemente pela solidão, inação e monotonia que os utentes sentem)” (Jacob, 2013, p. 33).

Jacob (2013), refere que a conflitualidade entre o grupo de adultos mais velhos, advém do facto da falta de “acontecimentos de vida” nas instituições. Não há nada que faça a diferença entre os dias, estes são todos iguais marcados pelas rotinas diárias” (p.30). Do hábito, nasce a necessidade “de criar factos que esses muitas vezes surgem sob a forma de conflito” (p.30) bem como, como descrito, a rotina “de se sentar sempre no mesmo sítio, quer na sala (...) faz com que estejam sempre ao lado da mesma pessoa o que origina incompatibilidade por cansaço” (p.30). Neste sentido, o papel do animador sociocultural, tem uma importância fulcral, uma vez que este muitas vezes é o “o confidente, o conselheiro, o amigo e com o decorrer do tempo, alguém muito próximo” (p.27), representa a pessoa que mais tempo convive junto com eles, e criando “acontecimentos de vida”, ao alterar a rotina diária e ao fazer as pessoas conviverem umas com as outras, causa uma diminuição efetiva da conflitualidade” (p.30). Este profissional, deve “a partir da ação, facilitar processos de aprendizagem, organizar, coordenar e desenvolver atividades de animação de carácter cultural, educativo, social, recreativo e lúdico” (Pereira, Lopes, & Rodrigues, 2013, p. 406).

2.4. AVALIAÇÃO DO CONTEXTO

A avaliação do contexto, permite um conhecimento mais holístico de toda a realidade. Assim, é possível identificar as potencialidades bem como problemas,

necessidades e oportunidades da própria instituição (Stufflebeam & Shinkfield, 1995). Na caracterização do contexto, já foram evidenciados alguns dos problemas. No entanto o objetivo pretendido era que todos os atores sociais tivessem voz ativa na identificação dos problemas, necessidades e potencialidades do contexto envolvente. Após a análise do contexto em questão, foram mobilizadas várias técnicas de recolha de informação, das quais se destacam: conversas intencionais, observação participante, exercícios de dinâmicas grupais. Assim, o que a seguir se apresenta é o somatório das diversas técnicas, em reflexão com os demais atores sociais da presente instituição, e que podem ser depreendidos com o descrito no Apêndice E e F. Desta forma, foi possível a elaboração dos seguintes problemas (apêndice G).

Primeiro problema (P1) - Reduzida iniciativa, participação, e envolvimento das pessoas apoiadas e pouca valorização pessoal. Através das conversas intencionais, e da observação participante no quotidiano destas pessoas, foi por diversas vezes verificado que os mesmos tendem a não querer participar nas atividades propostas pela animadora sociocultural. O mesmo pode estar associado a uma obrigatoriedade de participação, como se pode verificar no apêndice E: do dia 12 de dezembro, e dia 06 de fevereiro, em que a imposição de participação vai sendo exercido, e conseqüentemente a que as pessoas não queiram participar de forma autónoma nas atividades propostas, sentindo-se desvalorizados e sem capacidades de argumentação. O mesmo é refletido através dos seus discursos: “a menina é que sabe o que quer fazer” - Laura. “Eu já não vou aprender nada, quero lá saber disso para alguma coisa”; “não sei se vou dizer asneiras por isso prefiro estar calada” - Dona Matilde. Desta forma, seria necessária uma adequação das atividades aos interesses e necessidades das pessoas, bem como valorização de cada iniciativa dos mesmos e uma maior valorização de características pessoais, capacidades e interesses.

O segundo problema (P2) - Reduzida coesão grupal e existência de relações conflituosas no grupo de pares. Este problema foi sendo evidente dentro da sala de convívio, onde por diversas vezes referiram que não têm amigos dentro da instituição, que cada um tem um olhar individual, sem pensar no outro. Na sala de convívio,

também foi observado a disputa pelos lugares, gerando quezílias e mau estar, bem como o pouco convívio uns com os outros dentro da sala, estando a maior parte das pessoas sem falarem um com o outro. Neste sentido, seria necessário proporcionar mais oportunidades de partilha, reflexão, compreensão e aceitação do outro, de modo a potenciar a coesão grupal. Também proporcionar um maior conhecimento das diferentes pessoas ao grupo, e do próprio grupo, e maior respeito pelo outro, e pela diferença dos seus gostos e interesses. Bem como a adoção de formas de comunicação mais claras, de modo a possibilitar uma maior compreensão e envolvimento.

O terceiro problema (P3) - escassas oportunidades de interação positiva entre profissionais técnicos e não técnicos, bem como pouco envolvimento ativo no quotidiano das pessoas apoiadas. Este problema sentido por ambos os lados prende-se com a sobrecarga de trabalho existente, que leva a poucos momentos de partilha e convívio entre equipa técnica e auxiliares, bem como dos mesmos para com as pessoas das diversas valências. Devido a esta sobrecarga de trabalho, e ritmo acelerado a que andam diariamente na instituição, a equipa técnica e não técnica encontra-se desmotivada, e pouco tolerante. Assim, evidencia-se a necessidade de um convívio mais frequente, de qualidade e interações positivas e estimulantes entre técnicos e não técnicos, bem como a participação ativa em algumas atividades dos profissionais da instituição no quotidiano das pessoas beneficiadas, valorização pessoal e profissional das capacidades dos profissionais técnicos e não técnicos; momentos de partilha e reflexão e maior reconhecimento de que o trabalho em equipa tem no reconhecimento profissional.

3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Seguindo uma linha de pensamento coerente e articulado, tornou-se pertinente, após a identificação dos problemas e necessidades, uma pesquisa teórica que permitisse uma melhor compreensão e fundamentação para o desenho e

desenvolvimento do projeto mais adequado. Em seguida, são apresentadas nas seguintes sessões alguns conteúdos teóricos que sustentam o projeto em questão.

3.1. COMPREENDER O ENVELHECIMENTO

Compreender e pensar acerca do envelhecimento, foi o maior desafio ao longo do desenvolvimento deste projeto. A envolvimento em torno desta questão, influencia não só a pessoa, mas também os cenários imediatos ao desenvolvimento da mesma. Envelhecer, poder-se-á dizer que é um processo que trará repercussões na sua vida, bem como nos cenários onde a pessoa está inserida (Bronfenbrenner, 1989). Contudo, envelhecer “não é um processo homogêneo” (Moura, 2016, p. 37) e cada pessoa vivencia-o de forma diferente, tendo em conta as suas ideologias e diferenças culturais (Moura, 2016). O envelhecimento compreende um fenómeno complexo, contínuo, diferencial e universal que poderá culminar com a velhice (Azeredo, 2011). Este processo está inserido no decurso do desenvolvimento humano, pelo que se compreende ser um processo muito individual (Fonseca, 2004). Contudo envelhecer compreende três componentes essenciais: o envelhecimento biológico, psicológico e social (Schrrots & Birren, 1980 citado por Azeredo, 2011; Fonseca, 2004).

O envelhecimento biológico ocorre em todo o ser humano, independentemente da idade (Azeredo, 2011) e é caracterizado por fatores genéticos, bem como pelas modificações ao nível físico, e de saúde (Fonseca, 2004). O envelhecimento psicológico traduz-se nas alterações que surgem ao nível da perceção, cognição, emoção, (Fonseca, 2004) da autorregulação e da capacidade de tomar decisões e da adaptação a este processo (Schrrots & Birren, 1980 citado por Azeredo, 2011). Por último, o envelhecimento social emerge das mudanças ao nível social, desempenho dos papéis sociais do sujeito, implícitas na mudança do estatuto evidenciada com a reforma (Fonseca, 2004; Azeredo, 2011) bem como nas expectativas que a sociedade nutre quanto a esta categoria social (Schrrots & Birren, 1980 citado por Azeredo, 2011). Do

ponto de vista biológico, envelhecimento e desenvolvimento são processos contínuos, e como tal não existe uma dissociação entre os mesmos (Osório & Pinto, 2007). É perante esta linha de raciocínio entre o envelhecimento e desenvolvimento que iremos prosseguir.

O tema do envelhecimento em Portugal tem assumido um papel importante, nas conversas do dia-a-dia. Observa-se cada vez mais a um envelhecimento demográfico, de pessoas com mais de 65 anos, sendo esta a idade legal de reforma (Azeredo, 2011). Mas, não será este facto redutor demais? Ora, cada vez mais parece surgir uma dicotomia que permanece por responder, nomeadamente no que concerne ao envelhecimento demográfico e o envelhecimento individual. O envelhecimento demográfico faz corresponder a uma idade legal de aposentadoria, compreendida atualmente nos 65 anos, mas que parece poder vir a sofrer repercussões ao longo dos anos, devido ao aumento da esperança média de vida à nascença e diminuição da taxa de natalidade (Simões 2006; Azeredo, 2011). No entanto, esta imposição cronológica parece não ser coerente com o desenvolvimento individual na idade adulta (Fonseca, 2004). Pois, se por um lado a sociedade impõe uma idade cronológica, por outro existe um ciclo de vida que se estende “ao longo da vida humana e compõe-se de processos de aquisição, manutenção e transformação de estruturas e de funções psicológicas, decorrentes por sua vez da integração da pessoa em múltiplos e variados contextos” (Fonseca, 2004, p. 79).

Podemos assim dizer que envelhecer, não é sinónimo de velhice (Fontaine, 2000), dado que não faz muito sentido associar uma idade cronológica a partir do qual a pessoa passa a ser velha (Azeredo, 2011). Levando ao questionamento: haverá assim idade para a velhice? Surge daí a questão do uso da terminologia mais indicada. Como tem sido referido, designar uma pessoa com 65 anos como “velhinho, idoso, velhos, anciãos, gerontes” (Medeiros, Ribeiro, Miúdo, & Fialho, 2014, p. 122) expressa muito das crenças, preconceitos e conceções de cada pessoa (Medeiros, Ribeiro, Miúdo, & Fialho, 2014), muito associado à ideia de decadência, penúria económica, frustração, dependência, doença, incapacidade (Osório & Pinto, 2007; Meireles, 2016), quando

em muitos casos são autônomos, independentes nas suas atividades de vida diárias, adotam um estilo de vida saudável e têm percepção de qualidade de vida (Ribeiro & Paúl, 2011). Assim, “outros critérios devem ser adotados que não unicamente o da faixa etária, como são aqueles que, sobretudo, valorizam as condições físicas, mentais, sociais e existenciais, assim como a capacidade a vitalidade para o trabalho útil, lazer, sexo, etc.” (Zimerman, David, Osorio, & Luís, 1997, p. 331).

Parece existir uma certa relatividade conceptual, inteiramente ligada a estigmas e preconceitos associados a um grupo etário (Zimerman, David, Osorio, & Luís, 1997; Marques, 2011). Ser idoso nos dias de hoje, significa não só termos cada vez pessoas mais novas em centros de dia e lares, bem como significa uma requalificação dos serviços a oferecer à população (Pimentel, 2001), tema este a ser debatido mais aprofundadamente neste subcapítulo. Contudo nesta sequência, o envelhecimento biológico, está associado ao envelhecimento orgânico. Os órgãos vão sofrendo repercussões ao longo da vida, e perdendo algumas das suas capacidades, mas não envelhecem todos da mesma forma (Fontaine, 2000).

Como descrito, o processo de envelhecimento não ocorre de forma sequencial em todas as pessoas, neste sentido, é possível descrever três formas do mesmo ocorrer. Primeiramente podemos apontar o envelhecimento normal, decorrente das circunstâncias de vida comuns “e habituais associados à senescência” (Medeiros, Ribeiro, Miúdo, & Fialho, 2014, p. 123). Constata-se assim um envelhecimento biológico, resultado de um declínio múltiplo de todo o organismo, resultante do tempo. Nele, comumente se verifica uma redução da acuidade visual; perda gradual da audição; alteração na percepção do gosto/paladar; alteração na pele devido a fatores intrínsecos (como a genética) ou fatores extrínsecos (hábitos alimentares, tabagismo, exposição solar); bem como alterações no aparelho respiratório, cardiovascular, génito-urinário, gastrointestinais (nomeadamente no que concerne à mastigação, deglutição, restante tubo digestivo, fígado, pâncreas); aparelho reprodutor, masculino e feminino, assim como o aparelho locomotor (Fontaine, 2000; Azeredo, 2011).

Em segundo destaca-se o envelhecimento patológico, sequente de patologias físicas ou mentais; e por último o envelhecimento com sucesso, decorrente de “circunstâncias de eleição, protetoras e estimulantes do desenvolvimento” (Medeiros, Ribeiro, Miúdo, & Fialho, 2014, p. 123). Ainda não referido propositadamente, mas comum em todo o processo de envelhecimento é a capacidade regenerativa do cérebro. Dada à sua plasticidade, este tem a capacidade de “se adaptar a perdas funcionais importantes” (Azeredo, 2011, p. 52), e embora este processo esteja associado a uma lentidão generalizada de todas as formas de processamento de informação (Azeredo, 2011), a perceção de um envelhecimento satisfatório tem uma componente objetiva relacionada com “a longevidade, manutenção de competências, saúde objetiva, funções corporais, capacidade cognitiva e interação social” (Afonso, 2011, p. 55). Como vem a ser perceptível não existe uma única forma de envelhecer, ela “implica ultrapassar os estereótipos negativos da velhice e a adoção de uma perspetiva mais global que valorize aspetos biológicos, sociais e psicológicos” (Afonso, 2011, p. 54).

Denota-se assim que há que ultrapassar estes estereótipos enraizados socialmente de que o envelhecimento é somente associado a características a um grupo de pessoas com mais de 65 anos (Marques, 2011). Por sua definição um grupo pressupõe um conjunto de elementos que possuem uma certa duração no tempo, e que detêm nas suas relações, certas características comuns como: objetivos e interesses semelhantes, valores, normas, linguagem própria, estruturação, negociação de ideias de modo a atender a todas as necessidades do grupo (Cornaton, 1979). Assim sendo, e como parte do ciclo de vida, este é um processo inevitável a todos os seres vivos. Sendo um processo tão individual, torna-se redutor demais falarmos na questão do idadismo associado um grupo etário (3ª idade), manifestado com desdém piedade ou paternalismo, associado à redução das condições físicas, mentais sociais e existenciais, uma vez que cada pessoa é única, assim como as características e personalidade que iram definir esta etapa de vida (Zimmerman, David, Osorio, & Luís, 1997; Marques, 2011).

Por outro lado, se assumirmos a importância da grupalidade, de que o ser humano é um ser que se desenvolve em grupos durante todo o percurso da sua vida, também é perceptível que o processo de envelhecimento venha a trazer repercussões e modificações na natureza dos grupos em que se inserem (Zimerman, David, Osorio, & Luís, 1997). Assim, tendencialmente, quer consideremos um envelhecimento biológico (proveniente da idade), ou um envelhecimento patológico (derivado de patologias), o papel que estas pessoas desempenham num grupo “desestabilizam o seu senso de identidade, o seu papel e o lugar que ele ocupa na família, no trabalho, e na sociedade” (Zimerman, David, Osorio, & Luís, 1997, p. 333). Desta forma é essencial “que os papéis que (...) desempenha na família sejam bem conhecidos e respeitados por todos – a começar por ele mesmo - como forma de evitar os constrangedores e tão conhecidos problemas costumeiros de recíprocas acusações, cobranças e mal-entendidos” (Zimerman, David, Osorio, & Luís, 1997, p. 333). Muitos destes mal-entendidos, podem advir da ideia de que as pessoas mais velhas, são mais conservadoras, e como tal, menos propensas à mudança, mais desconfiadas e mais atentas (Barreto, 2016). Um suporte social estável, de aceitação e compreensão, contribui assim para que o processo de envelhecimento possa ser sentido como algo individual e inerente ao ser humano, e que permita que a pessoa “se sinta em paz consigo própria” (Almeida, 2016, p. 81).

Ao longo da vida, as pessoas vão ultrapassando muitos desafios e situações e sendo este um momento que se “caracteriza pela apresentação de factores e situações que exigem esforços de adaptação, o conceito de resiliência é facilmente aplicável ao estudo da satisfação durante a velhice. Parecem existir distintos factores protectores relacionados com a resiliência na velhice (...) usados para lidar com situações problemáticas” (Afonso, 2011, p. 61). Assim, embora o corpo manifeste mudanças significativas, é de salientar que as pessoas mais velhas, são também mais resilientes para fazer face a problemas e lidar com situações, o que de certa forma pode permitir compreender este processo individual de forma mais adaptativa e bem-sucedida (Afonso, 2011). Apesar disso, este processo tende a ser bem mais complexo. A imagem

com que cada pessoa encara o seu processo de envelhecimento, carece da sua percepção acerca da sua situação familiar, saúde física e mental, redes de apoios e satisfação geral face à sua vida. Contudo, ao invés de olhar para o seu declínio, devem-se trocar as lentes da limitação e observar muito mais do que evidenciado no momento fisicamente e, acima de tudo, ser capaz de almejar “a aquisição de uma sabedoria que a experiência da vida forjou” (Zimerman, David, Osorio, & Luís, 1997, p. 332).

Desta forma, verifica-se que estando mais resilientes, estão também mais cautelosos e desconfiados face à novidade, devido ao acumular de experiências vivenciadas, chamando a isto “conservadorismo normal, que teve e talvez continue a ter o seu papel no equilíbrio social, no contexto do diálogo entre gerações” (Barreto, 2016, p. 70). No fundo podemos referir que “não existe um velho chato; existe um jovem chato que envelheceu” (Zimerman, David, Osorio, & Luís, 1997, p. 332). Dado que os adultos mais velhos, são muito mais ativos hoje, que há tempos atrás, e que no futuro continuarão a ser diferentes. Muitos ainda apoiam os filhos em situações de desemprego ou dificuldades económicas, ou mesmo cuidam dos netos na ausência dos filhos, sendo uns segundos pais (Barreto, 2016). Porque os idosos de hoje, não são os de antes, ao nível político, o aumento do poder dos adultos mais velhos na sociedade traz repercussões. Cabe assim à sociedade uma nova readaptação das suas lentes, procurar as potencialidades e fazer diferente “não nos fecharemos num conservadorismo rígido e estéril, e teremos uma vida mais realizada e mais feliz” (Barreto, 2016, p. 77).

3.2. REPERCUSSÕES ACERCA DO ENVELHECIMENTO (REDES DE SUPORTE)

Como se tem vindo a constatar, daqui a poucos anos a população será maioritariamente envelhecida, o que significa menos jovens e menos adultos. Este facto trará repercussões ao nível social, principalmente no que concerne ao modo

como a sociedade encara o envelhecimento. Como descrito, envelhecer nos dias de hoje, não significa o mesmo que há alguns anos atrás. Assim, estará a sociedade preparada para esta mudança de pensamento? (Barreto, 2016).

L. Roussel (1990 citado por Pimentel 2001), refere que “os idosos cada vez mais constituem um grupo com um poder potencial capaz de exercer forte pressão política e económica, designado por alguns autores como o poder grisalho” (p.27). Perante o progressivo envelhecimento da população, torna-se pertinente que “a sociedade civil, e o Estado se organizem e criem condições para acolher um número crescente de idosos” (Jacob, 2013, p. 12). Neste sentido, impera a promoção de “ambientes estimulantes ao nível biológico, mental, emocional e social” (Carvalho, 2013, p. 181).

O ciclo vital da família sofreu inúmeras alterações pelo que, atualmente, os filhos encontrando-se em idade ativa, podem viver longe dos progenitores (Azeredo, 2011). Quando estes envelhecem, sendo ainda autónomos tentam que os mesmos permaneçam no seu domicílio. Contudo, isto acarreta esforço por parte dos descendentes, para poder prestar, e precaver os cuidados necessários na sua ausência, o que nem sempre é fácil, no entanto, se “existe harmonia, coesão, afectividade e comunicação esta situação pode ser mantida (apesar da fadiga dos cuidadores), mas noutras circunstâncias pode-se dar a ruptura familiar, ou, então, a decisão é de institucionalizar o(s) idoso(s)” (Azeredo, 2011, p. 92).

A decisão de institucionalização, representa uma fase que deve ser negociada entre o sistema conjugal, bem como com os adultos mais velhos (Azeredo, 2011). Por norma confere uma fase de conflitos intergeracionais (Azeredo, 2011), bem como representa um conflito de emoções que podem provocar alterações na percepção do seu bem-estar, onde a sua identidade, autonomia e ritmo de vida são amplamente abaladas (Sousa, 2013). A entrada numa instituição, implica para a pessoa, “um acrescentar de perdas aquelas que já se sofreram; implica a passagem de uma vida, por vezes, repleta de afazeres, para uma atmosfera onde a autonomia é bem mais limitada” (Sousa, 2013, p. 243). Contudo, não faz sentido que os adultos mais velhos, não dependentes, se encontrem sozinhos e isolados, e neste sentido evidenciam-se algumas respostas

sociais que visam colmatar este acontecimento (Jacob, 2013). O objetivo é que as pessoas continuem a ter atividades, de modo a almejar respostas satisfatórias face a este novo desafio, contudo por vezes é erradamente associado ao caráter da atividade a trabalho (Monteiro & Neto, 2008). Assim, atividade deve ser encarado como a “possibilidade de desempenhar tarefas que contribuem para a formação de uma auto-percepção positiva” (p.41), evitando “os fantasmas do envelhecimento, o aborrecimento, a rotina e a terrível solidão” (Monteiro & Neto, 2008, p. 41).

Neste sentido, as respostas sociais devem procurar responder “através de serviços e equipamento adequados, a manutenção dos utentes no seu meio familiar e social e promover o apoio à família” (Instituto da Segurança Social, I.P., 2015, p. 4). Deste modo a pessoa deve receber “o apoio mais adequado às situações, devem os serviços ser adequados em função das suas necessidades específicas” (Carvalho, 2013, p. 180). De imediato imperam questões, entre aquelas que são as necessidades sentidas pelos adultos mais velhos, e aqueles que são os serviços prestados pelas respostas sociais. Assim, idealmente os serviços/equipamentos de resposta social e a família, deviam coexistir de forma harmoniosa, permitindo ao adulto mais velho a capacidade de escolha e adaptação, contudo, isto por vezes não acontece, e estas estruturas funcionam isoladamente, trazendo repercussões no modo como o adulto mais velho encara esta situação (Jacob, 2013).

Assim, e estando na temática de respostas de apoio social, importa antes de mais compreender algumas das principais respostas sociais em Portugal, sendo elas: o serviço de apoio domiciliário; centro de convívio; centro de dia; centro de noite; acolhimento familiar para pessoas idosas e adultas com deficiência; estrutura residencial para pessoas idosas (ERPI) (Instituto da Segurança Social, I.P., 2015). No caso em concreto o foco será dirigido à resposta social de centro de dia, confluindo com a estrutura residencial para pessoas idosas. Acerca destas valências, designa-se que uma pessoa está institucionalizada quando a pessoa permanece durante todo o dia ou parte deste “entregue aos cuidados de uma instituição que não a sua família” (Jacob, 2013, p. 13), sendo institucionalizados residentes, aquela cuja permanência é

de 24h na instituição (Jacob, 2013). As condições gerais de admissão na valência de centro de dia são todas as pessoas que necessitem de apoio deste serviço, com prioridade para as pessoas com mais de 65 anos (Instituto da Segurança Social, I.P., 2015), sendo, como descrito, cada vez pessoas mais novas em centros de dia e lares (Pimentel, 2001). No que respeita à valência de ERPI, esta contempla pessoas a partir de 65 anos, salvo casos excecionais a avaliar da especificidade do caso (Instituto da Segurança Social, I.P., 2015).

A resposta social de centro de dia, procura responder de forma adequada à satisfação das necessidades das pessoas, minimizar os efeitos malefastos do processo de envelhecimento; proporcionar apoio psicológico e social, bem como promover as relações interpessoais e intergeracionais, e contribuir para promoção da autonomia e evitar a dependência (Instituto da Segurança Social, I.P., 2015). Desta forma tão explícita, parecem não existir problemas de maior nos serviços apresentados por esta resposta social. Contudo, a vivência no contexto do terreno, evidencia uma realidade diferente, onde a “vida na instituição vai decorrendo de forma monótona, num mero cosmos onde espaço e tempo são regulados pela instituição, de forma quase estática” (Cardão, 2009, p. 12). Trazendo em evidência que todas as pessoas que beneficiem destes serviços “se tornam recetores submissos e cumpridores da política institucional” (Carvalho, 2013, p. 26). Atualmente, esta ideia assistencialista do trabalho social, deixa de fazer sentido, por toda a evidência que tem sido descrita, sendo necessário a implementação de um novo paradigma (Pereira, 2016). O tempo em instituição, não pode ser um tempo vazio e sem valorização, deve ser sim, um tempo para a pessoa “(re)encontrar-se e (re)descobrir-se na nova relação com o seu tempo (...) implicando uma (re)estruturação da sua temporalidade e da relação com a finitude” (Sousa, 2013, p. 243). Há assim, que abrir espaço e fazer “dos centros assistenciais lugares de vida, onde existam espaços para a comunicação, as relações, a expressão de emoções, a participação ativa” (Bermejo, 2013, p. 187).

Cabe assim aos profissionais, desmistificar esta realidade pois, o facto de “não existir homogeneidade nas idades, nos interesses e percursos de vida dos residentes

dificulta a sua união e a sua receptividade a uma inclusão no grupo” (Jacob, 2013, p. 33), o que faz com que cada pessoa não sinta identidade pelo local onde se encontra (Pereira, 2016). Assim, cabe às instituições/organizações fomentar os desejos, interesses e expectativas de cada pessoa, permitindo “a anulação da separação do “eu” dos “outros”, provenientes da modificação da percepção” (Pereira, 2016, p. 125), bem como proporcionar às pessoas a capacidade de partilhar “a sua experiência acumulada ao longo de toda uma vida” (Monteiro & Neto, 2008, p. 41), fazendo uso do seu tempo diário, gerido de forma gratificante encontrando na pessoa “potencialidades para desenvolver e procurar desde logo o bem-estar e satisfação pessoal e social” (Monteiro & Neto, 2008, p. 42) aumentando a sua percepção de qualidade de vida.

As instituições, devem assim favorecer o processo de envelhecimento, e não privar as pessoas dos seus valores, crenças gostos e interesses (Pereira, 2016), apesar das limitações e perda das capacidades funcionais que possam existir (Bermejo, 2013). Cabe assim ao papel do animador sociocultural, um valor preponderante na vida destas pessoas (Sousa, 2013). Este deve assumir uma perspectiva holística da pessoa, valorizando “a biografia da pessoa, as suas relações, o conhecimento e a centralidade dos seus valores, permitindo ver a pessoa para além das suas necessidades imediatas” (Sousa, 2014, p. 36). A sua intervenção deve ser centrada na pessoa “motivando-a à participação, para que seja protagonista nas intervenções sociais que lhe dizem respeito e não como mero espectador ou recetor de serviços” (Bermejo, 2013, p. 183).

Os profissionais devem assim criar condições para que as pessoas sejam envolvidas, incluídas, naquele que é também o seu espaço (Madeira, 2016), para que estas possam ter “um papel de emissores ativos, transmitindo as suas opiniões e ansiedades” (Carvalho, 2013, p. 27). Tudo pensando no empowerment individual e na capacitação da pessoa (Bermejo, 2013; Madeira, 2016), para que no futuro, possamos tanto individualmente como na sociedade, refletir, avaliar, e traçar novos caminhos diferenciados, numa “nossa casa comum. Mudar para melhorar é a eterna demanda da condição humana” (Madeira, 2016, p. 157), para que no tempo que nos restar,

neste complexo processo de envelhecimento seja “nos dez ou quinze anos de vida autônoma que se prevê possamos todos gozar depois das nossas reformas, seremos participantes ativos na vida social, e nunca uma pesada sobrecarga para os outros” (Barreto, 2016, p. 77).

3.2.1. Ser cuidador: implicações de uma prática refletida

À luz do que se tem referido, a perda de autonomia por parte dos adultos mais velhos, pode levar à necessidade de existência de um cuidador. O papel do cuidador não é fácil, e aceita-lo como tal, representa inúmeros desafios (Taborda, 2016). Ser cuidador⁶ é ser “responsável pelos cuidados essenciais quotidianos aos idosos, praticados com precaução, carinho e responsabilidade, assim como acompanhá-los aos centros de saúde e aos hospitais, às entidades bancárias e outros onde o idoso necessite” (Menezes & Nunes, 2014, p. 158). Estes profissionais devem ser capazes de respeitar a pessoa em “todas as necessidades, desde as mais básicas até às mais invisíveis (como as afetivas, as relacionais, as de comunicação, as de reconhecimento, e inclusão...)”, e também que “reconheçam as suas peculiaridades e preferências (valores, crenças, gostos culturais, estéticos, etc.); assim como “favoreça uma comunicação adequada com elas, na forma, intensidade e qualidade na relação que elas desejam estabelecer”, respeitando a sua vontade (Bermejo, 2013, pp. 187-188).

⁶ Segundo o dicionário de língua portuguesa, cuidador é aquele que cuida; que é zeloso, diligente.

Como referido, o cuidador pode ser alguém da própria família do adulto mais velho, tradicionalmente associado ao sexo feminino, numa relação de maior proximidade, bem como este papel pode também ser assumido pelas instituições (Figueiredo, 2007).

Cuidar de pessoas de idade avançada, não é o mesmo que cuidar de crianças, pois envolve uma maior complexidade dado ao seu percurso de vida, histórias passadas, gostos e interesses que é importante reconhecer (Azeredo, 2011). “Cuidar implica o respeito pela pessoa em todas as suas vertentes. Como um processo essencialmente humano baseado em valores fundamentais, o respeito traduz-se por palavras e atos, ou seja, por comportamentos, constituindo a base de relação entre as pessoas” (Sousa, 2014, p. 78). Neste sentido, o cuidador deve entender o “empowerment” como parte do processo de envelhecimento, contribuindo para o “fortalecimento das capacidades próprias e individuais e uma dimensão social”, capacitando a pessoa, e fazendo com que a mesma tenha um papel ativo (nas tomadas de decisões, escolhas, etc.), neste que é um processo tão individual (Madeira, 2016, p. 152).

Contudo, quando falamos no trabalho do cuidador nas instituições, por vezes “é solicitada polivalência e adaptação em função dos objetivos institucionais, apelando ao desenvolvimento de competências na dinâmica de evolução do mundo de trabalho” (Sousa, 2014, p. 70). Devem assim os profissionais, deter competências de trabalho em equipa que lhes permitam articular o trabalho de forma eficaz, para que possam ver a pessoa como um todo, e erradicar o conceito das “tradicionais estruturas piramidais, autoritárias e rígidas por outras mais flexíveis (Sequeira, 2010, p. 71).

Uma instituição, reflete a sua organização, através da postura do diretor técnico e da sua equipa (Fontes, 2014), onde todos dependem uns dos outros (colaboradores, equipa técnica, adultos mais velhos, fornecedores, entre outros), sendo de fulcral importância a boa comunicação e entendimento entre todos (Fontes, 2014). Para que tal seja possível, é necessário que o diretor técnico assuma, além das funções adequadas ao seu cargo, (discriminadas na portaria 67/2012 de 21 de março, e já aqui elencadas), outras características e competências, que lhe conferem o rigor premente a este cargo (Névoa, 2016). Além de conhecer bem a instituição, e isto implica

conhecer “a população que apoia, as características grupais e, fundamentalmente, as necessidades e expectativas dos seus residentes” (p.183), permitindo a elaboração de planos individuais adequados e exequíveis, contando com a efetiva participação e implicação das pessoas apoiadas (Névoa, 2016), deve também conhecer bem a sua equipa de trabalho, para que possam criar a sua identidade (Pereira, 2016), uma vez que representam a instituição, sendo o rosto das mesmas (Névoa, 2016). O diretor técnico “deve ser um líder, ter capacidade de apelar às motivações, atitudes e valores mais nobres dos seus colaboradores e, por conseguinte, respeitar e conhecer, afincadamente, as suas competências e fragilidades” (Névoa, 2016, p. 185). Como representante da sua equipa deve ter perceção que a relação se estabelece entre seres humanos, e como tal, a rotatividade de horários, os turnos, o cuidar de mais velhos, bem como os escassos recursos humanos, e materiais representam uma fonte de stress, que ao longo do tempo vão acarretar repercussões e desmotivações. Assim, “a liderança junto das equipas, deve privilegiar mais uma atuação horizontal (...) de modo a que não seja retirada autonomia e iniciativa de atuação àqueles que estão “abaixo” (p. 186), fazendo com que a pessoa se sinta valorizada, motivada, e indubitavelmente o incremento de “valor e sentido à equipa” (p.186). Os colaboradores, devem sentir-se parte integrante da instituição, e cabe ao diretor técnico valorizar, incentivar e reforçar a sua equipa, para que trabalhem com motivação, sendo este o eixo central, para a “concretização dos objetivos definidos” (p.186). Recorrentemente, e como constatado no presente trabalho, as equipas são caracterizadas pela predominância do sexo feminino, baixo nível de escolaridade, linguagem recorrente, e deficits de formação profissional (Névoa, 2016). Desta forma, a instituição prima pela formação profissional à equipa, nos mais diversos contextos: gerontologia, *snoezelen*⁷, resolução de conflitos, trabalho em equipa, por forma a colmatar algumas lacunas, e relações

⁷ Forma de intervenção sensorial, será descrita mais pormenorizadamente.

conflituosas, que acabam por conduzir a relações tóxicas, e condicionar todo o trabalho de uma instituição. Reforçando-se que o trabalho deve ser em equipa e que por esse motivo dependem uns dos outros (Névoa, 2016). Os conflitos podem advir de diversos motivos ou fatores (e.g. perspetivas diferentes, decisões, boatos, frustrações, mudanças de estrutura, etc.), sendo comuns em todas as equipas (Assad, 2014). A resolução do mesmo pode significar tensão, contudo se resolvido com assertividade, pode representar um ganho, e originar mudanças de forma a obter melhores resultados (Assad, 2014).

Assim, torna-se fulcral cada vez mais capacitar as equipas “para a reflexão, para atuação em isenção e imparcialidade, focadas no real interesse do residente e dotá-las de condutas éticas e morais, aplicáveis no contexto diário” (Névoa, 2016, p. 188).

A ética afigura-se neste contexto, como algo de exímia importância. Ainda que de forma latente, ela está presente e orienta toda a conduta do comportamento humano (Menezes, 2016). Em todas as práticas profissionais, existe uma série de requisitos, que têm de ser cumpridos tal como: ter formação específica na área, demonstrar certos domínios ou habilidades, assumir responsabilidades, e atuar de acordo com um código ético e deontológico (Caride, 2002). Estes acontecimentos “não são inerentes à própria natureza do acontecimento, são construídas pelos actores envolvidos na situação ou por estudiosos que refletiram sobre ela” (Banks & Nohr, 2008, p. 11). A ética define os princípios que orientam a ação. Esta ação, conduz a uma prática que deve ser refletida, analisada, a fim de orientar a ação humana (moral) (Menezes, 2016). No entanto, a questão da ética não se restringe às regras que orientam a conduta profissional, preocupa-se também com as “emoções, em saber de que modo os profissionais consideram os detalhes de situações complexas, e qual o papel desempenhado por qualidades morais tais como o cuidado, a compaixão e atenção” (Banks & Nohr, 2008, p. 12). Cada profissão carece do seu código deontológico, onde são expressos os princípios pelos quais se regem. No entanto, existem princípios gerais fundamentais a todas as profissionalizações, tais como: o dever, a razão, a justiça, bem-estar, respeito, liberdade, autonomia (respeito pela vontade da pessoa, desde

que capaz, deve ser o único a decidir sobre a sua vida), beneficência (prestar cuidados que se traduzam no benefício para a pessoa) (Banks & Nohr, 2008; Correia, 2003; Menezes, 2016), não maleficência, qualquer ato ou atitude que prejudique a pessoa, “facultar aos doentes cuidados sem qualquer discriminação” (Pereira, Lopes, & Rodrigues, 2013, p. 292).

3.3. A IMPORTÂNCIA DA HUMANIDADE E DO *SNOEZELLEN* NO “O OUTRORA DE HOJE”

Este subcapítulo, ressalva a importância da filosofia de humanidade e integração sensorial (*snoezelen*), uma vez que ao longo deste relatório, o mesmo tem vindo a ser mencionado. Procurou-se tocar apenas em aspetos da humanidade e do *snoezelen*, e não a sua aplicação na íntegra. A humanidade emerge enquanto contributo fundamental na medida em que, é necessário enquadrar os cuidados, numa filosofia de humanização e “situar as intervenções numa atenção individualizada, particular e singular, de respeito pelo sentido e, pelo valor que a pessoa atribui a um determinado momento e contexto” (Sousa, 2014, p. 36). A mera prestação de serviços é redutor para aquilo que são os cuidados humanos. Como vem sendo mencionado, o ser humano vive em sociedade, em grupo, e deste modo se compreende a influência que as pessoas têm umas nas outras (IGM Portugal, 2016). Da mesma forma, numa instituição, se estabelecem relações. Estas relações, vão além de conversas banais, ou de amizade, são relações que exigem maior proximidade e intimidade, como a higienização, e onde, é necessário a existência de cuidados humanizados. Assim, estas abordagens tentam triangular a ética, ciência e a reflexão crítica (IGM Portugal, 2016). Procurou-se que estes três fatores fossem o mote de todo o projeto, como sustento essencial, e daí, considerada a pertinência deste capítulo, uma vez que faria a ponte de todo o processo, dado que “ciência sem consciência é apenas a ruína da alma” (Rabalais, 1532, citado por Salgueiro, 2014, p. 27). Humanidade é “um conjunto de

particularidades que permite à pessoa reconhecer-se como pessoa e reconhecer outra pessoa como elemento da sua espécie, e pertencendo à humanidade” (IGM Portugal, 2016, p. 5). Através da citação, se compreende a complexidade da envolvência em torno de tudo envolvente ao ser humano, e que de certa forma pode ser cíclico, não esquecendo, porém, a triangulação: ética, ciência e reflexão. Senão vejamos, compreende a existência de um profissional que assume o seu papel, com direitos, deveres e normas, que cuida de alguém; e isso implica ações de modo a prevenir ou melhorar a qualidade de vida da pessoa, promovendo a saúde e nunca destruindo a mesma, ou seja negligenciar as capacidades da pessoa, substituí-la ou qualquer outro que lhe inflija sofrimento. Essa pessoa que é um ser humano único, com preferências, gostos, desejos, necessidades, histórias de vida e hábitos que lhe são pessoais, carece também da percepção do seu bem-estar, saúde e qualidade de vida, que contribuiu grandemente para a sua satisfação. E, no meio da relação de ajuda entre ambos, deve existir a prevalência pela promoção da autonomia da pessoa, pela sua capacidade e desejos de melhorar (Salgueiro, 2014; IGM Portugal, 2016).

Assim, viver em humanidade é ter em consideração todas as particularidades (caraterísticas, capacidades, desejos), de um ser humano único (com as suas caraterísticas, desejos, vontades, espaço) que vai, muito além das necessidades básicas de sobrevivência (comer, beber, respirar). “As trocas de olhares, de palavras, de toques, de sorrisos permitem aos pequenos humanos, viverem, crescerem, desenvolverem-se na sociedade dos Homens” (Salgueiro, 2014, p. 38). Assim, viver em humanidade é, pelas trocas de olhares, palavras e toques, (verticalidade) - “viver e morrer de pé” (Salgueiro, 2014, p. 39) sendo estes os pilares fundamentais, inerentes a esta filosofia.

Numa dimensão de Humanidade, o *snoezelen* surge como uma técnica usada para descrever a exploração através dos sentidos. Esta técnica demonstra-se como uma enriquecedora experiência sensorial, que permite o fomento da relação entre o cuidador e a pessoa cuidada, assim como o estabelecimento de uma verdadeira relação de confiança. Nesta abordagem a pessoa pode explorar, experimentar, sentir,

perceber, interiorizar e identificar (na medida das suas possibilidades e limitações), as sensações, e percepções a partir do seu corpo, utilizando os órgãos dos sentidos (Martins, 2011). “A ideia de que é terapêutico activar o cérebro estimulando os sentidos primários, deu-nos uma forma culturalmente aceitável de racionalizar o nosso desejo de ir além das actuações rotineiras” (Martins, 2011, p. 72). Nesta abordagem, não se pretende fazer com que a pessoa aprenda ou reaprenda, “mas facilitar respostas adaptativas físicas e emocionais apropriadas que a maioria das vezes estão armazenadas, mas bloqueadas por variados comprometimentos patológicos” (Martins, 2011, pp. 79-80).

No contexto onde o projeto decorreu compreendeu-se que “parte da compreensão e conhecimento do ambiente e de como se adapta a cada idoso em particular” (Martins, 2011, p. 80), permitiu a adoção de estratégias como de passar creme nas mãos (Apêndice E: dia 13 de março: “estimulação; toque e tato”), uma vez que o conhecimento do grupo (“conhecimento do ambiente”) e da forma como este se iria adaptar, permitiu o alcance desta e de outras estratégias sensoriais.

Foi tremendamente desafiante, colocar pessoas habituadas a dinâmicas institucionais rotineiras e pouco estimulantes, a massajar creme nas mãos e no rosto, assim como vendar os olhos, permitindo que estes usufríssem das suas sensações mais primárias. Bem como massajar a cabeça, no espaço exterior da instituição, enquanto ouviam os passarinhos e cheiravam o ambiente, sentindo o vento no rosto. Ou tão simples como cantar todos em conjunto na sala de convívio, recordando momentos vividos (desfolhadas, vindimas, etc.).

Compreende-se que, não sendo o conceito de estimulação sensorial, um conceito novo (dado à complexidade de trabalho dos profissionais na instituição), são proporcionados, por vezes, mais jogos para os independentes. No entanto, este conceito deve ser amplamente aplicado, e “aceitar o valor envolvido em experiências básicas sensoriais que acontecem no *snoezelen*” (Martins, 2011, p. 84). A riqueza desta abordagem, traduz-se na possibilidade da pessoa ter o seu “tempo, espaço e oportunidade de gozar o ambiente à sua maneira, longe das expectativas. O ambiente

oferece muitas vezes uma espécie de estímulos sensoriais originais, agradáveis e a oportunidade de “sentir” de novo” (Martins, 2011, p. 84). A abordagem do *snoezelen* traduz-se assim, numa atitude de capacitação da pessoa “empowerment”, numa “abordagem sensível, não directiva onde se cria um ambiente de proteção e segurança e se encoraja a livre escolha” (Martins, 2011, pp. 84-85). Conceitos estes, já conhecidos e defendidos pela investigação-ação participativa, e que neste caso se interligam harmoniosamente, contribuindo para o enriquecimento deste trabalho. Da mesma forma que, esta metodologia de investigação privilegiada (IAP), procura que todos os intervenientes sejam participantes (Coutinho, 2013), também nesta abordagem sensorial, não só a pessoa recebe, mas também, o cuidador, “isto transforma a experiência mais humana, dinâmica e libertadora. Não alcançamos o nosso sentido de valor recebendo dos outros, mas partilhando o dar e receber” (Martins, 2011, p. 85).

A filosofia Humanidade e *snoezelen* neste contexto, contribuíram para a desconstrução do conceito que é transportado acerca das pessoas mais velhas e que os influencia (Madeira, 2016). Esta abordagem permitiu também o “empowerment” das capacidades individuais de cada pessoa, a reflexão de que existe muitas coisas ainda por descobrir, sentir, e que eles são os autores e construtores da sua própria vida, conferindo-lhes sentido à vida e valor existencial (Madeira, 2016). Neste sentido, as pessoas demonstravam-se mais capazes de fazer face ao modelo assistencialista tradicional, e assumir uma postura crítica, detentora dos seus conhecimentos e capacidades.

4. PROJETO “O OUTRORA DE HOJE”: DESENHO, DESENVOLVIMENTO E AVALIAÇÃO

O trabalho por projeto pressupõe uma intencionalidade, um caminho, um plano de intervenção, acerca dos problemas que as pessoas expressam e pensam acerca de si mesmos, tendo em conta os obstáculos, desafios, ritmos diversificados e as dinâmicas

específicas dos mesmos (Mendonça, 2002, Cortesão, Leite, & Pacheco, 2002). O alcance da resolução dos problemas, pode “encontrar o sentido da sua existência e das suas ações” (Mendonça, 2002, p. 17), que metaforicamente pode assimilar-se a uma utopia (Cembranos, Montesinos, & Bustelo, 1988) no sentido em que almejamos o seu alcance. Com vista ao mesmo, é importante definir o caminho a seguir. Assim, posteriormente à avaliação do contexto que decorreu da análise da realidade, e tendo um referencial teórico como suporte, torna-se assim pertinente definir o desenho do plano de ação, juntamente com os atores sociais.

Neste sentido, é determinante entender e refletir acerca dos passos necessários, para que possa ser alcançada a finalidade e os objetivos a que este projeto se propõe. Definidas as necessidades e os objetivos, é necessário encontrar estratégias e ações. A este processo de desenho do caminho a ser desenvolvido, é crucial, como referido, ter em conta os desafios, dificuldades, e as resistências que o contexto oferece. Contudo, há que tê-las em conta e transformá-las em oportunidades e potencialidades existentes (Cembranos, Montesinos, & Bustelo, 1988).

4.1. FINALIDADE, OBJETIVOS GERAIS E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

A finalidade de um projeto deve indicar a “razão de ser de um projeto e a contribuição que ele pode trazer aos problemas e às situações que se torna necessário transformar” (Guerra, 2007, p.163), sendo que este projeto de investigação, teve como finalidade “proporcionar à comunidade institucional, um melhor relacionamento interpessoal”. De modo a dar coerência na execução do projeto, foram delineados objetivos que “são os propósitos que pretendemos alcançar com a execução de uma ação planificada” (Serrano, 2008, p. 44). Nos objetivos podemos distinguir entre objetivos gerais (OG), e objetivos específicos (OE). Assim, os OG referem-se aos “propósitos mais amplos que definem o quadro de referência do

projeto” (Espinoza, 1986, citado por Serrano, 2008, p. 45), são as grandes linhas orientadoras, e devem estar de acordo com a finalidade (Guerra, 2007). Por sua vez, os OE referem-se a objetivos mais concretos que os anteriores, “indicam a forma mais precisa aquilo que se pretende alcançar com os projetos” (Serrano, 2008, p. 46).

No sentido de responder aos problemas e das necessidades já referidas (apêndice G) foram delineados quatro OG aos quais correspondem vários OE.

OG1. Promover a valorização das pessoas, de modo a potenciar a participação e opinião pessoal

(que a pessoa seja capaz de)

OE 1.1. Partilhar autonomamente a sua opinião e pensamentos;

OE 1.2. Valorizar as suas competências;

OE 1.3. Participar espontaneamente nas atividades;

(que animadora sociocultural seja capaz de)

OE 1.4. Valorizar cada pessoa;

OE 1.5. Conhecer e respeitar os desejos e interesses de cada pessoa, ajustando as atividades;

OG2. Promover um ambiente favorável à coesão grupal e relações interpessoais mais positivas

(que a pessoa seja capaz de)

OE 2.1. Ouvir e compreender o outro, respeitando-o;

OE 2.2. Partilhar a sua opinião, gostos e interesses, e respeitar a do outro;

OE 2.3. Valorizar os seus sentimentos e dos colegas;

OE 2.4. Pensar acerca do outro

OE 2.5. Comunicar de forma clara e objetiva.

OG3. Promover melhor interação entre adultos mais velhos e profissionais;

(que os profissionais sejam capazes de)

OE 3.1. compreender a importância do contacto regular com as pessoas e da necessidade de apoio psicossocial;

OE 3.2. adotar uma postura de igualdade, com interações positivas e respeito pelas pessoas;

OE 3.3. refletir criticamente acerca dos seus comportamentos e atitudes com os adultos mais velhos,

OE 3.4. adotar uma linguagem clara, sem menosprezar ou diminuir a pessoa;

OE 3.5. de partilha e conviver com as pessoas que usufruem do centro de dia.

OG4. Promover melhor interação entre equipa técnica e colaboradores

(que os profissionais sejam capazes de)

OE 4.1. compreender a importância do trabalho em equipa;

OE 4.2. valorizar o seu trabalho e o dos outros;

OE 4.3. tomar decisões, sem que prejudiquem o trabalho dos outros.

4.2. AÇÕES, ATIVIDADES E ESTRATÉGIAS

Contemplando as etapas que precedem a execução do projeto, e para que este decorra de forma organizada e clara, torna-se assim pertinente definir ações, atividades e estratégias. Uma vez definidos os objetivos, torna-se importante perceber como os vamos alcançar. As estratégias evidenciam-se assim, como o meio pelo qual vamos atingir os objetivos definidos (Guerra, 2007). Contudo estes meios dependem dos recursos disponíveis quer humanos, materiais ou financeiros (Serrano, 2008). Assim, as estratégias devem ser realizadas e debatidas pelos elementos do contexto, uma vez que estes têm uma melhor perceção dos recursos da própria instituição (Guerra, 2007). Tendo isso em consideração, de forma sintetizada as estratégias adotadas foram: *brainstorming*, momentos de convívio, partilha, reflexão e discussão em grupo, exercícios de dinâmica de grupo, sessões de bem-estar, jogos e sessões de cinema com discussão, convívio intergeracional entre adultos mais velhos e creche, risoterapia, conversas intencionais, sessões grupais com auxiliares.

A relação entre objetivo, e estratégias permite a elaboração de um plano de atividades, com vista à concretização dos objetivos definidos. Estas atividades podem ser definidas como um “conjunto de operações ou tarefas próprias de uma pessoa ou instituição” (Espinoza, 1990, citado por Serrano, 2008, p. 50).

Neste sentido, tendo em conta a finalidade e os objetivos que foram definidos, neste projeto foram idealizadas 3 ações.

A ação A, intitulada como “Olhar e recordar para contar” advém do problema da “reduzida iniciativa, participação e envolvimento das pessoas apoiadas e pouca valorização pessoal” e do problema da “reduzida coesão grupal e existência de relações conflituosas no grupo de pares”. Corresponde assim ao OG1 (promover a valorização das pessoas, de modo a potenciar a participação e opinião pessoal) e do OG2 (promover um ambiente favorável à coesão grupal e relações interpessoais mais positivas). Do vasto leque de atividades propostas, algumas tiveram que ser alteradas devido à questão temporal, principalmente no que consta aos ritmos biológicos de crianças e adultos de idade avançada. Assim, houve reajuste de horários e por vezes reagendamento de atividades.

A ação B, e C denominada respetivamente “Caminhando lado a lado” e “Em busca de um trabalho em equipa” têm como intuito responder ao problema “Escassas oportunidades de interação positiva entre profissionais técnicos e não técnico, bem como pouco envolvimento ativo no quotidiano das pessoas apoiadas”, da qual confere o OG3 (promover melhor interação entre adultos mais velhos e profissionais), e OG4 (promover melhor interação entre a equipa técnica e colaboradores). Inicialmente pensou-se juntamente com a equipa técnica em realizar sessões com as auxiliares de modo a incutir alguns dos pressupostos da filosofia humanidade, de modo a que os cuidados fossem mais individualizados. Os atores sociais tiveram um papel preponderante no agendamento, e tomada de decisão das atividades, sem que isso interferisse com as suas vontades, ritmos próprios e atendendo às suas condicionantes, quer de foro psicológico ou físico. Os mesmos sempre foram convidados a participar, e não obrigados, de modo a ser respeitadas as suas vontades,

valorizando-se, contudo, a sua participação. Ao longo do tempo de projeto, desde janeiro a meados de julho, ocorreram ajustes à calendarização, bem como às atividades inicialmente pensadas.

4.3. AVALIAÇÃO DE ENTRADA

A avaliação de entrada pressupõe “o processo de identificar, obter e proporcionar informação útil e descritiva acerca do valor e mérito das metas, a planificação, a realização e o impacto de um objecto determinado, com o fim de servir de guia para a tomada de decisões, para solucionar os problemas de responsabilidade e promover a compreensão dos fenómenos” (Stufflebeam et al., 1971, citado por Monteiro, 1996, p. 138). Este momento avaliativo, permite um olhar atento e detalhado do trabalho realizado até então, sendo considerado fulcral. Desta forma, permite identificar e avaliar a capacidade do projeto, bem como se as estratégias estão adequadas de modo a serem alcançados os pressupostos. Este momento, permite assim, investigar e analisar os recursos humanos e materiais disponíveis, e se estes representam aplicabilidade e rentabilidade (Pavía & Soto, 2006).

O contacto com o contexto de centro de dia e lar, permitiu assim junto da comunidade institucional, uma constante avaliação e ajustamento do caminho a seguir. Os mesmos estiveram envolvidos de modo a identificar os limites e potencialidades, bem como estratégias alternativas, de modo a que pudessem ser levadas a cabo as estratégias estabelecidas com vista ao alcance dos objetivos.

Deste modo, foram entendidos os recursos humanos e materiais existentes e disponíveis. Á priori podíamos contar como recursos humanos: a creche, as auxiliares de ação direta, animadora sociocultural, estagiária de fisioterapia e estagiário de educação social (ambos até ao mês de abril), e voluntários. E como recursos físicos e materiais: a sala de convívio, sala de estar, e sala de atividades, o espaço exterior e jardim da instituição, quadro em branco, material de escrita e pintura, televisão,

colunas, jogos diversos e as carrinhas de transporte. Como potencialidades foram identificadas as boas instalações que a instituição possuía, a boa abertura por parte da equipa técnica e não técnica, que demonstravam interesse, disponibilidade e receptividade e o estabelecimento de uma relação positiva com as pessoas que frequentavam as diversas valências.

Os indicadores de avaliação definidos foram: número de participantes nas atividades, maior autoconfiança e afirmação mais frequente das suas opiniões, participação mais frequente e autónoma nas atividades, capacidade de fazer escolhas, liberdade de expressão, número de participação em debates grupais, atitude dos profissionais pelo grupo, maior coerência entre o plano de atividades e os interesses e desejos manifestados pelos participantes, número de participantes nas atividades, frequência/regularidade das conversas com os colegas, partilha de experiências/opiniões com outros, ouvir o outro/ esperar pela sua vez, maior envolvimento dos profissionais no dia-a-dia das pessoas, postura crítica e reflexiva acerca dos comportamentos adotados.

4.4. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO E AVALIAÇÃO DO PROCESSO

Nesta secção serão apresentadas todas as atividades e ações desenvolvidas, no decorrer do projeto de educação e intervenção social “O Outrora de Hoje”. Estas são apresentadas, após elaborado o desenho do projeto que espelha a confluência de uma análise do contexto da realidade onde as pessoas estão inseridas, bem como de uma reflexão e interpretação dos problemas apresentados pelos atores sociais.

De modo a complementar esta descrição e reflexão acerca do desenvolvimento do projeto, será também apresentada a avaliação do processo. A avaliação do processo é um momento que nos permite comprovar a contínua realização do plano de ação. O mesmo significa dizer que proporciona uma recolha de informação útil, de modo a que

seja possível compreender se o projeto necessita de modificações ou alterações pertinentes (Stufflebeam & Shinkfield, 1995). Estes ajustes são cruciais, uma vez que sendo este projeto baseado na metodologia IAP, não existem receitas predefinidas, mas sim uma análise crítica e sistemática da prática, por parte de todos os atores sociais (Lima, 2003). Assim, e tendo em conta os seus princípios, importa referir a predisposição e envolvimento dos atores sociais. A resistência e receio pelo novo foi evidenciado, todavia, a busca em torno de uma mudança por algo diferente, fez com que as pessoas gradualmente se sentissem envolvidos, e fossem participantes ativos, partilhassem os seus medos, receios, vontades, desejos e opiniões (Cembranos, Montesinos, & Bustelo, 1988).

Esta secção encontra-se organizada por subcapítulos, que fazem corresponder às ações que foram levadas a cabo. Em cada ação, são descritas as atividades que foram desenvolvidas. É de salientar que estas atividades foram desenvolvidas com base nos gostos e interesses dos atores sociais, sendo a escolha das atividades realizada de acordo com os sujeitos. Isto permitiu com que as pessoas se sentissem integradas, no projeto, e construtoras do seu bem-estar, tendo deste modo sido evidenciado o seu envolvimento e adesão à participação cada vez maior.

Ação A – “Olhar e recordar para contar”

A presente ação “Olhar e recordar para contar” tinha como pretensão alicerçar o problema da reduzida iniciativa, participação e envolvimento das pessoas e pouca valorização pessoal, bem como o problema da reduzida coesão grupal e existência de relações conflituosas no grupo de pares, correspondendo aos OG1 (promover a valorização das pessoas, de modo a potenciar a participação e opinião pessoal) e OG2 (promover um ambiente favorável à coesão grupal e relações interpessoais mais positivas) e respetivos OE. Todavia, a abrangência da ação contribui para o alcance de outro objetivo, tal como a promoção de uma melhor interação entre adultos mais velhos e profissionais (OG3), dado que alguns profissionais (nomeadamente animadora sociocultural) estavam presentes na realização das atividades.

Esta ação contou com a participação de quase toda a comunidade institucional (adultos mais velhos, animadora sociocultural, estagiário de mestrado, estagiária de fisioterapia, motorista e creche). As atividades “Recorda-me”; atividades de pastelaria; sessão de fotos, brainstorming (“Amor”, “Amizade é”, “Partilhar”, “O que me faz Feliz”), jogos tradicionais, cinema e discussão sobre filmes, sessão de risoterapia com profissional e convívio intergeracional, decorreram entre o mês de novembro e julho. Ao longo do tempo foi perceptível o aumento substancial do número de participantes em cada atividade, variando entre 10 a 30 conforme o local da atividade. Assim, se a atividade fosse desenvolvida dentro da sala de convívio, como eram as atividades de diálogo, o número de participantes era superior, uma vez que não precisavam se deslocar para outros locais, e implicar desistências pelas questões de saúde. Mesmo assim, nas atividades exteriores à sala de convívio, ao longo deste processo, foi possível observar um número menor de desistências, e um maior entusiasmo e proatividade dos mesmos em querer participar.

As atividades “Recorda-me” e os *brainstormings*, consistiram em atividades de diálogo. A primeira atividade foi intitulada de “Recorda-me” pois nela foram incluídos temas das vivências dos atores sociais, e em conversas intencionais com os mesmos, foi possível compreender como lhes era bom recordar o tempo passado “antigamente é que era bom, agora não temos nada disso” (D. Matilde). Nesta atividade os temas eram abrangentes, e foram discutidos com os participantes. O tema surgia do interesse dos próprios e era debatido e falado por todos os colegas, era dada a oportunidade a cada pessoa de expressar as suas experiências, as suas opiniões, comentários, entre outros. Os temas foram desde os santos populares e as festas que frequentavam, os jogos tradicionais que brincaram, ditos populares e suas interpretações, viagens/ passeios ou monumentos que visitaram em Portugal ou em outros países), profissões que gostavam de ter tido, a família, gosto pelo cinema e teatro, poemas e trocadilhos (Apêndice E). O objetivo, além de recordar os momentos vivenciados, e de ser realizado algo que era gratificante e que despertava interesse e motivação às pessoas, era o de lhes proporcionar momentos de partilha dos seus saberes, gostos, interesses

e pensamentos. À medida que esta atividade decorria, era perceptível a vontade das pessoas em querer participar, a cada dia uma nova temática, e novas pessoas a participar. No meio de tantos assuntos houve momentos de largas gargalhadas, bem como momentos de maior timidez que se desvaneciam com trocadilhos de português, e enriquecimentos de saberes: “como é que se chamava os bombeiros antigamente” (Sr. Joaquim), “era tocado o sino a rebate” (D. Arminda), “era dar ao badal, cada freguesia tinha o seu toque” (D. Matilde) (OE1.1., OE1.3., OE2.1., OE2.2., OE2.3., OE2.4).

A atividade com os *brainstormings*, abarcaram temas mais específicos e de cariz mais reflexivo. Assim, foram comentados os temas acerca da “Amor”, “Amizade é”, “Partilhar”, “O que me faz Feliz”. Os temas em questão não foram escolhidos em vão. Ao longo da atividade “Recorda-me”, foi compreendido pelos atores sociais, (nomeadamente os adultos mais velhos, animadora sociocultural, estagiários, e interventora social, enquanto mestranda) a dificuldade de compreensão pelo outro, a definição de sentimentos “eu não sinto amor por ninguém” (D. Matilde); “aqui devíamos ser como uma família” (D. Arminda); o que levou a que em conjunto se percebesse a necessidade de reflexão acerca de conceitos importantes, e que era da vontade dos próprios a existência destes sentimentos no grupo de pares. Inicialmente foi percebida a parca capacidade reflexiva das pessoas, que por receio de não estarem confiantes nas palavras que proferiam, preferiam remeter-se em silêncio “não vou dizer nada, porque não digo nada de jeito” (D. Isaura). Todavia, através de uma linguagem clara, objetiva, de não julgamento, e de aceitação da pessoa sem juízos de valor, ao longo do tempo as pessoas foram participando mais e em conjunto com todos os atores sociais foram tecidas reflexões importantes, e concluído que no centro de dia deveria existir um bom clima relacional com todos os intervenientes onde prevalece a amizade, o amor e partilha entre todos. Nos momentos de confronto e quezílias entre os adultos mais velhos, foi crucial e preponderante os momentos de negociação, pois estes contribuíram para que reconhecesse a dificuldade em ouvir e respeitar o outro, aceitar as suas opiniões, expressar os seus sentimentos. Os adultos

foram capazes de fazer esta reflexão, com a ajuda da animadora sociocultural e intervenção da educadora social (i.e., mestranda). Este facto, contribuiu também para que a animadora sociocultural fosse capaz de valorizar e respeitar as vontades e desejos de cada pessoa (OE1.4., OE1.5.), pois, por vezes era notório o espanto da mesma quando observava a participação de algumas pessoas, que anteriormente participavam pouco, e que traziam contributos muito relevantes para o assunto. Destaca-se, assim, a mudança de atitude adotada pela mesma, corrigindo-se automaticamente, após reflexão, “meus senhores, e, minhas senhoras, vamos lanchar”, ao invés do tradicional “meninos”. Desta forma, foi perceptível que houve uma mudança no pensamento da animadora sociocultural, e que esta tinha agora de forma mais consciente o respeito pela pessoa individualmente, e pela sua idade cronológica, não os infantilizando, mas sim tratando com o mérito devido. O sucedido foi também alvo de comentários por parte dos adultos mais velhos, que enaltecera esta mudança de comportamento (OE3.2., OE3.3., OE3.4.), ao sorrirem e verem como a profissional se corrigiu, “assim está bem” (Sr. A.- E.R.P.I.); “ei-la, senhores e senhoras? Até parecemos pessoas muito importantes” (dona Matilde), sorrindo e acenando com a cabeça, como que afirmando “muito bem” (Apêndice E: dia 27 e 28 de junho, 2017: O piquenique).

As atividades anteriores, serviram como porta de entrada para as atividades subsequentes. Assim, após a confirmação lógica dos gostos e interesses proferidos pelos sujeitos, nos temas por eles abordados, as atividades que surgiram em seguida, vieram recriar e despoletar memórias de alguns momentos por eles vividos. Assim, à semelhança das atividades de reflexão anteriores, as atividades de cinema, surgiram trazendo uma componente mais interpretativa, que evidenciou desafios diferentes aos que estavam habituados. Alguns filmes foram visionados na sala de convívio, mas dois exigiram a deslocação a uma sala de cinema. O visionamento do primeiro filme, surgiu por parte da animadora sociocultural, afim de cumprimento do plano de atividades, e consistiu num filme, que não despertava interesse nos sujeitos, tendo estes demonstrado o seu descontentamento, e desinteresse pelo filme em causa (Mau

Mau Maria). A ideia para o visionamento do segundo filme, surgiu em conversa na sala de convívio, quando falávamos acerca da religiosidade dos mesmos, de um filme intitulado de “Fátima” que tinha saído para as salas de cinema, há relativamente pouco tempo. Foi de concordância comum, entre todos os atores sociais, o visionamento do mesmo, e logo a animadora sociocultural, procurou reservar a sala de cinema e respetiva mobilização de transporte para a atividade. As pessoas, demonstravam-se recetivas e disponíveis em querer ir ao cinema, e a adesão à mesma contou com muitos participantes, mesmo os mais passivos. Já no cinema, foi possível observar a interajuda grupal e apoio mútuo entre as pessoas que tinham mais dificuldades de locomoção.

A atividade de “risoterapia”, surgiu da ideia da equipa técnica em proporcionar às pessoas que usufruem do centro de dia momentos de descontração diferentes dos habituais, e desta forma lhes demonstrar que também é possível rir dos problemas ou queixas sintomáticas comuns no grupo. A ideia foi aprovada maioritariamente pelo grupo, embora acolhida com alguma recetividade e desconfiança “vamos agora andar a rir feitos tolinhos” (D. Maria E.). Contudo, e parecendo uma atividade levada para as pessoas, o trabalho da profissional só é realizado com a envolvimento e participação dos sujeitos, sendo desta forma um trabalho coconstruído, entre todos os atores sociais presentes nesse dia “nunca pensei que fosse tão bom rir e libertar dos meus pensamentos” (D. Maria A.); “parece que nem me dói nada” (D. Laura). Foi notório o esforço e empenho da direção técnica, em estar presente na atividade, juntamente com os adultos mais velhos, e poderem eles também usufruir de uma atividade conjunta (OG3.1., OG3.4.).

Esta ação contou ainda com duas atividades de pastelaria, e uma sessão de fotos, que permitiram aos adultos mais velhos recordar aprendizagens, bem como proporcionar momentos de bem-estar e valorização pessoal. Tomando o enfoque na atividade de pastelaria, a primeira sessão surgiu, quando na sala de convívio a animadora sociocultural informava os adultos mais velhos, da realização da feira de amostras de trabalhos, que habitualmente ocorre todos os anos numa freguesia do concelho. A animadora sociocultural recordou as atividades realizadas anteriormente

e reforçou que este ano iriam fazer uma dança. Ao dialogar acerca dos produtos a levar para a amostra, sendo tipicamente os bordados, e pinturas que não são vendidas nos anos anteriores, foi sugerida a ideia de confeccionar um bolo e levar (D. Maria H.). Aprovada a ideia pelos colegas, e por parte da animadora sociocultural, procurou-se, assim, perceber qual seria a ementa a elaborar, e os materiais que seriam necessários para a execução do mesmo. Na instituição havia todos os recursos necessários, e os adultos mais velhos, principalmente os mais autônomos quiseram participar. É do conhecimento da realidade institucional, o gosto das pessoas pela cozinha e pastelaria, e não fazia sentido serem as auxiliares com a sobrecarga de trabalho fazer os bolos. Desta forma, os adultos mais velhos organizaram-se na sala de atividades e ficou somente ao encargo das cozinheiras a vigilância dos bolos no forno. O balanço não podia ser mais positivo, a animadora sociocultural demonstrava-se muito ativa em tentar fazer as coisas pelos adultos mais velhos, mas foi-lhe demonstrado que estes eram capazes e que conseguiam vencer os obstáculos. Enquanto a dona Maria H. batia a massa para o bolo ia recordando como antigamente se fazia tudo à mão ou com uma vara de arames e que agora estava tudo mais simplificado. Outras senhoras iam separando as formas para os cocos, e a dona Isaura mexendo com as mãos a massa dos cocos “Aí menina que bom meter novamente a mão na massa”. Ainda outras sugestões surgiram, mesmo não estando contempladas na ementa, mas que rapidamente o Sr. Artur resolveu, sugerindo a realização de um pão-de-ló. Denote-se que, devido aos problemas de foro neurológico o Sr. Artur raramente aceita participar em atividades, e que ao longo do tempo tem revelado mais competências e participado em atividades comuns com outros colegas. A outra atividade de pastelaria está implícita na Ação B, e faz parte da atividade do “lanche mais partilhado” e que será descrita seguidamente.

A atividade da sessão de fotos, mobilizou os recursos da instituição, uma vez que o motorista nos seus tempos livres é fotógrafo em eventos. No entanto, convém ressaltar o que motivou esta atividade. Num dos dias em que a mestrande, estagiária de fisioterapia e animadora sociocultural tratavam no gabinete de estética as

senhoras: fazendo a depilação, esfoliação na pele, arranjavam as unhas e cabelos, elogiavam também como é bom terem tempo para eles e sentirem-se bem com eles próprios a dona A. (ERPI), referiu que sempre fora cabeleireira, e que recordava com saudade o tempo em que tinha sempre as unhas pintadas, e o cabelo arranjado. Mais tarde, foi novamente mencionado o mesmo numa conversa intencional. E assim, surgiu a ideia de terem um dia de beleza, um dia em que vestiam uma roupa melhor, e com os acessórios certos tiravam umas fotos que ficariam para recordação. A ideia após exposta a todo o grupo, não agradou a todos, uma vez que se associava muito ao conceito de foto para a lápide da campa. A ideia foi debatida, juntamente com a animadora sociocultural, que comentou que familiares por vezes pedem à instituição fotos dos seus entes queridos, e que eles por vezes não dispõem. Não sendo esse o objetivo principal, mas sim o de proporcionar momentos de alegria entre todos com um registo de grupo, em que vinha a ser notório a cumplicidade entre eles. Comunicado à direção técnica, a ideia foi recebida com muito agrado, sendo que revelaram interesse em ajudar na preparação das pessoas, bem como participar na atividade. Assim, potenciando os recursos disponíveis foi pedido a cada pessoa, que quisesse participar, que trouxesse acessórios a seu gosto como: lenços, chapéus, ganchos de cabelo, e a indumentária que quisessem. A instituição dispunha de matérias de maquilhagem que foram usados, embora as pessoas não se demonstrassem muito recetivas para o seu uso, pois nunca tinham usado na sua vida. No dia, as pessoas demonstravam-se enérgicas, e felizes, “Aí menina, temos um dia diferente, é tão bom” (D. Maria A.). A animadora sociocultural esteve sempre presente no “prauteamento” (expressão usada para designar o processo de vestir e maquilhar; arranjar) das pessoas mais velhas, e a equipa técnica, nomeadamente a administrativa/ escrituraria sempre que podia dava uma mãozinha. Também foi perceptível os elogios entre colegas que iam recebendo sempre que saiam do gabinete de estética, e o efeito contagiante que isso deixava nos sujeitos, pois algumas pessoas que não quiseram participar, ao ver os colegas que saiam do gabinete, iam ter connosco posteriormente também para participar. A sessão de fotos decorreu no

jardim da instituição, “até o tempo está do nosso lado” (Sr. José). As fotos tentaram captar essencialmente não um grupo que convive muitas horas no mesmo local, e que nos seus discursos acarretam a tristeza e individualidade, mas sim um grupo que embora passe muitas horas juntos, faziam progressos e pensavam mais em coletividade. Nas fotos estão também algumas auxiliares que iam passando e interagiam com os sujeitos beneficiários da intervenção, bem como a direção técnica e alguns voluntários. Dias depois, as fotos foram mostradas às pessoas, e as suas expressões faciais de felicidade e “vislumbramento” falavam por si. “quando podemos fazer outra vez? Gostei tanto” (D. Ana); “quero que me traga essa foto, quero mostrar aos meus filhos” (D. Maria H.). Desta forma verificou-se que os adultos mais velhos que adotavam uma postura passiva, vinham a sofrer alterações em relação à sua postura, e denotava-se uma maior confiança e segurança em relação a si mesmos.

Esta ação contou ainda com dois encontros intergeracionais. Na instituição sempre transpareceu a existência de uma barreira entre o lado pertencente ao centro social e à creche, no entanto, fisicamente a única barreira existente é uma porta corta-fogo. Eventualmente os educadores traziam as crianças até à sala de convívio dos adultos mais velhos, mas não se compreendia porquê que o mesmo não acontecia de forma contrária. Numa das conversas intencionais, na sala de convívio, e estando a animadora sociocultural presente, falava-se acerca dos motivos que os faziam felizes e do modo como as crianças os deixavam a sorrir e bem-dispostos sempre que entravam na sala. Esta reflexão levou a que os adultos mais velhos proferissem que de facto quem mais gostam é dos filhos, e principalmente os netos “que têm cada vez que ir mais cedo para a escola” (D. Maria A.). Neste seguimento em grupo concluíram, que de facto, eles também passam muitas horas no centro de dia, e que estão longe dos netos, assim como as crianças da creche que estão também todo o dia longe dos pais e dos avós. Surgiu assim a ideia, de realizar uma atividade intergeracional com a creche, uma vez que dispunham de toda a abertura da parte técnica para o fazer, pois estes iam estando sempre informados acerca das atividades e mostravam uma grande receptividade em acolher novas ideias. Houve a necessidade de reunir com os

educadores da creche, que enaltecera a ideia e demonstraram-se receptivos a acolher muitas mais atividades. Reforçaram que sempre quiseram manter o contacto entre as diferentes gerações por considerarem ser uma mais-valia para ambos. Assim, foi discutido com os adultos mais velhos os jogos tradicionais que iriam ensinar às crianças e como iriam ocupar o tempo com eles (Apêndice E: 20 e 21 de junho, e 03 de julho). A outra atividade decorreu no espaço da creche e consistiu num momento de partilha de pintura. Além de ser uma atividade comum, foi também uma atividade que permitiu às pessoas voltar aos seus tempos, em que algumas pintavam quadros. Assim o nome da ação “olhar e recordar para contar”, surgiu de conversas intencionais, quando refletíamos acerca de todo o caminho que juntos vinham a desenvolver. Em torno da questão das recordações, das memórias evocadas, do olhar para trás e recordar, de tudo aquilo que ainda são capazes e que a idade não tem de estar associada a uma conotação negativa, mas antes uma ação onde sob a forma de reminiscência e estimulação sensorial considerada tão importante para uma satisfação da sua qualidade de vida e bem-estar biopsicossocial (Martins, 2011). Ao longo desta ação a postura passiva deu lugar a uma postura mais afirmativa, convicta, aumentando assim a sua confiança e participação espontânea. As pessoas foram tendo voz ativa nas tomadas de decisões, aceitando e compreendendo o outro, bem como um discurso mais positivo acerca de si mesmos. Compreenderam também que individualmente têm capacidades, ao invés do discurso que outrora traziam, e que eram capazes de realizar coisas e ter opinião e que a mesma era válida. As repercussões sentiram-se também a nível grupal, interagindo mais e compreendendo o outro como diferente de si mesmo, pois como refletiram muitas vezes, passavam mais tempo na instituição do que com os seus, e por isso é importante darem-se como uma família.

Ação B – “Caminhando lado a lado”

A ação B, procurou incidir sobre o problema “escassas oportunidades de interação positiva entre profissionais técnicos e não técnicos, bem como o pouco envolvimento ativo no quotidiano das pessoas apoiadas”, respondendo assim ao OG3 “promover melhor interação entre as pessoas e profissionais” e seus OE. Esta ação compreendeu

as atividades do dia da “Paz”, “Dia do pensamento”, “aos olhos dos outros” e “o lanche mais partilhado” com jogos tradicionais. O objetivo era a realização de atividades conjuntas, que envolvessem toda a comunidade institucional. Para tal, foram necessárias muitas conversas intencionais com a equipa técnica. Assim, sempre que se tornava pertinente e surgisse uma oportunidade, o tempo era aproveitado para dialogar com a equipa técnica, acerca de aspetos relacionados com o desenho do projeto para que este fosse melhorando e fosse ao encontro das suas necessidades. Em segundo, pelo escasso tempo das auxiliares (equipa não técnica), que continuavam na azáfama diária e sem tempo para permanecer no quotidiano das pessoas apoiadas. De entre as conversas intencionais com a equipa técnica foi compreendida esta falta de tempo de ambos os lados mas principalmente acentuado o facto de as auxiliares não terem tempo de convívio entre elas, o que poderia por em causa a qualidade do trabalho que desenvolviam. Assim, foi definida uma terceira ação, com base no mesmo problema “escassas oportunidades de interação positiva entre profissionais técnicos e não técnicos, bem como o pouco envolvimento ativo no quotidiano das pessoas apoiadas”. Esta ação visava assim, responder parcialmente a uma parte deste problema complexo que era o escasso envolvimento ativo no quotidiano das pessoas apoiadas. Salienta-se o empenho e dedicação da equipa técnica, que sempre se demonstrou receptiva para acolher novas ideias, e fomentar a ligação entre os adultos mais velhos e toda a comunidade institucional, contribuindo com ideias para atividades a desenvolver. Contudo, a sobrecarga de funções e tarefas por parte das auxiliares deixa pouca margem de manobra para que tal seja possível. Assim, atendendo às condicionantes foram levadas a cabo quatro atividades. Assim, a primeira atividade denominada “Paz”, foi realizada no início do mês de janeiro com o intuito de levar à letra o dito popular “ano novo, vida nova”, como simbologia de um recomeçar. Esta atividade surgiu de uma conversa intencional, com os adultos mais velhos acerca do Natal e dos seus desejos para um novo ano. A ideia espalhou-se e foi bem acolhida por todos os atores sociais. Destaca-se aqui particularmente o entusiasmo das auxiliares, pois era uma atividade conjunta e tal nunca tinha

acontecido até então, “normalmente fazemos as coisas para eles” (auxiliar A). A atividade consistiu em que cada pessoa escrevesse o seu desejo num papel, posteriormente seriam os adultos mais velhos a tratar de todo o processo de construção, ou seja, a anexar cada mensagem a um fio, que por sua vez ia ser amarrado a um balão com hélio, para posterior lançamento em conjunto. Todo o processo foi da responsabilidade e organização das pessoas apoiadas, sendo que o enchimento dos balões com hélio esteve sob a responsabilidade da equipa técnica. No dia do lançamento, cada pessoa tinha o seu balão com a sua mensagem, prestes a ser enviado no espaço exterior da instituição. Neste dia estavam presentes toda a comunidade institucional, incluindo a creche, equipa técnica, equipa não técnica, voluntários, motoristas e o órgão máximo da direção. Proferiram-se algumas palavras reflexivas antes do lançamento, e seguidamente a uma contagem decrescente foram lançados os balões. Destaca-se o empenho e dedicação que as pessoas tiveram querendo participar e deixar as suas mensagens, mesmo nos casos em que por motivos pessoais ou profissionais não puderam estar deixando as suas mensagens para serem enviadas juntamente com os demais. No final desta atividade conjunta, foram expressados por todos agradecimentos pelo empenho e dedicação, desta que foi a primeira atividade conjunta na instituição. A animadora sociocultural sorria intensamente, proferindo “foi tão lindo”. E assim, com pequenas conquistas se enaltece uma equipa saturada e cansada que precisa de reafirmação e validação (OE3.1., OE3.2., OE3.4.).

O dia do pensamento consistiu em que cada pessoa deixasse uma mensagem escrita num mural colocado à entrada da instituição, com mensagens de apoio ou meros pensamentos. Cada pessoa da instituição pôde ler e escrever a sua mensagem. O objetivo embora que parcialmente atingido, mais uma vez pela falta de tempo e sobrecarga de funções da equipa técnica e não técnica era de reflexão conjunta com todas as pessoas da instituição e levantamento das perceções do que pode ser melhorado em conjunto tendo em conta os recursos e potencialidades daquela instituição. As mensagens escritas eram essencialmente de desejos de saúde e prosperidade para todos os elementos da instituição. As mensagens eram escritas por

todos, desde a equipa técnica e não técnica aos adultos mais velhos que através de escrita, desenho ou artes plásticas deixaram a sua reflexão/pensamento.

A atividade “aos olhos dos outros”, revelou ser uma mais-valia, por se poderem ver através dos outros, pois o intuito era descrever características uns dos outros. Contudo, apesar da equipa técnica estar presente (diretora técnica, animadora sociocultural, e administrativa/ escriturária), a atividade apenas foi parcialmente atingida, uma vez que só uma auxiliar esteve presente. Nesta dinâmica grupal, as pessoas puderam devolver aos outros a imagem que têm acerca dos mesmos. Principalmente a equipa técnica demonstrava-se muito recetiva por perceber a imagem que transparecem do seu trabalho “quero muito saber o que pensam de mim, que imagem eu lhes passo” (animadora sociocultural). Foi perceptível a atenção e participação ativa de todos os adultos mais velhos, que sem medos e receios, e com grande satisfação enalteciam as características dos colegas e técnicos. As críticas foram aceites de forma construtiva, e as próprias pessoas reconheciam em si essas características tendo sido proporcionado um momento de reflexão, compreensão e valorização das características pessoais de cada um (OE1.1, OE1.2, OE1.3, OE2.1., OE2.2, OE2.4., OE3.1, OE3.2, OE3.3, OE3.4.). Em última análise, foi ainda possível compreender como o grupo de pares ainda não se conhece na íntegra, “não sei o que dizer acerca da senhora, nunca falei com ela” (D. Maria A.), abrindo assim uma janela de oportunidade para que novas amizades sejam criadas e permitindo a reflexão de que ainda têm um longo caminho pela frente.

Por último, e considerada a atividade de maior sucesso, o “lanche mais partilhado”, consistiu num piquenique, que contou com a contribuição de todos. O “lanche mais partilhado” adveio de uma conversa intencional com a equipa técnica, e consistia inicialmente na realização de um piquenique para as pessoas apoiadas, no parque da cidade. Contudo as adversidades e toda a logística para a realização do mesmo fizeram com que em conjunto pensassem numa outra alternativa, e surgiu da parte da diretora técnica a ideia de ser feito na própria instituição, aproveitando o jardim amplo e espaço exterior, que raramente são usados. Aos adultos mais velhos, a ideia foi acolhida com gosto, e de forma a não sobrecarregar a cozinha na preparação do

piquenique, escolheram a ementa que os próprios iriam realizar e confeccionar. O convite chegou às auxiliares, e aos restantes membros da instituição que surpreendidos referiam “não vamos ter de fazer o lanche? E vamos ter tempo para estar com eles!” auxiliar M. (OE3.1., OE3.4.). Foi-lhes unicamente pedido que se tivessem materiais para piquenique como mantas, cestas de vime, guarda-sóis, que pudessem trazer, seria útil. Foi ainda reforçado que o objetivo não era trabalhar, mas sim o de conviver e confraternizar com toda a comunidade institucional. Também a diretora técnica assumiu um papel preponderante ao realizar com os adultos mais velhos os preparativos para o lanche, ensinando-lhes a fazer uns folhados de maçã e canela. A mesma, tinha ultimamente participado mais ativamente na dinâmica dos adultos mais velhos, cantando e dançando com eles, coisa que até então não tinha sido observada. Embora o seu tempo seja escasso, denota-se uma mudança na postura adotada pela mesma, mais liberta, sem constrangimentos mostrando-se mais ativa e participativa no quotidiano das pessoas apoiadas. Admirados, os adultos mais velhos chegaram a comentar “olha a doutora a dançar” (D. Laura). Importa ainda esclarecer que toda a ementa foi elaborada pelos adultos mais velhos, quando autorizada pela direção técnica e enfermeira de poderem fazer um lanche diferente. Confeccionado o lanche, o espaço exterior foi organizado para serem realizados jogos tradicionais. Como era necessária mais força física, os motoristas, animadora sociocultural, voluntários e mestranda organizaram a disposição das mesas, assim como os guarda-sóis, enquanto os adultos mais velhos e voluntária dispunham o “manjar” pelos pratos, e cestas. Foram realizados jogos tradicionais antes de iniciar o lanche e a adesão dos adultos mais velhos foi total, salientando-se que apenas três pessoas não foram para o espaço exterior da instituição. Todos os outros se deslocaram até ao jardim, incluindo direção técnica e não técnica. Destaca-se aqui um feito, uma vez que sempre foi constatada a falta de vontade dos adultos mais velhos em se deslocar para o exterior, e, no entanto, naquele dia estavam lá todos por vontade própria. Era espelhado o sorriso, e a felicidade por todos estarem a partilhar o mesmo espaço, interagir com colegas e relembrar os jogos tradicionais. O companheirismo e

compreensão pelo outro foi salientado novamente por estes beneficiários, ao referirem “temos de levar lanche às senhoras lá dentro” (D. Maria F.), não esquecendo as colegas e querendo partilhar um pouco do momento e convívio em que todos estavam (OE2.1., OE2.2., OE2.3. OE2.4.). O espaço exterior do jardim estava repleto de vida. As pessoas da instituição estavam maioritariamente lá e partilhavam histórias, brincadeiras, sorrisos, fotos, “devíamos fazer isto uma vez por mês” auxiliar S.; “Ai menina, não imagina há quanto tempo não comia um pão com ovo estrelado, que saudades, que recordações” (D. Laura). “Foi tão bom termos tempo para os idosos, estou tão feliz” (escriturária/ administrativa). O recurso a estes pequenos trechos revela-se limitativo para descrever as expressões transmitidas através dos sorrisos e da confraternização sentida. A envolvência, a satisfação dos atores sociais, que embora com alguns receios, acreditaram que era possível organizar e realizar um piquenique. Finalizada a atividade foi reforçada, pelos profissionais, a capacidade de interajuda, e que apesar dos desafios, eles foram capazes de levar a cabo e desenvolver autonomamente “nem acredito que conseguimos, isto foi feito por nós” (D. Maria H.).

Ação C – “Em busca de um trabalho em equipa”

Como anteriormente referido, a ação C, pretendia minimizar o problema das “escassas oportunidades de interação positiva entre profissionais técnicos e não técnicos, bem como o pouco envolvimento ativo no quotidiano das pessoas apoiadas”, pretendendo responder ao OG4 “promover melhor interação entre equipa técnica e colaboradores” e os seus respetivos OE. No seguimento do exposto, e com base nas conversas intencionais levadas a cabo com a direção técnica e ocasionalmente com as auxiliares de ação direta, foi colocada a hipótese de existirem sessões onde as auxiliares se pudessem reunir, para debater os mais diversos assuntos ou mesmo para relaxar. Foi proposta pelas próprias, a utilização da sala de *snoezelen*. A ideia agradou à direção técnica e às auxiliares “temos quem se preocupa connosco e nos dá atenção” (auxiliar J.). Por sugestão das auxiliares ficou estabelecido um contacto quinzenal, horário pós-laboral. O envolvimento das pessoas e disponibilidade foi imediata, e o grupo demonstrava-se recetivo a acolher/abraçar uma nova ideia. Como referido, as

auxiliares de ação direta têm uma sala, onde mudam de roupa e onde se encontram os cacifos e também o “quadro de recados”. Neste quadro constavam os avisos/solicitações, entre outros assuntos por parte da direção técnica, dirigida às auxiliares. Procurou-se desmistificar este “quadro de recados”, colocando mensagens positivas, como “sorrir é a curva mais bonita”, como forma de incentivo e motivação. As mesmas à medida que iam vendo as mensagens, comentavam e sorrindo quando o viam. O papel para as sessões, era colocado nesta sala com cerca de quinze dias de antecedência por forma a permitir os seus ajustes pessoais. No momento em que ia ser colocada a folha por vezes acontecia de encontrar auxiliares e do que foi observado as mesmas aproveitavam este espaço para passar o turno, ou descansar. Nestes momentos de convivência, as auxiliares manifestavam também o seu cansaço e desmotivação e iam revelando como ia ser gratificante poder estar na sala de *snoezelen* para descontrair um pouco.

Esta atividade contou com três sessões. Na primeira sessão, estiveram presentes quatro pessoas. A atividade tinha como objetivos a exploração das expectativas de cada uma face aos encontros bem como a posterior partilha grupal. Com a partilha destas expectativas, pretendia-se clarificar e consolidar os objetivos a que estas sessões se propunham, para que as mesmas, fossem ao encontro das esperadas pela mestrande. Neste sentido, foi-lhes lembrado qual o papel e objetivos enquanto interventora naquele contexto. O culminar da primeira sessão resultou da exploração das suas expectativas, sendo que todas pretendiam “partilhar dúvidas e perceções; melhorar relações, ter tempo de conversar e tirar dúvidas e receios e descontrair”, Esta primeira sessão foi importante para salientar alguns aspetos, nomeadamente que como interventora social naquele contexto não pretendia “ser moça de recados”, o foco seria dirigido às auxiliares, no entanto, se houvesse alguma questão que elas quisessem tratar com a equipa técnica todas juntas arranjariam uma forma de o fazer. Posto isto, foi-lhes questionado acerca de alguma temática específica que gostariam de explorar na sessão seguinte, ao que referiam “tirar partido da estimulação sensorial e do *snoezelen*” (Auxiliar A.). Assim, a segunda sessão, contou com a participação de

quatro auxiliares e tinha como objetivo proporcionar um momento de relaxamento e o usufruto do equipamento disponível. As auxiliares puderam perceber como funcionavam os mais diversos estímulos sensoriais, bem como fazer massagens umas às outras, o que lhes permitiu mais contacto inter-relacional. No fim realizou-se um pequeno lanche e falou-se acerca de algumas questões acerca do trabalho. Nesta sessão, destacam-se a alegria, e sorrisos de descontração, de momentos de partilha e interação entre elas, que poucas vezes tiveram oportunidade de experienciar. A terceira sessão, contou com cerca de cinco pessoas e tinha como objetivo a exploração de medos e receios profissionais e pessoais, uma vez que através das conversas intencionais e observação participante em reunião com auxiliares e equipa técnica foi perceptível o que outrora referido pela diretora técnica “falamos umas com as outras, mas nas reuniões não dizem nada”, transparecendo algum desconforto/medos. O intuito era entender o que as inquietava, e não tanto vocacionado para a questão laboral, mas desconstruir um pouco esta questão das angústias e dos receios pessoais e profissionais. Assim, aproveitando os recursos da sala de *snoezelen* foi criada uma situação hipotética (apêndice F) onde de olhos vendados com música alta, foi provocado medo. Posteriormente a essa situação, calmamente foram incentivadas a refletir acerca do que sentiram, e onde tiveram oportunidade de partilhar várias histórias pessoais, onde sentiram receios e medos. Em seguida escreveram num papel o maior medo que sentiam e que tinham, de forma anónima, de modo a que o grupo pudesse ajudar a fazer frente a esse receio e desconstruir de onde vinha e como poderia ser enfrentado daí em diante. Contudo, esse momento não aconteceu, uma vez que o envolvimento fez com o que tempo passasse muito rápido e não permitisse terminar essa etapa, ficando para a próxima sessão. Contudo, esta sessão não aconteceu. Foram marcados mais encontros, nos meses que sucederam, e segundo as suas disponibilidades só uma ou duas auxiliares colocavam o nome, e no dia acabavam por desistir, por considerarem ser poucas.

Denota-se assim que esta ação não cumpriu totalmente com todos os objetivos. Os contratempos e adversidades do dia-a-dia, fizeram com que não chegassemos ao

cerne da questão. Todavia das sessões existentes destaca-se o esforço e dedicação que estas profissionais dedicam ao seu trabalho. E que ainda que parcamente tiveram contacto e convívio mais próximo umas com as outras. Foi perceptível que as auxiliares que foram estando presentes nestes encontros, eram também as auxiliares que se encontram há mais tempo no ativo, na instituição. Estas profissionais demonstram maior cansaço e saturação, e compreendem a importância de um trabalho em equipa, sentindo a dificuldade de ser cuidador. E nestas sessões demonstraram a suas perspetivas de como é “ver o mundo com os nossos olhos”.

Mais se salienta que as sessões eram preparadas antecipadamente pela mestrandia, tendo por base as expectativas e interesses destas profissionais, contudo, essas linhas orientadoras não eram seguidas de forma rígida, uma vez que era dada abertura a estas profissionais de gerirem o seu tempo e abordarem outros assuntos do seu interesse.

4.5. AVALIAÇÃO DO PRODUTO

A avaliação do produto de Stufflebeam e Shinkfield (1995), diz respeito ao momento final de avaliação do projeto. Este é um momento que deve ser refletido, e onde devem compreendidos os efeitos e resultados positivos ou negativos do alcance que o projeto produziu (Cembranos, Montesinos, & Bustelo, 1988). Para tal, o propósito da avaliação do produto é verificar os resultados alcançados, tendo em consideração os indicadores de avaliação. Desta forma, foi possível depreender se o projeto foi ao encontro das reais necessidades dos atores sociais, bem como se foram alcançados os objetivos gerais e específicos, efetivando-se a verdadeira mudança (Stufflebeam & Shinkfield, 1995).

Partindo da avaliação do contexto, e do desenvolvimento do projeto, julga-se que as ações A, B e C, foram ao encontro das necessidades identificadas pelos atores sociais, respondendo assim à maioria dos objetivos que estavam delineados.

No que diz respeito à primeira ação “olhar e recordar para contar”, que compreendia o alcance do OG1 e OG2 e seus respectivos OE, considera-se que os mesmos foram conseguidos. Através dos indicadores de avaliação, foi perceptível que à medida que as atividades foram sendo realizadas, os atores sociais demonstravam uma participação mais espontânea, maior envolvimento nas atividades, aumentando o número de participantes ativos em cada atividade, assim como foi sentida uma maior confiança em si mesmos e nas suas capacidades. Nos momentos de reflexão grupal, de partilha de experiências e histórias pessoais, as pessoas foram capazes de ouvir e compreender o colega, partilhar a sua opinião, bem como ouvir e respeitar a opinião do outro, colocando-se no seu lugar, compreendendo-o, não adotando uma atitude de julgamento. Frases como referiu o senhor Joaquim e dona Arminda são exemplos disso “amor é não pedir nada em troca, é fazer pelo outro”; “somos uma família aqui dentro”, reforçando o facto de que a mudança nas suas atitudes, e uma postura mais firme e confiança seria benéfica para o seu bem-estar (OE 1.1, OE1.2., OE1.3, OE2.1., OE2.2, OE2.3, OE2.4., OE2.5.). Da mesma forma, a profissional que mais tempo se encontra com os adultos mais velhos foi capaz de compreender e mudar a sua atitude. O mesmo é evidente numa passagem aquando da sua entrada na sala onde refere “meninos vamos lanchar” e rapidamente se autocorrige, rindo-se, como que tomando consciência de forma refletida que de não é a forma mais correta, reformulando o seu discurso “meus senhores e minhas senhoras, vamos lanchar”. Outros indicadores demonstraram que a mudança de atitude na profissional foi evidente, nomeadamente na participação ativa nas conversas com os adultos mais velhos, que permitiu que estas os conhecesse melhor, e compreendesse os seus gostos e interesses, adaptando/ajustando assim as atividades ao seu grupo, e não para mero cumprimento do plano de atividades. Desta forma, a animadora sociocultural foi capaz de valorizar cada pessoa individualmente, adaptar e corrigir a sua postura em relação aos adultos mais velhos de forma a valorizar e respeitar cada um (OE1.4., OE1.5., OE3.2., OE 3.3, OE.3.4, OE3.5). Importa aqui também salientar o feedback dos educadores em relação às atividades realizadas. Os educadores parecem ter considerado como pertinente o

desenvolvimento de um projeto de educação e intervenção social, ao reforçarem a importância do contacto entre as crianças e os adultos mais velhos, bem como valorizaram a presença de um profissional na área da educação e intervenção social, neste centro social referindo “ser uma mais-valia na instituição”. Reforçaram a ideia de que muitas atividades são realizadas para mero cumprimento do que está estipulado no plano de atividades, e que a receptividade em acolher novas ideias era parca, e que neste sentido um profissional, com outras lentes que observa o contexto e interage nele era fundamental. Pensa-se assim, que foi deixada uma porta aberta, para a continuidade do projeto entre as duas valências, uma vez que o balanço das atividades intergeracionais foi muito positivo de ambas as partes, e o desejo, quer por parte dos educadores, quer por parte dos adultos mais velhos, de um convívio mais frequente e próximo fossem desenvolvidas.

No que concerne à ação B “Caminhando lado a lado”, alusiva ao OG3 e seus OE, considera-se que os mesmos foram alcançados, contudo denota-se o pouco tempo de atuação e poucas atividades desenvolvidas com toda a comunidade institucional, uma vez que a equipa técnica e não técnica, não dispunham de tempo para permanecer nas atividades, bem como nem todas podiam estar todas ao mesmo tempo na mesma atividade. Todavia, atendendo às condicionantes e tendo em conta as atividades realizadas, pensa-se terem sido alcançados os seus propósitos. Tendo em consideração a pouca interação entre os adultos mais velhos e os profissionais, como a equipa técnica e auxiliares, as atividades concretizadas visavam o convívio mais frequente, de qualidade e interações positivas entre todos os agentes, bem como a participação ativa destes profissionais no quotidiano das pessoas, o que de facto se verificou. O mesmo foi constatado através do discurso de algumas auxiliares “ainda bem que vamos ter algum tempo para estar com eles, sem ser a trabalhar”; “andamos sempre a correr que nos esquecemos por vezes que o principal são eles” (OE3.1., OE3.2., OE3.3., OE3.4., OE3.5.). Evidencia-se ainda, que por falta de recursos humanos disponíveis na instituição por se encontrarem de férias, o que contribuía ainda mais para a sobrecarga de trabalho, uma outra atividade de encerramento não foi

completada, tendo apenas sido realizada com os adultos mais velhos. A mesma consistia no lançamento de uma mensagem conjunta (ao invés da mensagem individual na atividade da “Paz”, ação A). Desta forma, a atividade foi realizada com alguns atores sociais, onde mais uma vez foi reforçada a ideia do respeito, partilha e valorização pelo outro “Um por todos e todos por um. Unidos no amor e na alegria. Que cresçamos juntos”.

Na ação C “Em busca de um trabalho em equipa”, considera-se que os OG4 e inerentes OE, foram parcialmente atingidos. Esta ação contribui para o reconhecimento de que o trabalho em equipa é fundamental, bem como para a exploração de alguns temas de reflexão. Alguns constrangimentos surgiram de imediato com a formação do grupo, nomeadamente com a sua composição, no sentido de agrupar ou não a equipa técnica (diretora técnica, administrativa/ secretaria, e animadora sociocultural), e equipa não técnica (auxiliares). Após conversas intencionais com ambas, considerou-se a pertinência da existência de um grupo apenas com as auxiliares. As convocatórias das sessões de grupo, foram colocadas por sugestão das mesmas, na sala das auxiliares, por permitir um melhor acesso. Nestas sessões estavam presentes em média quatro a cinco participantes, e no final era realizado um pequeno lanche convívio, onde surgiam por vezes os assuntos de maior reflexão (Apêndice F). Contudo o número de sessões não permite exprimir com rigor até que ponto foram alcançados com êxito os objetivos delineados, uma vez que o número de participante tinha vindo a aumentar, e o ambiente sentido no grupo era bom, inclusive sempre que alguma colega no decorrer do dia-a-dia referira sentir-se cansada, ouvia-se “tens de ir às sessões, iam fazer-te bem”. Desta forma pensa-se terem sido os constrangimentos do quotidiano, o entrave ao desenvolvimento conclusivo desta ação, uma vez que estavam reunidos os fatores da motivação, do entusiasmo, mas, contudo, o fator tempo e disponibilidade fez com que ditasse o seu término. Também é de salientar que como referido as auxiliares ficaram sem disponibilidade de tempo pois receberam formação na instituição. Nesse período verificou-se que as mesmas andavam frustradas e irritadas, pois a formação era para

todos os elementos da instituição, incluindo equipa técnica, e os módulos da formação consistiam em “organização e gestão do tempo; trabalho em equipa; ser cuidador”, módulos estes considerados pela instituição como importantes para promover a reflexão das suas práticas diárias. Nesta formação, era relatado o ambiente tenso que se vivia e a vontade de desistir do mesmo. Assim, no que concerne a esta ação, e embora se considere que a mesma foi parcialmente atingida devido aos constrangimentos do quotidiano, há que ressaltar a boa relação que permaneceu entre auxiliares e mestrandos e as conversas intencionais que se foram estabelecendo ao longo de todo o projeto. O exemplo disso era a receptividade com que as mesmas aceitavam as atividades conjuntas, embora posteriormente não pudessem estar presentes, bem como alguns dos seus relatos “Você é que devia estar cá, é tão calma e compreende-nos” (auxiliar A.).

Como constrangimentos aponta-se o facto da existência de atividades que eram coincidentes com as atividades de projeto, o que levava a que as mesmas fossem adiadas; a postura da diretora técnica face às auxiliares, nomeadamente no que respeita à maneira de proferir o seu ponto de vista; o pouco tempo disponível pelas auxiliares pela sobrecarga de trabalho, e as ilações que por vezes eram tiradas por parte da equipa técnica quando observavam alguma auxiliar a conversar umas com as outras no refeitório, ou mesmo com os adultos mais velhos, sentadas na sala de convívio. Considera-se assim, que a última ação após muita reflexão, não cumpriu na íntegra os seus propósitos, uma vez que o projeto, embora ambicioso por proporcionar uma mudança em todos os seus intervenientes, não pode mudar características intrínsecas na personalidade das pessoas.

O nome do projeto “O Outrora de hoje”, foi adaptado em conversas intencionais com todos os elementos da instituição, uma vez que o nome original, escolhido pelos adultos mais velhos seria “antigamente era bom, mas agora também o pode ser”. Esta reformulação deve-se ao facto da dupla conotação que o mesmo pode assumir. A primeira interpretação, prende-se que enquanto interventora social neste contexto, fui observando e constatado a assimilação destas pessoas ao seu passado, aos seus

tempos do antigamente em que as coisas eram boas, e o quanto essas recordações despoletavam nostalgia e saudade, sentindo-os como tempos que não voltarão mais. Ao refletir, denoto que talvez a ambição de tornar os tempos de hoje tão bons como os de antes, lhes tenha causado alguma suscetibilidade, pois a realidade é que os momentos foram passados e vividos por estes, e não voltam mais, tal como sempre fora referido por eles “foram tempos muito bons, que hoje já não é nada disso” (M.A.S-S.A.D.). A segunda interpretação refletida com os beneficiários no término deste projeto, prende-se com o facto de que antigamente nos seus tempos terem realmente vivenciado coisas boas, momentos inesquecíveis, em tempos difíceis e de muito custo (dolorosos pelas condições em que viviam), mas que, no entanto, com a realização deste projeto, e a permanência de alguém diferente no contexto, lhes deu a possibilidade de recordar, vivenciar esses momentos de alegria, de amor, de compaixão pelo outro, de interajuda, de que em grupo são mais fortes e mais resilientes aos desafios. Também lhes proporcionou a redescoberta do amor por si próprio, da sua opinião, de que não é por pagarem um serviço que têm de permanecer “no seu canto”, mas que podem e devem manifestar o seu descontentamento, assim como sugerir novas coisas para fazer, ideias até então não pensadas. Deste modo, perceberam como ainda são capazes de fazer muitas coisas, e contribuir para a instituição com ideias, convívios, cozinhados, entre tantas outras coisas que estão ao seu alcance. Concluiu-se assim junto destas pessoas que se encontram mais resilientes e aptos para fazer face a problemas, lidar com situações, contribuindo deste modo para uma maior satisfação de vida e um envelhecimento mais satisfatório (Afonso, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Frequentemente, é necessário insistir; no entanto não o é menos saber desistir”

(Matos, 2004, p. 28)

É com esta reflexão inicial, que algumas considerações finais são tecidas, nomeadamente no que concerne ao longo e custoso desafio que foi elaborar um projeto de educação e intervenção social. O contacto com a realidade, faz-nos perceber que cada pessoa vive o envelhecimento de forma diferenciada, e como interventores sociais muitas vezes não estamos preparados para saber lidar com alguns desafios inerentes ao trabalho no terreno.

Contudo, o tempo para a realização de um projeto em educação e intervenção social e o tempo de maturação/adaptação dos sujeitos, faz transparecer incoerências, quando se trata de uma verdadeira mudança. Por esse motivo, e por questões pessoais houve necessidade de uma readaptação do interventor social, face ao desafio a que estava exposto. Trabalhar em projeto é muito mais do que estar no contexto com pessoas. É estar no terreno com cada pessoa, com as suas individualidades, características, desafios, personalidades. É estar envolvido amorosamente (Matos, 2004), não no sentido literal da palavra, mas no sentido de nos sentirmos como interventores implicados no contexto, onde vivemos parte do dia-a-dia das pessoas, e passamos a ter uma imagem representativa na mente de cada um deles. Assim, a evidência que é redutor e difícil passar para escrito aquilo que é a vivência no terreno. Crescemos grandemente, e vivemos intensamente o dia-a-dia das pessoas e por vezes faltam as palavras que consigam abarcar tudo aquilo que os olhos observam e que se traduz na expressão facial das pessoas, e na relação emocional que desenvolvemos com elas. Neste sentido, também é questionado até que ponto este “envolvimento amoroso” mais propriamente o envolvimento emocional, não se tornará prejudicial, uma vez que o objetivo do interventor social pressupõe um envolvimento e

transformação social, e que posteriormente o mesmo deixando o seu legado, deixe de ser necessário. Mas, a inter-relação com as pessoas deixa mais do que momentos vividos, e aprendizagens realizadas, deixa também saudades de pessoas. Como referido “os afetos não se encomendam, brotam espontaneamente” (Matos, 2004, p. 28), e como interventora neste contexto reflito acerca destes afetos que ficam guardados, porque foram verdadeiramente sentidos, quer por mim, quer por todos os envolventes, denotado através dos seus discursos. Numa destas dificuldades, ressalva-se também a necessidade da interventora social, em se adaptar à linguagem usada pelos sujeitos, sendo esta mais simples, e de gíria popular, pois era sentido uma dificuldade em conseguir chegar até eles, bem como de ser percebida.

Este projeto contou como metodologia preferencial, investigação-ação participativa, e como modelo avaliativo CIPP. Sem entrar em pormenorização, queria sublinhar a importância dos mesmos no desenvolvimento deste projeto. Vivemos numa sociedade, onde imperam estereótipos, juízos de valor e onde o critério da idade pode potenciar a exclusão social (Menezes, 2016). Da mesma forma, com o envelhecimento populacional, cada vez mais demarcado em Portugal, são equacionadas as políticas públicas e serviços existentes, parecendo insuficiente para responder, ao envelhecimento de hoje. Parece, assim, emergir a necessidade de um novo paradigma, onde a “razão de ser” possa ter voz. Para isso, existe todo um longo e custoso caminho a ser percorrido pelas instituições, e pelos profissionais que nela laboram, uma verdadeira reforma estrutural de toda a forma de pensar. Nesta instituição, esta metodologia, ainda que “como uma gota no oceano” (dito popular), permitiu mudar algo. Possibilitou a permanência de um interventor social, e com base naquilo que eram os discursos daquelas pessoas, potencia-los com ferramentas para que, pudessem encontrar alternativas aos seus problemas. Assim, considera-se que foi um passo corajoso desenvolver um projeto que vai além da aceitação passiva das rotinas institucionais. Ao longo do tempo, foram sendo perceptíveis estas mudanças, as pessoas participavam de forma espontânea nas atividades, contribuindo com ideias, e engrandecendo com os seus contributos. Também estavam mais cautelosos, em

relação ao modo como falavam uns com os outros, sem discussão, esperando pela sua vez de falar, ouvindo o colega, respeitando-o. O envelhecimento é encarado por todos numa perspectiva diferente, e a sua satisfação de vida, entre o seu contexto atual e passado, no quadro de uma visão dialética entre as pressões ambientais e as suas capacidades adaptativas (Paúl, 1991), contribuiu em larga medida para que o mesmo seja encarado de forma positiva, sem, no entanto, esquecer que o mesmo só faz sentido enquadrado numa perspectiva ecológica do desenvolvimento. Todavia, se compreende que o aumento da longevidade, nem sempre corresponde a um aumento do nível de bem-estar de vida, sendo necessário ter em conta as suas necessidades e expectativas.

Não só nos adultos mais velhos foram perceptíveis as mudanças. A equipa técnica teve uma importância fundamental em reconhecer os problemas institucionais, e ao demonstrarem-se recetivos à mudança e à melhoria dos seus serviços, tendo contribuído com ideias, enquanto atores fundamentais na construção do mesmo.

Contudo, ao refletir, denota-se a conjugação da metodologia IAP, com a filosofia Humanidade, que se demonstrou essencial em todo o percurso, e que contribuiu em grande medida, para a sua concretização. Aliada a esta metodologia de investigação-ação participativa, já por si inovadora, e detentora de características que fazem dela “única”, foi, relevante a sua articulação com a filosofia Humanidade e abordagem de *snoezelen*. Considera-se que estas duas estratégias se complementam, numa harmonia que traduz riqueza para os contextos, dado que revelam a riqueza da importância do profissional, da pessoa, e da relação que se estabelece entre ambos. A ética, aliada a uma prática refletida, deverá ser a conduta a seguir, para que um trabalho possa ser desenvolvido eficazmente e produzir resultados nos seus sujeitos, tal como aqui foi evidenciado.

Ainda em relação a este projeto, salienta-se a boa relação interpessoal entre a todos os elementos da instituição e a mestrandas. Particularmente os adultos mais velhos, com quem manteve uma relação de maior proximidade. Desde o início, que cada um deles foi visto como um ser individual, único (Apêndice D), com imensas

capacidades. Neste sentido, as reflexões, as devoluções proferidas a estes beneficiários, eram sempre no sentido de lhes dar voz, de os capacitar e fomentar o empoderamento individual, no sentido de os tirar da atitude passiva adotada. Acreditava que o facto de as pessoas estarem envolvidas, implicadas criticamente em ações e atividades despoletava nelas uma maior tomada de consciência quanto aos seus recursos e capacidades, para que fossem criadores do conhecimento. Agora, olhando e revendo todo o percurso por eles realizado, não poderia deixar de sentir que todos os desafios valeram a pena. Exemplo disso, foi a primeira atividade realizada por todos, intitulada de “Paz”, onde cada pessoa tinha um balão na mão, com uma mensagem individual, já por si um grande passo, mas ainda maior foi findar este percurso com um único balão, representativo de todas as pessoas da instituição, e uma única mensagem, onde todos contribuíram para a sua elaboração, e onde se podia ler “um por todos, todos por um. Unidos no amor e na alegria. Que cresçamos juntos. Obrigada”. Talvez o exemplo mais claro da evidência de um trabalho refletido, coconstruído, e onde acima de tudo espelha a implicação crítica destas pessoas. Em visitas posteriores à conclusão deste relatório, continua a sentir-se o mesmo carinho, implicação, interajuda, reflexão, quer nos relatos da equipa técnica, quer dos adultos mais velhos, o que faz transparecer um trabalho de crescimento dos próprios.

Deste modo concludo, referindo que, apesar de considerarem que o trabalho social, deve ser isento de favoritismos, ou preferências pessoais, (Banks & Nohr, 2008) de modo a que seja mantida uma boa conduta ética, a verdade é que trabalhamos com pessoas, com todas as suas características, emoções, sentimentos, tornando-se verdadeiramente custoso quando sabemos que o nosso trabalho é “estar de passagem”. No entanto, fico de coração cheio, por todas as experiências, contribuições e riquezas que estas pessoas me deram. Aprendi muito com estas pessoas, tal como sempre lhes disse, e essas memórias, levo-as eternamente.

REFERÊNCIAS

- Afonso, R. (2011). *Reminiscência como técnica de intervenção psicológica em pessoas idosas*. Santa Maria da Feira: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Almeida, A. (2016). Gerascofobia. In C. Moura (Ed.), *Novas competências para novas exigências no cuidar* (pp. 79-88). Portugal: Euedito.
- Ander-Egg, E. (2000). Acerca de la participación. In E. Ander-Egg (Ed.), *Metodología y práctica de la animación sociocultural*. Madrid: Editorial CCS.
- Assad, A. (2014). *A arte da guerra - na gestão de equipas*. Lisboa: Topbooks.
- Azeredo, Z. (2011). *O idoso como um todo*. Viseu: Psicossoma.
- Banks, S., & Nohr, K. (2008). *Ética prática para as profissões do trabalho social*. Porto: Porto Editora.
- Baptista, I. (2005). *Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético*. Porto: Profedições.
- Barreto, J. (2016). Prevenir o isolamento dos idosos para que a sociedade possa prosseguir sem medo. In C. Moura (Ed.), *Novas competências para novas exigências no cuidar* (pp. 67-77). Portugal: Euedito.
- Bermejo, L. (2013). Boas práticas em centros de dia e em residências de pessoas idosas. In J. Pereira, M. Lopes, & T. Rodrigues (Eds.), *Animação sociocultural, gerontologia e geriatria: a intervenção social, cultural e educativa na terceira idade* (pp. 181-196). Chaves: Intervenção.
- Bonfim, C., & Saraiva, M. (1996). *Centro de dia*. Lisboa: Direcção-Geral da Acção Social. Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação.
- Boutinet, J. (1990). *Antropologia do projecto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Bronfenbrenner, U. (1989). Ecological systems theory. *Annals of Child Development*, 6, 187-249.
- Câmara Municipal de Penafiel. (2015). *Sentir Penafiel*. Obtido de <http://www.cm-penafiel.pt/Default.aspx?areald=1>
- Cardão, S. (2009). *O idoso institucionalizado*. Lisboa: Coisas de Ler.

- Caride, J. (2002). Construir la profesión: la educación social como proyecto ético y tarea cívica. *Pedagogía Social*, 9, 91-126.
- Carvalho, A., & Baptista, I. (2004). *Educação social. Fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora.
- Carvalho, M. (2013). *Serviço social no envelhecimento*. Lisboa: Lidel.
- Cembranos, F., Montesinos, D., & Bustelo, M. (1988). *La animación sociocultural: Una propuesta metodológica*. Madrid: Editorial Popular.
- Coelho, C. (2013). Idades apartadas: pensar o idadismo e a intergeracionalidade. In J. Pereira, M. Lopes, & T. Rodrigues (Eds.), *Animação sociocultural, gerontologia e geriatria: a intervenção social, cultural e educativa na terceira idade* (pp. 63-83). Chaves: Intervenção.
- Conselho Local de Ação Social de Penafiel. (2014). *Diagnóstico social de penafiel*. Obtido de <http://www.cm-penafiel.pt/pt-pt/servicos-municipais/familia-e-inclusao-social/inclusao-social/rede-social.aspx>.
- Cornaton, M. (1979). *Grupos e sociedade*. Lisboa: Editorial Vega.
- Correia, J. (2003). *Introdução à gerontologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cortesão, L., Leite, C., & Pacheco, J. (2002). *Trabalhar por projectos em educação. Uma inovação interessante?* Porto: Porto Editora.
- Coutinho, C. (2013). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: teoria e prática* (2ª ed.). Coimbra: Almedina.
- Coutinho, J., & Ribeiro, E. (2009). O outro lado da aliança: as características do terapeuta. In E. Ribeiro (Ed.), *Aliança terapêutica: da teoria à prática clínica* (pp. 67-83). Braga: Psiquilíbrios.
- Delgado, P. (2006). *Os direitos da criança. Da participação à responsabilidade*. Porto: Profedições.
- Dias, I., & Rodrigues, E. (2012). Demografia e sociologia do envelhecimento. In C. Paúl, & O. Ribeiro (Eds.), *Manual de gerontologia* (pp. 179-201). Lisboa: Lidel.
- Domingues, M. A. (2012). Capítulo 13 - mapa mínimo de relações do idoso: uma ferramenta para avaliar rede de suporte social. In F. Pereira (Ed.), *Teoria e*

- prática da gerontologia. um guia para os cuidadores de idosos* (pp. 175-188).
Viseu: Psicossoma.
- Fernandes, A. (2012). Trabalhar bem, viver melhor, envelhecer com qualidade. In F. Pereira (Ed.), *Teoria e prática da gerontologia. um guia para cuidadores de idosos* (pp. 227-236). Viseu: Psicossoma.
- Figueiredo, D. (2007). *Cuidados familiares ao idoso dependente*. Lisboa: Climepsi.
- Fonseca, A. M. (2004). *Desenvolvimento humano e envelhecimento*. Lisboa: Climepsi.
- Fontaine, R. (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi.
- Fontes, R. (2014). Gestão de serviços e equipamentos geriátricos. In C. Moura (Ed.), *Idadismo - Prioridade na construção da idade* (pp. 111-117). Portugal: Euedito.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: aaberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Guerra, I. (2007). *Fundamentos e processos de uma sociologia de ação. O planeamento em ciências sociais*. Estoril: Principia.
- Igea, D., Agustín, J., Beltrán, A., & Martín, A. (1995). *Técnicas de investigación en ciencias sociales*. Madrid: Dykinson.
- IGM Portugal. (2016). *Manual de formação: sensibilização humanidade*. Instituto Gineste-Marescotti (IGM).
- Instituto da Segurança Social, I.P. (2015). *Guia prático – apoios sociais – pessoas idosas*.
Obtido de: http://www.seg-social.pt/documents/10152/33603/apoios_sociais_idosos/638b6f1a-61f6-4302-bec3-5b28923276cb.
- Intituto Nacional de Estatística. (2011). *Sentir Penafiel*. Obtido de: <http://www.cm-penafiel.pt/pt-pt/visitar-penafiel/estatisticas-oficiais-do-concelho.aspx>.
- Jacob, L. (2013). *Animação de idosos*. Mais Leituras Editora.
- Lima, R. (2003). *Desenvolvimento levantado do chão...com os pés assentes na terra*. (Dissertação de doutoramento não publicada). Universidade do Porto, Porto, Portugal.

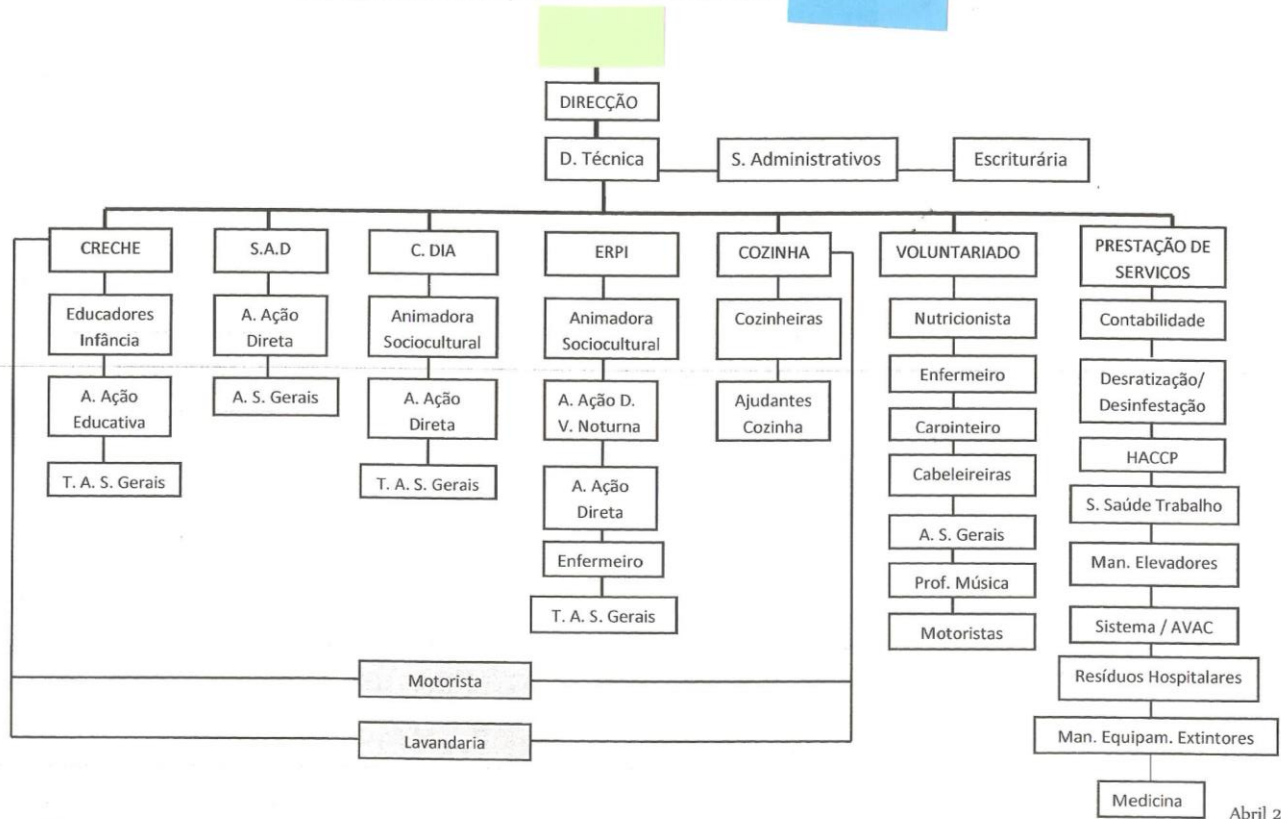
- Madeira, M. (2016). Empowerment no processo de envelhecimento. In C. Moura (Ed.), *Novas Competências para novas exigências no cuidar* (pp. 151-157). Portugal: Euedito.
- Marques, S. (2011). *Discriminação da terceira idade*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Martins, A. (2011). *Snoezelen com idosos*. Lisboa: Agapex.
- Martins, C., & Machado, C. (2006). Observação da interação humana: Considerações metodológicas. *Psicologia: Teoria, investigação e prática*, 11, 159-176.
- Matos, A. (2004). *Saúde Mental*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Medeiros, T., Ribeiro, C., Miúdo, B., & Fialho, A. (2014). *Envelhecer e conviver*. Ponta Delgada: Letras Lavadas Edições.
- Meireles, N. (2016). Padrões de vida na velhice. In C. Moura (Ed.), *Novas competências para novas exigências no cuidar* (pp. 45-58). Portugal: Euedito.
- Mendonça, M. (2002). *Ensinar e aprender por projectos*. Porto: Edições Asa.
- Menezes, N. (2016). Ética e Deontologia: os construtos de uma prática reflexiva. In C. Moura (Ed.), *Novas competências para novas exigências no cuidar* (pp. 161-172). Portugal: Euedito.
- Menezes, O., & Nunes, L. (2014). *O bem-estar, a qualidade de vida e a saúde dos idosos*. Lisboa: Caminho .
- Monteiro, A. (1996). A avaliação nos projectos de intervenção social: reflexões a partir de uma prática. *Sociologia - Problemas e Práticas* 22, 137-154.
- Monteiro, H., & Neto, F. (2008). *Universidades da terceira idade. Da solidão aos motivos para a sua frequência*. Porto: LivPsic.
- Moura, C. (2016). Pensar e compreender o envelhecimento. In C. Moura (Ed.), *Novas Competências para novas exigências no cuidar* (pp. 37-44). Portugal: Euedito.
- Névoa, M. (2016). O papel do diretor técnico numa ERPI. In C. Moura (Ed.), *Novas competências para novas exigências no cuidar* (pp. 181-192). Portugal: Euedito.

- Osório, A., & Pinto, F. (2007). *As pessoas idosas. Contexto social e intervenção educativa*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Paúl, M. (1991). Percursos pela velhice: uma perspectiva ecológica em psicogerontologia. Instituto de Ciências Abel Salazar, Universidade do Porto.
- Pavía, V. S., & Soto, Á. P. (2006). *Evaluación para la mejora de centros docentes*. Madrid: Wolters Kluwer Educacion.
- Pereira, F., Gomes, M. J., & Galvão, A. (2012). Capítulo 5 - ética e humanidade no cuidado do idoso. In F. Pereira (Ed.), *Teoria e prática da gerontologia* (pp. 81-92). Viseu: Psicosoma.
- Pereira, J., Lopes, M., & Rodrigues, T. (2013). *Animação sociocultural, gerontologia e geriatria: a intervenção social, cultural e educativa na terceira idade*. Chaves: Intervenção.
- Pereira, M. (2016). Ambiente saudável em contexto organizacional. In C. Moura (Ed.), *Novas competências para novas exigências no cuidar* (pp. 123-131). Portugal: Euedito.
- Pereira, R., Cotta, R., Franceschini, S., Ribeiro, R., Sampaio, R., Priore, S., & Cecon, P. (2006). Contribuição dos domínios físico, social, psicológico e ambiental para a qualidade de vida global de idosos. *Rev Psiquiatr RS jan/abr*, 27-38.
- Pimentel, L. (2001). *O lugar do Idoso na Família: Contextos e Trajectórias*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Portaria n.º 67 de 21 de março. Diário da República, Série I, n.º 58. Regulamenta as condições de instalações e funcionamento dos lares de idosos .
- Quintana, J. (1986). *Investigación Participativa: Educación de adultos*. Madrid: Narcea.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ribeiro, O., & Paúl, C. (2011). *Manual de envelhecimento activo*. Lisboa: Lidel.
- Salgueiro, N. (2014). *Humanidade, um imperativo do nosso tempo*. Coimbra: IGM Portugal - Humanidade, Lda.
- Sequeira, C. (2010). *Cuidar de idosos com dependência física e mental*. Lidel.

- Serrano, G. (2008). *Elaboração de projectos sociais. Casos práticos*. Porto: Porto Editora.
- Simões, A. (2006). *A nova velhice. Um novo público a educar*. Porto: Ambar.
- Simões, J., Fonseca, M., & Belo, A. (2006). Relação de ajuda: horizontes de existência. *Revista Referência, II*, 45-54.
- Sousa, J. (2013). Animação sociocultural na terceira idade: educação para a vida e educação para a morte. In J. Pereira, M. Lopes, & T. Rodrigues (Eds.), *Animação sociocultural, gerontologia e geriatria: a intervenção social, cultural e educativa na terceira idade* (pp. 233-246). Chaves: Intervenção.
- Sousa, P. (2014). *O conforto da pessoa idosa*. Lisboa: Universidade Católica.
- Stufflebeam, D., & Shinkfield, A. (1995). *Evaluación sistemática. Guía teórica y práctica*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- Taborda, A. (2016). Cuidados adaptados ao idoso acamado. In C. Moura (Ed.), *Novas competências para novas exigências no cuidar* (pp. 115-122). Portugal: Euedito.
- Timóteo, I. (2010). *Educação social e relação de ajuda: Representações dos educadores sociais sobre as suas práticas* (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Évora, Évora, Portugal.
- Timóteo, I., & Bertão, A. (2012). Educação Social Transformadora e Transformativa: clarificação de sentidos. *Sensus, 2*, 11-26.
- Veiga, S., & Correia, F. (2009). O Perfil do Educador Social. *Revista de Investigação e Intervenção Social do ISCE, 2ª série, 3*, 54-64.
- Zimmerman, David, E., Osorio, & Luís, C. (1997). *Como Trabalhamos com Grupos*. São Paulo: Artmed Editores.

ANEXO A – ORGANIGRAMA INSTITUCIONAL

Organigrama da Associação Para o Desenvolvimento de [Redacted]



APÊNDICE A – COMPLEMENTO SOBRE AS TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS MOBILIZADAS

As técnicas de investigação compreendem uma forma de obter informação, “reduzir de um modo sistemático e intencionado a realidade social que pretendemos estudar, a um sistema de representação que resulte numa forma mais fácil de tratar e analisar. A natureza da informação que se obtém como consequência de um processo de redução está estreitamente ligada com a técnica que se utiliza” (Igea, Agustín, Beltrán, & Martín, 1995, p. 35).

Segundo Bisquerra (1989 citado por Coutinho, 2013, p. 24), as técnicas são “procedimentos de atuação e meios auxiliares”. Permitem ao investigador documentar atividades, comportamentos e características físicas, que se determinam úteis como unidade de registo num contexto, permitindo uma anotação de tudo o que se vê ou ouve. Num método podem ser utilizadas várias técnicas de recolha de dados, sendo que podemos dividir as técnicas em três categorias: técnicas baseadas na observação, técnicas baseadas na conversação e análise de documentos.

As técnicas baseadas na observação “o investigador consegue documentar atividades, comportamentos e características físicas sem ter de depender da vontade e capacidade de terceiros pessoas” (Coutinho, 2013, p. 136).

A observação participante é uma das técnicas que responde da melhor maneira às preocupações do investigador em ciências sociais. Esta técnica consiste no estudo de um grupo durante um período de tempo, ao mesmo tempo que participa na vida do mesmo (Quivy & Campenhoudt, 2003). O investigador presta atenção à reprodução dos fenómenos em estudo e à ligação entre as informações recolhidas. No que concerne à dimensão estrutural desta técnica, podemos distinguir entre observação estruturada, de dimensão não estruturada (Coutinho, 2013). Esta técnica apresenta como vantagens a captura dos acontecimentos, no momento exato em que acontecem, a recolha de informações espontâneas e o facto de poder comparar o que

observa com o que está escrito (Quivy & Campenhoudt, 1992). Pode fazê-lo de uma forma pré-definida e com orientações do que pretende observar, são exemplos de instrumentos as grelhas de observação, e compreendem assim uma dimensão de observação estruturada. No entanto, o investigador não pode apenas confiar na recordação daquilo que observou, uma vez que a nossa memória é seletiva e elimina determinados acontecimentos que não considera relevantes no momento. Neste sentido, é muito importante o investigador tomar notas de campo, que depois pode traduzir num diário de bordo, que contempla as suas reflexões e interpretações do que observou, o que permite desenvolver o seu pensamento crítico (Quivy & Campenhoudt, 1992), assentando este tipo de observação não estruturada. Esta técnica transparece o decorrer do quotidiano das pessoas, permitindo ao investigador observar *in loco*, a complexidade e riqueza dos processos envolvidos na interação humana, em múltiplos contextos (Martins & Machado, 2006).

Relativamente às técnicas baseadas na conversação, estas correspondem à perspetiva dos participantes da investigação, e devem estar presentes em todo o processo de coconstrução com as pessoas. Como o nome indica, a conversação envolve a partilha de experiências e conhecimentos, com os demais atores sociais. Deste modo, as mesmas devem deter um caráter intencional, de modo a permitir um conhecimento mais holístico da realidade e das pessoas.

A análise documental centra-se na perspetiva do investigador, de modo a que o obriga a fazer uma leitura e pesquisa de documentos escritos que contêm informações importantes para o estudo em questão. Estes documentos podem ser artigos de jornais e revistas, legislação, atas de reunião, manuais e documentos oficiais da instituição em que estamos a desenvolver o nosso projeto. Neste caso em concreto, a análise dos documentos relativos ao centro de dia, nomeadamente: Regulamento interno, Plano de Atividades de 2016, Organigrama institucional, Processos individuais dos adultos mais velhos, entre outros. Estes documentos permitiram compreender com exatidão muito daquilo que não é perceptível apenas com a observação do quotidiano. Daí se salienta a importância da complementaridade com outras técnicas

de investigação em ciências sociais, pois deste modo, favorecerá a intervenção do interventor social.

Os estudos de caso e as conversas institucionais são técnicas que também podem ser utilizadas numa investigação em ciências sociais. Estas técnicas permitem estabelecer uma relação de proximidade entre o investigador e participante no estudo.

Em todas as investigações é importante conceber o instrumento de recolha de dados capaz de fornecer as informações adequadas e necessárias. Também é importante testar o instrumento de recolha de dados, antes de o utilizar, de modo a assegurar que o seu grau de adequação e precisão é suficiente (Quivy & Campenhoudt, 1992).

APÊNDICE B – PLANO DE ATIVIDADES SEMANAL

Quadro 1. Elaborado através de observação e conversas intencionais

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
Manhã	Caminhada				
	Ateliê livre	Fisioterapia Atividades com dependentes	Piscina	Fisioterapia	Piscina
Tarde	Ateliê artes	Ginástica; Ateliê Musical	Boccia; Ateliê livre	Ginástica; Atividades com dependentes	Ateliê de beleza
	Ritual religioso				

APÊNDICE C - SISTEMATIZAÇÃO DE ALGUMAS CARATERÍSTICAS DAS PESSOAS QUE FREQUENTAM O CENTRO DE DIA

Nome	Habilitações Literárias	Idade e ano de admissão	Estado civil	Profissão	Pessoa responsável e escolaridade	Problemas de saúde	Motivo de inscrição	Hábitos, Gostos, Interesses	Projeto de vida	Outras informações
Ana	Analfabeta	77 Anos; 2015	Viúva	Doméstica	Filha	Hipertensão; crises vesícula, colesterol	Evitar isolamento	Conversar, caminhadas, cozinhar, agricultura	Não dispõe (N.D.)	Familiares encontram-se ocupados profissionalmente
Ana S.	Analfabeta	80 anos; 2017	Viúva	Leiteira	Filha	Cardíacos, reumatismo, bronquite, e audição	Evitar isolamento	Cozinhar, crianças	N.D.	Viúva recentemente

António D.	4ª Classe	72 anos; 2016	Solteiro	Não refere	Cuidadora – família de acolhimento	AVC; Prótese ocular; alcoolismo	Ocupação de tempos livres, combater isolamento, solidão. Promover envelhecimento ativo.	Não refere	N. D.	Foi sem abrigo, discurso vago e não se lembra do passado
António Pereira	Analfabeto	89 anos; 2016	Viúvo	Agricultor	Filho (4ª classe)	Parkinson, dificuldades de mobilidade, artroses, prisão de ventre. Dependente para alimentação	Familiares ocupados profissionalmente	Estar no campo	N.D.	
Arminda	4ª Classe	71 anos; 2015	Solteira	Doméstica	Irmão	Intervenções cirúrgicas (mastectomia total; 2 hérnias; vesícula). Hipertensão e depressão.	Conviver, combater o isolamento e solidão.	Conversar, ver televisão	N.D.	Vive sozinha

Artur	2º Ciclo	40 Anos; 01-07-2014	Divorciado	Polidor de móveis	Mãe	Doença degenerativa detetada aos 26 anos, de origem genética, perda de equilíbrio e atrofia muscular	Encaminham ento hospitalar. Conviver, participar nas atividades desenvolvidas	Computador, passear, ver televisão, conversar.	N.D.	Necessita de fisioterapia e terapia da fala. As prof. Têm dificuldade, pois está na brincadeira e goza com os colegas
Emília	3ª Classe	79 anos; 08-02-2013	Casada	Doméstica	Filho	Demência, multi-enfartes, anemia, bronquite, Parkinson, diabetes, osteoporose, aterosclerose	Combater isolamento, solidão,	Gosta de costurar.	N. D	Familiares encontram-se ocupados profissionalmente.
Eva (Já não se encontra na valência)	4ª classe	79 anos; 18-02-2013	Viúva	Cozinheira	Filho	Anemia, hipertensão, esquecimento	Combater isolamento, conviver. Morte do marido	Costurar roupas e bordar. Religiosa	N.D.	Filhos ocupados profissionalmente. Estes consideram que se automedica.

Francisco D.	4ª Classe	91 anos; 2017	Viúvo	comerciante	filha	Estomago, vesícula, má circulação	Apoio na alimentação e higiene	Passear, conversar	N.D.	
Francisco R.	12º ano	56 anos; 29-05-2013	Casado	Técnico de vendas	Esposa	AVC isquémico, doenças cerebrovasculares, prob. Na próstata. Desorientação, e prob. De audição.	Combater isolamento. Incapacitado de realizar AVD.	Passear, jardinar, televisão, conversar	N.D.	Familiares ocupados profissionalmente. Acompanhado por neurologia no hospital
Isaura	Analfabeta	80 anos; 01-03-2015	Viúva	Doméstica	Filha	Diabetes, hipertensão, AVC (2 com sequelas na marcha e visão)	Conviver, combater o isolamento e ter momentos de lazer	Não refere	N.D.	Familiares ocupados profissionalmente
Joaquim	4ª Classe	83 anos; 18-07-2012	Viúvo	Transportes coletivos	Filho	Audição	Combater o isolamento e a solidão	Jardinar, ver televisão, jogos lúdicos	N.D.	

Joaquina	2ª Classe	77 anos; 16-12-2013	solteira	Doméstica	sobrinha	Audição, osteoporose, prisão de ventre. Fez cirurgia a uma hérnia	Incapacidade da própria em confeccionar uma alimentação adequada aos seus problemas de saúde.	Ir à missa, conversar, jogos lúdicos, jardinar, passear, ver televisão	N.D.	Não dispõe de retaguarda familiar
José	4ª Classe	58 anos; 02-09-2014	Casado	Trolha	Esposa	Traumatismo craniano, tiroidismo, alcoolismo crónico, problemas de visão	Familiares ocupados profissionalmente	Passear, de ir a Fátima. Ver televisão, conversar	Gostava de poder voltar a exercer a sua profissão na construção civil	
Laura	4ª Classe	66 anos;	Viúva	Tomava conta	Filho	Hipertensão, colesterol, artroses,	Encaminhamento hospital, pois	Passear, croché, ouvir	Refere "não gostava	

		28-12-2014		de crianças		hipocondria, problemas psiquiátricos	deslocava-se ao mesmo com alguma frequência e mais que uma vez por dia.	musica, ver televisão, conversar.	a de fazer mais nada”	
María A.	4ª classe	86 anos; 2017	Viúva	Doméstica	Filho	Coração dilatado, tensão pulmonar, retenção de líquidos	Combater o isolamento, conviver	Cozinhar, jardinagem, ver televisão	N.D.	Familiares ocupados profissionalmente
María S.	3ª Classe	78 anos 20-03-2013	Solteira	Doméstica	Sobrinha	Diabetes, hipertensão, colesterol	Combater isolamento e a solidão.	Conversar, passear, jardinar, gastronomia	N.D.	Familiares não residem nas proximidades e estão ocupados
María L.	4ª Classe	79 anos; 02-06-2014	Viúva	Doméstica	Nora	Colesterol, hipertensão, faz controlo de sangue. Dificuldade de exprimir-se e	Conviver, retardar o envelhecimento, combater o isolamento	Costurar, bordar, croché, jogos lúdicos, ouvir	Gostaria de recuperar a sua autonomia.	Familiares ocupados profissionalmente

						falar devido a sequelas de AVC		musica, ver televisão		
Maria E.	4ª Classe	63 anos, 2016	Casada	Doméstica	Marido, 4ª classe	Colesterol, demência de alzheimer	Ocupação dos tempos livres, combater o isolamento e solidão, e sobretudo retardar a evolução da patologia.		N.D.	Familiares ocupados profissionalmente
Maria F.	5º ano	83 anos; 2017	Viúva	Contabilista	Filha	HTA, diabetes, múltiplos enfartes, quedas	Conviver, evitar o isolamento	Ver televisão, ler jornal	N.D.	
Maria F.C.	2ª Classe	61 anos; 31-03-2014	Casada	Auxiliar educativa	Marido	Múltiplos Avc, com sequelas nos membros inferiores. Hipertensão e faz controlo de sangue	Combater o isolamento, solidão. Conviver e participar nas atividades de animação	Jogos lúdicos, conversar, passear, ver televisão	N.D.	Familiares ocupados profissionalmente

Maria H.	3ª Classe	80 anos; 04-01-2016	Viúva	Doméstica	Filha	Demência; má circulação; dificuldades respiratórias.	Combater isolamento e solidão	Conversar, jardinar, costurar,	N.D.	
Matilde	4ª Classe	83 anos; 02-01-2012	Solteira	Auxiliar educativa	Irmão	Dificuldade de mobilidade, fratura bacia e tem problema de ossos. Tem anemia	Conviver, combater o isolamento	Ler, ver televisão, fazer croché, jogos lúdicos, conversar, jardinar, passear, atividade física	N.D.	Vive com irmão e cunhada
Óscar	4ª Classe	44 anos; 18-03-2013	Casado	Distribuidor de gás	Esposa	Sofreu AVC, ficou com sequelas e paralisado do lado direito.	Sofreu AVC	Jogos lúdicos, ver televisão, jardinar, passear, exercício físico	N.D.	Tem dois filhos de 4 e 3 anos. Familiares ocupados

Pedro	4ª classe	81 anos, 2016	Casado	Carpinteiro	Esposa, analfabeta	Alzheimer, incontinência, problema na próstata, operado aos intestinos. Tumor benigno, já operado. Acompanhado por psiquiatria.		Gosta de atividades da sua área de carpintaria	N.D.	
-------	-----------	---------------	--------	-------------	--------------------	---	--	--	------	--

APÊNDICE D – SÍNTESE DAS CARACTERÍSTICAS DAS PESSOAS DO CENTRO DE DIA

Informação obtida de processos individuais, conversas intencionais e observação participante. Os processos individuais são realizados na altura da entrada de cada pessoa. É preenchida uma ficha de inscrição e avaliação diagnóstica, onde são preenchidos campos referentes: a identificação dos próprios e das pessoas responsáveis, a situação familiar, habitacional, história médica, patologias, situação clínica, serviços solicitados. É também realizada uma avaliação sumária da área funcional da pessoa (segundo a escala de Katz) e avaliada a autonomia instrumental (segundo a escala de Lawton). É também analisada a sua situação económica, motivo do pedido de inscrição, bem como analisados os seus hábitos, gostos e interesses, representações sobre o seu projeto de vida/ expectativas.

A síntese destas características advém também de uma recolha de características, decorrente de uma atividade realizada no dia 11 de julho de 2017 (a consultar abaixo apêndice E). O objetivo da mesma, era a partilha de características entre colegas, para que possibilitasse um melhor conhecimento pessoal e grupal, potenciando assim a coesão grupal. Os nomes aqui identificados estão subentendidos, de modo a garantir o anonimato dos mesmos.

Dona Ana: viúva, vive com a filha, sendo esta a familiar responsável. Relata frequentemente quezílias entre os filhos, e denota-se a sua postura cabisbaixa e triste relativamente a esse assunto. Tem filhos emigrados. É uma senhora completamente autónoma nas suas atividades de vida diárias, e sem problemas de fala ou motores. Tem hipertensão e colesterol elevado. Adota uma postura passiva, de aceitação do que lhe proposto. Não participa por iniciativa própria, a não ser que inquirida individualmente. Nunca frequentou a escola e foi doméstica. Gosta de fazer caminhadas, cozinhar, e de agricultura. Encontra-se no centro de dia, uma vez que os familiares se encontram ocupados profissionalmente.

Dona Ana S.: viúva, vive com a filha, sendo esta a familiar responsável. Usufruía da valência de SAD, contudo durante o projeto passou para a valência de centro de dia. Foi leiteira de profissão, e apresenta tem problemas cardíacos, reumatismo, bronquite, e problemas pulmonares. Bastante comunicativa e participativa, apesar dos seus problemas de audição. Gosta muito de estar com crianças. Sempre com um sorriso no rosto, apesar da sua condição física, e problemas, como a perda recente do marido. É autónoma na maioria das atividades de vida diárias.

Sr. António D.: solteiro, vive numa família de acolhimento, juntamente com outra pessoa que usufruiu da valência de centro de dia. Ambos foram acolhidos por uma cuidadora que lhes presta auxílio a todos os níveis. É dependente nas atividades de vida diárias. Foi sem abrigo, apresenta um discurso vago, não coerente nem articulado. Não participa nas atividades, e apresenta uma postura de “desligado do mundo”. Quando questionado acerca do seu passado, não se recorda, sendo desconhecidas muitas informações acerca do mesmo. Quanto à sua situação de saúde o mesmo já sofreu um AVC, tem prótese ocular, e alcoolismo.

Sr. António P.: viúvo, vive com o filho, que é o seu familiar responsável. Apresenta dificuldades de mobilidade, deslocando-se com o auxílio de uma bengala, bem como necessita de apoio na alimentação, devido ao Parkinson, tem também artroses, e prisão de ventre. Nunca frequentou a escola, e foi agricultor durante a sua vida. No entanto é uma pessoa que gosta de participar, de conversar. Cumprimenta todas as pessoas que passam por si, retirando gentilmente o chapéu como vassalagem. Geralmente está bem-disposto e sorridente e deseja o melhor para todas as pessoas.

Dona Arminda: solteira, vive sozinha. Tem um irmão, que é o seu familiar responsável, e elemento da família com quem mantém contacto. Trabalhou no campo, e serviu muitos anos o padre da sua freguesia até ao seu falecimento, como doméstica. Refere saber fazer de tudo, mas que já trabalhou toda a vida, e que agora não está para isso. É uma senhora com alguns problemas de saúde, nomeadamente obesidade mórbida, hipertensão e depressão. É seguida por psiquiatria devido à sua esquizofrenia. Tem momentos que reconhece a sua condição de saúde, no entanto

não quer e recusa-se a fazer alimentação equilibrada, exercício físico, bem como momentos em que quer fazer, mas refere “as minhas pernas já não dão, dói muito”. Adota uma postura triste, cabisbaixa, relutante, não respondendo por vezes a pessoas que a questionam. Refere também “ninguém sabe o quanto eu estou a sofrer” com regularidade, e tem algumas quezílias com os colegas, devido à postura adotada.

Sr. Artur: divorciado, vive com a mãe, sendo esta a pessoa responsável. Elemento mais novo do centro de dia, com 42 anos. Tem 4 irmãos, onde refere ter uma relação conturbada com os mesmos. No que concerne à sua saúde apresenta uma doença degenerativa detetada aos 26 anos, de origem genética, perda de equilíbrio e atrofia muscular. No centro de dia adota uma postura relutante, de constante questionamento acerca da sua vida, querendo respostas para os seus dilemas. Questiona todos os técnicos do centro com as mesmas questões. Requer atenção, e apresenta atenção às conversas dos outros colegas ou técnicos para posterior questionamento. Apresenta também comportamentos desajustados como gargalhadas espontâneas muito altas, ou “amuar”. É reticente quando consta a participar nas atividades propostas, e nega-se a ir para a sala de convívio referindo ter quezílias com as senhoras que lá estão dentro, estando por isso sempre nas restantes salas. Participa apenas nas atividades impostas como terapia da fala, fisioterapia e piscina.

Dona Emília: casada, vive com marido. Tem três filhos, sendo o filho mais velho a pessoa responsável pela mesma. Tem diversos problemas de saúde tais como: anemia, bronquite, Parkinson, diabetes, osteoporose, aterosclerose, entre múltiplos enfartes. Gosta de costurar, fazer bolos, de participar nas atividades, de estar envolvida ativamente. Pouco faladora, apresenta um discurso pouco coerente e articulado. Segundo os colegas é muito prestável e gosta de participar em tudo, só não participa mais pelos problemas de saúde. Tem por hábito dar “palmadinhas no rabo”, e brinca dizendo: “são palmadinhas de amor”.

Sr. Francisco D.: usufruía da valência de SAD, passando para centro de dia. Contudo, sendo uma pessoa que vive perto do centro de dia, está muitas vezes em

casa, deslocando-se à instituição para alimentação, não participando muito nas atividades do centro. Foi comerciante, é viúvo e tem 91 anos, foi operado ao estômago, retirando-o, assim como, a vesícula, tem também má circulação e líquido num rim. A filha é a familiar responsável, tem a 4ª classe e trabalha na indústria fabril.

Sr. Francisco R.: casado, sendo a esposa a pessoa responsável. É uma das pessoas mais novas no centro de dia, com 56 anos, detém o 12º ano. Apresenta diversos problemas de saúde como: AVC isquêmico, doença cerebrovascular, problemas na próstata. Além disso apresenta desorientação (é acompanhado por neurologia) e problemas de audição, que o impossibilitam de realizar as atividades de vida diárias. Segundo os colegas apresenta uma personalidade difícil, com variações de humor, e irritabilidade e agressividade, contudo se estiver num dia calmo, é muito simpático e respeitador. A participação nas atividades é inconsistente, uma vez que depende do seu ânimo e estado clínico. É uma pessoa que apresenta dificuldades na conversação, e no debate de ideias, não aceita ser contrariado, e por vezes surgiam conflitos com os colegas.

Dona Isaura: viúva, nunca frequentou a escola, a filha é a pessoa responsável pela mesma. Vive sozinha, mas conta com o apoio de uma pessoa que a auxilia nos cuidados e no tempo que esta está em casa. Apresenta alguns problemas de saúde tais como: diabetes, hipertensão, e já teve dois AVC, com sequelas na marcha e na visão. Pouco participativa nas atividades, gosta mais de estar no seu canto, e conforto. Não gosta muito de dar a sua opinião acerca das coisas, preferindo abster-se, e referir que não sabe, e que lhe dói a cabeça, todavia, gosta muito de cantar e cozinhar. Segundo os colegas, gosta muito de brincar, e é muito negativa nos seus pensamentos. Por vezes referia “Deus esqueceu-se de mim, estou aqui a sofrer e ele não me vem buscar para ir ter com o meu marido”.

Sr. Joaquim: viúvo e detém a 4ª classe. O filho é a pessoa responsável pelo mesmo na valência. Apresenta grandes dificuldades de audição, sendo necessário especial atenção nas conversas, atividades entre outros, existindo o cuidado de deslocar até ao pé do mesmo para um diálogo mais próximo e explicação do que vai acontecendo e

do que os colegas vão dizendo. Aliás este cuidado veio a revelar-se fundamental, uma vez que o mesmo apresentava pouca participação nas atividades e nos diálogos, e ao longo do tempo apresentava maior adesão e participação. É uma pessoa muito pacata, gosta de estar no seu recanto sossegado. Segundo os colegas é muito educado, compreensivo, e tem sempre um sorriso no rosto. Quando questionado tem sempre uma opinião acerca do assunto, de forma coerente e educada, e revelou-se uma mais-valia no grupo, pois os seus contributos eram muito significativos e cheios de conteúdo para reflexão dos colegas.

Dona Joaquina: solteira, tem como pessoa responsável uma sobrinha. Apresenta muitas dificuldades de audição, tem osteoporose e prisão de ventre. Vive sozinha, e não dispõe de retaguarda familiar. Não participa nas atividades por relutância da própria. Segundo os colegas esta sempre muito atenta, e recorda-se de tudo. Normalmente esta senhora ficava junto da janela, e comentava com os colegas quem passava, entrava ou saía da instituição. Tem por hábito usar um vocabulário menos próprio e recurso a palavrões, que descontenta e revolta os colegas.

Sr. José: é uma das pessoas mais novas do centro, tem 58 anos, andou na escola até à 4ª classe, foi trolha de profissão. Como problemas de saúde teve traumatismo craniano, tiroidismo, alcoolismo crónico, e problemas de visão. A esposa é a pessoa responsável. Este senhor é muito participativo nas atividades, nunca se negando a estar presente, dá a sua opinião, tanto quando solicitado, como espontaneamente. Sabe avaliar onde está, e escolhe bem as palavras a proferir. É observador, e sai da sala quando os colegas começam a barafustar por algum assunto. Não gosta de confusões, e prefere estar à margem. Segundo o que os colegas o descreveram é uma pessoa “sempre sorridente”; “homem muito educado e respeitador”; “resistente às atividades”

Dona Laura: tem 66 anos, é viúva, andou até à 4ª classe, e tomava conta de criança. O filho é o seu familiar responsável. Esta senhora, apresenta diversos problemas ao nível psicológico, sendo acompanhada por psiquiatria. No seu processo conta como problemas de saúde, hipertensão, colesterol, artroses, hipocondria, e problemas

psiquiátricos. Estes últimos, levam-me recorrentemente às urgências do Hospital, “com dores de barriga”, chegando num fim-de-semana a recorrer cerca de 7 vezes ao hospital. Tem dificuldades de mobilidade, usando moletas para se deslocar, devido a uma queda após uma tentativa de suicídio. Toma imensa medicação, e sabe exatamente as cores deles, sendo que, se por algum motivo faltar algum comprimido, ou tiverem mudado de laboratório e a cor for diferente, esta se apercebe e questiona. Assim, além de falar com esta senhora, o método placebo funciona na integra, e a mesma todos os dias questionava pelo comprimido milagre para as dores de barriga, que mais não era do que adoçante embrulhado em pepel de alumínio. Contudo é uma pessoa que participa muitos nas atividades, e o facto de ter começado a namorar com um senhor da valência de (E.R.P.I.), despertou nela uma alegria, e gosto de se arranjar. Segundo os colegas, descrevem-na como sendo boa pessoa, muito ansiosa, com a cabeça longe, muito participativa, “gosto muito dela, não é fingida”; “custa-lhe andar, mas anda, sabe Deus como”; educada, caladinha, gosta muito de estar no canto dela, boa companheira, boa parceira.

Dona Maria A.: esta senhora é das mais recentes na valência, contudo a sua presença é muito benéfica para os colegas, ouvem-na e respeitam-na. É viúva, tem 86 anos, foi doméstica e estudou até à 4ª classe. Tem problemas cardíacos, coração dilatado, o que provoca insuficiências, tensão pulmonar, e retenção de líquidos. O filho é o familiar responsável, tem 65 anos e é professor. É muito participativa, atenta, dá valor aos pormenores e detalhes, sem dúvida é uma referência para o grupo, e eles vêem-na como tal: “muito educada, muito participativa, muito culta, sempre atenta, boa interpretação”.

Dona Maria S.: tem 78 anos, é solteira, e estudou até à 3ª classe, sempre foi doméstica. Apresenta como problemas de saúde: diabetes, hipertensão e colesterol. A sobrinha é a pessoa responsável pela mesma. Esta senhora é totalmente autónoma, vive perto da instituição, e como tal, poucas vezes está na lá. Faz a sua alimentação, e higiene no centro, assim como vai a algumas atividades. Não sendo uma pessoa muito participativa por iniciativa própria, quando questionada, ou envolvida no contexto

sabe dar o seu ar de graça e surpreende tudo e todos. Segundo os colegas, é: engraçada, educada, não cria conflitos com ninguém; muito prestável (trás coisas de casa para os colegas- uvas, figos, diospiros, etc.); “gosto muito dela”; fala pouco mas é boa pessoa; “deu-me 2 cachos de uvas e fiquei tao contente, nunca me esqueço”.

Dona Maria L.: tem 79 anos, é viúva, sempre foi doméstica, e estudou até à 4ª classe, a nora é a sua pessoa responsável. Apresenta diversos problemas de saúde como: colesterol, hipertensão, faz controlo de sangue, tem dificuldade em exprimir-se e falar devido a sequelas de AVC. Estes problemas são condicionantes da sua participação verbal, contudo, demonstra-se muito atenta e querendo participar. Demonstra quando não está a gostar de alguma coisa, manifestado a sua revolta. Segundo os colegas, referem que esta mudou muito desde que está no centro. Pois de inicio demonstrava-se fechada e revoltada com tudo, não acatando nada, e que agora estava muito melhor, que ela ficou ciente e ponderada. Também referiram que está muito mais participativa e educada, e mesmo que tenha dificuldade, esforça-se para dizer “bom dia”.

Dona Maria E.: tem 63 anos, é casada, estudou até à 4ª classe, e sempre foi doméstica. O marido é o seu familiar responsável. Apresenta como problemas de saúde: colesterol, demência de Alzheimer. Devido à sua patologia, tem dificuldade em permanecer quieta no mesmo sítio, pelo que não demora 5 minutos sentada, e já se está a levantar e a percorrer a instituição, ou a ir falar com outro colega, ou mesmo ir à casa de banho. É muito comunicativa, participativa e gosta sempre de ajudar. Segundo os colegas: passa a vida a fazer asneiras, mas é um doce, boa pessoa.

Dona Maria F: tem 83 anos, viveu em moçambique, foi contabilista e estudou até ao 5º ano. É viúva, e a filha é o seu familiar responsável. Tem como problemas de saúde: HTA, diabetes, múltiplos enfartes, quedas, necessita de apoio na mobilidade, e tem osteoartrose. É bastante comunicativa e culta, perspicaz na maneira como se evidencia aos colegas, mantendo-se no conforto do seu canto. No entanto quando incitada gosta de participar, e tem constituições muito pertinentes, mostrando sempre

um sorriso no rosto. Segundo os colegas é uma senhora um pouco insegura, mas sempre com um sorriso; muito culta.

Dona Maria FC: encontra-se em alojamento temporário. Tem 61 anos, foi auxiliar educativa, estudou até à 2ª classe. O marido é o familiar responsável. Apresenta diversos problemas de saúde como: múltiplos AVC, com sequelas nos membros inferiores, o que faz com que a mesma se desloque em cadeira de rodas; hipertensão, faz controlo de sangue. É uma senhora muito comunicativa, expressiva, gosta de participar em tudo, e só não faz mais porque não pode, tenta sempre fazer o seu melhor. Gosta de se vestir bem, andar sempre a cheira bem, e sempre com pulseiras, brincos e laços na cabeça. Contudo se algum colega entra na brincadeira com ela, por vezes não é interpretado dessa forma, e leva a mal, ficando exaltada e barafustando em tom alto. Segundo os colegas é boa pessoa, é uma querida, uma pessoa alegre, mostra sempre boa cara.

Dona Maria H.: tem 80 anos, é viúva, doméstica, e a filha é a pessoa responsável. Apresenta demência de alzheimer, má circulação e dificuldades respiratórias. Gosta muito de fazer cachecóis para a filha em lã, e mantém-se entretida no seu canto. Gosta de participar quando incentivada a fazê-lo, não o fazendo autonomamente. Tem uma história de vida de sofrimento, de mau trato por parte do marido. Contudo, não deixa que isso transpareça e mantém um sorriso no rosto. Segundo os colegas é muito trabalhadora, sempre a fazer cachecóis, sempre sorridente e bem-disposta.

Dona Maria I. (alojamento temporário) senhora acamada, não dispõe de informações.

Dona Matilde: tem 83 anos, solteira, auxiliar educativa, e estudou até à 4ª classe. O irmão é o seu familiar responsável. Apresenta dificuldade de mobilidade, fratura na bacia, problemas de ossos, e anemia. Gosta muito de ajudar os outros, e tenta sempre dar tudo de si. Gosta de rezar e fazer as suas orações para ajudar as pessoas. É muito comunicativa, expressiva, contudo por vezes isso não é entendido por parte dos colegas como algo positivo, referindo que ela tem a mania que é chefe, ou que fala muito alto. Esta fica ofendida e chateada com tais acusações, pois como refere, só quer

ajudar. Segundo os colegas é muito prestável, gosta muito de ajudar, muito respeitadora.

Sr. Óscar: é também uma das pessoas mais novas no centro. Tem 44 anos, é casado, estudou até à 4ª classe, e foi destruidor de gás. A esposa é o seu familiar responsável, e tem 2 filhos. Teve AVC, ficando com paralisia do lado direito, dificultando os movimentos da perna e do braço, assim como a impossibilitado de falar. Não gosta de estar na sala de convívio, por ser barulhento e lhe fazer confusão, prefere fazer de porteiro, ficando à entrada da instituição abrindo e fechando a porta, ao mesmo tempo que faz uma espécie de fisioterapia. É muito competente e não gosta de estar quieto, por isso, além da porta, é ele também que reza os vasos no interior da instituição, e as plantas no exterior à mesma, assim como limpa as paredes do aquário.

Sr. Pedro: tem 81 anos, é casado, estudou até à 4ª classe, e foi carpinteiro. A esposa é a familiar responsável. Como problemas de saúde tem alzheimer, incontinência, problemas na próstata, foi perado aos intestinos, tumor benigno a que já foi operado. Por vezes os problemas de saúde do mesmo, não são compreendidos pelos colegas, o que por vezes gera quezílias na sala, uma vez que o senhor por vezes não controla os esfíncteres e os colegas, não têm perceção que a culpa não é dele, acusando-o. Por sua vez, devido aos seus problemas revolta-se, e é necessária intervenção para que não hajam incidentes de maior. Apresenta-se calmo, calado e fechado. Não gosta muito de comunicar, prefere estar na sala de convívio, mas sai regularmente até fora para espairecer e retorna. No entanto, estabelecendo comunicação com ele, mostra um sorriso tímido, e levantando o rosto. Segundo os colegas é muito educado dentro dos problemas de saúde, gosta de participar nas atividades.

APÊNDICE E - A CONSTRUÇÃO DE “O OUTRORA DE HOJE”

Este apêndice contempla as descrições da Ação A: “olhar e recordar para contar”; assim como da Ação B: “caminhando lado a lado”. São apresentadas as notas de campo, assim como a descrição das atividades. Encontra-se organizado, num primeiro momento por uma síntese introdutória ao conhecimento da realidade anterior, e algumas explicações; e num segundo momento por notas de campo. Por forma a obter uma melhor compreensão, nas notas de campo, é indicado o dia em evidência, e palavras-chave, ou nome pela qual as atividades foram intituladas.

SÍNTESE INTRODUTÓRIA

O contacto com a realidade em evidência, foi iniciado em novembro de 2015. Contudo, à medida que o tempo foi passando foram sendo evidenciadas as dificuldades pessoais no desenvolvimento do projeto. Tratando-se do primeiro contacto com a realidade, era parca a experiência de terreno, do contacto com as pessoas, da sua imprevisibilidade, e todas as tentativas de abordar o grupo pareciam não surtir efeito. Foi sendo sentida uma grande desmotivação, e desânimo na continuação do mesmo. A frustração ganhava terreno, e o sentimento de inutilidade tomava conta de todo o meu interior, eram dias custosos, chorosos, num sofrimento interno, sem saber que rumo tomar.

Foi assim, de forma ponderada, que a decisão de adiar o projeto, para o ano letivo seguinte foi tomada. O objetivo, era continuar na mesma instituição, e arrancar com as devidas forças no ano letivo seguinte. Ao longo deste tempo, foi sentida a necessidade de acompanhamento profissional, que contribuiu grandemente para a estabilidade emocional e confiança no trabalho a ser desenvolvido.

Todo este caminho de avanços e recuos, foi sendo acompanhado pela diretora técnica da instituição, assim como os demais. A partir do momento de decisão de cessação do projeto nesse ano, foi permanecido um contato regular de pelo menos uma vez por semana, parte de manhã ou da tarde, (uma vez que foi iniciado um curso de auxiliar de ação médica, e um trabalho em part-time, entre outras formações) com as pessoas, de modo a continuar o processo de conhecimento da realidade, quer através de observação participante, ou das conversas intencionais, de forma voluntária.

Fazendo uma retrospectiva deste o início do contacto com esta realidade, a equipa técnica acolheu com bom agrado a presença de um interventor social, assente nos pressupostos da metodologia da investigação ação participativa. Ao longo do tempo demonstram-se sempre disponíveis, e recetivos a novas dinâmicas. A animadora sociocultural referiu “é bom ter alguém novo cá, com novas ideias, porque chega a um ponto que nós já não sabemos o que fazer com eles”.

Embora fora tendo a perceção de que não entendiam na íntegra os pressupostos desta metodologia, pois o interventor não iria impor, nem realizar atividades para mera ocupação das pessoas. Ao longo do tempo presente foram realizados alguns exercícios de dinâmicas grupais, que soaram a estranho às pessoas que frequentavam o centro de dia, chegando a D. Matilde a dizer “já tivemos muitos estagiários aqui, mas nenhum fez o que a menina está a fazer” sendo isto encarado da parte deles, com desconfiança e de quem não sabia muito bem o que estava a fazer, uma vez que fazia diferente dos outros.

O investigador sentia-se como numa batalha, na tentativa de dar voz àquelas pessoas, de dinamizar o grupo, e os fracassos iam sucedendo, sem que o grupo demonstrasse recetividade ao que era novo, levando cada vez mais ao sentimento de que não ia ser bem-sucedido.

Este ponto foi crucial para a tomada de decisão de adiar o projeto, pois o fator tempo não estava em concordância com o ritmo das pessoas, nem com a capacidade do interventor. Assim, na tentativa da verdadeira mudança, aos poucos foi sendo

conquistado a confiança destas pessoas, e fazendo com que as mesmas fossem capazes de acreditar em si, nas suas capacidades e que eram capazes de enfrentar novos desafios.

Durante este tempo foi perceptível a volatilidade de pessoas que frequentavam o centro de dia, que entraram ou saíram por diversas razões. A equipa técnica manteve-se a mesma, assim como a maioria das auxiliares. Contudo há que salientar a entrada de auxiliares mais jovens, que ficaram a trabalhar na instituição, após estágios do 12º ano do curso de geriatria. Os motoristas também mudaram, sendo pessoas mais jovens, e com uma abordagem diferente face às pessoas que usufruem do centro de dia. Durante este tempo de pouco contacto, as dinâmicas institucionais não mudaram muito face às pessoas de idade mais avançada. Estes, continuaram todos os dias a deslocar-se até aos seus lugares, e a cumprir o plano de atividades que lhes era proposto.

Uma vez que os recursos humanos eram escassos, e que por vezes não chegavam para atender a todas as necessidades das pessoas: a diretora técnica tem o trabalho de gabinete e atendimento; a escriturária, também rececionista, atende todos os familiares das valências para pagamentos mensais, bem como quotas, fornecedores, contabilidade, etc.; a animadora sociocultural dinamizar os grupos que se dividem pelas três salas, bem como vai à piscina, ou prepara as atividades; as auxiliares a função de higiene pessoais, bem como do espaço, alimentação, medicação, etc. Como referido, às vezes acontecia por falta de recursos humanos, não existir pessoas para se deslocarem a consultas com os adultos mais velhos, e uma vez que estava na instituição era-me incumbido essa função, de os acompanhar a consultas, bem como na ajuda da escriturária/secretária, ou da diretora técnica.

De salientar, que nesta fase, era sentido muito receio de contactar com os adultos mais velhos, as conversas intencionais eram planeadas mentalmente, e tudo seguida uma rigidez muito linear, sem espaço para a imprevisibilidade, levando ao sentimento de fracasso das atividades que iam correndo pior.

Fazendo uma retrospectiva geral. Desde o início do contacto com esta realidade que alertaram para algumas pessoas que eram “complicadas de lidar” - D.T., pois as características da pessoa faziam com que se demonstrassem reticentes em participar em qualquer atividade, bem como “refilavam”, especialmente referiam a D. Matilde. Assim, desde o início, a equipa técnica referiu que falasse com a mesma, dando-lhe atenção, pois vários estagiários já o tinham feito, e não havia surtido efeito. Ao longo do contacto com esta senhora, ela foi referindo “não tenho nada de jeito para dizer, a minha vida não tem interesse”, mas “toda a gente gosta de mim, apesar deste meu feitio”, bem como a sua reticência em participar nas atividades propostas pela animadora sociocultural.

Contudo, apesar de terem dado foco a esta senhora, o mesmo era observado pelos restantes colegas. Demonstravam relutância em participar em atividades, e preferiam o recanto da sala onde se encontravam, quietos e sossegados como iam dizendo. Ao entrar na sala de convívio (sala com maior número de pessoas), era ouvido o som da televisão que estava sempre ligada, e sentido o calor humano de tantas pessoas num só espaço. Quietos, calados, sem conversar uns com os outros, uns olhando para a televisão, outros vendo o jornal, outros a dormir, outros ainda atentos à movimentação da instituição, através dos vidros transparentes que envolvem a sala de convívio. Sentia-se uma certa despersonalização, como se cada pessoa não tivesse a sua opinião, e quando algum falava, que a sua palavra valia mais do que a dos outros, e queriam fazer-se ouvir, num local, onde as atividades eram realizadas para eles, pela animadora sociocultural, juntamente com as estagiárias do secundário. Ao longo do tempo foi sendo percebido também que trabalhos de costura como cozer etiquetas com o número das pessoas da valência de ERPI, assim como descascar tangerinas para a sobremesa do almoço, ou preparar favas, feijão-verde, espinafres, era uma atividade realizada pelas pessoas que frequentavam o centro de dia, e ERPI. Neste sentido a animadora sociocultural chamava as pessoas individualmente, que considerava com mais capacidades físicas para o trabalho, referindo “meninos vamos trabalhar”. Ao que

foi sendo sempre perceptível em vozes de fundo “olha meninos...”, ou “trabalhar? Já trabalhei muito ao longo da vida” D. Maria A.S.

Outro reparo, tem ainda a ver com a hora das refeições. Esta estava pronto ao meio dia, e todas as pessoas das valências almoçam a essa hora. Às 13h, almoçava a equipa técnica. As auxiliares almoçavam à medida que iam chegando das suas tarefas, em mesas diferentes da equipa técnica.

Nos dias em que estava presente na instituição, foi perceptível a azafama e correria sentida, por parte da animadora sociocultural e da secretaria/escriturária, que tudo faziam para o trabalho corresse bem e as pessoas estivessem bem. Desde dar as medicações, medir tensão arterial, insulinas, ajudar no refeitório, receber familiares que tendiam a conversar mais com elas, do que a estar com os entes queridos. Neste sentido, salienta-se que na valência de centro de dia, as pessoas pouco recebiam visitas.

As auxiliares encontravam-se sempre ocupadas, com higiene, alimentação, medicação e limpezas, e retomavam esta rotina diariamente, sem tempo para contactar umas com as outras, ou mesmo mais tempo para os adultos mais velhos.

Há medida que contactava com as pessoas, foi sendo demonstrado que cada pessoa é única, que cada um tem a sua própria história de vida, logo que cada um é especial, tem o seu próprio gosto, e era importante perceberem isso. No entanto quando questionados por diversas vezes acerca daquilo que os motivava, de que gostavam, as respostas eram dispersas, “não queremos fazer nada” -D. Eva, “só queremos sossego”- D. Laura, desvanecendo o assunto, dando a sensação que até então não tinham pensado acerca das suas próprias vontades. Geralmente eram as mesmas pessoas a participar, ou a comentar os assuntos, verificando-se que a maioria das pessoas preferia permanecer em silêncio.

Em relação às atividades foi perceptível que as pessoas aderiam grandemente à aula de educação física, fazendo o que o professor pedia, e até iam trauteando as músicas que ele colocava na televisão, durante os exercícios. O mesmo, tinha atenção em levar músicas do conhecimento dos adultos mais velhos. Enquanto isso, geralmente a

animadora sociocultural realizava atividades de estimulação cognitiva e motricidade com algumas pessoas de E.R.P.I., na sala de atividades. Por vezes esta também questionava as pessoas na sala de convívio para que contribuíssem com frases ou comentários acerca das atividades a serem desenvolvidas, como: frases para o dia de Halloween, para o início das estações do ano, etc. No entanto, foi possível entender que a atividade que lhes demonstra apressado em fazer era o bingo. Neste jogo, as pessoas demonstravam-se ativas, atentas, permanecendo na ancia que o número delas saísse e iam fazendo rimas com os números que iam saindo. Sabendo deste gosto por este jogo, tentava dar especial atenção às pessoas que tinham dificuldades auditivas, ficando junto das mesmas, e isto era compreendido pelos colegas.

Sempre que alguma pessoa de qualquer valência fazia anos, era cantado os parabéns ao lanche, e todos comiam bolo de aniversário, salvo as exceções de saúde.

Num dos dias, tentou-se que o grupo, funcionasse como tal, e foi realizada uma atividade com o objetivo de dar nome ao projeto, que consistiu que todos juntos chegassem a uma conclusão acerca do que aquele centro social representava para eles. No entanto, não se chegaria a um consenso, pois cada um defendia a sua ideia, e foi notório que não ouviam e respeitavam a opinião dos colegas. Referindo que como estavam a pagar tinham de ser bem tratados, evidenciando-se a ideia de prestação de serviços, e desvinculamento face há instituição, não se sentindo como parte dela, o que levou ao incesso da atividade. As atividades acabavam por se dispersar e o grupo ficava agitado, não queriam continuar. O que levava a refletir que se calhar não o devia ter feito daquela forma, ou se o grupo não estava habituado a debater ideias, ou a ter voz e serem ouvidos acerca dos seus pensamentos.

Outra questão prende-se com os lugares. As pessoas mais velhas defendiam a existência de lugares marcados, no entanto a instituição defendia que não devia existir lugares marcados, e que cada um era livre de se sentar onde queria. Esta questão gerava relutância entre os pares, pois se um colega se sentava num lugar, que habitualmente é ocupado há anos por outro, levava a atritos entre eles, que culminavam na verbalização de palavras impróprias. As pessoas foram dizendo que

consideravam que existia “muita falta de respeito” entre os colegas, defendendo a opção da existência de lugares marcados, uma vez que no refeitório havia, e que não existia confusão. Desta forma, os conflitos interpessoais iam sendo evidentes. Os adultos mais velhos também não compreendiam o estado de saúde do outro, além deles próprios, “preferem fazer queixas, e usam a chantagem emocional para me pressionar” - animadora sociocultural.

Outras pessoas, como o Sr. Artur negava-se a entrar na sala de convívio “não gosto de algumas pessoas que lá estão. Mandam-se bocas e não gosto de lá estar, já disse”, e era acatada a vontade do próprio.

Do que foi sendo observado, uma figura que se evidenciava como referência para as pessoas que frequentavam esta resposta social, era a D. Conceição que era voluntária na instituição. Esta foi referindo que a sua terapia era estar no centro, pois a fazia esquecer dos problemas, e das dificuldades por que passara. E uma vez que as auxiliares não conseguiam chegar a todo o lado, ela gostava de ajudar e estar presente. Também ia estando na sala de convívio e conversando com as pessoas, e estando onde era necessário. Demonstrava-se ser uma pessoa calma, religiosa, que sabia ouvir, e foi sendo percebido que as pessoas do centro de dia a acolhiam e a ouviam, que gostavam de falar com ela.

Como referido as conversas intencionais estiveram sempre presentes, com todos os envolventes da instituição, no entanto não foi possível um contacto próximo com as auxiliares. Numa das conversas intencionais com a animadora sociocultural, esta referiu “você é muito importante aqui, porque lhes dá atenção, e fala com eles, coisa que nós não conseguimos fazer devido à sobrecarga de trabalho” (Março, 2016), segundo o seu ponto de vista, as pessoas mais velhas não sabem trabalhar em grupo, mas sim individualmente, que “não se respeitam uns aos outros”, “pensava que com o tempo, o nosso pensamento mudava em alguns aspetos e que quando fossemos mais velhos, que não iríamos ligar tanto a alguns aspetos miúdos, mas aquilo que vejo é que ainda é pior”. Reportando o seu descontentamento face a quezílias e pensamentos dos adultos mais velhos que parecem se demonstrar descontentes com

tudo o que é feito, “não perdoam mesmo nada, sempre criteriosos, e a ter que dizer”. O descontentamento e desgaste por parte dos profissionais ia sendo evidenciado ao longo dos seus discursos.

Finda-se, analisando um pouco da postura da equipa técnica. A diretora técnica passava pouco tempo com as pessoas, geralmente um pouco após o almoço, tendo o trabalho de gabinete para continuar a realizar. Reforça-se novamente o facto de esta ser D.T. de todas as valências. No entanto sempre que era necessário resolver conflitos esta estava envolvida, assim como as demais: animadora sociocultural e administrativa/secretária.

Em meados de junho de 2016, durante uma conversa intencional, com o grupo de adultos mais velhos, indagada com um comentário da D. Matilde dirigido a mim “não venha para aqui falar de coisas como se fossemos crianças”, despoletou o questionamento acerca dos motivos pelos quais afirmava tal coisa, uma vez que sempre fui referindo que “o importante era eles fazerem coisas que gostavam de fazer, temas que gostassem de conversar, ou que gostaria de realizar de diferente”, ao que refere que “não é a menina, mas costumam fazê-lo”. Esta questão remonta-nos para a questão das práticas que estes profissionais têm vindo a adotar ao longo do tempo e que agora, e se evidenciava agora em alguns dos comentários que os adultos mais velhos iam tecendo.

Ao longo do tempo, fui sempre convidada em participar em atividades que o centro social realizava: aniversário do centro, magusto, sardinhada, caminhadas, festa de Natal.

Gradualmente, foi sendo curioso perceber que sempre que ia embora as pessoas que frequentavam o centro de dia, questionavam quando voltava, e assim sentida uma maior proximidade com as pessoas a nível emocional.

Em outubro de 2016 com uma nova convicção, foi continuado a realização deste projeto, apesar de consciente dos desafios que o interventor iria encontrar, mas confiante do trabalho a ser desenvolvido. Após algum tempo de distanciamento com a realidade em questão, houve a necessidade de se iniciar novamente pela exploração

dos problemas, necessidades e potencialidades com um novo olhar, e novas estratégias de abordar o grupo. Nos apêndices seguintes é apresentado o trabalho desenvolvido deste que se veio a intitular “O Outrora de Hoje”.

NOTAS DE CAMPO

Dia 24 de outubro, 2016: “Síntese das principais ideias acerca da instituição”.

O objetivo delineado para o presente dia era entender os problemas/necessidades, os aspetos positivos na instituição, e possíveis estratégias, de modo a colmatar os problemas que as pessoas vinham a identificar ao longo do tempo.

Assim, de manhã, após cumprimentadas individualmente as pessoas (com beijinho, as senhoras e aperto de mão os senhores)⁸, pedi licença para baixar o som da televisão, sendo que eles atenderam ao pedido. Como quebra-gelo, começamos por falar um pouco do fim-de-semana, e algumas pessoas comentaram acerca do passeio do sábado anterior. Estavam cerca de 23 pessoas na sala de convívio. Perguntei se alguém se oferecia como voluntário para falar acerca do passeio ao restante grupo, principalmente aos que não tinham ido. Como se verificou anteriormente que estas

⁸ A adoção desta estratégia de saudação, permitiu uma maior proximidade e contacto com as pessoas a nível afetivo. Tendo a pensar, que esta maneira de abordagem quebrou a barreira de cliente/doutor, e tornou-nos mais próximos. Foi observado uma maior flexibilidade e grande receptividade por parte das pessoas aos carinhos e afetos sentidos pelo contacto e proximidade, uma vez que até então era inexistente esta troca afetiva. Esta estratégia foi adotada até ao fim do contacto com esta realidade.

peças revelavam dificuldades na partilha, o objetivo era fomentar a ligação entre os participantes, sabendo respeitar a opinião do outro, fazendo com que eles fossem os atores, e que a sua participação fosse uma conversa e não uma comunicação ou exposição. A D. Isaura tomou a liderança da conversa e partilhou gradualmente com o grupo os locais que foram visitar, e à medida que o fazia, outras pessoas iam acrescentando e dando a sua opinião também. O Sr. A. (E.R.P.I.) retorquiu dizendo que aquilo não lhe interessava para nada, e que não tinham de estar a falar do que já se havia passado. Os outros não concordaram com o mesmo, e foi sendo referido que é importante a partilha daquilo que todos fazem. De seguida, um de cada vez, foi falando do fim-de-semana. A atenção focou-se principalmente nas pessoas institucionalizadas, que demonstram não ter atividade durante o fim-de-semana, e permanecem na instituição sem visitas, que leva a refletir se, de facto, esta prática de falar no fim-de-semana faz sentido para eles.

Contudo, a grande vontade de partilha e experiência dos outros colegas deve ser respeitada, e acolhida, o que faz acreditar que faz sentido a continuação da mesma.

Após terminada esta conversa, vi as horas, pois notava uma certa agitação no grupo, e, sendo 11h, estava na hora de comerem as bolachas. Falhei-lhes em fazer um intervalo e que, de seguida, gostaria de falar um pouco com eles, saber as suas opiniões em relação a alguns assuntos, com o que eles concordaram.

Em seguida, após um breve descanso, fui retomar a atividade com as pessoas. No entanto, a fisioterapeuta (estagiária), entrou na sala de convívio e pediu algumas pessoas para irem jogar às cartas, e outras para irem trabalhar com ela, sem me questionar. O que leva a refletir acerca do meu papel na instituição, uma vez que estava com o grupo desde o início da manhã.

Assim, o grupo ficou mais reduzido, o que possibilitou uma conversa mais atenta. No entanto, não foi possível a integração de todos na partilha. Referi-lhes que me ia sentar no chão com o objetivo de obter informação de cada um, pois tenho muito que aprender. Encostei a porta da sala, referindo que aquele era um espaço nosso, e não para fazer queixinhas de ninguém. Iniciei assim a atividade, colocando uma folha

grande no chão, no centro da sala, e sentando-me ao lado da mesma, pedindo-lhes que indicassem as coisas que gostavam, bem como as que não gostavam, e coisas que poderíamos fazer, isto é, que eles gostassem. Referenciei ainda que iria escrever a cor preta os aspetos negativos, a azul os positivos, e a verde, como de sinónimo de esperança, estratégias e coisas que eles gostariam de fazer. O Sr. A. (E.R.P.I.), referiu que já tinham feito aquilo comigo, e que estávamos a repetir, ao que respondi que o estávamos a fazer de maneira diferente desta vez e que estava ali para os compreender, e os ouvir. Fiquei, contudo, contente, por se recordar que já tínhamos realizado uma atividade em que referíamos alguns daqueles temas, já mencionado anteriormente, na síntese introdutória, e que não havia surtido efeito.

Participaram 12 pessoas de centro de dia e lar (ERPI). D. Eva disse que não gostava de nada. Neste sentido referi que os compreendia, pois um dia quando chegasse à idade deles, também iria preferir estar no conforto da minha casa em detrimento de estar numa instituição. Mas, como não é possível isso acontecer, gostaria de pelo menos estar num sítio onde pudesse fazer coisas que gostasse, e que me sentisse bem, e integrada, e que por esse motivo, eu estava ali com eles, para os ouvir, e para podermos fazer coisas que gostassem. Eles foram referindo que “fazem coisas” e que “são mal-agradecidos por aquilo que fazem”, e que as pessoas “não são aquilo que se pensa”, que têm “duas caras”. Ao ouvir isto, perguntei se sentiam isso por parte dos outros colegas, ou dos profissionais. Eles olharam uns para os outros, e senti uma certa tensão entre eles, e responde a D. Eva “entre os profissionais”. Então referi que “estou aqui para vos ajudar no que eu puder, vamos fazer coisas diferentes, vamos fazer coisas que vocês gostem, quero ouvir as vossas opiniões, para saber o que vocês gostam, porque vocês são adultos”, ao que me referem que não são tratados como tal, que muitas vezes os tratam como crianças. Referi que os trato como adultos e, como tal, quero ouvi-los, e saber o que gostam porque tenho muito a aprender com eles, e quero devolver tudo aquilo que aprendo, tentando fazer coisas que eles gostem e que se sintam bem.

Durante a atividade, fui sentido um certo constrangimento no grupo, como que não sabendo o que dizer em relação a supostas estratégias, ou coisas novas e inovadoras. Por fim, e uma vez que se aproximava da hora de almoço, coloquei a seguinte questão: “você têm amigos aqui?”. Todos disseram que não: “amigos? São os de Peniche menina” D. Eva. Apenas a D. Isaura referiu que sentia amizade por parte da D. Eva e da D. Matilde, mas os restantes manifestaram com acenos que não, que não tinham amigos com quem pudessem contar. Pretende-se continuar a explorar melhor esta questão das amizades, o que é ser amigo, o que é ser um grupo, e trabalhar grupo.

Dia 02 de novembro, 2016: “Viver em grupo, ter amizades”

Neste dia, foi delineado como objetivo dar continuidade à atividade do dia anterior, e neste sentido questionar acerca de estratégias e coisas que eles gostassem de fazer.

Também aproveitei a minha chegada à instituição para falar com a estagiária de fisioterapia e com a animadora sociocultural, para que pudéssemos ajustar melhor os horários e dias, de modo a poder estar com os adultos mais velhos, sem que isso interferisse os seus trabalhos. Em seguida, falei com a secretária e a diretora técnica (uma vez que as mesmas realizaram comigo a formação em humanidade), com o intuito de agendar uma conversa, para que se poder tirar partido da formação para a instituição, ficando a mesma agendada para segunda-feira dia 07 de novembro.

Posteriormente, depois de saudar todos os presentes, dirigi-me à sala de convívio juntamente com o estagiário de mestrado de educação social, que entrou para a instituição para a realização do estágio. Achei pertinente a sua presença, uma vez que o projeto deve envolver todas as pessoas da instituição, e como neste momento o mesmo faz parte dela, e tendo também manifestado vontade de estar presente. Comecei por pedir ao grupo licença para baixar o som da televisão, ao que gerou discórdia entre duas pessoas, pois uma estava a ver um programa, no entanto os outros queriam que falasse, manifestei que o poderia fazer depois da parte da tarde e

que não havia problema algum. Num revés o Sr. A. (E.R.P.I.) levanta-se e desliga a televisão, e refere “pode falar”. Naquele momento não sabia o que pensar, pois poderia estar a fazê-lo por estar revoltado pelos outros não se terem tomado uma decisão, e ele assumiu a liderança, como poderia ser um comportamento de revolta ou condição própria da sua patologia (neurológica).

De seguida comecei por referir, que gostaria de relembrar a atividade que tínhamos realizado anteriormente, e se se lembravam da mesma, ao que alguns referiram que não se lembravam, pois nem todos estiveram presentes. Coloquei a folha no chão, relembrando a atividade passada, e recordei o que tínhamos falado, reforçando que sei que não é de sua vontade estarem na instituição, contudo vamos aproveitando o espaço que temos, e com base naquilo que eles gostam e realizar coisas diferentes. Li o que eles tinham descrito na atividade anterior, e a partir daí referi que tinha ficado com dúvidas relativamente àquilo que poderíamos fazer de diferente, sugestões. Sem resposta da parte dos mesmos, referi também que eles me tinham dito que “não tinham amigos”, ao que afirmaram que sim, que não tinham, e então questionei-os acerca do que poderíamos fazer, pois não é o objetivo que se deem todos bem e que sejam todos amigos, mas que se respeitem uns aos outros. Foi então levantada a questão do que era uma amizade? O que é suposto ser um grupo? A senhora F.G. (E.R.P.I.), referiu que deveriam ser como uma família, e que não são, como tal vários foram os que concordaram com ela. Então com base nisso, pedi para que fechassem os olhos, e levantasse o braço quem concordava que o grupo deveria ser “uma família”. De entre os 22 presentes na sala, foram 11 as pessoas que levantaram o braço. Referi que, pedi para levantar o braço de olhos fechados, pois dessa forma poderiam dizer o que pensam livremente. De entre os comentários que iam existindo o senhor A. (E.R.P.I.) refere “metade deles não serviam nem para os ciganos, porque fazem queixas uns aos outros”, referindo que os colegas não são bons como amigos, que não servem como companhia e que só ao fim-de-semana é que estava bem, porque não havia “certas pessoas”.

Com base no que me foram reportando, achei pertinente reforçar a importância de estar em grupo, e então questionei “quantas horas permanecem no centro?” os de E.R.P.I., estão permanentes, mas o de centro de dia, estão cerca de 8/9 horas. O importante neste caso não era a exatidão do número de horas, mas sim reforçar que é o sítio onde passam mais tempo, e que como tal era importante que se dessem bem, pois são as primeiras pessoas com que podem contar. E neste sentido perguntei se eles se conheciam de verdade? E lembrei-me de uma atividade de autoapresentação, que consistia em dizer o nome, idade e algumas coisas da sua vida, e que gostavam de fazer. Comecei por mim, e sugeri que o estagiário fosse em seguida, referi que esta atividade também seria importante para ele, pois assim também ele iria conhecer melhor o grupo. De salientar que a certa altura havia muitas conversas de pequenos grupos 2 a 3 pessoas que iam falando das suas vidas passadas, e das atividades que haviam desenvolvido. Ao refletir, penso que talvez devesse ter parado o grupo e ouvir a partilha das pessoas para todo o grupo, mas em termos temporais sabia que isso não era possível, pois aproximava-se a hora de almoço e não tinham falado todas as pessoas, e depois do almoço não seria possível retomar a mesma atividade. No final de todos falarem agradei em primeiro lugar por me proporcionarem aquele momento de estar com eles, em segundo lugar agradei a partilha que eles fizeram em grande grupo, e em terceiro lançar um desafio: que no nosso próximo encontro as pessoas que quisessem trouxessem uma foto de algum momento que as tenha marcado. O objetivo desta atividade era que as pessoas que trouxeram a foto, numa outra sala possam partilhar a vivência daquele momento com os outros, sabendo ouvir e respeitar a opinião dos outros e também fomentando uma maior ligação entre alguns elementos do grupo, dado que na sala de convívio com todas as pessoas, poderia não se proporcionar um ambiente agradável e revelador de algumas vivências pessoais.

Dia 07 de novembro, 2016: “Autorretrato; conversa intencional com equipa técnica”.

Com o objetivo de dar continuidade à atividade anterior, o presente dia tinha como intuito mostrar as fotografias que haviam trazido, falar e recordar os tempos antigos. Contudo e como era esperado de minha parte, uma vez que a linha temporal era grande, as pessoas não levaram as fotos; à exceção de duas senhoras. Assim, foi tempo de avançar com uma nova iniciativa, e como quebra-gelo comecei por perguntar o dia, mês e estação do ano que estávamos. Posteriormente foram questionados acerca do que queriam fazer, ao que me respondera que eu é que sabia, “qualquer coisa” referiu dona Laura, o que reforça que não estão habituados a tomar decisões e a ter iniciativa. Assim, levei umas folhas A5, de modo a realizar um exercício de dinâmica de grupo que se intitulava de “autorretrato” de Sabina Manes, e que tinha como objetivo convidar as pessoas a realizar um desenho, ou escrever uma frase, que fosse representativo deles próprios, um texto escrito, uma poesia, uma música, algo que expressasse como se sentiam naquele momento. Foi distribuída a cada pessoa, uma folha e um marcador, e mencionado que os trabalhos eram anónimos, e que no final circulariam por todos os colegas, para que eles pudessem ver, e comentar acerca dos mesmos, interpretando-os. De entre as 22 pessoas presentes, 10 foram as que aceitaram o desafio e quiseram uma folha. Trabalhos realizados (de notar que houve 2 pessoas que quiseram que eu escrevesse na folha por eles), foi tempo de fazer passar por todos os colegas. Findado esse período, distribui no chão os trabalhos, de modo a que pudessem vislumbrar todos. E, diante do que estava no chão, comecei por questionar acerca do que lhes chamou mais a atenção. Referiram que foi o primeiro desenho “que está mais bonito” senhor A. (E.R.P.I.). Indiquei que o objetivo não era saber qual o desenho mais bonito, mas sim o que chamou mais as suas atenções. Argumentaram que por ser um desenho, os chamou mais a atenção, e aquele era o mais bonito. Seguindo então as suas lógicas, questionei assim o que se destacou no desenho, ao que respondem que era sem dúvida o mais bonito de entre os outros.

Então assim sendo, qual seria a razão que se destacaria para aquele ser o desenho mais bonito? A dona Laura respondeu que era por ter flores, a senhora Eva que representava o natal, e a dona Matilde acentuou a temática do natal. Neste sentido, tentei devolver que ao que me parecia estavam-me a demonstrar sentimentos onde sentiam felicidade, segurança, afeto em que a família estava toda reunida, e se sentiam bem. A dona F.G. (E.R.P.I.) referiu ainda que que o Natal e a Páscoa são muito importantes para ela, porque congrega a parte religiosa que venera muito, e o lado afetivo da união em família. Fui notando a grande dificuldade de manter o grupo todo atento, pois começaram a divergir, e a não prestar atenção, contudo sei que a sala de convívio não possui as melhores condições. Não por ser uma sala em que as pessoas ficam em círculo, mas sim, devido ao espaço e distanciamento entre os extremos, o que proporciona conversas paralelas, em diversos minigrupos. E sendo uma sala de convívio, estão a maior parte das pessoas, e algumas não querem participar nas atividades, contudo também sei que deslocando para outro sítio, nesta fase não terei tantos participantes. Assim, depois de algum compasso de espera entre as senhoras que conversavam, referi que queria terminar a atividade. Seguidamente, olhando para o chão, mencionaram que o segundo desenho estava muito bem, pois continha uma bailarina e que isso lhes transmitia felicidade e festa. Alertei para o facto de haver pessoas que se sentiam tristes na sala e que isso era notório através das suas descrições nas folhas e que competia a todos estar mais atentos e prestar atenção a todas as pessoas, tal como uma família. No final agradei a suas participações na atividade, pois “tenho consciência que não é fácil para vocês exprimirem aquilo que sentem em papel, e que será visto por outros colegas”, foi uma grande tarefa, mas que estiveram muito bem, referi que esperava que a atividade lhes tivesse transmitido também alegria, tal como eles me transmitiam a mim. Referiram que sim, que gostavam que estivesse com eles, pois a “manhã passava mais rápido”, senhora Laura ao que a dona Matilde referiu, mas “não vem todos os dias”, integrado na conversa de que era ainda melhor se estivesse sempre cá.

Seguidamente ao almoço, a diretora técnica referiu que era a altura mais oportuna para falarmos, e assim, tendo por base o guião preparado previamente, comecei por lhes questionar acerca de como consideram que são as interações entre as auxiliares e as pessoas mais velhas. Ambas responderam “depende de cada auxiliar”. Com a resposta das mesmas, fui levada a refletir acerca das desigualdades de cuidados. A diretora reportou nunca ter assistido a nenhum banho, pois se o fizer sabe que elas vão agir de forma correta, porque sabem que estão a ser observadas. Reportaram acreditar que as novas auxiliares não façam cuidados individualizados, e que, portanto, existam cuidados que são desiguais. Ao longo da conversa referi que ambas veem os pontos de vistas das pessoas mais velhas e das auxiliares, mas, no entanto, entendi que a diretora técnica não tinha muita perceção acerca daquilo que os idosos pensam dela, pelo que devolvi, que na perspetiva dos idosos, estes tendem a ver o centro como uma prestação de serviços que pelos quais pagam e como tal têm direitos e que por vezes se sentem insatisfeitos. A diretora retorquiu, referindo que sabe que algumas pessoas criticam os cuidados de algumas funcionárias, mas que, no entanto, isso não acontecia com elas (equipa técnica) - questionando-me. Ficando num impasse, refleti se deveria dizer exatamente aquilo que as pessoas transmitem ou não. Pois sentia-me numa posição um pouco ingrata, pois ouvia ambos os lados, e o objetivo não era criar ainda mais problemas, mas sim sempre na tentativa de que todos juntos fossem capazes de os colmatar, mas também tendo perceção que a devolução do que vai acontecendo no seio institucional é fundamental para a própria reflexão dos técnicos, e para a própria mudança de pensamento dos mesmos. E mediante isto foi mencionado que as pessoas mais velhas tendem a ver que existe uma hierarquia, e que eles estão na base, sem opinião ou voz, e que têm de cumprir com aquilo que lhes mandam.

No decorrer da conversa, referi que como sabemos, e tendo toda a formação em humanidade, se deveria primar pela prestação de cuidados individualizados, ao que a diretora referiu que isso é uma velha luta nas reuniões com as auxiliares, que lhes refere constantemente “que eles não são sacos de batatas”. Aproveitei para referir

que já tinha devolvido as pessoas, que estamos todos lá para os ajudar, e que já lhes tinha dito que eu própria não queria estar num sítio onde fosse obrigada a fazer aquilo que eles não queriam, e que ali todos estávamos para ajudar – devolvi.

Assim, em seguida, referenciei que possíveis estratégias poderiam existir para colmatar alguns dos problemas que foram sendo elencados até então. A diretora referiu que as auxiliares vão ter novamente formação com a formadora R., e que lhe iria pedir para insistir na parte da humanidade. Referi também que uma vez que todas temos a formação, o que poderíamos fazer de modo a aproveitar esta potencialidade. Ao que a diretora considerou a hipótese da existência de um grupo de ajuda mútua, com as auxiliares. Contudo, concluíram que esta não foi uma boa ideia, uma vez que iria ser difícil a reunião de maior parte das auxiliares, porque poucas iriam aparecer, e que não poderia ser na instituição pois as mesmas não iriam querer. No entanto referiu ser “importante a existência de momentos entre as auxiliares onde pudessem conversar, e demonstrar alguma insatisfação face a vários assuntos, mas que não poderia ser nenhuma das pessoas que estão diretamente com elas, talvez você fosse a mais indicada, por estar numa posição neutra”. Partindo da sugestão da D.T., foi questionado qual o melhor momento para falar com as auxiliares, a fim de lhes falar desta possibilidade, referindo assim que o melhor horário seria entre as 13h e 14h uma vez que é a troca de turno e que estão na instituição quase todas as auxiliares. A diretora reportou ainda que na sala das auxiliares existe muito espaço, e que poderiam decorrer algumas conversas lá, ou mesmo elas rentabilizarem o espaço. Contudo referenciou ainda alguns aspetos como quezílias entre as mesmas, o que me levou a pensar se não seria melhor a existência de dois grupos, pois um só, iria despoletar talvez a não partilha de experiências ou momentos, por não se sentirem à vontade com as colegas.

A diretora também referiu que as auxiliares já referiram que não gostam que esta deixe recados no quadro do refeitório, onde todas veem, comentam e interpretam como sendo um ataque direto. Este ponto levou a questionar a possibilidade de devolver às auxiliares como acham ser a melhor maneira de lhes comunicar a

informação. Referiu também, que as mesmas não cumprem algumas ordens que lhes pedem, como de não deixar as chaves nos cacifos.

Ao longo da conversa ambas enumeraram picardias entre auxiliares, com bate boca através do facebook, bem como o facto de não integrarem novas colegas, por pensarem que lhes vão tirar o lugar, mas que, no entanto, quando a questão refere a direitos do trabalhador, que as informações passam entre as auxiliares, mesmo as que estão de baixa, quase que numa “junção contra o mal”.

Finalizamos a conversa, referindo todas a sentida falta de motivação que é sentida, tanto por parte das auxiliares, como das próprias, e que isso prejudica a prestação dos cuidados, e o limiar de tolerância com que gere os conflitos. Ficou assim em acordo que na próxima reunião no final do mês de novembro, entre a D.T. e auxiliares, que eu estaria presente na mesma, e que no final os órgãos superiores se ausentariam, dando oportunidade para que eu pudesse expor a proposta de criação de grupo, com base na necessidade e interesses das mesmas, ou ainda possíveis soluções para colmatar algumas lacunas, que as mesmas considerem importantes e se pertinente a implementação dos pilares da humanidade, uma em cada mês, como sugestão da D.T.

Dia 09 de novembro, 2016: “como me sinto”

Tendo em conta os objetivos definidos anteriormente, concernentes às fotos, o mesmo não foi concretizado, uma vez que só apenas três pessoas tinham fotografias. Assim, houve a necessidade de avançar com outra estratégia.

Começou-se por recordar a atividade que tinha sido realizada anteriormente onde, o senhor A. (E.R.P.I.), começou por referir que “fizemos uns rabiscos”, a senhora F.G. (E.R.P.I.) completou dizendo que tiveram que dizer o que gostavam de fazer. Posteriormente fui acrescentando que estivemos a falar acerca daquilo que cada um sente, pois, cada pessoa é única, e é importante estar atentos a cada um, pois como vimos existe pessoas que escreveram que estavam tristes, outras que gostam de estar

no seu cantinho a ler, outras que desenharam um passarinho- devolvendo-lhes. “que quereria isso significar?” O senhor A. (E.R.P.I.), autor do desenho, respondeu “portas abertas, liberdade”.

De seguida referenciei que, uma vez que é importante estarmos atento a nós e também áquilo que cada um sente, a atividade que lhes propunha tinha a ver com isso, com a representação de um ritmo musical que lhes fizesse sentido, e que fosse representativo daquilo que estavam a sentir, que seria reproduzido por todos os colegas em seguida. Então perguntei quem queria começar? Ninguém queria começar então pronunciei um ou dois nomes a ver se alguém tomava a iniciativa, a dona Laura foi a primeira, fez um ritmo, e todos imitaram, quando acabou perguntei como esta se sentiu ao fazer o ritmo, e como se sentiu ao ver os colegas a imitarem o seu ritmo, ela referiu que se sentia contente, e o seu comportamento não-verbal era de uma expressão de alívio, de sorriso no rosto aberto. De seguida, nomeei mais alguns nomes, e foram fazendo alguns ritmos, mas não sequências rítmicas. Fui interpelada pela dona F.G. (E.R.P.I.) que perguntou se não íamos fazer nada com as fotos, pois a seguir ao almoço iria para o seu quarto, e só saía para lanchar. Olhando para as horas disse que, quando faltasse 15 minutos para as 12h iríamos então falar um pouco e recordar alguns momentos. A atividade foi continuada e perguntado se alguns dos ritmos os faziam lembrar alguma coisa? Referiram que não. Contudo, embora estivesse um silêncio bastante agradável para se trabalhar, o grupo demonstrava-se recetivo para fazer a atividade dos ritmos e há medida que algum colega fazia um ritmo novo, todos os presentes na sala imitavam, à exceção dos que por problemas físicos, ou de audição não entendiam a mensagem que estava a ser transmitida.

É de salientar que quando chegado ao momento de discussão, o grupo parecia dispersar, e não prestar muita atenção. Ao que a dona Ana começou a referir que, no centro onde estava que faziam jogos dos feijões (bingo), dominó, “e outros de atirar que se entretinham mais, do que aquilo que fazia, que era de falar”, começando o grupo a divagar, e os colegas referindo-lhe que também fazem isso lá, e jogos com “saquinhos que têm coisas lá dentro, e temos de adivinhar o que é” - dona Ana. Percebi

então que são mais adeptos de jogos e dinâmicas mais interativas, que tragam desafios e descoberta. O que me fez pensar se estava a ser objetiva nas atividades que haviam sido desenvolvidas com eles, de modo a permitir um conhecimento mútuo do grupo, quer do seu próprio conhecimento e das suas capacidades reflexivas, que até então se apresentavam parcas.

Dia 14 de novembro, 2016: “Bingo”

O objetivo de dar continuidade à atividade de como se sentem, dando importância ao seu próprio sentimento, e ao facto de ouvir e outro e compreender como ele se sente. Contudo, era o dia dos diabetes e como tal grande parte das pessoas foram para uma conferência que existiu numa cidade vizinha, ficando na instituição menos pessoas. Estas foram questionadas do que queriam fazer, ao que me responderam “descansar” e “ver televisão”, disse-lhes então que iriam descansar ou ver televisão, sendo essa a vontade deles, pois é importante momentos para eles, para desfrutar, e aproveitar para conviver uns com os outros, e também de modo a serem respeitadas as suas vontades. Assim, posteriormente referiram que faríamos o que entendesse, ao que respondi que nunca lhes impus nada e que nunca o faria. Assim, a dona Matilde referiu que poderiam jogar o bingo, ao que os outros se demonstraram recetivos e procedemos ao jogo, onde estavam presentes 13 pessoas, das quais, 10 pessoas participaram. Mostraram-se muito recetivos, pois era perceptível, o seu empenho, e ânimo na continuidade da atividade.

Dia, 16 de novembro, 2016: Brainstorming - “Amizade é”

Após cumprimentar individualmente todas as pessoas, foi direcionada a atenção para a sala de convívio, local onde maioritariamente decorrem as atividades, e foco do maior número de pessoas. Diante dos mesmos, foram divagando alguns assuntos, até haver um tema de eleição, por parte dos adultos mais velhos. Entre eles, qual era o dia, mês e ano, e como estava o tempo. Também me informaram que se comemorava o dia do mar, facto que desconhecia, e fomos falando um pouco acerca disso. Foi percebida uma certa tensão, pois a dona Matilde e a dona Laura falavam como que indiretamente para outro colega, num tom ríspido, que me levou a questionar acerca do que se passava. Estas mencionaram que a dona C.G. as tinha acusado de roubar as chaves de casa, e que elas estavam muito chateadas com esse facto, pois “queríamos lá as chaves para alguma coisa”. Estas se demonstravam muito revoltadas com a acusação feita pela mesma, contudo é de salientar que a dona C.G. padece de uma doença mental crónica, que embora medicada, não deixa de ter ilusões, e criar histórias. Mais tarde, informei-me da realidade e o que aconteceu foi que a senhora pela manhã quando saiu de casa colocou as suas chaves na mala, contudo, a mala tinha o forro descolado e a chave escorregou para dentro do mesmo, impossibilitando que a dona C.G. as encontrasse. Assim, quando chegou a casa, não as encontrou e acusou a dona Matilde e a dona Laura de ter pegado nelas (conversa intencional com administrativa). Já na sala, a dona C.G. demonstrava uma atitude calada, e quando foi cumprimentada, referiu em tom baixo que não podia falar “elas andam aí”, e recolhi-se no seu canto, quase que passando por impercetível. Já a dona Matilde barafustava o seu descontentamento dizendo “tudo se paga... mentirosa”. Novamente refletindo acerca desta questão, vai-se tornando cada vez mais evidente que pessoas não compreendem o problema mental da dona C. G., ou que então, não o estão a ter em consideração nesta situação. Pois, já por diversas vezes a animadora sociocultural alertou para o facto de nem todas as pessoas naquela sala terem todas as faculdades

mentais, e que eles têm de ser mais compreensivos uns com os outros o que, no entanto, não tende a surgir efeito, pelo menos nesta situação.

Após algum diálogo, e ouvidos os intervenientes, foram questionados acerca do que gostariam de fazer - “uma coisa leve” nomeou a dona Matilde. Assim sendo, foi dada a possibilidade de escolha entre dois temas “ser feliz é...” no âmbito das atividades a que têm vindo a ser realidades, ou “amizade é...” tendo em conta os acontecimentos sucedidos, e alertando para o facto de permanecerem muitas horas na instituição, e salientar o verdadeiro sentido de união. Ambos os temas passavam pela construção de um brainstorming. Optaram pelo tema da amizade, numa posição central, foi colocado um quadro e escrito em letras grandes no centro, “Amizade é...”. Foi referido que não precisavam se reportar estritamente ao que acontecia na sala, mas sim que falassem no geral do que significava amizade para eles. A síntese das principais ideias deste brainstorming resultou em que a amizade é: gostar; é ter ligação; é ceder; é ter carinho; é tratar bem; compreender um ao outro; é ser feliz; é conviver (bem com as pessoas); é amor e carinho; é ter muito que diga; é não esperar nada em troca; é influenciar uns aos outros; constrói-se; amizade com amizade se paga e findou-se referindo que o “sonho é tornarem-se todos amigos”. É de salientar o envolvimento do grupo nesta atividade, foi gratificante enquanto interventora social, ter observado a forma como o grupo se envolveu, e foi falando de como as amizades tinham importância para eles, como tem de “compreender um ao outro”, de “tratar bem”, de saber “ceder” perante o amigo, que na amizade “não se espera nada em troca”, que a mesma se “constrói”, e ambos se “influenciam”. De entre as 23 pessoas presentes na sala, 13 eram participantes ativos, os outros, como já vem a ser nomeado, quer por estarem a fazer outras atividades “malha e tricô”, quer pelo entre e sai das auxiliares de ação direta que levam e trazem as pessoas para irem ao banho, acabava por quebrar um pouco a dinâmica da atividade. Mas este é um facto incontornável, pois estas têm horas para cumprir e de seguir para o domicílio logo após os banhos tomados.

Foram tidas em consideração as pessoas com dificuldade de audição. Assim, cada vez que uma pessoa dava uma nova ideia deste vasto leque que significa ser amigo, era comunicada individualmente a ideia exposta do grupo, e foi muito interessante de observar que as pessoas aderiam e concordavam com a ideia, dando também o seu contributo muito pertinente, ao que fiquei muito surpreendida, pois eram contributos muito perspicazes e que os restantes colegas não estavam acostumados a ouvir. Esta comunicação individual, era realizada, não sem antes avisar todo o grupo “você compreendem que como existem pessoas com dificuldade de audição tenho de transmitir o que nós vamos falando, para eles também participarem”, sob pena de o grupo dispersar caso não o fizesse. O grupo demonstrou-se bastante recetivo, participativo, e não existiram muitos momentos de dispersão, ao invés do que tem vindo a acontecer. Ao refletir tento chegar a uma conclusão acerca do motivo pela qual estariam atentos e participativos. Poderia ser pelo tema em si que lhe dissesse algo e ser-lhes particularmente sensível, bem como poderia ser pela oportunidade de participação e expressão da sua livre opinião. No final da atividade, não pude deixar de manifestar o meu contentamento “digo-vos de coração que estou orgulhosa de vocês, isto que está aqui (apontando para o quadro) é vosso, foram vocês que fizeram e disseram”. O senhor A. (E.R.P.I.) referiu que, “a menina tinha jeito para professora ou enfermeira” ao que foi perguntado o motivo “tem jeito para estar aqui a ensinar”, e referido o objetivo não era ensinar ninguém, que aliás, o que estava escrito foi fruto daquilo que as pessoas estavam a dizer, das histórias que estavam a contar, das ideias e exemplos que eram referidos. Ele sorriu. A conversa foi surgindo gradualmente ao longo da atividade, nada foi imposto, e os exemplos também surgiam naturalmente, numa interatividade com as pessoas. A título exemplificativo, era referido “vamos imaginar que eu e o senhor José somos muito amigos, e que uma pessoa que eu não conheço de lado nenhum me diz que o senhor José lhe fez mal no passado, como é que vocês reagiam? O que faziam?” Foram levantando varias hipóteses “não ligava, afinal é meu amigo” senhora F.G. (E.R.P.I.) e Dona Matilde; “ficava a pensar naquilo” senhora Isaura. De modo a que todos refletissem, indicou-se que várias seriam as

respostas possíveis, que não se trata de uma única resposta, que até se podia ir diretamente perguntar ao senhor José o quê que se tinha passado. A dona Eva referiu em tom de conclusão que a amizade “tem muito que se lhe diga”. E de facto pelo aproximar da hora foi realizado um balanço da atividade, “de facto a amizade é tudo aquilo que vocês disseram, é ter uma ligação com a pessoa, é gostar dela, é tratar bem, é compreenderem-se mutuamente e saber ceder (...) de facto a amizade tem muito que se lhe diga e nós aqui sabemos que nem todos vão ser grandes amigos, mas podemos ir fazendo pequenas coisas como aqui estão descritas (...) podemos começar por ceder mais perante o outro que um dia está mais irritado, ou mais chateado, e lhe perguntarmos o que se passa, para que possamos ser felizes (...)” Assim, em conclusão a dona Eva refere o “sonho era que todos aqui se tornassem amigos” ao que foi referido, que vamos tentar com um passo de cada vez, começando por pequenas coisas. Ao terminar, foi agradecida a participação das pessoas, batendo palmas a eles pelo empenho e dedicação, ao que todos bateram palmas e agradeceram “há menina”, ao que foi referido que o desempenho tinha sido deles, e aquele trabalho era deles.

Dia 21 de novembro, 2016: “Dia do pijama”

Embebecida ainda com a atividade anterior, pretendia-se dar continuidade há temática acerca da amizade, de modo a fortalecer a ligação entre eles, a respeitarem-se, e observar o outro, além de si mesmo.

Contudo, comemorava-se neste dia o dia do pijama, pelo que a animadora sociocultural planeou com as pessoas vestir o pijama (que alguns acederam ao pedido), e esperar pelas crianças que vinham da creche visitar o centro de dia. Após uma conversa com a animadora sociocultural, considerou-se que desta vez seria diferente e as pessoas do centro de dia, iriam visitar as crianças da creche (uma vez que o acesso ao mesmo é fácil, não existindo escadas, apenas 2 portas corta-fogo que separam o centro de dia da creche). As pessoas dirigiram-se até à creche, quer pessoas

vestidas com pijama, quer sem pijama, de modo a que todos pudessem participar. Lá foi possível observar o encanto das pessoas, ao ver “tantas crianças” dona Ana, todas elas vestidas de pijama. Foi-lhes explicado pelos educadores, o significado deste dia, bem como apresentada a música deste ano. Regressaram com um sorriso no rosto, e com satisfação de terem visto as crianças “tão pequeninas” dona Ana. Em seguida já na sala de convívio, a animadora sociocultural quis pontuar algumas questões relativas a conferências com os idosos, e em seguida foram almoçar.

Depois de almoço, dirigi-me à sala de convívio com intuito de continuar com eles a atividade no âmbito da amizade, estava a sala repleta, sem lugares. Entra a animadora sociocultural que me questiona se pode levar 3 pessoas ao que não é colocada objeção, pois iam jogar cartas. Posteriormente, questiona se pode levar mais algumas pessoas para coserem uma roupa, e pouco depois a fisioterapeuta que pretendia trabalhar com algumas pessoas. Pouco depois chegou a cabeleireira, e alguns foram entrando para a sala de cabeleireiro, ficando deste modo a sala com 12 pessoas. Com estas pessoas foi questionado o que gostariam de fazer, não havendo respostas. Assim, sem qualquer iniciativa por parte do interventor social, o grupo iniciou uma conversa “informal” que gerou uma discussão saudável, circular na sala, entre eles, sem ter de existir uma intervenção que os guiasse, pois autonomamente iam surgindo conversas. Tendo começado por falar em recordações, e brincadeiras que tinham quando eram mais novos, a conversa foi surgindo e de entre elas foi falado da questão de muitas crianças, no passado morrerem novas, com 2/3 anos de idade; dos tempos difíceis que era viver, sem transportes, e poucos recursos médicos, pouco dinheiro, das difíceis gravidezes pois trabalhavam até ao dia da criança nascer, etc. Dos 12 presentes 9 eram participavam ativos, embora todos eles contribuíssem para a conversa. No final, antes do lanche foi salientado que todos eles têm uma história, um passado difícil, e que não é por alguns não ter filhos, que a vida foi mais fácil, pois todos eles passaram por momentos difíceis e que todos merecem ser respeitados.

Posteriormente, a diretora técnica quis reunir (comigo, animadora sociocultural e fisioterapeuta) com o objetivo de com ela, analisarmos as avaliações de desempenho

que um observador externo realizou, e avaliar alguns itens que a mesma (D.T.), não sabia avaliar pois não tem tempo para observar diariamente algumas interações. Deste modo, as principais elações desta reunião, prende-se com o facto de como já havia sido referido alguns dos conflitos entre auxiliares, do leva e trás de informações, e que isso prejudica o desempenho de trabalho e a interação com as pessoas. Das “bocas” nas redes sociais, e percepção de que as outras auxiliares estão a falar delas próprias, bem como da desmotivação que vem a ser sentido na generalidade, pois a diretora técnica ouve sistematicamente queixas umas das outras, mas que na reunião “não são capazes de falarem à frente umas das outras” - Diretora técnica. Na reunião foi abordado a questão de poder existir algum grupo de auxiliares de modo a poder colmatar alguns dos problemas, ao que foi referido que já tínhamos falado acerca disso e que estaria em marcha um plano para esse fim.

Dia 23 de novembro, 2016: “Conflito; a ilha”

A atividade prevista para o dia tinha como pretensão dar continuidade há atividade da com temática acerca da amizade. Assim, pela manhã, após chegar à instituição fui informada pela administrativa e pela fisioterapeuta, que no dia anterior o senhor A. (E.R.P.I.) tinha levado para o seu quarto, uma garrafa de vinho que lhe foi dada pela senhora M.A.S. (S.A.D.). A história decorreu ao final da tarde do dia 22 de novembro, em que a dona Eva ouviu comentários na sala, e foi informar a administrativa e a animadora sociocultural do que se tinha apercebido. Neste sentido, as mesmas deslocaram-se até ao quarto do senhor A. (E.R.P.I.) com a intenção de encontrar e retirar a garrafa. Pela descrição das mesmas, a garrafa encontrava-se dentro de uma caixa de sapatos, pelo que tiraram fotos, como prova, e confiscaram o objeto. Falaram em seguida com o senhor engenheiro que se encontrava na instituição, e este achou por bem ver se o senhor A. (E.R.P.I.) dava pela falta do objeto, o que se veio a verificar mais tarde. Pela descrição, “armou um pé-de-vento” - administrativa, e tiveram de

chamar a diretora técnica que já tinha ido embora. Após a sua chegada tentaram acalmar o senhor, que barafustava, e pouco mais me foi descrito. Ao refletir, administrativa, fisioterapeuta e eu, colocamos a hipótese de que os comportamentos agressivos (verbais, exaltação e agitação), que o senhor A. (E.R.P.I.) tem vindo a demonstrar nos últimos tempos, poderiam ser fruto de algum estado alcoolizado (na hipótese de isto já ter sucedido anteriormente), ou da retirada de medicação por parte da neurologista. De seguida referi que pretendia ouvir a sua versão da história e dirigi-me à sala de convívio, onde individualmente como habitual, todos foram cumprimentados. Chegada ao senhor A. (E.R.P.I.), questionei como este estava, e como se sentia, ao que me responde não lá muito bem, e começou a contar a história: a senhora M.A.S. (S.A.D.) trouxe uma garrafa e segundo ele colocou em cima da cadeira, na sala de convívio, “por bastante tempo”, até que decidi levá-la para cima e colocar na caixa dos sapatos, dentro do armário. Referi que ele sabe que não pode levar álcool para o quarto, ao que ele acenou com a cabeça confirmando, que sabia disso, mas o que mais o deixava revoltado era o facto de não o terem informado, que iam ao quarto tirar a garrafa, ao que lhe referi que o compreendia nesse sentido. Pois é adulto e não estando num estado demencial, fazia sentido ser avisado de que iriam revistar e mexer nas coisas do senhor. Enquanto dialogávamos entrou a fisioterapeuta e questionou a dona R. (E.R.P.I.) e a dona Eva, para irem para a fisioterapia, ao que o senhor A. (E.R.P.I.), logo intervém e refere que “tratam as pessoas como lixo, que falta de respeito é que nem por favor, são obrigados a ir e pronto”. Ao que a fisioterapeuta lhe responde se sempre foi educada com todos, e quando lhe pede alguma coisa é sempre por favor, e com respeito.

O importante de salientar deste debate foi que, em seguida a fisioterapeuta, teve uma abordagem muito mais individualizada e pediu “dona R. venha até á sala de fisioterapia por favor”. Pedindo desculpa por estar a interromper, e a levar as pessoas. Pouco tempo depois, enquanto continuava a cumprimentar as pessoas, entrou na sala a diretora técnica, que cumprimentou todos dizendo “Bom dia”, e chamou o senhor A.

(E.R.P.I.) ao seu gabinete. O ambiente ficou frio, numa espécie de constrangimento, mas ele sorriu, e saiu da sala, com ela.

Em seguida, depois de questionados acerca da atividade que gostariam de desenvolver e não tendo obtido resposta, foi-lhes colocada uma proposta de dar continuidade então à amizade. Neste sentido iniciou-se com um recordar acerca do brainstorming da amizade, lembrou-se algumas palavras-chave, e como a amizade influenciava a nossa vida. E neste sentido o objetivo da atividade era que numa folha de papel e caneta que fora distribuída, escrever o nome de pessoas que levariam com eles, na sequência das perguntas realizadas. Assim, a primeira pergunta consistia em quem levariam com eles “se fossem para uma ilha deserta e tivessem que estar por lá muito tempo, quem levariam dentro deste grupo”. De entre as 16 pessoas presentes na sala, 9 pessoas foram as que participaram, mas 3 desistiram logo na primeira pergunta. Foi perceptível ao longo do exercício, que a sua execução continha muitos constrangimentos e que as pessoas não se demonstravam recetivas para escrever o nome dos colegas nos papéis, acabando por perder o entusiasmo na participação. Refletiu-se assim, juntamente com a animadora sociocultural e estagiário de mestrado, que estiveram implícitos no exercício de dinâmica de grupo, na complexidade do exercício para o grupo, uma vez que o grupo se demonstrava desmotivado, desligado, preferindo a televisão. Concluiu-se, referindo que talvez os constrangimentos associados ao mesmo, prendia-se com a questão de ter de colocar o nome dos colegas, e que isso representava um entrave ao grupo, pois não se sentiam à vontade para o fazer.

Dia 28 de novembro, 2016: “Observação; jogo da confiança”

Com base no que vinha sendo observado, e de modo a compreender a relação existente entre o grupo de pares, dos adultos mais velhos, foi proporcionado um exercício de dinâmica grupal, na qual os mesmos iriam ter de confiar uns nos outros.

O objetivo era compreender se confiavam nos colegas, uma vez que, de olhos vendados, teriam de ser conduzidos por outro elemento do grupo e deambular pela sala, reconhecendo objetos ou pessoas com quem se cruzassem. O desafio, estranhado logo à partida, deixava transparecer que não queriam ser conduzidos pelos colegas. A dinâmica só foi conseguida “se a doutora é que me levar”, revelando desta forma que não confiavam nos colegas para os conduzir de olhos vendados. Tendo de existir assim uma negociação, entre os adultos mais velhos, animadora sociocultural e interventora. Chegando a acordo, a atividade revelou-se uma mais-valia, tornando-se divertida, e levando a que mais pessoas quisessem participar. Tentou promover-se a estimulação sensorial nas pessoas vendadas, deixando-as tocar nas mãos ou rosto dos colegas de modo a que pudessem adivinhar quem era. Também se pretendeu que, os adultos mais velhos ao estarem vendados, experienciassem uma realidade diferente da que conhecem, nomeadamente a invisualidade, de modo a que possam colocar-se no lugar do outro e pensar nas reais dificuldades.

Findada a atividades, os adultos mais velhos sorriam de forma gratificante, comentando e interagindo entre eles “eu toquei-te e nem sabia que eras tu” Isaura. A animadora sociocultural referiu que atividades como as que tinham acabado de acontecer eram benéficas, pois permitia que para além de estimularem a nível sensorial, também permitia com que o grupo se conhecesse melhor. Desta forma, proporcionamos também que o outro se deixasse tocar pelo colega, de modo a que este não fosse um mero estranho, numa sala de convívio. Pôde ainda ser verificado o gosto que o grupo de pares tem pela televisão, e o gosto pelo canto, o que podem tornar-se potencialidades para que o grupo se torne mais coeso, uma vez que tem sido recorrente as reflexões de que o grupo não é um grupo no verdadeiro sentido.

Dia, 30 de novembro, 2016: “Recordações: visionamento de fotos”

A presente atividade foi pensada com os adultos mais velhos, animadora sociocultural e estagiários. Uma vez que é perceptível que as pessoas gostam de recordar e vivenciar emoções e sentimentos que momentos passados lhes transmitem. Assim, o instituto era de mostrar aos adultos mais velhos, fotos do aniversário da instituição, onde eles participaram, com o objetivo geral de estimulação cognitiva e objetivos específicos de estimulação da memória. Para isso foi mostrado na televisão através de DVD, onde puderam assistir às fotos. Durante a atividade as pessoas foram incitadas a recordar as pessoas que estavam nas fotos. Foi possível perceber que, em parte, as pessoas demonstraram interesse em participar na atividade, sorrindo e verbalizando as pessoas que reconheciam nas fotos, denotando-se interesse e esforço por tentar identificar os elementos da foto. Contudo, em 3 pessoas, era notório uma desmotivação, a dona Matilde referiu “isso não me interessa para nada, eu vim” e então falava com os colegas do lado desmotivando-os e não prestando atenção às fotos. A certa altura da conversa a dona Matilde refere “metem tudo aqui” referindo-se a pessoas que tinham entrado há pouco tempo, e que apresentavam algumas dificuldades tanto físicas, como debilidades psicológicas.

Após almoço a diretora técnica reuniu por volta das 13h30 com as auxiliares no refeitório. A reunião atrasou e só terminou perto das 16h (hora do lanche). Uma vez que era tarde e as auxiliares tinham de colocar as mesas para o lanche, tudo o que havia sido planeado anteriormente teve de ser alterado. Assim, começamos por um breve quebra-gelo, e relaxamento para quebrar o momento do final da reunião e o início da breve conversa, com massagens nas costas umas das outras em círculo, e ao mesmo tempo iam exprimindo a sensação de gratificação/ satisfação pela massagem. Em seguida, sentamos rapidamente e lhes foi comunicado: primeiramente o que estava ali a fazer, ou seja, o mestrado em que estava e brevemente os objetivos do mesmo; e em segundo que como observadora no contexto onde elas trabalham, tinha

visto o stress/ pressão em que as mesmas andavam, e que bom talvez a existência de momentos para elas. prontamente responderam que era mesmo muito importante a existência de momentos de partilha e reflexão entre elas, mas fora do contexto da instituição, pois não faria sentido ser no próprio local de trabalho. Falou-se ainda em questões temporais como, quando seria oportuno a realização da primeira “sessão” chamemos-lhe assim. Ao que responderam para janeiro, uma vez que com o natal e a confusão das festas iria ser muito complicado. Mais se reforçou que as sessões não iriam ter qualquer carácter de obrigatoriedade, era apenas momentos de partilha delas, num horário pós-laboral (21h / 21h30), quinzenalmente, de modo a não perturbar os horários de trabalho, nem o bem-estar familiar.

Foi perceptível o entusiasmo das auxiliares presentes, pois como iam referindo “alguém se estava a importar” com elas. Denotava-se o entusiasmo, e empenho em quererem marcar logo a primeira sessão.

Dia, 12 de dezembro, 2016: “Ensaio de Natal”

O objetivo delineado neste dia, passava por falar um pouco acerca do fim-de-semana, e remeter para a temática do natal, com vista a que em conjunto se pensasse numa atividade neste âmbito. Contudo o mesmo não foi possível, uma vez que animadora sociocultural tinha planeado ensaiar com as pessoas, das diversas valências, para a festa de Natal a realizar-se no dia 17 de dezembro. Assim, e tendo em conta o pedido que a diretora técnica havia feito de a ajudar em alguns processos novos, foi aproveitada a ocasião e foi recolhida informação para o projeto acerca das pessoas que inseriram a instituição há relativamente pouco tempo. Da parte da tarde, a animadora continuou com os ensaios, presenciei o início dos mesmos, e foi enfatizado novamente, o gosto que as pessoas têm pelo canto, mas, não o demonstravam muito apressado pelas músicas de Natal, escolhidas para a festa. O que

ênfatiza que provavelmente não fizeram parte do processo de seleção das músicas para a festa.

As pessoas que contactei para preencher as folhas da ficha diagnóstica, demonstram-se participativas e falavam da vida delas, muito mais do que as questões que eram colocadas. Acerca dos seus projetos de vida ou expectativas em relação aos mesmos, demonstraram não ter projetos de vida, que só queriam saúde para poder trabalhar e não estar lá. No fundo foi perceptível que gostavam de se sentir úteis e não permanecer passivos na instituição.

Dia 14 de dezembro, 2016: “Centro de saúde”

O objetivo previsto para o dia, compreendia a continuidade na temática do natal, contudo aquando a chegada à instituição, a dona Arminda me questionou se era “a menina que ia comigo ao posto do médico” (sorrindo, o que não observável na rotina habitual desta senhora), uma vez que outrora já a tinha acompanhado à consulta anterior. Foi-lhe referido que não era do meu conhecimento, e que teria de falar com alguém superior. De seguida, a administrativa pede para que se não fosse constrangedor para mim, e uma vez que não tinham mais ninguém disponível (falta de recursos) se não me importava de ir com a dona Arminda, pelo que foi proferido que não existia inconveniente. Já no posto do médico, a senhora Arminda demonstrava-se comunicativa e sorridente, como que se sentindo bem e contente por estar noutra local que não na instituição. Foi possível ter a percepção, através da observação, como se sentisse uma sensação de leveza e descontração, pois a mesma revela na instituição uma postura apática, desligada, com os braços cruzados e cara fechada durante o dia, sentada no seu canto, sem ver televisão. Mesmo quando questionada para fazer alguma atividade esta refere que não quer “já disse, não quero e só falo uma vez” e sempre sem sorrir, ou manifestar alguma expressividade, que não rosto “fechado”. Contudo, também tem vindo a ser observável que a dona Arminda, cada vez que é

cumprimentada individualmente, vai sorrindo gradualmente, mas no caso do dia da consulta era de facto notória a sua boa disposição, que não pude deixar de partilhar com a administrativa.

Dia 19 de dezembro, 2016:“Lembrar o Natal; momento reflexivo”

A atividade elaborada para o presente dia, consistia juntamente com a animadora sociocultural, recordar e falar acerca das lembranças que o natal trazia para estas pessoas. Deste modo, na sala de convívio, onde estão a maioria dos adultos mais velhos, foi-se introduzindo o tema em questão. De salientar que algumas pessoas se demonstraram sépticas a falar do passado, não sei se induzidas pela dor ou sofrimento das lembranças de tempos que receiam não voltar, e como foram referindo “os tempos de hoje não tem nada haver”.

Assim foi sendo sentido pela minha parte alguma falta de habilidade em manobrar o grupo, pois sendo este grande, ia-se dispersando, falando em pequenos grupos, como já vem a ser notado. Refletindo acerca desta questão, é denotada uma certa hostilidade, em não conseguir intervir com todo o grupo, ou mesmo na capacidade de o fazer da maneira mais correta. Pois a minha posição diante daquele grupo, enquanto interventora, é de que é um grupo de adultos, que têm de ser respeitados como tal, e que merecem ter voz, serem ouvidos e terem direito de expressar a sua opinião. Esta análise e reflexão há minha própria postura, advém da comparação, com a postura adotada da animadora sociocultural na presente atividade. Assim, esta chegando à sala mandou calar todos, referindo “meninos, ouçam” ... “não quero conversas paralelas”. E a verdade é que o grupo acatou. Isto foi sentido da minha parte como uma sala de aulas, em que os professores são os subordinantes e os alunos subordinados, e não é de todo a postura que enquanto interventora quero adotar, nem passar. Pois sempre que iniciamos alguma atividade as pessoas referem “vamos

à aula, pode falar professora” - senhor A. (E.R.P.I.) e é referido vezes, e vezes sem conta “que não sou professora, que estamos ali numa conversa, onde vocês me demonstram conhecimentos e eu também vos demonstro”. E foi desta forma que iniciámos, pois, a dona Matilde perguntou, “mas porque falar do Natal que já foi?” precisamente para conhecer as vivências deles, muito diferentes dos costumes e hábitos de hoje, e que fazia gosto de entender como era as vivências deles.

Individualmente, foram questionados pela animadora sobre como outrora era o seu natal (ao que detinha a pensar, que uma conversa em grande grupo acerca do Natal potenciará a interatividade entre eles, ao invés de um falar e os outros ouvir. Contudo sabia que perdia o grupo, pois gerava-se pequenos-grupos a conversar, mas por outro lado também compactuei com a mesma pois era mais fácil lidar com o grupo, mesmo com as afirmações de silêncio). No decorrer da atividade, foi possível perceber, que era com alegria que iam contando o que faziam no natal, e como decoravam as suas árvores que iam cortar ao monte. Estas eram decoradas com algodão em rama, com bolinhas em prata, com pequenos chocolates. Foram falando em comida típica da época e foi aproveitado esse momento para falarem em receitas de rabanadas, filhoses, sonhos. Algumas senhoras faziam de outra forma, e então foram trocando e comentando receitas. Este entusiasmo era geral, e visível nos olhos como brilhavam ao falar “aí que bons tempos” dona M.A.S. (S.A.D.). Foi perceptível que apenas a dona R. (E.R.P.I.) não falou acerca do tema, e quando questionada pela animadora, a sua voz se embrenhou e começou a chorar, pelo que não foi insistido para que falasse do assunto.

Concluiu-se assim que o balanço da atividade foi positivo, uma vez que aderiram à atividade, e participaram na mesma, demonstrando-se contentes e sorridentes ao falarem dos tempos passados, contudo referem que “hoje em dia não há nada disso, não há respeito, nem educação” - Dona Matilde e Arminda.

Dia, 21 de dezembro, 2016: “Recordações e memórias do Natal”

O dia começara com a recordação da atividade anterior, onde juntamente com o estagiário de mestrado, foi lembrado as memórias acerca do Natal das pessoas. O objetivo era dar continuidade à atividade anterior, mas falando numa vertente mais atual, e tentando perceber como iria ser este natal, e o que poderíamos fazer, todos juntos, para melhorar o mesmo, este ano. Como tem vindo a ser recorrente, o grupo começou a dispersar, e a dona Matilde referiu que não estava com paciência, e não queria saber de nada daquilo, que “já tivemos aqui muitos estagiários e nenhum falou connosco, por isso não venha agora com isso”. Deste modo, foi compreensível que esta se encontrava irritada, com dores de cabeça, e que não queria que a incomodassem, contudo estabelecia conversas com as colegas do lado, o que destabilizava o grupo. O comentário da mesma não foi sentido com desmotivação, mas antes com alento, de que alguém estava a marcar a diferença e a fazer algo diferente, com eles, facto esse, já por eles percecionado.

Foram várias as tentativas de interagir e contactar com o grupo, mesmo o estagiário olhava com umas feições de como se estivesse tudo perdido. Posteriormente chegamos a comentar se o facto de recordar lhes era benéfico ou prejudicial, uma vez que falar das mesmas induzia saudade e nostalgia de tempos que sabem que não voltaram. Contudo, depois de algumas investidas de ambas as partes, e tendo em consideração (ambos) que são pessoas adultas, e como tal devem ser respeitadas, a dona Matilde referiu “podem fazer o que fizerem que nunca vão chegar ao natal de antes”, ao que em grande grupo foi-se ouvindo comentários como a dona Isaura “era muito difícil aquela época, mas era muito bom”, “fazíamos muitas brincadeiras” Matilde “ao pião” Arminda; “nem é bom pensar em falar” dona Isaura, “era a recordação de dar alguma coisa” Isaura, e no meio dos comentários e da conversa que o grande grupo ia tendo, a dona Matilde partilhou uma história pessoal, com os seus pais, e todos se calaram para a ouvir. Com isto pode-se compreender que a história incutia amor, carinho, e foi possível perceber, que mais nenhum Natal será igual pois

sentem-se sozinhos, sem o amor e afeto que recordam daqueles tempos. Importa enfatizar a importância que estas partilhas têm para o grupo, para o respeito mútuo e interajuda.

No entremeio da atividade, veio à associação o presidente da câmara de Penafiel, dar às pessoas uma caneca e desejar as boas festas a todos. Desta forma foi possível observar como as pessoas sorriam e enalteciam o senhor que generosamente lhes estava a entregar “uma prenda”, falavam e interagiam com ele, lembrando quando foram cantar ao seminário e que gostaram muito do discurso do presidente no mesmo.

Mais tarde, na aula de educação física, foi possível observar que todos há exceção da dona Arminda e do senhor Joaquim não fizeram aula, por vontade própria, o que é respeitado pelo professor. As outras pessoas demonstravam-se alegres e bem-disposta a fazer os exercícios ao som de músicas populares que o professor coloca ao longo da aula.

Dia 27 de dezembro, 2016: “O Natal do presente”

Tendo em conta que a semana do natal já havia passado, foi importante a existência de um momento onde se falasse acerca de como este foi, até como ponto de comparação, entre os que já haviam passado e o atual. Assim, em grande grupo pela manhã, foi sendo perguntando individualmente como haviam passado o natal, e com quem. Foi curioso perceber que nenhum deles havia passado o natal sozinho, ao contrário do que era espectável, pelos mesmos, e demonstravam-se contentes e sorridentes ao falarem das peripécias que aconteceram e de como as crianças vibraram ao receber os presentes. Eles mesmos foram presenteados, se bem que com o que foi possível perceber, o que lhes encheu o coração, foi o facto de não ficarem sozinhos e terem ido para casa dos filhos, ou para sobrinhos ou irmãos. A importância da reflexão desta temática, prende-se com o facto de se sentirem amados, pois o sentimento de solidão é notório no dia-a-dia, e mesmo que não deixem abertamente

transparecer, é perceptível que este assunto os inquieta e preocupa, como foi o caso da antecipação ao Natal.

E como o ano estava a acabar, em seguida foi sendo questionado acerca dos objetivos para o novo ano, ao que prontamente disseram “nada” Dona Matilde, “vai ser pior que este ano”, senhor Albino foi apresentando sugestões.

Denota-se no grupo reticências na participação grupal, em partilhar com os colegas opiniões, interesses ou gostos.

Dias 28-29-30/12/2016 e 02/01/2017: “Paz”

A atividade da “Paz” surgiu da ideia da atividade anterior, relacionada com os objetivos para o novo ano que se avizinhava. Assim, uma vez que o grupo não se sentiu à vontade na partilha da sua opinião, numa conversa com os mesmos, levantou-se a questão de: “porque não todos juntos partilharem a sua mensagem de ano novo?”. Deste modo em grupo, e juntamente com a animadora sociocultural, foram debatidas ideias de todos, e em retrospectiva de todos os assuntos abordados até ao momento: família, amizade, amor, partilha, concluiu-se que na instituição, todos funcionam para o bem-estar de todos, e que geralmente só são realizadas coisas para os adultos mais velhos, mas que a família, não são só eles, mas todos, dentro daquela instituição “que querem o melhor para nós”- dona Laura, e que também merecem “estar mais tempo connosco, e não só a correr”- dona Maria F.

Chegando-se à seguinte conclusão: cada pessoa, inclusive direção, equipa técnica, não técnica, creche e adultos mais velhos iriam escrever a sua própria mensagem de ano novo num papel. Por sua vez, esses papéis iriam ser anexados a um fio, e posteriormente amarrados a um balão cheio com hélio. No final, todos juntos iriam lançar os balões no espaço exterior da instituição.

E assim se iniciaram os preparativos, os dias foram de trabalho para os adultos mais velhos. Começou-se primeiramente pela recolha de mensagens: as auxiliares

escreviam as suas mensagens, pois havia papéis na sala delas; a creche pediu aos pais para escrever mensagens pelos meninos; a direção e equipa técnica escreveu também a sua mensagem; os voluntários e motoristas também não foram esquecidos; e os adultos mais velhos foram escrevendo com a própria letra as mensagens, os que conseguiam, e sabiam ler e escrever, ou escrevíamos o que nos ditavam (no caso de terem dificuldades) as suas mensagens, devidamente assinadas. Nos dias seguintes, o trabalho foi seriado, ou seja, existiam duas ou três pessoas que recortavam todas as mensagens, outras duas pessoas que cortavam o fio à mesma medida (uma segurava e outra cortava), e as restantes iam agrafando as mensagens ao fio. Com a equipa técnica incumbiu a responsabilidade de encher os balões com hélio, que depois as pessoas apoiadas mais autónomas amarravam o fio ao balão. Foi um processo longo, trabalhoso, mas gratificante, pois as pessoas estão todas unidas a trabalhar em algo que era uma atividade conjunta e evolvente de toda a instituição.

O objetivo com a realização desta atividade era: fazer com que as pessoas apoiadas se sentissem envolvidas, maior valorização e maior participação, pois foram envolvidas em todo o processo, desde a produção das próprias frases, recorte das mesmas, agrafar as mensagens ao fio, e amarrar aos balões de hélio. Ao refletir pensa-se que os mesmos se sentiram integrados, pois cada um tinha o seu balão, que foi elaborado pelos mesmos, com uma mensagem que era a sua. Foi sentida uma sensação de realização e concretização por parte dos mesmos. Em relação à direção, equipa técnica e não técnica o objetivo era principalmente o de integração, e envolvimento numa atividade, pois por norma eles é que desenvolvem atividades para as pessoas apoiadas, e neste caso foi diferente, pois as mesmas criaram as suas mensagens, e participaram no lançamento dos balões que era delas.

Penso ter sido muito importante a execução desta atividade pois permitiu a envolvimento de todos os elementos da instituição.

No dia do lançamento dos balões, a expectativa era muita, bem como a emoção. Todos reunidos no espaço exterior da instituição, com o seu próprio balão na mão. As pessoas que não puderam estar presentes, pediram que enviassem o seu balão. Antes

do lançamento, foram proferidas algumas palavras nomeadamente manifestado agradecimento pelo “facto de todos estarem ali, foi um trabalho conjunto e que só foi conseguido pela força de vontade, trabalho e dedicação de todos eles. Não tinha sido possível sem vocês. Este trabalho é vosso”. Na esperança de um ano melhor, cheio de energias positivas e na esperança da continuação de um trabalho conjunto que lançaríamos os balões. Realizou-se a contagem decrescente e laçaram-se no ar os balões com os desejos de cada um. Desejos esses principalmente de amor, paz, saúde, alegria, amizade. Votos de bom trabalho em equipa, de harmonia, de interajuda. No final os sorrisos pairavam no rosto de cada um deles, a animadora sociocultural proferia “foi tão, mas tão lindo, nem tenho palavras”, tentando agradecer por um trabalho que foi mérito da equipa, e de todos. Posteriormente falando com os adultos mais velhos, estes referiam “foi tão bonito ver os balões no ar” dona Isaura, embebecidos pela grandeza do próprio trabalho desenvolvido.

Dia 16 de janeiro, 2017: “Importância do Riso, conversa intencional com auxiliares”

O dia começou dentro da normalidade na instituição, cumprimentando e questionando acerca do seu fim-de-semana, aos adultos mais velhos. Também foi atualizado o quadro com o dia, mês, ano e estado do tempo. Após isso, aproveitou-se para se falar acerca da atividade que ia decorrer no dia seguinte, que era uma sessão de risoterapia, com uma profissional da área. É de salientar, que a sessão surgiu de uma conversa informal, com a equipa técnica, num dia, ao final de tarde. O agendamento desta atividade sofreu diversas alterações, devido a disponibilidade tanto da profissional, como da própria instituição, tendo ficada agendada para o dia 17 de janeiro. Nesta, tentou-se promover um dia diferente às pessoas, que como a equipa técnica refere “usufruem deste serviço”. No entanto, para mim, enquanto interventora social, via este momento como uma oportunidade para uma atividade

conjunta entre os adultos mais velhos, e a equipa técnica. Deste modo, juntamente com a animadora sociocultural, foi sendo introduzido o tema e questionou-se acerca da importância do sorrir, ao que as pessoas foram referindo que “contar anedotas faz rir”-Eva. O importante de salientar, era a forma como os mesmos se demonstravam interessados e atentos ao tema em questão, estavam entusiasmados e um pouco ansiosos no bom sentido. A atividade estava pensada para ser realizada no pavilhão em frente à instituição, e ao contrário do que pensávamos, o mesmo não era impedimento para os mesmos, devido ao frio. Estavam recetivos e demonstravam querer participar. Mais tarde, pela hora combinada, fui reunindo para uma “breve conversa” com as auxiliares, de modo a debatermos alguns assuntos, como o horário, periodicidade e local, onde as sessões iriam decorrer. Neste sentido conseguiu-se falar com oito auxiliares. Após a breve conversa, concluiu-se que seriam 2 sessões por semana (de modo a dar oportunidade de escolha, do dia que mais se adequava às mesmas, quinzenalmente, de modo a que possam adaptar aos seus horários. A participação nas sessões é livre, e podem escolher em qual das sessões da semana querem ir. Terá a duração cerca de 60 minutos, e irá decorrer na sala de formações, que a instituição disponibilizou. Oportunamente, se estas assim o quiserem, poderiam usufruir da sala de *snoezelen* dispensada pela diretora técnica para o efeito.

É de ressaltar, que após a rápida conversa, tive oportunidade de assistir à troca de turno, onde as auxiliares que fizeram manhã, passaram a informação para as da tarde. Durante este breve momento, tive oportunidade de ouvir que “muitas vezes nem temos tempo para o fazer, e que é nas casas de banho que nos encontramos, pois estão a fazer higiene, e acabamos por nos encontrar lá” auxiliar O. Também referiram que por vezes ao passarem o turno noutra local, pode ser entendido como uma forma de estarem a conversar, ou a não desempenhar os seus trabalhos. Esta imagem faz refletir acerca do papel que as mesmas têm acerca dos seus trabalhos perante os outros profissionais, e até que ponto estas afirmações, não lhes são devolvidas pelos mesmos.

Dia 17 de janeiro, 2017: “Risoterapia”

A manhã deste dia foi agitada, quer por parte das pessoas mais velhas, como por parte dos profissionais. Foi alterada a localização da sessão, pois devido ao frio, corria-se o risco de se constiparem. A sessão iria decorrer assim na sala de convívio, e a animadora sociocultural, optou com ser seletiva com as pessoas que iriam participar na mesma, devido ao espaço existente. Assim, na parte da manhã, a mesma questionou as pessoas que gostariam de estar presentes na sessão. Tomando nota, teriam assim as pessoas que não queriam estar presentes, de sair da sala, de modo a dar lugar aos outros, das outras salas. Posteriormente foi falado com a mesma, acerca desta questão, pois não estava de acordo com ela. A animadora sociocultural referiu que “são os que podem aproveitar melhor, não gosto ter de tirar ninguém, mas você sabe, que os mais autónomos estão capazes de aproveitar melhor”. Percebi assim que, embora lhe custasse esta tomada de decisão, o facto é que não cabiam todos na sala de convívio. E refletindo, a verdade é que, como referido, são adultos e tomam as suas decisões. E a verdade, é que esta profissional inquiriu as pessoas, se queriam estar presentes e responderam que não. Embora me custe, a verdade é que foi respeitada a vontade das pessoas. E apenas 5 pessoas não estiveram presentes. “A doutora é a culpada disto” referia a dona Matilde pois observava muita confusão na sala, e muito reboiço de troca de lugares, de modo a possibilitar lugares para todos caberem na sala de convívio. Após o almoço, estive presente mais cedo do que o habitual, o professor de educação física, e posteriormente a sala foi organizada para a sessão. Foram convidadas as pessoas de todas as salas, e sendo a atividade na sala de convívio, sabíamos à partida que isto acarretaria complicações, uma vez que há pessoas que se negam a mudar de sala. Como o caso do “mestre”, como gosta de ser chamado. Contudo, juntamente com a animadora sociocultural falamos com o senhor, e foi-lhe explicado o que iria acontecer, e se o mesmo teria vontade de participar, “uma vez que era uma oportunidade única, e que o centro estava a patrocinar a vinda da senhora cá, para estar convosco, e sem que vocês tenham que pagar nada”. A animadora

sociocultural referiu “a resposta é simples, ou sim ou não!”, ao que a sua resposta não-verbal, foi de amuar, voltando a cabeça para baixo (caraterística do mesmo, sempre que discorda). Falando com a mesma, entendemos que a abordagem teria de ser diferente, e mesmo não o querendo fazer em frente da animadora, por sentir que a estava a desconsiderar, algo tinha de ser feito, de modo a cativar a pessoa. Foi referido então, “que entendíamos que ele não gostava de ir para aquela sala por causa de algumas pessoas, contudo não era esse o motivo que o levava lá, mas sim a oportunidade de estar com a terapeuta do riso, e que o que poderíamos fazer, era deixa-lo perto da porta, para que ele se sentisse mais confortável. Estas eram as condições que lhe poderíamos oferecer, sabendo que ele não gostava de ir para a sala, mas que fazíamos toda a questão que estivesse presente”. Após ouvir, levantou a cabeça, e confirmou se seria mesmo assim? “não me falhe!”. Aceitando a proposta.

A sessão decorreu, a equipa técnica estava presente, assim como os estagiários. No início era notório algum desconforto nas pessoas, por considerarem aquilo estranho, mas a adesão foi fantástica de se observar. O momento ficou registado em fotos, onde é notória a alegria, e a participação dos mesmos. Apenas um elemento se demonstrava mais séptico, a senhora Arminda, mas a terapeuta sabia como lidar com a mesma. A sessão decorreu com muitas gargalhadas, como era esperado, e as pessoas aderiram muito bem, foi notório que o desconforto foi passando, e que as pessoas já não tinham receio de se rir até das dores que sentiam.

No final, foi perceptível a envolvimento dos mesmos, e quase a “leveza” que traziam consigo, não havendo palavras para descrever. A gratidão era notória também na equipa técnica, que referiam que teriam de fazer aquilo mais vezes, mas com todos. O que me deixou muito contente, pois apesar de ainda parca, vai sendo perceptível a consciência da importância de um trabalho em equipa, e atividades onde todos possam ter a oportunidade de estar presentes.

Dia 23 de janeiro, 2017: “Comentar notícias”

Pela manhã soube da entrada de uma nova senhora, que entrara na sexta-feira passada, ao que a diretora técnica pediu para que fosse feita a ficha de inscrição, com os respetivos gostos, hábitos, além dos habituais dados demográficos. Contudo, na sala de convívio a animadora sociocultural comentava notícias do jornal do dia, acerca de roubos e assaltos. Uma vez que a ficha diagnóstica foi preenchida na sala de convívio, esta dinâmica foi sendo observada, e compreendeu-se que de facto as pessoas mantinham uma atenção ao tema. Também se salienta o facto da animadora sociocultural tomar a iniciativa, e comentar junto com os mesmos, notícias do jornal ou televisão. O que me enaltece, pois o efeito modelagem parece deixar pontos positivos, uma vez que desde a minha presença na instituição, por vezes e como vem a ser descrito, comentava-se livremente alguns assuntos e temas, que a animadora sociocultural foi estando presente. No entanto, o caminho a percorrer ainda é longo e quando surgem conversas entre eles, a mesma pede para que estes se calem e eles obedecem. Contudo, demonstram atenção e interesse nas notícias que vão comentando, e a certa altura considerei pertinente intervir, perguntando se GNR tinha entregado uns calendários no centro, uma vez que os mesmos se encontram a fazer uma campanha de sensibilização juntamente com a EDP, pois no último ano houve diversas denúncias por pessoas que se faziam passar por funcionários da EDP e que vinham tirar a contagem da luz, mas que eram burlões. Admirados, foi-lhes recomendado (pelas duas), para que tivessem cuidado e não abrissem a porta a pessoas desconhecidas, que espreitassem antes pelo binóculo da porta, pois seria perigoso. Perante isto, duas pessoas se manifestam, referindo que não tinham medo de nada, pois estavam protegidas. Perante isto foram questionadas de que forma se protegiam. Ao que responderam que tinham “armas de fogo”. Surpresas, tentamos entender se era mesmo como elas diziam, e entendemos pela descrição que se tratavam de facto de armas de fogo, e uma das pessoas referiu que estava registada

em nome dela, e carregada. Advertimos para o perigo que é ter esses objetos em casa, sem, no entanto, percebermos a realidade da situação.

Na parte de tarde, juntamente com a fisioterapeuta, foi realizada uma tarde de beleza, onde foram feitas as depilações, pintar as unhas, e esfoliações às pessoas que queriam. A dona A. C. (E.R.P.I.) mencionou que, toda a sua vida foi cabeleireira e que recordava os tempos de quando andava com as unhas e cabelos arranjados. As colegas manifestaram “que sorte que tinha...” dando assim azos a um diálogo saudável e deixando transparecer o gosto que tinham de poderem recordar/ reviver tempos assim. Foi perceptível a adesão, principalmente das mulheres, estavam sorridentes, e mais importante era a conversa que se ia proporcionando naquele pequeno grupo dentro do gabinete de estética. Partilhavam coisas das suas vidas, e dos hábitos que costumavam ter. Bem como foi deixada a porta aberta para a possibilidade da criação de um momento, onde pudessem tirar fotos e reviver momentos “de quando estavam arranjadas”.

Nota: foi feito acompanhamento da dona M.J. (E.R.P.I.) de modo a proporcionar a sua adaptação no centro. Desde o almoço, o lanche e a hora de rezar. Foi apresentada aos colegas, mas esta revela-se pouco conversadora, com receio e apática (caraterística própria da sua patologia).

Dia 25 de janeiro, 2017: “Participação; envolvimento”

Manhã na instituição, onde foi continuado o preenchimento da ficha diagnóstica à dona M.J. (E.R.P.I.) A mesma foi realizada na sala de convívio, onde esta se encontrava com os colegas. Estes estavam a jogar bowling com o estagiário de mestrado, e a dona M.J. só observava os colegas a fazer a dinâmica e não estava a participar. Há medida que foi sendo questionada acerca dos seus gostos, hábitos das refeições, alimentos preferidos, relacionamento interpessoal, idas ao médico, cuidados de imagem, compras, entre outros aspetos, foi denotado o seu olhar fixo no jogo, e deste modo

questionada se também queria participar, à qual referiu que não. Contudo, na sua voz, e o seu não-verbal não foi transmitido o mesmo. Assim, foi pedido ao estagiário que lhe desse a oportunidade, de experimentar, e ela tentou. Esboçou um pequeno sorriso tímido, e referiu “nunca tinha experimentado”. Devido à sua patologia esta senhora apresenta-se apática, e desta forma, foi uma grande conquista fazer com que a mesma se tivesse envolvido, mesmo que temporariamente numa atividade de grupo.

Dia 30 janeiro, 2017: “Cinema”

Conhecido o gosto dos adultos mais velhos pela televisão, a animadora sociocultural teve como objetivo proporcionar-lhes um dia diferente, levando as pessoas até ao cinema. Antecipadamente, com eles, foi falando acerca deste dia, e muitos demonstravam-se reticentes quanto à saída da instituição, preferindo o conforto do seu recanto. Contudo no dia, cerca de 14 adultos mais velhos foram ao cinema. Demonstravam-se animados, e um tanto desconfortáveis por não se encontrarem no seu ambiente natural, contudo e após o visionamento do filme de comédia “Mau Mau Maria”, os mesmos se demonstravam um pouco descontentes, pois por vezes não entendiam o que tinha sido apresentado no filme, “não prestou...isto não são filmes de jeito” - Francisco. Contudo, refletindo posteriormente com a animadora sociocultural, denota-se que de facto não estão habituados a sair da sua zona de conforto, e que por vezes isso os deixa inquietos, e que talvez o filme também não fosse o mais adequado a eles, “uma vez que os tempos são outros, e eles não estão habituados àquele tipo de linguagem, nem filme”.

Dia 6 de fevereiro, 2017: “Preparação dia dos namorados; estimulação e malha”

Na sala de convívio, o dia teve início com a animadora sociocultural a indicar a algumas pessoas aquilo que queria que estas fizessem para o dia dos namorados. Assim, a sua ideia consistia que em lã, fossem feitos em malha uns corações, que seriam usados como decoração do espaço da instituição. Pelo que foi possível perceber as pessoas estavam com dificuldade em entender como o mesmo iria ser feito. Pois embora gostassem de fazer malha, até então não haviam feito nada do género, além dos seus “cachecóis ou pégas”. Ao refletir, penso no desafio que lhes foi colocado, que sem dúvida as obrigava a pensar na maneira iriam executar a tarefa, contudo, a ideia surgiu da animadora sociocultural, e não das pessoas, o que leva novamente à ideia do cumprimento do plano de atividades e não da vontade das pessoas.

Em seguida, a animadora sociocultural levou uma atividade que estimulava a capacidade motora dos mais velhos. Para a realização da atividade foi necessário: paus, garrafas com areia, e fios. Assim, o fio era amarrado ao pau e à garrafa e o objetivo era que as pessoas duas a duas (como em competição) enrolassem o fio no pau, até a tampa da garrafa tocar no pau, levantando assim o peso da garrafa. Pelo que foi observado, as pessoas em geral gostaram da atividade, houve pessoas que não quiseram participar: ou porque estavam a fazer malha, ou simplesmente por não quererem como o caso da dona Arminda que nunca participa nas atividades. Denota-se a participação da maioria das pessoas na sala, que inicialmente se demonstravam reticentes, mas que depois embrenhados na atividade o faziam com alento.

Da parte da tarde, tentei orientar para o modo como haviam de fazer os corações em lã, pois as senhoras demonstravam-se com dificuldades. Surgiam conversas ocasionais, e onde as pessoas fizeram questão que apreendesse a fazer malha, e era visível o entusiasmo de ensinar algo que elas sabem, e que fazem com orgulho.

Dia 08 de fevereiro, 2017: “Ditos populares”

Na manhã deste dia, havia sido pensado em questionar as pessoas acerca do dia dos namorados, uma vez que estes se encontravam a desenvolver atividades neste âmbito. Contudo após cumprimentados individualmente, o objetivo não foi alcançado uma vez que, quando abordado, o tema se revelou desinteressante, e foi dado ênfase aos provérbios e ditos populares, uma vez que estes o usam com muita frequência. Então incitados a falar algumas pessoas como a dona Matilde referiu que “lá vem ela com as coisas, olhe não me chateie está bem? já tenho muito trabalho para fazer (os corações em lâ), e já fui para a cozinha também trabalhar”. Foram incitados a falar, e pouco a pouco iam revelando ora um provérbio ora um dito popular. Denoto que foi uma atividade muito interessante pois de início não se demonstravam muito dispostos a falar, mas consoante os ditos populares tivessem um caráter mais provocatório ou picante o grupo ia rindo, e até a dona Matilde se ria, e acabava por intervir e dizer o seu dito. O grupo esteve envolvido na atividade, riram e cada um falou na sua vez, contribuindo para engrandecer a atividade. O que revela, que o grupo vai intervindo e organizando-se, respeitando quando o colega, esperando para falar em seguida. Bem como a partilha mais autónoma, livre, com menos constrangimentos. Talvez por ser um assunto dos seus interesses e despoletado pelos próprios, na qual sentem segurança para falar. Contudo, o importante é participar e darem o seu contributo ao grupo. E de “pequenos feitos, grandes conquistas”.

Dia 15 de fevereiro, 2017: “Brainstorming – “Amor”

Dado que no dia anterior na instituição tinha sido comemorado o dia dos namorados, foi considerado pertinente abordar com as pessoas, o que era o “amor”. Neste sentido a sala de convívio encontrava-se cheia, uma vez que não se encontrava

a fisioterapeuta, por ter ido a consultas com 2 pessoas, nem mesmo a animadora sociocultural por ter ido para a piscina com 4 pessoas e também a voluntária. Começou-se assim por recordar como havia sido o dia anterior, onde referiram que estava muito bonito, tudo muito bem decorado, que houve música depois do lanche e que estiveram a dançar no refeitório. Iniciou-se então por questionar o que era o amor para eles. Foi realizado um brainstorming de ideias acerca deste assunto. Inicialmente a dona Matilde mostrava-se reticente em participar, pois referia que “não quero saber disso para nada”. A conversa foi surgindo gradualmente e todas as pessoas foram envolvidas, e perguntou-se “para si o que o amor?” a dona Arminda. A mesma referiu que existem vários tipos de amor, e que podemos sentir diferentes sentimentos por diversas pessoas”, ficando feliz com o comentário perspicaz da senhora, pois são escassas as suas participações. Ao longo da conversa foi sendo remetido para o amor sentido na amizade. A certa altura já sendo 11h (hora das bolachas) tinha de ser feita a pausa para as ir buscar. Sabendo que essa retirada da sala iria quebrar a dinâmica do grupo, foi aproveitado o momento, e já com as palavras proferidas e dito “pelo carinho e respeito que tenho por vocês, e sabendo que esta é a hora que vocês comem as bolachas, tenho consideração por vocês e vou buscá-las, isto também é um tipo de amor, é o respeito e consideração pelas pessoas”, ao que eles começaram a rir, e há medida que me retirava da sala ouvia-se comentários “é mesmo boa menina”, “tem um bom coração”. Naquele momento o objetivo era que eles entendessem que amizade é partilha, é amor, é fazer sacrifícios em prol dos outros e foi um momento de aprendizagem como de modelagem para que fizessem o mesmo, com os colegas. Após este momento, e na tentativa de envolvência de todas as pessoas, foi dirigida a atenção ao senhor Joaquim que por dificuldades de audição tem de se falar mais alto. Quando questionado este emocionado refere que amor, “é não pedir nada em troca, é fazer pelo outro. Antigamente quando alguém morria, os amigos e vizinhos ficavam com o dorido até ao outro dia de manhã! Agora, e lá com as casas mortuárias, chega-se às 22h, 23h fecha-se a porta e cada um vai para sua casa, e fica o dorido sozinho...e nas desfolhadas e vindimas, as pessoas apareciam lá em casa, vinham porque

gostavam e cantava-se todo o dia...agora não há nada disso, só vão por dinheiro, por interesse” - dizia referenciando-se à cumplicidade entre as pessoas, e o cuidar do outro sem pedir nada em troca, apenas pela amizade. Há medida que o senhor falava era observado que os colegas acenavam com a cabeça, como que concordando com o que fora dito, e ouvia-se por entre o grupo “é verdade é verdade”. Foi notório que o grupo não estabeleceu conversas paralelas como tem vindo a ser habitual. O que leva a refletir se o tema seria do gosto deles, ou a envolvência do grupo fez com que mantivesse a atenção. Contudo, também se salienta que a manhã esteve calma, sem o entra e sai das auxiliares para tomar banho, sem fisioterapia, ou outras atividades com a animadora sociocultural. A certa altura a dona Arminda (senhora que nunca participa e que se nega sempre a querer participar seja no que for, e já tenho sido questionada do que era o amor para ela, ao que responde “quero lá saber dessa merda” mantendo a sua postura habitual de braços cruzados sobre o peito) tece um comentário com a dona Helena, sua colega do lado “hoje a sobremesa são bananas” ... “que seria desta casa sem bananas...não havia sobremesa”. Uma vez que era um momento em que refletíamos acerca deste tema, foi ouvida por toda a sala e aproveitando esta partilha, foi referido alegremente, de modo a não ironizar de maneira nenhuma o que foi dito, pois esse não era o objetivo. Assim, foi agradecido à dona Arminda pela partilha, pois amor é isso mesmo, é partilha com os outros, tal como a dona Arminda havido feito com os colegas, partilhado com eles a sobremesa daquele dia. A mesma manteve a sua postura fechada. Fomos avançando, e uma vez que não foi desligada a televisão, apenas retirado o som, a certa altura a dona A.C. (E.R.P.I.), refere ao olhar para a televisão “ela tem amor pelas plantas”, sem entender, pois, encontrava-me de costas, voltei-me e verifiquei que na televisão havia uma senhora a tratar de vasos e plantas para colocar no jardim, num daqueles programas da manhã. Qual não foi o meu espanto com a perspicácia da senhora. Esta deixa foi aproveitada, e referido que foi muito bem visto, que nós entendemos o amor, pela dedicação, afeto, pelo carinho e pelos gestos que nos transmitem, tal como a dona A.C. tinha entendido pelos gestos daquela senhora da televisão que sentia amor pelas

plantas (salienta-se que a dona A.C., não costuma estar presente na sala de convívio, mas a devolução das conversas da sala de convívio às outras salas, parece ter um efeito benéfico, e esta senhora estava na sala de convívio, e a participar, coisa que até então não se evidenciava).

Para finalizar a temática, foi lido com todos as frases e palavras descritas, referindo que aquele trabalho era deles, porque foi proferido pelos mesmos, eram coisas que eles sabem, e que tinha a participam de todos. Ao que a dona Matilde refere “eu não participei em nada” e referido ao que prontamente respondi: participou sim, o respeito, o carinho, foi tudo frases com que a senhora concordou que eu vi” ela soltou uma gargalhada espontânea, do seu 1,40 de altura levantando as pernas, tão enternecedor de ver. Ao finalizar a dona F.G. (E.R.P.I.) ainda refere que amor é perdoar, e terminamos de uma forma diria quase perfeita. Deixando a reflexão que como amigos, devem perdoar mais, porque quem ama perdoa, e que devem seguir isso no seu dia-a-dia.

Dia 20 de fevereiro, 2017: “Pensamento; reflexão; interpretação”

O objetivo era dar continuidade ao tema do amor e da amizade, na exploração de provérbios populares que haviam sido elencados pelos mesmos. Contudo, uma vez que a 22 de fevereiro se comemora o dia do pensamento, a animadora sociocultural, pretendia a recolha individual de pensamentos junto dos adultos mais velhos. Assim, na sala de convívio foi inquirindo cada um individualmente, acerca dos seus pensamentos. A dona M.A.S. (S.A.D.) respondeu que o seu pensamento era “sair dali”, e a dona Isaura que “queria ter mais saúde, para poder viver”. Foi considerado por parte da animadora sociocultural que aqueles não seriam pensamentos ditos “filosóficos”, (isto numa análise posterior da situação vivenciada). Assim, a mesma dirigiu-se buscando o computador de modo a inspirar pensamentos. Estávamos as duas presentes, na sala de convívio, e há vez, fomos referenciando pensamentos que

víamos na internet, e analisando os mesmos com as pessoas. Estas demonstravam-se pouco participantes. A dona Matilde referia “isto não me interessa para nada, não quero saber disto para nada”, à medida que se falava acerca dos pensamentos. Durante esta atividade vários temas surgiram como amizade, doença e problemas cancerígenos, a propósito de um pensamento que referia “a verdade que fere é pior do que a mentira que consola” refletindo conjuntamente que muitas vezes na vida, se opta por dar esperança à pessoa ao invés de lhe contar a real situação. Neste sentido a dona F.G. (E.R.P.I.) refere “vocês são as bombeiras da alma”, disse isto argumentando o facto de estarmos junto a eles, de lhes falar de coisas importantes, de debater temas importantes e tentar com que eles estejam bem, e se sintam bem uns com os outros, além do facto do carinho que sentem que lhes é transmitido, do tratar e do cuidar que vai muito mais do aspeto físico, mas também o emocional, e foi muito interessante obter esta devolução da sua perspectiva, pois foi sentido como um reconhecimento e valorização do trabalhos que tem vindo a ser desenvolvido, ao longo do tempo por todos. Contudo, os restantes colegas não se manifestaram. No entanto, considerei muito pertinente a mesma o ter feito frente aos colegas, demonstrando confiança e segurança no que dizia, e mesmo os colegas não se tendo manifestado, eles ouviram.

Durante a dinâmica também foi referido que “palavras leva-as o vento” e que por vezes pode dizer-se algo a alguém que não seja sentido, mas que as atitudes e comportamentos da pessoa vai sustentar muito mais do que palavras não proferidas. Como exemplo foi referido a dona Maria E. que pronunciou à animadora sociocultural, após esta a ter arranjado e maquilhado num outro dia: “só tu cuidas de mim”. Aquele gesto valeu muito mais do que um “Obrigada”. Assim, aos poucos vai sendo notório a capacidade reflexiva que até então não era prática comum no dia-a-dia destas pessoas, bem como a capacidade de agradecer, e fazer com que animadora sociocultural se sinta mais confiante do trabalho e da importância que tem para estas pessoas. Após o almoço, juntamente com as pessoas, a animadora sociocultural escolheu na sala de convívio as máscaras para o carnaval. As pessoas pareciam não muito animadas, mas iam fazendo o que a profissional lhes pedia. Na hora de almoço tinham oferecido ao

centro, uma pequena árvore de loureiro, pelo que aproveitando o sol daquele dia, entrei com a árvore na mão, e questionei as pessoas da sala de convívio, o que iríamos fazer com ela. Sugeriram planta-la no espaço exterior, na horta. E assim fizeram. Pegaram nos instrumentos e cavaram a terra para plantar a árvore. Enquanto isso, outros colegas foram tirando as folhas velhas aos morangueiros. Esta foi uma forma de exercer *snoezelen* ao ar livre, contactando com a natureza, ouvindo os pássaros, e até para massajar as mãos e cabeças das pessoas que estavam no espaço exterior. Nem todas quiseram vir para fora por preferirem o recanto dos seus lugares, no entanto os que estiveram, aproveitaram o momento para descontraír.

Dia 22 de fevereiro, 2017: “Dia do pensamento”

Os preparativos antecipavam este dia, como sendo o dia do pensamento. Neste dia, foi colocado um papel grande, forrando a porta do refeitório. O objetivo era que todos pudessem deixar o seu pensamento para este dia, naquele painel de pensamentos. Os adultos mais velhos, escrevendo ou desenhando, ditaram o seu pensamento, que já anteriormente haviam refletido. Assim, nesta atividade conjunta, onde toda a comunidade institucional deixou o seu pensamento, mesmo o presidente da instituição, foram deixadas palavras de incentivo a um trabalho melhor, ou desejos de saúde e harmonia a todas. Denota-se que todos tiveram oportunidade de manifestar o seu pensamento, sem, no entanto, ter existido um momento de reflexão grupal, entre toda a comunidade, dado à escassez temporal. Contudo salienta-se o esforço e tentativa de que todos tivessem a oportunidade de deixar o seu contributo.

Dia 08 de março, 2017: “Dia da mulher”

No presente dia comemora-se o dia da mulher. A animadora sociocultural quis, juntamente com as senhoras da instituição, proporcionar uma atividade diferente. Assim, neste dia, as senhoras das diversas valências, foram convidadas a jantar na telepizza, onde também pude estar presente. Foi perceptível a relutância das senhoras em sair da instituição, principalmente por ser de noite. Contudo, já no local, estas se demonstravam à vontade, falavam e sorriam, tendo desvanecido todo o stress inicial sentido. Apesar de ter sido uma atividade elaborada pela animadora sociocultural, destaca-se o momento de convívio que foi proporcionado, uma vez que estavam presentes a equipa técnica (animadora sociocultural, D.T., administrativa/escriturária), bem como algumas auxiliares, quer da cozinha, quer de ação direta, assim como as senhoras das diversas valências.

Como em qualquer atividade proporcionada pela animadora sociocultural, nesta não foi exceção o nervosismo sentido por esta profissional para que tudo corresse bem e dentro dos horários e limites estabelecidos. Assim, com base nesta afirmação, pensa-se que pode esta inquietação e nervosismo sentido por esta profissional, afetar o espaço para o imprevisto, fazendo com que as pessoas não têm poder de decisão, uma vez que, isso fará com que seja alterada a rotina que a profissional estabeleceu, desorientando-a. Deste modo, torna-se mais fácil de manobrar para a própria, quando o espaço já está delimitado e estabelecido. Não querendo, contudo, afirmar que esta profissional não esteja a ser correta, no entanto, poder-se-á mostrar outras formas que permita com que as pessoas tenham a sua opinião, e que juntos se chegue a um consenso.

Dia 13 de março, 2017: “Estimulação; toque e tato”

Como se tem vindo a constatar, conhecendo o grupo em questão, sabe-se que a priori atividades definidas, rígidas, e delimitadas não terão sucesso. O improvisado, e o que surge no momento é o motor para que estas pessoas se sintam envolvidas, e integradas no assunto que eles definem, seja do acaso (uma conversa, por exemplo), ou de algo dirigido a alguém em concreto. E este dia não foi exceção. Estava presente na sala de convívio, quando a dona Arminda referiu que tinha a pele a lascar, por estar muito seca. Disse-lhe que poderia ir buscar um pouco de creme hidratante (usado na fisioterapia, para as massagens), e que lhe colocaria, no caso desta querer. Ao início, demonstrou-se recetiva, dizendo que não queria, que dava muito trabalho, mas fui buscá-lo na mesma, e esta acabou por querer que lhe colocasse. Os colegas, apenas observavam. No entanto depois de terminar de colocar o creme à dona Arminda, e dona Maria H. questionou se lhe poderia colocar creme nas mãos por estar muito secas. Do meio de algo inicialmente individual, acabou por se tornar numa atividade que estas pessoas quiseram para si, à qual, se tivesse de pensar numa atividade para eles, nunca iria pensar que permitissem ou que quisessem. Sucede-se que os colegas também quiseram colocar creme, e todos quer na cara, quer nas mãos (tendo em atenção a área que a pessoa se sentia confortável), acabaram por receber uma mini massagem. Este momento permitiu uma experiência sensorial ao toque, em que o grupo pode experienciar um pouco de relaxamento e partilha comum, sentindo-se gratificados. Nos seus discursos agradeciam, pois todos sem exceção tiveram um momento para eles, relaxante e único.

Dia 15 de março, 2017: “Exploração gostos e interesses”

No registo deste dia é de salientar a tentativa de exploração de temas que fosse do interesse de todos, como o que gostam de fazer, tendo em conta as suas profissões, e de modo a potenciar os recursos e também para que eles próprios se conheçam melhor. Deste modo, poderíamos pensar conjuntamente em atividades diferentes e do gosto deles. Com isto, também se pretendia demonstrar que sem ser preciso “trabalhar”, pois tendo em conta a idade deles e que trabalharam toda a vida, que não era suposto agora terem de “trabalhar”, que era algo que eu também não iria querer para mim, quando me encontrasse num centro de dia, e que tantas vezes eles alegam “pronto...vamos trabalhar”.

Assim, numa conversa informal, foi sendo perguntando qual tinha sido o trabalho deles, e o senhor José e o senhor Pedro sabiam trabalhar com madeiras e que seria interessante fazer caixas em madeira para pintar, ou mesmo telas. Para pintar a dona Laura tinha jeito assim como o senhor A. (E.R.P.I.). A fazer malhas, bordar, entre outras coisas, gosta A dona Matilde, Maria H. Emília E., Isaura. A dona Eva e a dona Arminda foram cozinheiras e aproveitando essa potencialidade poder-se-ia fazer compotas, bolinhos e rissóis para posterior venda.

A certa altura a dona Eva refere que seria engraçado vender na feira da cidade, ao que foi referido que seria uma boa ideia, dado que sabia que por exemplo ao domingo a câmara faz uma feira de artesanato pela manhã no centro da cidade. Para vender, teriam a dona M.G. (E.R.P.I.), pois tinha sido comerciante, assim como a dona Isaura (salienta-se que a dona M.G., não costumava ir para a sala de convívio. Reforça-se novamente que a devolução das conversas, pelo restante grupo parece ser benéfico).

De entre esta conversa intencional, mas informal, foram surgindo outros temas, de interesse dos próprios, e é de destacar neste sentido o envolvimento que o grupo foi tendo, onde todos falavam do tema em questão, e gradualmente iam mudando de tema mas continuando a participar, não deixando de ser observado o envolvimento ativo no grupo, onde todos se demonstravam envolvidos em temas que eram do seu

interesse, como: fertilizantes dos campos, e que com ele tapavam os fornos e que a comida até tinha outro sabor- M.A.S. (S.A.D.).

Dia 20 de março, 2017: “Brainstorming - O que me faz Feliz”

O objetivo no presente dia era falar acerca dos motivos que os faziam felizes. Assim, na sala de convívio onde se encontra a maior parte das pessoas, o dia começou por se perguntar como tinha sido o fim-de-semana, uma vez que tinha sido dia do pai, e principalmente o senhor José demonstrava-se bastante feliz, e sorridente, pois tinha recebido a visita da filha. Aproveitando essa dica, foi introduzido o tema da felicidade, pois era algo que o tinha deixado feliz, e alargando-se ao restante grupo, acerca dos motivos que os faziam felizes. A animadora sociocultural estava presente na sala, e foi incentivando também à participação, dos adultos mais velhos. Foram gradualmente participando e do brainstorming realizado intitulado “O que me faz Feliz”, reuniu-se o seguinte conjunto de ideias: “ver os meus filhos bem”; “quando os meus filhos me ligam”; “chegar ao centro”; “estou feliz a trabalhar”; “nunca temos felicidade completa”; “ver os filhos felizes”; “sou feliz por ter o meu neto a viver comigo”; “sou feliz a rezar, e por ter os meus filhos”. Das principais relações, surge a ligação das pessoas aos familiares mais próximos, bem como a coisas com as quais se sentem realizados. A propósito da instituição, também lhes foi perguntado o que os deixava felizes nela. No entanto, foi possível perceber, que o grupo tem baixa capacidade reflexiva, pois não queriam referir que aspetos poderiam ser melhorados na instituição onde eles próprios estão. Foi-lhes devolvido: se se podia concluir então, que todos eles eram felizes na instituição? Ouviu-se silêncio na sala, gradualmente foram dizendo que sim, mas que preferiram o conforto das suas casas. E o assunto desvaneceu, sendo respeitado e compreendido o silêncio dos mesmos, embora que poderíamos fazer daquele um espaço melhor.

Dia 21 e 27 de março, 2017: “Organização de calendário”

Os dias em evidência, foram marcados pela tentativa de delimitação em termos de programa, das atividades que poderiam ser realizadas com toda a comunidade institucional, de modo a colmatar os problemas que vinham a ser evidenciados. Pois, apesar de conhecer o grupo de adultos mais velhos em questão, a verdade, é que em termos de projeto, existem tempos, e que apesar do grupo gostar de proporcionar os seus próprios tempos, em termos de exequibilidade e apresentação do relatório, são tempos que não coadunam. De forma mais ou menos objetiva, algumas atividades já vinham a ser desenvolvidas, e que até ao momento parecem ter vindo a surtir diferenças. Por esse motivo, é comum se dizer, que o tempo de projeto é desde que entramos, e em verdade dos factos o reforço. No entanto, existem prazos, e datas que têm de ser respeitadas, e com vista ao alcance dos objetivos, nestes dias, tentou-se falar com os demais elementos da instituição, a fim de se analisar quais seriam as atividades a desenvolver. No grupo com os adultos mais velhos, foi mantida a base de que os assuntos que fluem são os que têm mais intervenção neles, proporcionam capacidade de reflexão, escuta ativa, respeito pela opinião do outro, e pela própria opinião. Assim, juntamente com a animadora sociocultural presente na sala de convívio, seria elaborado um momento de “recorda-me”, onde temas livres seriam explorados, debatidos, e através da modelagem a profissional seria capaz de circunscrever a sua atuação com estas pessoas, respeitando-as e aceitando as suas opiniões. Junto com a mesma profissional, também se falou na questão da religiosidade e o apressamento demonstrado pelos adultos mais velhos face à fé, tendo pensando em ver um filme desta índole. Ainda com a animadora sociocultural, falou-se em ser proporcionado um dia diferente aos adultos mais velhos, sem, no entanto, ser definido em concreto o quê, a fim de ser debatido com os mesmos, mas já deixando de antemão que seria relacionado com a beleza, estética, pois já se havia anteriormente falado com as pessoas. Esta profissional referiu ainda que era muito importante perceber aquilo que as pessoas pensavam dela, enquanto profissional, e

que seria uma mais-valia uma troca de informações, quer entre colegas dos adultos mais velhos, quer destes para com os profissionais.

Em seguida, a informação teve de passar pela direção técnica, de modo a poder ser aprovada algumas das coisas que se haviam falado, quer para mais ideias. Reunidas, exceto colaboradoras (pelo trabalho, não tinham tempo, e não era meu objetivo perturbar de modo algum o funcionamento da instituição), numa conversa intencional, mas informal, foi-lhes apresentada as ideias que previamente foram faladas com a animadora sociocultural. Concordaram grandemente com a partilha das características, bem como reforçaram que mais atividades conjuntas deviam acontecer, como um piquenique, quando o tempo começasse a melhorar (meados de junho). Também se falou na possibilidade de fazer atividades conjuntas entre a creche e as pessoas das diversas valências, a fim de proporcionar momentos de convívio intergeracional. Ficando de falar com os educadores, de modo a entender a disponibilidade e abertura dos mesmos para tal.

Da conversa produtiva em questão, salientasse a disponibilidade e abertura de todas as profissionais na contribuição de ideias, de modo a colmatar os problemas evidenciados pelas mesmas, e pela devolução que lhes é também feita. Ressalva-se ainda, que não foram definidas datas em concreto, uma vez que a volubilidade institucional, não permite fazer planos a longo prazo, tendo ficado apenas marcos temporais, que atempadamente serão debatidos, e descritos em seguida.

“Recorda-me”:

Esta atividade, contempla uma série de conversas temáticas, do gosto dos próprios, e de livre arbítrio. Onde as pessoas escolhiam os temas livremente e falava-se acerca dos mesmos, revelaram-se uma mais-valia, e foram preponderantes, pois foi escolha dos mesmos, e foi ao encontro do que eles queriam fazer. Os dias encontram-se em sublinhado, de modo a facilitar a leitura.

Dia 03 de abril, 2017: “Ditos e provérbios populares; cantar”

O presente dia ficou marcado pela temática acerca dos provérbios e ditos populares. Outrora, já se havia falado deste tema, mas como descrito, os temas surgem pela vontade e iniciativa dos adultos mais velhos. Neste sentido, tendo o dia iniciado pelo recordar do dia, mês, ano, e os restantes elementos do quadro, verificaram que iniciava o mês de abril. Neste sentido começaram logo por referir “abril, águas mil”. Assim, juntamente com a animadora sociocultural, foi incentivado para que as pessoas interpretassem o que o mesmo queria dizer, uma vez que “tenho muito a aprender com eles”, foram então referindo que “é o que se costuma dizer”, “ainda é um mês de muita chuva, e que é precisa para regar e florescer as coisas do campo”. Incentivados por nós, pedíamos para que nos dissessem mais coisas, e aos poucos fomos interpretando cada um. Resumindo, são apresentados alguns dos ditos e provérbios que os adultos mais velhos foram dizendo. “Santiago pinta a bago”, querendo significar que os bagos das uvas começam a amadurecer e a mudar a cor (pintar); “pelos santos arrolha os teus tampos”; pós vindimas, e depois do vinho feito, é tempo de colocar as rolhas no vinho; “são martinho, vai à adega e prova o vinho”, época de provar o vinho novo, pelo são martinho; “ovelha que berra, bocado que perde”; “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”; “pelo são Lourenço vai à vinha e enche o lenço”. Entre outros ditos populares do conhecido São Gonçalo, que segundo eles, é conhecido por arranjar casamentos. “São Gonçalo de Amarante, casai-me que bem podeis, já tenho teias brancas naquilo que vós bem sabeis”; “São Gonçalo, solteira não quero estar, arranje matrimónio, ando morta por me casar”; “São Gonçalo de Amarante casamenteiro das velhas, porque não foram em novas, que mal te fizeram elas?”; “De cerejo ao castanho bem venho e me amanhã, do castanho ao cerejo é como eu me vejo”; “São Gonçalo casai-me que bem podeis, já tenho 15 anos, vou entrar nos 16”, “quando nasce a penela, também nasce o testo para ela”; “eu fui ao São Brás, cheguei lá e virei o cú para trás”; “Eu fui ao São martinho comer castanhas e beber vinho”; “o São Pedro é careca, é careca em duas partes, é careca da cabeça, e

careca nos tomates”; “São Pedro é careca, pediu ao senhor cabelo, e o senhor disse que não tinha pêlo”; “tenho de ir ao Senhor da Pedra, em pedrinha e penedo, para ver o milagre que Senhor da Pedra fez”; “Ei-de ir ao Senhor da Pedra, que o meu irmão já lá foi, ir atrás da capela ver a pegada do boi”; “ei-de ir ao Senhor da Pedra, nem que me leve um mês, só para ver o milagre que a senhora fez”; “vou ao Senhor da Pedra, dai-me a mãozinha, sou rapariga nova e vou cansadinha”; “deste-me uma pêra verde, para eu amadurecer, o que é verde, verde fica, escusavas-me enganar”; “casei-me com uma velha, por causa da filharada e o raio da velha, teve 10 numa ninhada”; “pus-me a cagar ferros velhos, também caguei um arado, se dava mais um puxão, vinha os bois e o arado”.

Os ditos e provérbios populares foram algo de muita risota, pois cada vez à medida que iam sendo interpretados, era impossível não nos rirmos do que as pessoas iam dizendo. Este ambiente descontraído favorece em muito a coesão grupal, bem como o respeito e consideração pelo que estas pessoas transmitem, assim como fortalece os laços de carinho e amizade entre colegas, assim como os profissionais. A atividade terminou cantando todos em conjuntos a música da “chora luizinha”, e “senhora da Pedra”. E foi curioso perceber como as pessoas organizaram as vozes de modo a fazer os tons mais altos, e os mais baixos. Animadora sociocultural e eu também cantamos, como “uma família em volta da lareira”, e todos os presentes na sala cantaram, na atividade participaram ativamente 19 pessoas das 25 pessoas presentes na sala de convívio.

Dia 05 de abril, 2017: “Jogos tradicionais”

A sequência dos temas livres teve continuação, e neste dia o assunto abordado foi os jogos tradicionais que brincavam. Estes temas são debatidos na sala de convívio, uma vez que é na mesma onde estão a maior parte das pessoas. O objetivo é a partilha de saberes, bem como proporcionar uma maior reflexão acerca dos temas, o respeito

pelo outro, o saber ouvir a opinião do colega. São realizadas conversas, acerca dos temas, pois movimentando o grupo, corre-se o risco que os mesmos desmotivem, ou mesmo como eles referem “estou bem parada” - M.A.S. (S.A.D.).

Assim, no seguimento destas conversas, vamos recordando e revivendo momentos das coisas “que antigamente tinham muito mais interesse”, na tentativa que em atividades futuras possam também as coisas de hoje ter interesse, bem como de serem realizadas outras atividades fora da sala de convívio, ou com outras pessoas de outras salas. Pois, mesmo que as pessoas não venham para a sala de convívio, estas são convidadas a ir antes de se iniciar uma conversa, ou jogo (bingo ou bowling por exemplo), e posteriormente é devolvido às salas um resumo do que foi falado. Contudo, até ao momento, já vão sendo algumas as pessoas que manifestam vontade de ir até à sala de convívio. Sendo sempre respeitada a vontade dos próprios, quando não querem ir. Assim, com as 20 pessoas presentes na sala, a conversa flui livremente dizendo que brincavam: “à corda e à patela”; “jogo da macaca”; “jogo do botão”, e intrigada, assim como a animadora sociocultural, perguntamos como era? Responderam que tiravam os botões da roupa, e que jogavam como se fosse o berlinde, só que com os botões, e que depois tinham de voltar a cozer os botões quando chegavam a casa. Jogavam também ao “esconde, esconde”; “cabra cega”; “lencinho vai na mão”; “jardim da celeste”; “pião”; “bom barqueiro”; “sarrabico”; “bola”, feita com meias, embrulhadas umas nas outras; “malha”; “patela” e novamente indagadas perguntamos como era, referindo que “partíamos uma tijela para lhe tirar a parte de baixo, aquele fundo da tijela redondo, e jogávamos”, dona Maria H.; “corda”; “Manel tintim”; “roda, feita com arame”; “pedreiro e carpinteiro”; “laranjinha”, que era malabarismo com laranjas; “carrinhos de rolamentos”.

No entretanto, chegou a voluntária, que também fez parte desta conversa, enfatizando o que ia sendo dito. Com sorriso nos rostos iam recordando os momentos vividos, e referiam “dá saudades, mas quem nos dera ter pernas para andar” F.G. (E.R.P.I.), como que querendo recordar esses tempos, que os problemas de saúde

impossibilitam. “As tecnologias tiram tudo” - Maria F., “perde-se a comunicação” - Sr. Joaquim; “aí aqueles carrinhos de rolamentos” (sorria- Sr. José).

Ainda outros saberes foram partilhados, seguindo a linha de pensamento que agora já não se vê nada disso. “Como é que se chamava os bombeiros antigamente” (Sr. Joaquim), “era tocado o sino a rebate” (D. Arminda), “era dar ao badal, cada freguesia tinha o seu toque” (D. Matilde). O contributo de todos ia sendo valorizado e incentivado. Já no final conjuntamente nos rimos pois, a dona E. levanta a mão e com os dedos abertos (como que separados) diz “menina, sabe o significado dos dedos da mão?” olhando para a animadora e para os restantes sorrimos e dissemos que não. Então apontando para o dedo mindinho e seguindo sequencialmente para o dedo anelar, meio, indicador e polegar, diz “este é o mindinho; este é o chegadoinho; este é o maior deles todos; este é o fura bolos; e este é trinca piolhos”) e findamos rindo-nos todos, deste que foi um momento de partilha, de interligação do grupo, em que partilharam saber. E onde se denota que o grupo vai tomando mais consciência de si, e do colega, respeitando a sua opinião, ouvindo-o diferente de si.

Dia 18 de abril, 2017: “Dia dos monumentos”

No presente dia, comemorava-se o dia nacional dos monumentos. A animadora sociocultural tinha preparado uma apresentação em PowerPoint, para mostrar aos adultos mais velhos. Esta atividade, consistia em que eles adivinhassem o monumento que estava na foto, e dissessem algo sobre ele. Quando a atividade foi proposta pela profissional ao grupo, de imediato surgiram comentários, como espero. “não quero saber disso para nada”; “não vou aprender nada”; assim como, há medida que as fotos iam aparecendo “eu nunca fui a Lisboa, como é que hei-de saber?”; “é sempre a mesma coisa, não me interessa”; “é um monte de pedras ali ao alto”.

Tendo perceção do que estava a acontecer, e que o grupo estava desmotivado, tentei intervir, após a apresentação da animadora sociocultural (não o fazendo antes,

por considerar falta de respeito falar com a profissional, com as pessoas na sala, ou mesmo interpela-la diante da desmotivação dos demais), e assim referi: “e que sítios já visitaram vocês?”, a que a animadora reforçou e “quais gostaram mais?”, tendo notado, através do seu aceno de cabeça, como que confirmando ser a melhor forma, incentivando-os assim a participar. Timidamente foram dizendo: “já fui a Lamego, à senhora dos Remédios”, e gradualmente os elementos do grupo, foram dizendo “eu também já fui”, ou “eu não fui”. Então, uma vez que o computador da animadora sociocultural estava ligado á televisão, foi pesquisado diante deles (de modo a entender, que a tecnologia pode também ser benéfica), a Senhora dos Remédios (Lamego), para os que não conheciam. Os que já conheciam explicavam a zona, e aquilo que se podia visitar, comer, passear, entre outros. Outros monumentos nacionais foram falados e pesquisados, como: o convento de nossa senhora da Piedade, São Gonçalo de Amarante, Monte de Santa Luzia (Viana do Castelo), Nossa Senhora das Neves, ao Sameiro e ao castro do Monte Mouzinho, São Félix da Marinha, Santa Rita (Ermesinde), Vila Nova de mil fontes (Faro). Também se falou de uma história, de uma “excursão” como eles referem, de autocarro a Marrocos. Em que pouco aproveitaram, porque chegando lá, um senhor faleceu ao cair de uma ravina.

As histórias foram partilhadas por todos, e algumas pessoas, não conhecendo a origem do que motivou aquele nome, ou porquê que era conhecido o monumento ou o Santo, tinham curiosidade, e através da internet, foi pesquisado. No final, com o parecer da animadora sociocultural concluímos que a atividade foi positiva, primeiro porque “foram estimulados” – animadora, ou seja, viram fotos e tentaram reconhecer os sítios. No entanto, refletindo, vejo mais que isso, vejo uma animadora que soube entender que não estavam a ser alcançados os objetivos, e adotou outros métodos, sem ver isso como negativo, mas sim positivo, ao reforçar a ideia que foi lançada, bem como as próprias pessoas que partiram primeiro os seus locais de visita, histórias, etc., com os colegas, e estes respeitaram quando estavam a falar, e contribuíram para a participação sem seguida. Mas mais que tudo, foi o facto de partilharem coisas

peçoas, das suas visitas, com os seus familiares, a este grupo, que parece evidenciar-se também, como sua família.

Dia 24 de abril, 2017: “Profissões e partidas”

Começou-se por falar acerca do fim-de-semana, que como descrito, foi adotado desde o início, embora não esteja patente em todas as descrições, de modo a não saturar estas notas de campo. As mesmas demonstram-se importantes, para o respeito e compreensão do outro, diferente de si. Nessa conversa, falou-se acerca de um filme que uma senhora tinha visto no fim-de-semana, e que “era muito bonito”, acerca da religião. Este é um tema que levanta muita curiosidade e muito respeito a todos. Pois, como já descrito, eles fazem o seu ritual religioso todos os dias depois do lanche. Assim, despertados pela história contada por alto desta senhora, e tendo em conta que demonstravam apressado em também eles verem um filme. Foi falado com a animadora, e questionado aos adultos mais velhos a possibilidade de visionamento de um filme ao cinema, pois tinha sido há pouco o filme “Fátima”. Manifestaram interesse, mas, no entanto, tinha de ser comunicado à equipa técnica, e agilizado os meios necessários, assim como a disponibilidade do cinema em recebê-lo. Também ficou logo a dica, de retomar o assunto do cinema, de modo a explorá-lo melhor, pois a conversa rumou noutra maré e voltamos a falar acerca de fotos, e das memórias, e que “agora, sempre que se vai tirar fotos é sempre a pagar”, e foi sentida a necessidade de se autovalorizarem, pois referiam “agora estou velho(a)”, e “já não sou bonita”, ao que juntamente com a animadora reforçamos que “são sempre bonitos, que se tiverem rugas que seja de tanto rir, e não ao contrário”, deixando a ideia de que poderia ser feito algo nesse sentido, de lhes mostrar que com umas peças diferentes, e as condições certas podíamos realizar uma atividade em que todos pudessem participar, de forma gratuita e valorizar aquilo que eles são de melhor e que ficasse para recordação.

Nesse sentido, e ao falar das rugas, e daquilo que as motiva, uma senhora refere que “eu tenho rugas por estar na cozinha e levar com o calor, que envelhece a pele”, logo outros referem “eu também tenho, e não fui cozinheira”, e o mote da conversa estava lanchado. Falou-se acerca das profissões que idealizavam, mas que acabaram por não ser concretizadas, “gostava de ser professora, mas acabei por ser contabilista” F.M. (S.A.D.); “nunca pensei andar de volta das panelas, e olhe... também não estou arrependida” - Eva; “eu não queria trabalhar no campo sempre, mas não tive escolha” - E. (S.A.D.); “servi o padre a minha vida inteira, estou agradecida” - Arminda. Nesta partilha de momentos, que considerei, tão individuais e de cada um, é de enaltecer a coragem que tiveram, pois frente aos colegas, os que queriam participar, iam contando alguma coisa das suas histórias, e algumas das peripécias enquanto trabalhavam. Denota-se uma cumplicidade que só vista, pois estas peripécias eram contadas sem maldade, mas como atos de rebeldia dentro de um sistema rígido, como depois do trabalho, ao ir para casa, irem às árvores de fruto, roubar fruta no caminho, o que motivou a que outros colegas, também partilhassem momentos timidamente, mas que foram acolhidos pelo grupo.

Dia 02 de maio, 2017: “Festas populares, comentar notícias”

Iniciado o mês de maio, iniciam também as festas populares. Esta foi a primeira coisa que me referenciaram neste dia. Assim, juntamente com a animadora sociocultural e voluntária, começamos por perguntar quais são as festas mais comuns, e aquelas que eles já tinham ido. Referiram já ter ido à Santa Luzia, ao São Brás, ao São Simão, e que gostavam muito do espírito e alegria que lhes trazia estas alturas.

A televisão permaneceu ligada, e a certa altura, uma reportagem a cerca de uma senhora de 81 anos, que ainda conduzia a sua caravana, por este mundo fora, e que passava o inverno em Marrocos, chamou-lhes a atenção. Colocamos a televisão mais alto para que eles pudessem ouvir direito, e respeitamos o tempo de entrevista.

Terminada, uma senhora refere “é fazer o que se gosta, enquanto se pode”; aproveitando o seu comentário, dissemos que realmente tinha razão, e que nós ali, defendíamos exatamente isso, “vocês devem fazer aquilo que gostam, aquilo que querem, sem que vos obriguem a fazer o que não querem”, denotando que o facto de estarem reformados, não é sinónimo de parar, mas sim de descobrir muitas outras coisas diferentes, como aquela senhora que andava de caravana a descobrir o mundo, pois não foi a idade nem a reforma que a limitou, mas sim o desejo e vontade de conhecer coisas diferentes e novas, tal como eles deveriam fazer. Aproveitar a sabedoria que têm agora e fazer coisas que gostam, que querem. Ao que a dona F.M. (S.A.D.) refere, “oh menina, e chegar à reforma sem doenças”, dona Matilde “eu gosto de cozinhar e fazer malha”. Ouvidos, foi novamente reforçada a importância de fazerem coisas que eles gostam e do interesse deles. “quando faço coisas que não gosto, não faço e fico chateada” - dona Laura.

Explicando o sucedido é uma coisa, no entanto, diante daquele grupo, vendo a perspicácia com que os mesmos, olhando para uma senhora com mais idade que alguns deles, evidenciou-se como um motor de reflexão, pois era evidente o modo como falavam, e entendiam a importância que era fazer coisas do gosto deles, terem ocupações, que a reforma não significa não fazer nada, mas sim, ter tempo e oportunidade para tudo, incluindo descansar, e que são atores da sua própria vida.

Embebida pelo tema, a dona F.G. (E.R.P.I.), partilhou com os colegas alguns dos seus saberes, poemas e rimas que sabe de cor, e que tivemos o privilégio de ouvir, refletir e comentar acerca da sua interpretação.

“quem inventou a despedida, não sabia o que era amar”; “quem parte, parte sem vida, quem fica, vive a chorar”; “tanto amor perfeito, perfeito só teu amor, a quem existe no meu peito, pela graça do Senhor”; “quem ama, sonha carinhos, pesares vem a colher, rosas de amor têm espinhos, quem diz amar diz sofrer”; “martírios e saudades, o grande ramo apanhei, martírios porque sofro, e saudades porque amei”; “o amor sente-se na vista e na mão, quando se aperta, vai direto ao coração, e não digo mais”; “ofereço botão de rosa, decora-la melindrosamente ao luar quem me dera,

quem me dera, que chegasse a primavera, para enfim desabrochar. A primavera escutando, aquela que assume brota. Apareceu sorridente e disse beijando: podes abrir finalmente”, o botãozinho fez sua rosa, tao bela, mas tao bela, porque capricho sua donzela no seu regaço esfolhou”. “Fui beber à fonte limpa por baixo da vide branca, só para ver o meu amor porque a sede não era tanta”; “subi ao altar more, acendi a luz ao trono, coitadinho de quem ama, um amor que já tem dono”; “na areia escrevi o teu nome, lá para o mar infinito, veio uma onda e levou-me, as letrinhas que tinha escrito”; “vem o vento e leva a folha, fica a praia descoberta, vai um amor e vem outro, não já palavra mais certa”; “julgava eu que te queria, já te andavas a gabar, pela boca morre o peixe, tu perdeste em falar”; “eu hei dê-te amar amar, eu hei dê-te amar a rir, eu hei dê-te amar de dia, porque há noite quero dormir”; “limoeiro da calçada, hei dê-te dar um abano, ou tu hás-de dar limões, ou laranjas todo o ano”; “eu semeei um pinheiro em cima do teu telhado, quando o pinheiro der pinhas, é que eu ando a teu mandado”.

Dia 15 maio, 2017: “Dia da família”

Como referido pelos demais, pois tinham visto na televisão, comemorava-se o dia da família, e era algo muito significativo para eles. Assim, juntamente com a animadora sociocultural, foi perceptível que também ela queria abordar este assunto. Já na sala de convívio com todos, cerca de 21 pessoas, e todos participantes ativos, por opção, tentei não manifestar muito a minha opinião, sendo mera observadora, fazendo com a profissional mediasse o grupo. Incitou as pessoas a falar, sem opor a sua perspectiva, e todos foram constituindo ordenadamente, e não um a um, como costumava fazer. Foram referindo que “a minha família é tudo”; “são duas famílias: a família de cá, que quer bem ou mal, estávamos cá e a outra família mais chegado” - Dona Matilde; “família é união”; “quem nos ajuda nas dificuldades, quando estamos em casa são os familiares, e quando estamos aqui é a nossa família”; “a família primeiro é a família de

casa, e depois é a daqui”. Estes foram alguns dos comentários acerca da família, algumas pessoas, principalmente com dificuldades de verbalização, indicavam, apontando para o coração, que a família é tudo, demonstrando-se emocionados.

A animadora foi referindo que de facto a família não era apenas as pessoas de sangue, que a família não escolhemos, mas os amigos, esses sim escolhemos. Em conclusão enalteci o facto dos discursos que haviam sido proferidos, que via ali uma amizade e interligação entre eles, que anteriormente não via. Pois foram evidenciados muitos discursos em que a família era o centro, e isso sem dúvida, foi uma conquista, pois autonomamente, eles estavam a considerar todas as pessoas, como parte da família deles, e não uma mera prestação de serviços. Facto este também devolvido, na sala. A animadora concluiu dizendo que aquela casa é feita por eles, e como passam tantas horas lá, de facto são uma família, e que era muito bom sentirem-se como tal, que se respeitem, e olhassem para o outro e as suas dificuldades, ajudando-o como família. Considerando muito pertinente e adequada a intervenção desta profissional. Nestas conclusões, falou-se também da importância de nos conhecermos e de saber aquilo que demonstramos aos outros, pois nem sempre a imagem que transmitimos, corresponde à imagem que temos de nós próprios, ficando a combinar o dia em que iriam trocar pareceres uns com outros.

Ainda antes de finalizar o dia, e sendo o último dia de estágio da fisioterapeuta, considerei pertinente falar com a diretora técnica, afim de ver a opinião da mesma, para colocar o motorista nestas conversas informais, mas de tanto valor para estes adultos. Isto, porque o mesmo, quando chega dos transportes, tem um horário de espera até sair, que poderia ser potenciado para estar com estas pessoas, pois os adultos respeitam-no e demonstram consideração pelo mesmo, afim de ser dada continuidade ao projeto, ao que a diretora técnica, achou muito pertinente.

Dia 16 maio, 2017: “Cinema”

Ao longo do contacto estabelecido com as pessoas, e das conversas que têm vindo a ser desenvolvidas ao longo do tempo, entendeu-se a ligação que as mesmas têm com a fé, e a religião. Desta forma, sendo uma temática que lhes traz apressado e respeito, faria sentido a visualização de um filme que reportasse esse assunto. Assim, como outrora já havíamos falado em ir ao cinema, ver o filme “Fátima”, este era o dia em que esta atividade se iria realizar. A adesão foi bastante, comparada com outras idas ao cinema proporcionada pela animadora sociocultural. Tendo a pensar que foi mesmo por esta questão da religiosidade que lhes é tão próximo.

Assim, pela manhã, como tem vindo a ser habitual a exploração de temáticas do gosto deles, tentei explorar qual era a ligação dos mesmos com o cinema. Para tal, e como havia sido falado com a diretora técnica, o motorista foi chamado para estar presente na conversa, e deste modo auxiliar também a animadora sociocultural, uma vez que já não dispunham da fisioterapeuta. O objetivo era a maximização dos recursos, em horas que lhe fosse oportuna. Uma vez que estas conversas informais, mas intencionais resultam bem neste grupo, e sua presença, após o culminar deste projeto, seria da continuidade do mesmo, quer pela animadora sociocultural, quer pelo mesmo. Uma vez que, parece demonstrar há-vontade em falar com as pessoas, e estas ouvem-no e respeitam-no. No entanto aquando da sua entrada na sala de convívio, o tema estava a ser iniciado, após a atualização do calendário do dia. De imediato o Sr. A. (E.R.P.I.) manifestou “que está aqui a fazer? Este não é o seu trabalho”, e os dois começaram num diálogo, em que o motorista tenta amenizar a situação, demonstrando que “faço o que é preciso”.

Sem alimentar aquela reciprocidade, de clima um pouco hostil, a conversa foi iniciada, tentando entender se as pessoas costumavam ir ao cinema, e com que frequência. Confesso, que para minha surpresa eles referiram que costumavam ir ao cinema com regularidade, que iam quando eram solteiros. Algumas pessoas quase

todas as semanas. Fiquei surpresa, pois até então nunca haviam falado deste gosto, nem desta atividade que faziam com uma certa regularidade.

Uma vez que sempre transmitiram coisas mais objetivas e concretas. O grupo começava a revelar coisas que ninguém sabia, e a partilhar mais. No decorrer da conversa o Sr. A. (E.R.P.I.) referiu que preferia ir ao teatro. A conversa mantinha-se acesa, no sentido em que todos iam falando por sua vez, comentando os filmes que foram ver, e até trocando passagens de partes marcantes de determinado filme, com os colegas. A certa altura a propósito do teatro, falaram na possibilidade de realizarem eles mesmos uma peça. Ouvindo tal, manifestei de imediato que considerava boa ideia, que até poderia ser acerca das coisas ou situações do dia-a-dia que eles não gostavam, e que se poderia dar o género de uma solução para tal. No entanto a maioria começou a manifestar de imediato que era muito complicado, que dava muito trabalho, e “não nos venha chatear, que farta de trabalhar estou eu”. De imediato entendi, que os desafios têm de ter peso e medida, e que aquele desafio não iria ser aceites pela maioria, sendo, no entanto, vontade de alguns colegas (mais recentes na instituição).

Em retrospectiva do dia, tende-se a pensar na capacidade das pessoas em serem levadas, numa simples conversa que lhes diz algo, e que é do interesse deles e que vão participando, e mantendo um feedback positivo, mas que, no entanto, desafiados com algo que os obrigue a sair muito “da caixa” e de coisas que não gostam, negam imediatamente. De facto, conhecer o grupo, permite-nos saber até que ponto podemos ir, de modo a que não percamos a sua atenção e interesse, e este seria certamente um desafio pelo qual iria perder o grupo, e não estava em posição de exigir nada.

Retomando o assunto acima descrito, e num modo de improvisação, foi tentado teatralizar com algumas pessoas, vivências do dia-a-dia. Assim, juntamente com o motorista, dirigi-me há Sra. Laura e referi “vamos imaginar que agora eu chego aqui e digo algo que você é obrigada a fazer, como você iria reagir?” e em seguida num tom mais hostil, dramatizando a personagem disse “Sra. Laura quero que vá comigo, agora,

há última sala cozer uma camisola”. A mesma muito prontamente refere “vou sim menina”. De imediato o motorista responde “mesmo que não quisesse você ia? Mesmo que obrigada você ia?”. Prontamente ela diz “sim, fazia, porque a menina pediu”. E comentamos em grande grupo o que os restantes colegas fariam. Chegando à conclusão que, aquele não era um bom-tom para se usar. E que se deve pedir “por favor” ou “se não se importa”, que não se deve mandar, mas sim pedir e respeitar a vontade das pessoas.

Dia 23 a 25 de maio, 2017: “Sessão de fotos”

Desde o início do contacto com esta realidade que sempre ouvi a expressão “antigamente é que era bom”. Por diversas vezes me questionava como antigamente poderia ser bom, se agora nem se davam à oportunidade de experienciar coisas que faziam “antigamente”. Porque não tirar proveito, dos recursos e potencialidades de estarem na instituição, e poder tornar tão bom o agora como antes, e foi assim, que já anteriormente se havia falado, acerca de um momento de beleza, e de lhes proporcionar vivências de quando andavam arranjados e de forma gratuita. Foi neste sentido, e na conversa informal e conjunta com as pessoas na sala de convívio, recordando esse momento, que surgiu o tema “antigamente era bom, mas agora também o pode ser”. Outrora noutra atividade já descrita, recordamos com algumas pessoas fotos dos seus tempos antigos, assim como os seus momentos de beleza e vislumbramos como os seus olhos brilhavam a falar daqueles tempos, e daquelas épocas onde tudo era difícil, mas era bom porque era vivido intensamente.

Após diálogo com os mesmos, onde foram elencadas algumas características como “já não somos novos, menina” Sra. Maria A., “agora estou feia” Sra. Laura; foi referido que o tempo pode passar, mas as coisas podem ser tao boas como eram antes, e que merecem receber carinhos e mimos, porque trabalharam toda a vida, e é de reconhecer todo o esforço que fizeram ao longo dos anos.

Com o mote “a curva mais bonita é a do sorriso”, surge assim nesse dia, a ideia conjunta de uma sessão fotográfica, onde os objetivos passavam pela valorização da autoconfiança e autoestima dos mesmos, bem como se sentirem diferentes, queridos, e de certa forma importantes. Para a realização da atividade, além dos atores principais que eram as pessoas, foi também pedida a colaboração pessoal técnico e não técnico. Assim, além das pessoas das valências ficarem encarregues de trazerem uma roupa diferente naquele dia, ficaram incumbidos também de trazerem adereços que quisessem. Em relação aos colaboradores, especialmente ao motorista, ficou a responsabilidade de tirar as fotos, uma vez que o mesmo tem material profissional. Aos restantes e também a mim adereços como lenços, chapéus, e material de cabeleireiro e maquilhagem.

Após toda a organização da logística necessária para o desenvolvimento da ação, no dia, a emoção era muita. Com isto quero dizer, que se sentia entusiasmo e vibração na instituição, havia movimento e vida. Como se todos trabalhassem para a mesma causa. Contudo desde o início houve pessoas que não quiseram participar, e esse facto foi respeitado e tido em consideração. Contudo nas reflexões do dia, tenho de referir que o efeito grupal, foi evidente. Refiro isto, uma vez que que equipa técnica e os colaboradores que podiam iam dando um jeito aos cabelos, unhas e depilação das senhoras, e a maquilhagem ficava ao meu encargo, e há medida que as pessoas iam entrando arranjadas na sala de convívio, outras apareciam no salão de cabeleireiro também querendo ficar arranjadas.

Ao final da tarde, todas arranjadas e com os adereços colocados, começou a sessão de fotos, inicialmente individual e posteriormente em grupo.

As pessoas demonstravam adesão há atividade, esboçando sorrisos, e poses bonitas. Em grupo, as fotos surgiam naturalmente, sem pose fixa, apenas demonstração de afeto entre todos.

No final da atividade, foram recolhidas impressões e comentários há atividade, a animadora sociocultural referiu que “correu muito muito bem mesmo, eles gostaram muito. Só tenho pena, que nem todas as pessoas quisessem participar, mas já é

costume”. Pelo seu comentário entendi que de certa forma o efeito modelagem tem surtido efeito, uma vez que a mesma não obrigou a que as pessoas participassem, e respeitou a vontade dos mesmos quando disseram que não queriam participar. A diretora técnica e secretária/ administrativa referiram que é importante este tipo de atividades com todos os elementos da instituição, traz alegria, e boa disposição aos que trabalham. As pessoas das diversas valências, apesar de não expressarem verbalmente, demonstravam sorrisos de satisfação, e apressos ao olharem-se ao espelho e verem alguém que, eram eles, mas de forma diferente.

Dia 01 e 02 junho, 2017: “Atividade de pastelaria para amostra de trabalhos”

Na região, todos os anos é comum organizarem uma feira para demonstrar os trabalhos realizadas pelas pessoas, das instituições. É uma feira que congrega todas as instituições do concelho, e é organizado em cada ano, numa instituição diferente. Além da exposição dos trabalhos realizados, são também realizadas atuações de danças ou canto. A animadora sociocultural, já havia comentado que, todos os anos levam o artesanato que têm na instituição e nunca vendem nada. Pelo que entendi, esta profissional sempre foi quem determinou o que iria ser apresentado ao público, bem como as danças ou músicas a levar. Este ano seria diferente. O objetivo era aumentar o lucro, uma vez que a situação económica nunca é muito favorável. Neste sentido em conversa, o grupo de senhoras que frequentam o centro de dia, sugeriu fazerem bolos e coisas de pastelaria. A ideia foi bem acolhida, afinal porque não levar uma coisa realmente feita pelas pessoas, uma vez que, como já descrito, é algo que eles gostam, e têm jeito. A equipa técnica aprovou a ideia, e acertados os utensílios a trazer por cada pessoa, foi só colocar a mão na massa como se costuma dizer. A ementa foi elaborada pelo grupo, e passava por fazer bolinhos de cocô, queijadas de laranja, e um bolo para se vender em fatias. No entanto, enquanto ia sendo feita a

execução dos bolos pelas idosas, o senhor Artur refere “porque não fazer um pão-de-ló mais pequeno, pois é uma coisa que as pessoas gostam”. De imediato valorizei a iniciativa dele, de facto era uma boa ideia, com sentido, e as senhoras gostaram da ideia, assim como a animadora sociocultural que esteve presente em todo o processo. No entanto enquanto se debatia algumas receitas, surgiu um contratempo na confeção do pão-de-ló, pois misturaram de imediato a farinha, em vez de ser apenas no final. Houve necessidade de improvisação e surgiu assim uns queques de chocolate. Todo o processo foi realizado pelas senhoras que orgulhosamente estavam a participar, e a bater tanto à mão, como elas tanto gostam, como com a máquina elétrica. Partiam os ovos, colocavam farinha, distribuíam pelas formas, provavam, envolviam tudo num empenho e gosto pelo que estavam a desenvolver.

Esta atividade decorreu durante os dois dias, ia sendo rotativo as senhoras a participar, pois eram bastantes as que queriam estar presentes na confeção. Foi de elogiar o trabalhar destas senhoras, que com empenho e dedicação se juntaram a esta causa, mesmo sabendo que não iriam comer o que estavam a fazer, e trazendo coisas de casa para ajudar na instituição. Não tenho palavras para descrever a virilidade com que estavam empenhadas nos doces, e o gosto que demonstravam no decorrer da atividade. Desta forma, não podiam estar mais entusiasmadas, e sentia-se a alegria no ar que era contagiante.

Dia 06 de junho, 2017: “Caraterísticas”

O contacto com o terreno, faz-nos perceber que gradualmente vão sendo evidenciadas mudança nos discursos e atitudes destas pessoas. Pois neste dia, cumprimentadas de beijinhos ou aperto de mão como era hábito, a D. Maria A. refere: “menina, hoje vamos para os bolinhos outra vez? Você está cá é para ir? Gostei tanto!” São estes pequenos gestos e comentários que nos levam a pensar que de facto o trabalho de interventora social faz sentido, e que a longo prazo se colhem os frutos

das pequenas sementes deixadas. Ainda neste seguimento, partilho o comportamento adotado pela dona Matilde. Esta, pela manhã, demonstrava-se muito calma, sem o seu falar exaltado e alto como seu habitual. Referiu que um colega lhe tinha dito que ela falava alto, e que parecia a patroa daquilo tudo e ficou magoada. Assim, a atividade que em seguida vou explicar decorreu sem a participação da mesma, no entanto, no final, já no refeitório, calmamente chamou por mim e afirmou que gostaria de dar o seu contributo, afirmando que só não o fez na sala, porque não queria fazer isso em frente dos colegas por estar magoada com o senhor, mas que, no entanto, queria participar. Outrora era comum sempre que ela não queria participar, referir em alto som “não quero saber disso para nada” ... “não me venha chatear”, contudo a atitude dela foi diferente, e mereceu que fosse elogiada dessa forma, e que era assim que deveria agir, com calma e assertividade.

Antes de introduzir a atividade, atualizou-se o dia da semana, mês, ano, estação do ano, estado do tempo, etc. em seguida, sendo o mês de junho, questionou-se que coisas se costumavam fazer neste mês. Introduzindo assim, temas do interesse e do gosto deles, reforçando a imensidão de coisas que eles sabem, e que hoje se desvaloriza ou nem se conhece. Assim, o Sr. Joaquim (que tem vindo a participar mais, pela atenção especial em falar perto dele, devido aos problemas de audição), refere que “junho fouchinha no punho” e logo os colegas começaram a comentar este dito popular, ouvindo-se uns aos outros. Em seguida referem ainda “depois de são Pedro, abre rego de regar, e fecha rego de lavrar” Sr. Joaquim, e novamente os colegas e ele iam interpretando acerca do significado destas expressões. Comentaram também quais as hortaliças mais comuns de se plantar/ semear nestas alturas (feijão verde, nabiças, nabiça couve, nabo, etc.) e refere a dona Laura “este é o mês dos santos populares”. A conversa ia guiada entre eles, daí aos santos e festas populares da terra foi um saltinho. Falaram das festas mais comuns nas suas zonas e como iam para lá a pé. Falaram do dia das sete senhoras, levantando questões se este se comemorava a 15 de agosto ou 08 de setembro. O grupo estava dividido, uns apelavam a uma data e

outros a outra, mas ordenadamente iam fundamentando as suas ideias sem, contudo, chegarem a um consenso.

Respeitado o tempo de comerem as suas bolachas, de seguida foi referido que lhes queria fazer uma proposta. Para meu espanto, esperava que dissessem “agora não, estamos cansados”, ou “não queremos”, mas, aceitaram de bom agrado o desafio que consistia em dizer características de algumas pessoas. Assim, comecei por mim, de modo a eles compreenderem um pouco a dinâmica do que lhes era pedido. Não com o intuito de saber as minhas características, mas sim de entender se tinha sido clara na maneira como expus. Foi também referido que é importante saber a opinião que os outros têm de nós, porque é difícil para nós mesmos termos essa percepção de como somos e o modo como os outros nos veem. “Vocês são o nosso espelho, e é através de vocês que percebemos o que significamos, e as coisas que fazemos bem ou mal. Na sala encontravam-se cerca de 25 pessoas, mais a voluntária, e eu. A seguir a enumerarem as minhas características, foi a vez de dizerem as da voluntária, e esta até se emocionou com o que lhe foi dito. É evidente o carinho e apoio que a senhora lhes transmite, e a estima que as pessoas têm por ela. Em seguida referiram as características da animadora sociocultural, da secretária/ administrativa, e da diretora técnica. Findada a atividade foi-lhes desejado um ótimo almoço.

Foi perceptível o empenho do grupo, a sua participação espontânea, refletiam gosto nas características que iam enumerado, e não se opuseram em fazê-lo. Vai-se percebendo um grupo mais disponível em falar, sem receio ou tanto medo de ser coagido com as palavras pronunciadas, dá muito gosto trabalhar com o grupo assim, ativos e dinâmicos.

Já no refeitório, tive oportunidade de contactar com algumas auxiliares, que mais uma vez reforçaram a sua falta de tempo, e a necessidade de mais pessoal a trabalhar, mas que, no entanto, sabem que as despesas na instituição são muitas e que não dá para contratar mais pessoas. De entre a conversa, a frase que mais me marcou foi proferida pela colaborada A.: “antes até tínhamos um bocadinho de tempo para estarmos sentados com os idosos, agora já nem isso”.

De tarde, como habitual o professor de educação física deu a sua aula, e quando dei conta o Sr. Artur, que sempre se recusou a ir para a sala de convívio, estava lá, a fazer a aula de educação física, pelo que foi imediatamente elogiado pelo facto de por autonomamente ter ido para lá, sem que ninguém mais uma vez lhe estivesse a impingir que o que fosse.

Dias 13 e 14 de junho, 2017: “Marchas e programação atividades”

Com a aproximação do São João, decorreu no dia 13 de junho os ensaios da parte da manhã, e da parte da tarde para a marcha de São João, numa instituição do concelho de Penafiel. As pessoas que frequentam o centro de dia, demonstravam-se reticentes em participar, não o querendo fazer, por não se sentirem confortáveis e há vontade na atividade. O que reforça novamente a minha ideia que de facto o teatro não iria ser conseguido, ou eventualmente se o fosse, seria contra a revelia dos mesmos, como neste caso. Contudo, sendo uma atividade contemplada no plano de atividades, a mesma tinha de ser realizada. Tentou-se incutir algum alento nas pessoas, cantando, e sorrindo para eles (pois através do tempo de contacto com os mesmos, foi sendo percebido que a adoção de pequenos pormenores, vai resultando com os mesmos). Iam referindo “oh menina, isto não acaba?” dona Emília R. “não gosto nada disto, já não tenho folia para estas coisas” D. Maria F.

Contudo, e apesar da discórdia, de tarde apresentaram a marcha, que contou com a presença de algumas auxiliares, e se tornou um momento de pequeno contacto e convívio entre as pessoas do centro de dia e as auxiliares, num contexto externo há instituição. Neste momento foi perceptível que os adultos mais velhos, depois de passada a azáfama da marcha falavam contentes e sorridentes com as auxiliares. Denota-se novamente que este foi um pequeno contacto, e que as auxiliares se

encontravam ocupadas na distribuição do lanche, seguidamente da organização para se deslocarem novamente para a instituição.

Como os objetivos delineados para o dia não foram realizados, devido à dinâmica institucional ser mutável, e em constante mudança, e cabe ao educador/ interventor adaptar-se ao contexto onde se encontra inserido. No dia 14 de junho foi realizada uma conversa com os adultos mais velhos, com o objetivo de lhes devolver algumas das coisas que ao longo do tempo foram percebidas, e sendo coisas que eles gostavam, que poderiam ser desenvolvidas na instituição.

Deste modo, tendo em conta todas as conversas intencionais, e percebido o gosto por diversos temas, como jogos tradicionais, receitas/ cozinha, música, entre outros. Assim, tendo em conta o facto de referirem por diversas vezes que não gostam de estar na instituição e que preferiam estar em casa, no conforto do seu lar, bem como o facto de transparecerem o sentimento de inutilidade, de que já não têm nada para ensinar, foi colocada a hipótese de poderem ter um momento para estar com as crianças da creche. E que este momento seria uma partilha dos seus saberes, nomeadamente dos jogos tradicionais dos seus tempos, ou de músicas que cantavam no antigamente. As pessoas prontamente acenaram afirmativamente com a cabeça, sorrindo.

Como tem vindo a ser observado, sempre que o educador da creche trás até à sala de convívio das pessoas mais velhas as crianças, estas sorriem imenso, expressando um brilho nos olhos, que demonstram muito mais que palavras. E neste sentido, foi referido, juntamente com a animadora sociocultural (tendo especial atenção para que esta tomasse mais destaque na conversa), que sabemos que muitos de vocês preferiam estar em casa, contudo ao estar aqui podemos fazer coisas diferentes, coisas novas, e passar mais tempo com as crianças, pois sabemos como vocês gostam de as ver cá. Sabemos também as saudades e a tristeza que têm por não estarem mais tempo com os vossos netos, mas temos crianças na creche que também sentem saudades dos seus familiares e dos pais, avós. Assim, podíamos todos juntos partilhar momentos, e experiências para vocês não estivessem tão sozinhos, assim como eles.

Esboçaram sorrisos, e concordaram, foi notório o seu contentamento, e concordaram, a dona Maria A. referia que “agora não temos tempo para estar com os nossos netos, porque eles entram cedo para a escola, é pena, porque antes eram os avós que educavam, e agora temos de estar longe deles. Ao menos que temos aqui meninos que podemos estar”. Seguidamente houve necessidade de estabelecer contacto com os educadores da creche de modo a perceber se era possível a concretização desta atividade, uma vez que existia abertura das pessoas que frequentam o centro de dia e lar em fazê-lo.

Assim, em conversa intencional com os educadores, foi explicado o objetivo do projeto em questão, e as atividades que poderiam vir a ser realizadas, assim como algumas atividades que gostariam de ser realizadas com os mesmos. O objetivo desta “parceria” seria o convívio intergeracional, bem como a valorização e capacitação das pessoas mais velhas. No decorrer da conversa foi notória a disponibilidade e abertura dos educadores “já tentamos realizar muitas atividades com o outro lado, mas nem sempre houve abertura, é o que está programado e pouco mais”, refere ainda “faço questão de levar as crianças aquele lado para terem oportunidade de contactar com os idosos” para que as crianças possam se distrair e contactar com outras realidades que não àquelas a que estão habituados. No seguimento diz “a porta não significa um entrave, já lhes disse isso muitas vezes, é apenas uma questão de legislação, eles podem vir e estar aqui sempre que quiserem, e pelo que entendi, sempre que cá vieram foram obrigados, e isso não queremos”, querendo referir-se ao aspeto estético da instituição, em que a porta parece tornar-se um conflito, em termos de separar o lado da creche e dos adultos mais velhos, e que outros estagiários já tinham levado os idosos há creche, mas era perceptível que não era de vontade própria dos mesmos em fazê-lo.

Os educadores concordaram assim na realização das atividades, e referiram “o seu trabalho aqui faz a diferença, era preciso alguém que marcasse a diferença, e envolvesse esta instituição, e não o contrário de separar as valências”. Agradecendo estas palavras, foi referido que o trabalho é deles, e eu é que tinha de agradecer a

disponibilidade e abertura dos mesmos na participação e envolvências nas atividades. Falou-se ainda acerca dos horários mais convenientes, assim como as datas de realização das mesmas. Não havendo assim inconvenientes, foi-lhes dito que os idosos iriam organizar a sessão, e os jogos que consideravam mais convenientes para as crianças, tendo em conta a idade dos mesmos. Os educadores receberam com entusiasmo o facto de serem os adultos mais velhos a organizar e pensar acerca da atividade “eles não têm muitas oportunidades de reflexão, e é muito bom poderem realizar esses exercícios de pensamento”.

Dias 20 e 21 junho, 2017: “Encontro intergeracional com jogos tradicionais”

O objetivo para o dia 20 de junho, passava por falar com os adultos mais velhos acerca dos jogos tradicionais que estes iriam ensinar às crianças, e como iria ser organizada a atividade. Como sugestão dos educadores colocou-se a hipótese de ser num local neutro, ou seja, nem no espaço das pessoas mais velhas, nem no espaço das crianças. A conversa contou com a presença dos adultos mais velhos na sala de convívio, e com a animadora sociocultural.

Começou por se esclarecer o espaço, ao que eles concordaram que se realizasse na nave anexa da instituição, dentro do pavilhão gimnodesportivo, mesmo em frente à instituição. Em seguida, tendo por base os jogos tradicionais por eles elencados numa outra atividade, começaram a por de parte alguns jogos devido à complexidade dos mesmos para as crianças, restringindo assim para 2 jogos, de modo a poderem cativar as crianças, e despertar o seu interesse. Em seguida questionou-se “como vamos então organizar? Como começamos? O que fazemos?”. Era perceptível os olhares uns para os outros em busca de que alguém comesse a falar, contudo não se sentia desconforto pelas questões colocadas, nem resistência na participação. “Podíamos começar com uma música?” Refere a dona Maria A. O seu comentário foi aceite pelos colegas,

referindo que era uma maneira das crianças não estranharem tanto o ambiente, nem a presença deles. De entre os jogos, os selecionados foram o: Manel Timtim, e Jardim da Celeste.

Em conclusão, todos se empenharam com mais ou melhores ideias, o que contribuiu para o meu pessoal orgulho, em observar um grupo mais dinâmico, ativo, e sem receios de julgamentos ou críticas. Das suas conclusões, o grupo decidiu organizar da seguinte forma: iniciar com uma música para crianças, distribuir balões pelas mesmas, como forma de partilha e quebra-gelo entre os adultos mais velhos e as crianças (ideia Sr. Laura), em seguida cantar e ensinar o “Manel Timtim”, cantar o jardim da Celeste, colocar outra música de crianças, e brincarem livremente todos juntos aproveitando o espaço, e o restante tempo.

No entanto, a conversa foi continuada acerca do tema das crianças, e da infância, e a dona M.A.S. (S.A.D.) e outros colegas mencionaram “há tantas coisas que agora se vão perdendo”; “as crianças não têm contacto com isso, é só telemóveis”; “nem sabemos o que é isso, esses jogos de hoje em dia”; “não se vê crianças na rua”; “antes ainda víamos desenhos animados do Marco e da Heidi, a pantera cor-de-rosa, o Tom Sawyer”. Estas, foram algumas das citações que as pessoas foram dizendo, acerca desta questão das crianças, recordando também elas a sua infância e vivências, comprando os tempos, com os de hoje, e que em nada se igualam. Assim, a animadora sociocultural refere “cabe a vocês mostrar aquilo que foi antigamente, aquilo que se esta a perder do que era” (achei muito pertinente e adequada a intervenção da mesma, já sendo refletido nesta profissional, mais calma, ponderação, dando azos a que as conversas com os adultos mais velhos sejam mais refletidas, e dando-lhes voz de modo a que continuem a conversa de forma autónoma). E assim, estes adultos continuaram referindo: “falta dar amor e carinho”; “falta a presença”; “isto porque as crianças estão longe dos pais e dos avós, assim como nós aqui, também temos saudades dos nossos netos, sem lhes podermos dar o amor e carinho que eles precisam”. A reflexão foi prosseguindo, de forma muito pertinente, e ordeira, concluindo-se que tal como as crianças da creche sentem saudades dos avós e pais, da

mesma forma que eles sentem dos seus netos, que era uma boa oportunidade para que, ali naquele espaço, pudessem de certa forma reconfortar corações de ambos.

Em seguida a animadora sociocultural questionou, se cada um, tinha cuidado dos seus filhos? Foram referindo que sim, mas “que hoje, o que está mal, é a educação que se dá às crianças”; “deixam fazer o que elas querem”; “dão-lhes coisas modernas, mas não lhes ensinam nada da religião”; “antes tínhamos a foto do Salazar na parede da escola”; “as crianças estão fora dos pais desde pequenos, porque agora todas as mulheres trabalham”; “há muitas coisas que se estão a perder, quando chegamos a adultos queremos é estar com a família, mas de que adianta se, não houve contacto”; está a perder-se a relação entre as pessoas”. Estes diversos relatos, provenientes da observação, permitiram demonstrar que o grupo participou de forma organizada, livre e espontânea. Os relatos, de diversas pessoas, contribuíram para uma conversa entre adultos, que demonstraram a sua opinião face ao tema. Salienta-se grandemente a postura adotada pela animadora sociocultural, que como mediadora, valorizou o grupo, e respeitou-o como adultos e conscientes das suas certezas e convicções.

No dia 21 de junho, pela manhã, cerca de 13 dos adultos mais velhos deslocaram-se há nave anexa, onde esperaram pelas crianças. Estava presente também a animadora sociocultural. Enquanto isso, os que podiam iam enchendo balões, para dar às crianças. Chegadas, deu-se os bons dias a todos, e iniciou-se o plano que havia sido delineado pelos mesmos.

Ao longo de toda a atividade, foi perceptível o sorriso esboçado nos rostos das pessoas, que brincavam, apanhavam balões, parecendo esquecer um pouco as dores corporais que os atormentava. As crianças, de início apresentavam-se um pouco reticentes, mas a ideia dos balões funcionou muito bem como quebra-gelo, e a aproximação entre ambos foi evidente.

No final da atividade, já na sala de convívio, os adultos mais velhos reportaram aos colegas que não foram, o que sucedeu. “Foi tão bom ver aquelas crianças tão pequeninas a brincar ali no nosso meio” - Dona Ana. Os colegas ouviam atentamente, e acenavam afirmativamente “que bom”. Embora não tivessem participado, por

diversos motivos, os mesmos demonstravam alento na atividade que pensaram e organizaram, e o feedback era positivo nos seus discursos, mesmo naqueles que não estiveram fisicamente presentes.

O balanço foi positivo “gostei muito, muito engraçado, acho que foi muito reconfortante para os idosos poderem estar com as crianças. Cantamos, dançamos...foi mesmo bom” - Animadora sociocultural.

Dia 27 e 28 de junho, 2017: “O piquenique”

Neste dia destaca-se a organização, dedicação e empenho da instituição na promoção de uma atividade que envolvesse a comunidade institucional. Assim, ao longo do tempo de projeto, algumas conversas, gostos, e atividades que foram realizadas com os adultos mais velhos, eram do conhecimento da diretora técnica. E de entre algumas das conversas com a mesma, com base nos gostos das pessoas que usufruem das diversas valências (devoluções), surgiu a ideia de realizar um piquenique (como já de antemão falado). No início pensou-se na realização do mesmo num espaço exterior, como por exemplo o parque da cidade local. Contudo, numa conversa informal entre animadora sociocultural, diretora técnica, administrativa e eu, falando dos gostos e interesses dos próprios “clientes” como formalmente designam, falou-se na possibilidade da realização do piquenique na própria instituição. A ideia do mesmo não era nova para os adultos mais velhos, uma vez que outrora já havíamos falado nisso, mas até então não havia surgido essa possibilidade, e esta parecia ser a altura ideal para confluir ideias.

Abraçou-se a ideia, decorrente nesta conversa informal, a diretora técnica, sugeriu escrever um papel para colocar na sala das auxiliares para participarem no piquenique, não com o intuito de trabalhar, mas sim “proporcionar momentos de partilha e união entre idosos e auxiliares, sem ser apenas nas higiènes”. A conclusão decorrente desta conversa foi a realização de um piquenique na instituição, com a participação das

auxiliares. Neste sentido, e tendo em conta os gostos das pessoas, seriam estas a elaborar e realizar a ementa para o piquenique, de modo a que as auxiliares estivessem mais disponíveis para usufruir do momento, além de que seria um lanche diferente para todos.

Foi colocada a folha na sala das auxiliares e logo comentários positivos começaram a surgir: “ai que bom! Vamos falar com eles, participar em algo com eles, porque normalmente nós é que fazemos as coisas e não temos tempo para estar com eles. Devia ser realizado uma vez por mês” relata M., cozinheira. “vamos ter tempo para eles?” Aux. S.

Destaca-se ainda alguns aspetos importantes. A animadora sociocultural chamando os adultos mais velhos para lanchar refere “meninos vamos lanchar”, e logo de seguida, autocorrigi-se e refere, “meus senhores, e, minhas senhoras, vamos lanchar?” e sorri, como de quem tem perceção de que aquela não é a maneira mais correta, e faz um esforço de tentativa de correção. Ao que as pessoas sorriram referindo “assim está bem” (Sr. A.- E.R.P.I.); “ei-la, senhores e senhoras? Até parecemos pessoas muito importantes” (dona Matilde), sorrindo e acenando com a cabeça, como que afirmando “muito bem”, admirando a capacidade da profissional em se dirigir de outra forma a eles.

Ainda mais se salienta, que pela ausência do professor de educação física nesse dia, a animadora sociocultural deu a aula, a seguir ao almoço. Sendo a hora em que a diretora técnica, tem um momento de convivência com os adultos mais velhos, na sala de convívio, foi observado, algo diferente: a mesma dançou ao ritmo da música e dos exercícios que iam sendo realizados.

Gradualmente vai sendo notório algumas mudanças e diferenças individualmente nas pessoas que são parte da instituição. Mesmo que refletidas ou não refletidas, os comportamentos adotados pelas pessoas vão sendo observados e fazem-se ser percebidos pelos demais.

Dia 03 julho, 2017: “Encontro intergeracional de pintura”

Uma outra atividade planeada com a creche teve lugar nas suas imediações, uma vez que a atividade era de pintura, e em termos de espaço, o melhor lugar, seria na própria creche. Esta atividade foi organizada pelos educadores da creche que quase quiseram retribuir, como agradecimento. Assim, a atividade de artes plásticas já havia sido combinada com as pessoas que usufruem das diversas valências, ao que prontamente responderam que queriam estar presentes, dado à adesão da atividade anterior. Posto isto, contou-se com a deslocação de cerca de 20 pessoas até à creche, juntamente com a animadora sociocultural. As crianças aguardavam os adultos. Chegadas, prontamente junto com as crianças colocaram mãos aos pincéis e pintaram um papel de cenário, que posteriormente foi oferecido aos adultos da instituição. No decorrer da atividade havia música, e os adultos iam cantando e dançando com as crianças, e com os próprios colegas, uma vez que o espaço não permitia que todos estivessem no painel de pintura, ao mesmo tempo. Da atividade as conclusões são positivas: “correu super bem, os idosos estavam felizes” animadora sociocultural. A certa altura da atividade uma auxiliar veio chamar uma senhora para tomar banho, ao que ela recusou, dizendo que tomava mais tarde, que agora queria estar ali, e a auxiliar aceitou a sua decisão, deixando-a usufruir. Denota-se o respeito da auxiliar, pelo espaço da pessoa, tendo-a em consideração. Estavam presentes pessoas em cadeiras de rodas que tiveram oportunidade de pintar, e que era algo que já tinham feito nas suas vidas, e recordavam naquele momento, as suas vivências, e recordações. Desta forma foi sendo estimulada as suas reminiscências, bem como, estimulação cognitiva. Observou-se em algumas pessoas que a apatia é característica das suas patologias, e, nestes casos, um sorriso levemente esboçado nos seus rostos, enaltece o coração, e faz querer que a mudança é possível. “Foi perfeito”, referiu a animadora sociocultural abertamente. Bem como o parecer dos mais velhos “temos de repetir”; “dançamos e estivemos juntos com as crianças”, já na sala de convívio.

Dia 04 e 05 de julho, 2017: “O lanche mais partilhado”

Tal como estava planeado, no dia 04 de junho, iniciamos a preparação para o piquenique que se realizava no dia seguinte. A ementa foi preparada num primeiro momento, uns dias antes, para antever produtos que os próprios pudessem trazer. Do resultado dessa conversa que contou com a animadora sociocultural, surgiram as seguintes ideias: bolo de cenoura e laranja, queques de laranja; queijadas de laranja; folhados de maçã e canela (sugestão da D.T., que iria realizar a atividade com os mesmos), bolinhos de coco, salpicão, e pão com ovo estrelado. Para bebidas, além do sumo e água, iria ter também panaché, e sangria. A opinião de todos foi muito importante e contribuiu para que se tornasse efetivamente um trabalho de grupo, onde existia concórdia nos produtos a confeccionar.

Elaborada a ementa, foi hora de colocar mãos à obra. Convidados a participar, voluntariamente dirigiram-se à sala de atividades, onde se realizou a culinária, uma vez que dispunha de maior espaço, e dando oportunidade a todos de participação, uma vez que nem todos entram nas mesmas salas. A confeção correu muito bem, maioritariamente foram as senhoras a participar nesta sessão de cozinha. Pessoalmente e conhecendo os gostos destas pessoas, sabia à priori quem iria participar na atividade, mas mais que isso foi surpreendente, pois participaram mais pessoas, do que aquelas que esperava, e contou também com a presença do senhor Artur. Durante o tempo de cozedura dos bolos de coco (na cozinha), a cozinheira por distração esqueceu-se dos mesmos, deixando-os queimar. Quando dada a notícia de que se tinham queimada, as pessoas demonstram-se tristes e a dona Maria H. referiu “oh menina, nem dá gosto fazer nada, elas não têm cuidado com as coisas...olhe só o desperdício, até dá pena”, demonstrando assim o seu descontentamento face ao trabalho e empenho que tiveram. Via-se em todos a dedicação com que seguravam a batedeira na mão, ou que pesavam os ingredientes. A confeção e participação foi adaptada às capacidades e limitações de cada pessoa, para que nada nem ninguém fosse descorado.

No dia seguinte 05 de junho, foi o dia do piquenique, na parte da manhã, realizaram juntamente com a D.T. os folhados de maçã e canela. O procedimento passava por descascar e partir as maçãs, cortar a massa folhada, colocar os ingredientes em cima, açúcar e canela, e fechar aquilo que seria o folhado. Depois foi só passar ovo por cima de modo a dar brilho, e foram ao forno. Quando viram o resultado final, ficaram radiantes com o fruto do seu esforço e do seu trabalho. Além de que tinham realizado juntamente com a D.T., algo que nunca tinha acontecido, e que agora viam-na a trabalhar junto com eles.

Após o almoço, realizou-se um brainstorming acerca de “Partilhar” onde as pessoas foram descrevendo que partilhar é: conviver uns com os outros; confraternizar; que na partilha é necessário ter educação; é partilhar saberes; dar-se bem com toda a gente; ser amigos uns dos outros; é dividir com o outro o que temos; são coisas que dão; é amizade; é amor. E juntamente com a animadora sociocultural foi referido que o lanche de hoje seria uma partilha entre todos, onde permanece o amor, a amizade, e que o espírito de partilha deveria existir não só naquele dia, mas sempre.

O piquenique seria uma substituição ao tradicional lanche que fazem no refeitório, com o típico chá, café ou leite, e o pão que acompanha. Quiseram algo diferente, e este foi realizado, na parte exterior da instituição, onde existe um terraço em cimento, com bancos restaurados com paletes, e um relvado, com uma vista ampla, e que os adultos mais velhos pouco usufruem.

Juntamente com a animadora sociocultural, e as auxiliares de ação direta, motorista e voluntários, foi preparado o espaço exterior com: mesas, guarda-sóis, mantas no relvado, jogos tradicionais, entre outros. Gradualmente foram convidados a vir até ao espaço exterior. O tempo estava a favor, e permitiu que usufríssem do espaço sem sentirem nem calor nem frio. Ao passarem pelo refeitório vislumbraram os pratos cheios com as coisas que eles fizeram e que “tinham tão bom aspeto”, como iam referindo. Há exceção de três pessoas, todos os outros, de todas as salas, estavam no espaço exterior. Foi gratificante poder observar toda a comunidade institucional reunida no mesmo espaço a conviver. Desde os jogos tradicionais que se iam

realizando, às conversas que iam tendo, era perceptível uma energia positiva e de ânimo, entre toda a comunidade institucional. Lancharam, riram-se, divertiram-se, e no final o reflexo na cara das pessoas era evidente. As três pessoas que não quiseram ir não foram esquecidas. Tendo em conta o brainstorming realizado acerca do tema “Partilhar”, foi-lhes levado o lanche. A ideia partiu dos próprios colegas que referiram que partilhar também é respeitar o espaço e a vontade das pessoas que não querem ir, contudo, que o lanche era partilhado por todos e como tal lhes era levado. De início, as mesmas não quiseram aceitar, dizendo que “não fiz nada para isso, por isso não vou comer” - dona Matilde; mas após a devolução de que tinham sido os colegas que fizeram questão, estas aceitaram e acabaram por lanchar, o “lanche mais partilhado”.

As auxiliares agradeceram pela oportunidade de convívio e diversão com as pessoas apoiadas, tiraram selfies, jogaram, brincaram junto deles. As pessoas agradeciam e repetiam que tínhamos que fazer mais vezes, que era diferente, e que permitia falar com outras pessoas. Outros diziam “ai menina, as saudades que eu tinha de comer pão frito” dona Laura, como quem recordando os momentos passados, e as reminiscências da memória, levando a uma sensação de gratificação, tão própria do *snoezelen*, evocando sentimentos e memórias passadas.

A equipa técnica agradeceu, mas este agradecimento foi devolvido, pois o trabalho foi conjunto, foi construído junto com eles. “O balanço não podia ser mais positivo em todos os aspetos, porque foi construído, eles fizeram tudo” - D.T. “Eles estavam supercontentes” – animadora sociocultural.

Despedindo para vir embora, as pessoas agradeciam e lamentavam pelo facto de ir embora, e só regressar na semana que viria. Refletindo acerca do mesmo, por um lado é demonstrado o carinho e afeto de uma boa relação e interações positivas com as pessoas. Contudo, o reverso da medalha se verifica, pois, a minha presença é uma passagem, com a esperança que colham frutos do trabalho desenvolvido, mas é apenas mais uma pessoa por lá passou, se apegaram e voltou a sair. E esse sentimento é constrangedor para ambas as partes.

Dia 11 de julho, 2017: “Aos olhos dos outros”

A atividade de partilha de características surgiu da necessidade das pessoas que frequentam o centro de dia, e da própria animadora sociocultural, em saber o que as pessoas pensam acerca deles. A mesma já tinha sido iniciada anteriormente, em que as pessoas disseram o que achavam acerca da equipa técnica, no entanto devido a constrangimento de tempo, não tinha ainda sido realizado a devolução das mesmas. Ainda antes de retomar atividade, foi perceptível a interajuda entre os colegas. Assim, foi visto um senhor de centro de dia, a ajudar outro colega da mesma valência, com dificuldades de locomoção. Enquanto caminhavam, amparava o senhor para que este não caísse, e chegasse ao local onde queria sem se aleijar. O facto foi visto por todos e pela animadora sociocultural, e comentado de como a ajuda uns dos outros é importante, pois são amigos, partilham o mesmo espaço e tempo naquela instituição, e é gratificante ver o apoio e amizades que se vão criando.

A certa altura, a dona Matilde pediu alguma coisa, e agradeceu, olhamos para ela admirada e esta refere “que foi? (espantada) eu agora digo obrigada, antes não dizia, mas agora digo, porque fez-me um favor, e eu tenho é de agradecer”. Sorrimos todos, como que valorizando a atitude da mesma, e procedemos, lembrando das características que tinham dito há uns dias atrás, e que agora era altura de devolver isso às pessoas. Na sala de convívio, estavam presentes as pessoas habituais, e a animadora sociocultural. Iam entrando auxiliares para realizar as higiènes, e oportunamente se questionava aos adultos mais velhos a opinião dos mesmos acerca das auxiliares. Também estiveram temporariamente presentes a administrativa/ secretária, bem como a diretora técnica, que também participaram.

Começou-se assim pela voluntária, sendo esta uma pessoa de referência para os mesmos. Ao longo da descrição que as pessoas diziam dela, esta demonstrava-se emocionada com o que ia ser dito, e referia “são lágrimas de alegria” por reconhecerem o seu trabalho e dedicação, sem nenhuma contrapartida. No geral acerca da voluntária referiram que: “era muito boa pessoa”; “bom coração”; “santa

mulher”; “simpática, bem-disposta, pronta para ajudar”; “tem tudo o que é de bom”; “é o braço direito daqui”; “pronta para tudo”; “atenciosa, tem uma paciência incrível, tem jeito”; “faço de conta que ela é minha filha”; “acho uma pessoa generosa, meiga, sempre pronta a ajudar. Prestável. Apesar de ter problemas, entra sempre com um sorriso no rosto e pronta a fazer o bem, sem olhar a quem. Vive com eles a dor deles, e sempre disponível a ouvir o outro. Sem nada em troca” - animadora sociocultural e administrativa; “humilde, prestativa, colabora com tudo. Não sabe dizer que não” D.T.

Acerca da animadora sociocultural referiram que: “é a melhor pessoa que está cá dentro, para trabalhar, e para tudo. Dentro do refeitório faz mais que muitas sozinhas”; “tem de manter o respeito. Não é fácil lidar com pessoas de idade como ela lida todos os dias”; “boa pessoa”; boa menina, divertida, gosto de me divertir com ela”; “gosto bem dela, faz tudo o que a gente quer”; “é uma menina aberta para os outros”; “participo em todas as atividades com ela”; “boa pessoa, boa menina, compreensiva”; “ela põe tudo na linha”; “admiro-a pela forma como ela trata a gente, e pede tudo por favor”; “é uma beleza de pessoa, muito divertida e correta” - voluntária. A sorrir um senhor refere, tentando imitar a A.S. “meninos, vamos dar um passeio lá fora” todos começaram a rir, inclusive ela, e refere que agora já não o faz, que sabe que não é o mais correto.

Aquando a entrada da administrativa/ secretária entrou, falou-se acerca da mesma, referiram que esta era: “está no lugar dela e faz o seu trabalho”; “é o braço direito”; “para mim é boa pessoa, bom feitio, bom coração”; “tem de cumprir o seu trabalho”; “gosto muito dela, acho uma pessoa muito correta e boa pessoa” – voluntária.

Em relação às auxiliares referiram que eram boas meninas, que os ajudavam sempre que precisavam, que estavam lá para eles.

No que consta à D.T., foi referido que: “é diretora e temos de a respeitar, e se pedimos alguma coisa tem de ser em condições e ela faz se puder e nós respeitamos”; “é boa pessoa”; “é uma pessoa excepcional e amiga de todos, não pode ser melhor para as pessoas”; “é uma pessoa muito atenciosa, agradeço tudo o que ela tem feito por mim” – voluntária.

Em seguida foram os colegas a descreverem características uns dos outros. Contudo, do que foi possível observar, conversar, reflete-se que esta atividade contribuiu grandemente para que as pessoas tivessem percepção da imagem que os outros têm deles, e funcionou como um reforço da autoestima, uma vez que as características foram todas elas positivas. Foi referido também que através desta atividade percebemos que muitas pessoas ainda não se conhecem muito bem, e que têm pouco ou nenhum contacto de conversação, e que era uma oportunidade para se conhecerem melhor e fazer mais amigos, pois por vezes não conseguiam dizer característica de algum colega, porque nunca tinham falado com o mesmo, por estarem em lugares díspares. Também foi refletido que estamos sempre a tempo de ser melhores pessoas, e que com aquelas características, tiveram a percepção daquilo que os colegas acham deles, e que podem sempre corrigir ou alterar características dos próprios. Finda-se assim, refletindo que “foi importante ouvir os colegas a falar de nós” - dona Maria A.; “foi muito bonito” - Maria E., e que contribui para que cada pessoa naquela sala refletisse e pensasse acerca da imagem que estava a passar de si. Ressalva-se ainda que, todos mantiveram a atenção durante a atividade, e este facto foi constatado pela animadora sociocultural, que refere, “eles estão tão atentos, e ninguém está a querer dormir”, como por vezes costumava acontecer. O que vem salientar que de facto, conhecendo o grupo, e lhes proporcionando momentos dos seus interesses, existe a possibilidade de os mesmos permanecerem atentos, e a participar nas atividades. Consultar Apêndice D, onde estão pormenorizados aspetos que os colegas relataram uns dos outros.

Dia 12 e 19 de julho, 2017: “Lembrando momentos, O Outrora de Hoje”

A atividade intitulada como “lebrando momentos” advém da recordação de todo o percurso que atravessámos juntos. Assim, esta atividade de encerramento dividida

em dois dias, consistia em que juntos, lembrássemos e recordássemos aquilo que eles próprios foram capazes de fazer. Assim, no primeiro dia, na sala de convívio, direcionados para a televisão, estando presentes a maioria das pessoas (convidados a assistir ao visionamento das fotos, todas as pessoas, de todas as salas), juntamente com a animadora sociocultural, e educadores da creche. Há medida que iam vendo os momentos desde fotos dos brainstormings, do cinema, de culinária, de piquenique, da sessão de fotos, ia sendo lembrado que aqueles momentos foram feitos por eles, “se bem se lembram no início quando cheguei aqui, referiram que não sabiam nada, mas a verdade é que vocês sabem e muito, e a prova está aqui, em todo o trabalho que desenvolveram”, eles acenavam como que concordando com o que ia sendo dito. Contudo refletindo, sentia-se nas suas expressões como que admiração pelas suas próprias capacidades por pensarem que não fossem capazes, e na verdade foram. Foi também lembrado a maneira como o grupo mudou, estavam mais unidos, trabalhavam mais em conjunto e falavam mais uns com os outros. Ao verem as fotos iam referindo “olhe ali você amigo Maria”; “estávamos tão bem”; “foi tão divertido”; e a expressão de alegria ia sendo visível. Posteriormente o educador da creche mostrou o filme de encerramento do ano letivo das diversas salas, que incluem atividades com eles, e das quais gostaram imenso de ver como as crianças.

De modo a encerrar a minha passagem pela instituição, falou-se em seguida de como iria ser a despedida, que ideias eles tinham e gostavam de fazer. Em conjunto e com a animadora sociocultural foi referido “podíamos acabar como começamos, com os balões” - dona Maria A. Assim, em conjunto foi decidido que ao invés de existir um balão por pessoa, como inicialmente, existia apenas um balão para todas as pessoas da instituição, com uma mensagem de grupo.

No último dia, tal como tinha ficado em acordo, havia um balão, e foi o momento de deliberação da mensagem que havia de ser escrita pelo grupo. O quadro branco foi usado para apontar as diferentes ideias, e ajudar no auxílio da construção da frase. Foi muito gratificante ver cada pessoa a construiu para o crescimento e representatividade da sua contribuição na frase que iria no balão. No final, reunidas

todas as opiniões, surgiu a seguinte frase “um por todos, todos por um. Unidos no amor e na alegria. Que todos crescamos juntos. Obrigada”. A pedido de todos, a mensagem foi escrita por mim, referiram que fazia mais sentido, pois “foi graças à menina que fizemos estas coisas todas”, dona Maria F.

Em seguida, novamente foi expresso que o trabalho foi deles, que ali estava a prova que eram capazes, e que tinha uma lembrança para todos. A lembrança não era com o intuito de se lembrarem de mim, mas sim do trabalho que foi desenvolvido ao longo do tempo. Essas lembranças consistiam em fotos de momentos que tinham passado, atividades que tinham sido realizadas, em momentos vividos e partilhados por eles. As fotos foram escolhidas individualmente, não havendo fotos iguais, porque os momentos foram diversos e permitia a existência de uma foto para cada pessoa da instituição. No verso da folha, continha a data, e a seguinte descrição “um beijinho Carla”. Nas fotos dedicadas à creche a mensagem continha um texto apelando à continuação de atividades como aquela (convívio intergeracional). Nenhuma pessoa foi esquecida, e todos tiveram uma lembrança dos momentos e de toda a amizade, amor, interajuda que foi criada entre eles.

Antes de almoço e aproveitando o facto dos mesmos se levantarem das diferentes salas, dirigimo-nos todos, sem exceção de ninguém ao espaço exterior da instituição com o balão. Este continha um fio grande, o que permitiu que a maior parte segurasse no mesmo. Os adultos mais velhos, em grupo, começaram a proferir frases encantadoras como “dedicou-se muito”; “vai fazer muita falta”; “desejo-lhe muitas felicidades”; “vai ser muito feliz, porque não desiste”; “obrigadinha por tudo aquilo que fez por nós”; “desejamos muita sorte e felicidade”. E desta forma foi referido “este trabalho só foi possível convosco, porque vocês são capazes e está aqui a prova disso, que no futuro continue sempre assim, não só hoje, mas sempre”. Ainda antes de lançar o balão foi referido pela animadora sociocultural “você trabalhou com a instituição toda, não se preocupou com o ir ao exterior e fazer coisas para eles, você pegou no que havia cá, que eramos nós, e trouxe a novidade, o novo, o diferente, dentro desta rotina que já temos e que nem conseguimos fazer diferente...você trabalhou a

casa...obrigada por isso”. E todos acenavam concordando, e desta forma simbólica, em contagem decrescente lançou-se no ar o balão, com todo o trabalho dedicação empenho e amor daquelas pessoas que têm tanto para dar.

APÊNDICE F - AÇÃO C: EM BUSCA DE UM TRABALHO EM EQUIPA

Notas de campo das sessões em grupo: da atividade: “Ver o mundo com os nossos olhos”

1ª Sessão: 06 de fevereiro, 2017: “Integração do grupo”

A informação deixada na sala das auxiliares informava do início das sessões, à qual tinha sete nomes inscritos para o dia 06 de fevereiro. Ao longo da semana foram ouvidos alguns comentários que algumas auxiliares teciam e que informalmente me iam chegando como: “é obrigatório”? ou “vai ser uma perda de tempo”. Comentários estes que faziam com que o receio aumentasse, pois a expectativa era alta e não as podia decepcionar. No dia, durante a tarde, a auxiliar A. (cozinha), questionou se ia demorar muito tempo, e que ia pela curiosidade. Foi referido que cerca de 45 minutos sensivelmente, ao que ela concordou e confirmou a sua presença. Ao longo do dia, foi comunicada a desistência de uma pessoa por motivos de doença e baixa médica.

Pela hora marcada da sessão, encontramos-nos no local indicado e estavam presentes quatro pessoas, tendo as outras duas pessoas compromissos e não podendo comparecer. Sentaram-se e de imediato iam comentando que esperavam que valesse a pena ter levantado do sofá. Ouvindo isso, e sentindo um nervosismo extremo, fez com que a confiança ficasse ainda mais abalada, pois não me sentia segura para estar diante de pessoas mais velhas que eu. Pois no fundo, quem era eu para estar ali, numa superioridade. Tentando desvanecer isso, e fazendo com que elas entendessem que, não era o meu objetivo ensinar nada, mas sim, ser um espaço dela. A sessão foi

programa em casa, de modo a saber o rumo que queria tomar, deixando, no entanto, sempre abertura para que fosse feito o que elas quisessem, seja em temas, seja em atividades.

E neste sentido, foi pedido que se levantassem, pois, o objetivo não era que ali permanecessem sentadas, e iniciou-se um exercício de dinâmica de grupo de quebra-gelo. Foi sentido que o grupo, ainda se mantinha muito constrangido e não estava preparado para avançar, tendo continuado com outro exercício de quebra-gelo. De seguida, falou-se de algumas questões formais como o horário, o dia e local. Demonstraram interesse pela sala de snoezelen, ao que concordei, pois de facto aquela sala era muito impessoal, e não favorecia a coesão e reflexão do grupo.

Falamos também de outras questões importantes. E em seguida, tentou perceber-se qual o motivo que as levou a estarem presentes. “Curiosidade” - A. (cozinha). Querendo saber mais, antes de prosseguir demonstrei que aquele seria um espaço delas e como tal, “não iria trazer recados de baixo, nem levar”. Assim, caso surgisse alguma sugestão iríamos arranjar alguma forma de elas levarem até à direção, mas que eu não iria trazer nem levar recados de ninguém, que apenas era um espaço delas.

Retomamos o assunto inicial, acerca das expectativas, e para tal foi entregue um papel para que as mesmas escrevessem, de forma anónima. Eu também o fiz, e posteriormente em li em voz alta o meu papel, de modo a refletirmos ideias, e verificar, que as expectativas delas, iam ao encontro das minhas, de modo a não existir um desfasamento de ideias. Assim, foram escritos no papel o seguinte: “as minhas expectativas em relação a estes encontros são: unir as colegas um pouco mais, divertirmos-mos mais, falar mais e acima de tudo passar um tempo rindo e esquecer o trabalho. Divertir-me. Poder ajudar os outros e os outros me ajudarem”; “Carla, apesar de já termos falado, que foi para ajudar na tua tese. Certa forma vi com interesse de desenvolver algo que dê frutos tanto para ti como para nós libertar de alguma situação menos boa (falamos de trabalho), mas não com a intenção de levar lá para dentro (direção)”; “criar um grupo de amigos fora da instituição”; “aliviar o stress do dia de trabalho. Ter um bocado de descontração e diversão”.

De seguida, encerramos com outra dinâmica onde concluímos que para um bom desempenho tanto laboral como naquela dinâmica era necessária cooperação de todas, que se depende umas das outras e nesse sentido era nisso que teríamos estas sessões.

2ª Sessão: 20 de fevereiro, 2017: “Sessão de relaxamento e conhecimento do outro”

Estavam cinco pessoas inscritas, na folha em anexo, comparecendo todas. O encontro seria à porta da instituição, de modo a poder em seguida, ser definido o sítio onde iria decorrer a sessão. Posteriormente, decidiram que seria na sala de snoezelen. A sessão foi organizada, contudo foi deixado espaço para que pudesse ser mudado, consoante o grupo. Antes de iniciar a sessão e enquanto aguardávamos a chegada de todas as colaboradoras, fomos até ao café da sede, mesmo ao lado da sala onde iria decorrer a sessão. Lá, encontrava-se o presidente da direção, que gentilmente nos ofereceu o café, e onde foi estabelecida uma conversa acerca dos objetivos das sessões, bem como de alguns acontecimentos da instituição. Ao longo da conversa, as colaboradoras referiram para o senhor engenheiro (presidente da associação), após este ter perguntado se só eram as que estavam presentes que iam, ao que elas responderam que faltavam duas colegas, e em tom de brincadeira “não se vê logo o grupo que vem”. Ouvindo aquilo, foi percebido que elas têm perceção de que existe uma divisão entre elas. Ao que imediatamente perguntei “grupo?” a C. (auxiliar) responde sim. Referi que explorávamos lá dentro melhor esse assunto se surgisse a oportunidade.

Entraram na sala, e tentaram explorar a mesma. Algumas já tinham experienciado aquela sala pois tinham feito formação em snoezelen, no entanto, outras não, e tentavam explorar, enquanto se ia preparando o ambiente com música e as pessoas dispoendo-se como entendiam. Iniciou-se por um pequeno momento de relaxamento

nas costas umas das outras, em círculo, que terminou em risos, pois foi perceptível a dificuldade do grupo em conseguir estar a massajar umas às outras.

De seguida, começaram a falar de coisas acerca do trabalho, de higiene, e recados que ficaram por dizer. A certa altura uma colaboradora referenciava “oh bem, não viemos para aqui para falar de trabalho”, dando-me voz para que continuasse. Neste sentido, e uma vez que algumas colaboradoras não tinham estado na sessão anterior, foi-lhes lembrado que aquele era um grupo para elas, e que falaríamos ou faríamos o que elas considerassem mais pertinente. “Vamos, mas é descansar e relaxar” F. (cozinha), proferindo logo. Antes de continuar, foi novamente enfatizado que no caso de surgir algum problema, teriam de ser elas a comunicar à diretora técnica e não eu. Bem como, também revimos os objetivos e expectativas das sessões. De modo a entender se o grupo se conhecia na verdade ou não. Foi realizado um exercício de dinâmica de grupo, em que o objetivo, era cada pessoa dizer algo que ninguém soubesse sobre ela. Assim referiram logo, “ai eu sei tudo de ti”, dirigindo-se para uma colega. No entanto com o decorrer da dinâmica é que se compreende que na verdade não se sabe de tudo, e que existem coisas que elas não conheciam das colegas referindo “ui não sabia disso de ti”, e algumas surpresas foram reveladas, histórias de sofrimento, mas também de coisas boas. Neste sentido, tentou-se promover o conhecimento e confiança no grupo.

Em seguida, como haviam pedido, queriam um momento de relaxamento, e assim sendo, foi pedido para que se colocassem de forma confortável, como entendessem, e colocada uma música ambiente. Algumas pessoas ficaram nos calções de água, que vibra consoante a intensidade da música, outras ficaram nas colunas de água, e outra no pouf. Enquanto decorria a música, em tom baixo e sereno foi lido um texto de reflexão, e que lhes transmitisse serenidade ao tumulto que são as suas vidas diárias. No final, lentamente abriram os olhos, e foi pedido a que umas às outras passassem creme nas mãos, ou no rosto das colegas. Neste registo sensorial, tentou-se promover o toque, a confiança no outro, o tirar partido de momentos de descontração nas pessoas que trabalham com eles, aumentando a confiança. Foi curioso perceber como por

vezes não se sentiam muito há vontade a tocar nas colegas. E para mim também foi muito desafiante. Mas com o riso, com o à vontade delas, o facto de dizerem piadas fazia com que o sentimento de descontro se desvanecesse.

3ª sessão: 13 de março de 17: “Medos e receios”

A sessão teve início as 21h15, na sala de snoezelen. Estavam presentes 5 pessoas, não podendo comparecer as 7 tal como haviam indicado no papel. A sessão foi planeada tendo por base o tema dos “medos e receios”. Neste sentido, ao entrarem na sala e após se terem descalçado, foi-lhes indicado que iriam ser vendadas. Este facto assustou-as um pouco, mas logo se começaram a rir e a dizer “vê lá o que vais fazer”, entre outras coisas que as deixava mais confortáveis.

Foi ainda adiantado que, como sabiam, uma vez que, algumas delas já tinham realizado formação em snoezelen, tudo era estimulação sensorial. Assim, elas estavam a ser estimuladas, sendo-lhes ocultado um órgão do sentido, que era a visão. Salientou-se ainda que, as condições iam ser agravadas, e que, no caso de não se sentissem bem ou confortáveis, que avisassem. Assim, após vendadas foi colocada uma música de tensão, e suspense, indutora de medo. E pedido que elas entrassem na sala e deambulassem pela mesma, até encontrarem um ponto que considerassem que se sentiam seguras. Foram andando, e à medida que se iam sentando, iam sendo ainda mais estimulados, pois começaram a ser atirados objetos, de modo a despoletar a resposta de medo ou fuga.

Pelo que foi observado duas senhoras das cinco, apresentavam maior resposta de fuga e medo acabando por expressar o medo sentido. Após terminada a música foi o momento de partilha do que se haviam sentido e experienciado. Ao que a J. (auxiliar) refere “isto não dá nada para relaxar” e a C. (auxiliar) “a música metia medo, dava aquela sensação de fugir”. Foi-lhes então explicado que o tema que íamos falar era

acerca dos medos e receios, e que daquele modo lhe quis confrontar com alguns dos medos e receios que as próprias encontram no seu dia-a-dia, assim como ao longo das suas vidas, em diversas circunstâncias, como por exemplo no trabalho. As colaboradoras foram concordando, que de facto no dia-a-dia, ou mesmo no trabalho sentem medo por diversos motivos. Seja por considerarem ter medos que as sancionem, ou “de ouvir um chá”, e que não se sentem nada confortáveis com isso. No entanto, e refletido, o medo está em todo o lado, e o objetivo de serem um grupo coeso, é poderem falar mais abertamente com as pessoas, e não sentir medo ou receio de alguma coisa, pois têm colegas, com que podem contar. Assim, após refletido este assunto, foi pedido para que num papel, escrevessem os seus medos e receios para que na próxima sessão, em conjunto sejam debatidos, e encontradas soluções para enfrentar esses medos. A sessão terminou com um lanche convívio que as colaboradoras trouxeram. Assim, foi colocada uma manta no chão e todas tiraram partido deste lanche, falou-se também de coisas pessoais, e assuntos do interesse das mesmas.

Denota-se que estes lanches poderiam ser uma mais-valia, pois permitem o convívio e interação, num ambiente informal, que lhes proporciona segurança.

Nota conclusiva: por escassez de oportunidades, não foram realizadas mais sessões. Não que as profissionais não quisessem, contudo, em termos temporais, e com o início de formação, em pós-laboral, não foi possível conciliar tudo, e também o objetivo não era forçar que as sessões acontecessem, mas sim de livre vontade, tendo muito assuntos ficado por refletir e abordar.

APÊNDICE G: SISTEMATIZAÇÃO DO DESENHO DO PROJETO

Quadro 1. Síntese dos Problemas, Causas e Indicadores e Necessidades

PROBLEMA	CAUSAS E INDICADORES	NECESSIDADES
(P1). Reduzida iniciativa, participação e envolvimento das pessoas apoiadas e pouca valorização pessoal	<ul style="list-style-type: none"> - “Não sabemos nada, a menina é que manda” - Sra. Ana - “Já não aprendo nada, estou velho” - Sr. Joaquim - “Vêm agora mandar-me trabalhar? Estou aqui para descansar (...) não quero fazer nada” - Sra. Matilde - “Sou feia” - Sra. Laura - “Nunca participam em nada, só querem estar quietos” - Animadora Sociocultural 	<ul style="list-style-type: none"> - Adequação das atividades aos interesses das pessoas; - Valorização de cada iniciativa dos mesmos; - Maior valorização de características pessoais, capacidades, interesse.
(P2). Reduzida coesão grupal e existência de relações conflituosas no grupo de pares	<ul style="list-style-type: none"> - Interações negativas - Foi possível observar alguma falta de respeito entre o grupo de pares, acompanhada de discursos 	<ul style="list-style-type: none"> - Mais oportunidades de partilha, reflexão, compreensão e aceitação do outro, de modo a potenciar a coesão grupal;

	<p>negativos: “não há respeito por ninguém aqui dentro” sra. Laura; “metem aqui tudo” Sra. Matilde</p> <p>- Desvalorização da opinião do outro; Conversas por vezes hostis entre pares</p>	<p>- Maior conhecimento das diferentes pessoas que pertencem ao grupo, e do próprio grupo, e maior respeito pelo outro, e pela diferença dos seus gostos e interesses</p> <p>- Utilização de formas de comunicação mais claras.</p>
<p>(P3). Escassas oportunidades de interação positiva entre profissionais técnicos e não técnico, bem como pouco envolvimento ativo no quotidiano das pessoas apoiadas</p>	<p>- “não temos tempo para estar com os idosos, é sempre tudo a correr” aux. Júlia</p> <p>- “é tanta burocracia, e papéis que não permite muito contacto com os idosos, nem com as auxiliares. Limita-se muito mais às reuniões, onde consigo estar com elas.” Diretora técnica.</p> <p>- “aqui só atendo o que me pedem, não lhes consigo dar a atenção devida” Administrativa</p> <p>- Relações entre equipa entre técnica e não técnica</p>	<p>- Convívio mais frequente, de qualidade e interações positivas e estimulantes entre técnicos e não técnicos;</p> <p>- Participação ativa em algumas atividades dos profissionais da instituição no quotidiano das pessoas;</p> <p>- Valorização pessoal, e profissional das suas capacidades dos profissionais técnicos e não técnicos;</p> <p>- Momentos de partilha e reflexão;</p> <p>- Maior reconhecimento, de que o trabalho em equipa tem no reconhecimento profissional.</p>

Quadro 2. Síntese dos Problemas, Objetivos Gerais, Objetivos Específicos e Indicadores de Avaliação.

PROBLEMA	OBJETIVOS GERAIS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	INDICADORES DE AVALIAÇÃO
<p>(P1). Necessidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Adequação das atividades aos interesses das pessoas; - Valorização de cada iniciativa dos mesmos; - Maior valorização de características pessoais, capacidades, interesse. 	<p>OG1: promover a valorização das pessoas, de modo a potenciar a participação e opinião pessoal</p>	<p>(que a pessoa seja capaz de...)</p> <p>OE1.1. partilhar autonomamente a sua opinião e pensamentos;</p> <p>OE1.2. valorizar as suas competências;</p> <p>OE1.3. participar espontaneamente nas atividades;</p> <p>(que animadora sociocultural seja capaz de...)</p> <p>OE1.4. valorizar cada pessoa,</p> <p>OE1.5. conhecer e respeitar os desejos e interesses de cada</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Nº de participantes nas atividades; - Maior autoconfiança e afirmação mais frequente das suas opiniões; - Participação mais frequente autónoma nas atividades; - Capacidade de fazer escolhas - Liberdade de expressão; - nº de participação em debates grupais; - Atitude dos profissionais pelo grupo; -Maior coerência entre o plano de atividades e os interesses e

		pessoa, ajustando as atividades;	desejos manifestados pelos participantes.
<p>(P2). Necessidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mais oportunidades ou maior partilha, reflexão, compreensão e aceitação do outro, de modo a potenciar a coesão grupal; - Maior conhecimento das diferentes pessoas que pertencem ao grupo, e do próprio grupo, e maior respeito pelo outro, e pela diferença dos seus gostos e interesses; - Utilização de formas de comunicação mais claras. 	<p>OG2: promover um ambiente favorável à coesão grupal e relações interpessoais mais positivas</p>	<p>(que a pessoa seja capaz de...)</p> <p>OE2.1. ouvir e compreender o outro, respeitando-o;</p> <p>OE2.2. partilhar a sua opinião, gostos e interesses, e respeitar a do outro;</p> <p>OE2.3. valorizar os seus sentimentos e dos colegas;</p> <p>OE2.4. pensar acerca do outro;</p> <p>OE2.5. Comunicar de forma clara e objetiva.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Nº de participantes nas atividades; - Frequência/regularidade das conversas com os colegas; - Partilha de experiências/opiniões com outros; - Ouvir o outro/ esperar pela sua vez.

<p>(P3). Necessidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Convívio mais frequente, de qualidade e interações positivas e estimulantes entre técnicos e não técnicos; - Participação ativa em algumas atividades dos profissionais da instituição no quotidiano das pessoas; - Valorização pessoal, e profissional das suas capacidades dos profissionais técnicos e não técnicos; - Momentos de partilha e reflexão; - Maior reconhecimento, de que o trabalho em equipa tem no reconhecimento profissional. 	<p>OG3: promover melhor interação entre adultos mais velhos e profissionais;</p>	<p>(que os profissionais sejam capazes de...)</p> <p>OE3.1. compreender a importância do contacto regular com as pessoas e da necessidade de apoio psicossocial;</p> <p>OE3.2. adotar uma postura de igualdade, com interações positivas e respeito pelas pessoas;</p> <p>OE3.3. refletir criticamente acerca dos seus comportamentos e atitudes com os adultos mais velhos;</p> <p>OE3.4. adotar uma linguagem clara, sem menosprezar ou diminuir a pessoa;</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Maior envolvimento dos profissionais no dia-a-dia das pessoas; - Postura crítica e reflexiva acerca dos comportamentos adotados;
---	--	--	---

	<p>OG4: promover melhor interação entre equipa técnica e colaboradores</p>	<p>OE3.5. de partilha e conviver com as pessoas que usufruem do centro de dia.</p> <p>OE4.1. compreender a importância do trabalho em equipa;</p> <p>OE4.2. valorizar o seu trabalho e o dos outros;</p> <p>OE4.3. tomar decisões, sem que prejudiquem o trabalho dos outros.</p>
--	--	---

Quadro 3. Síntese dos Objetivos Gerais, Objetivos Específicos, Estratégias, Ações e Atividades

OBJETIVOS GERAIS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ESTRATÉGIAS	AÇÕES	ATIVIDADES
<p>OG1. Promover a valorização das pessoas, de modo a potenciar a participação e opinião pessoal</p>	<p>(que a pessoa seja capaz de...)</p> <p>OE1.1. partilhar autonomamente a sua opinião e pensamentos;</p> <p>OE1.2. valorizar as suas competências;</p> <p>OE1.3. participar espontaneamente nas atividades;</p> <p>(que animadora sociocultural seja capaz de...)</p> <p>OE1.4. valorizar cada pessoa,</p> <p>OE1.5. conhecer e respeitar os desejos e</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Brainstorming; - Convívios e discussão em grupo; - Exercícios de dinâmica de grupo; - Sessões de bem-estar - Jogos e sessões de cinema com discussão - Convívio intergeracional entre adultos mais velhos e creche; - Risoterapia 	<p>Ação A – “olhar e recordar para contar”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “Recorda-me”; - 2 Atividades de pastelaria; sessão de fotos; - Brainstorming sobre “Amor”, “Amizade é”, partilha, o que me faz feliz - Jogos tradicionais; - Cinema e discussão sobre os filmes: “Fátima” e “Mau Mau Maria” - 1 sessão de risoterapia com profissional

	interesses de cada pessoa, ajustando as atividades;			
OG2. Promover um ambiente favorável à coesão grupal e relações interpessoais mais positivas	(que a pessoa seja capaz de...) OE2.1. ouvir e compreender o outro, respeitando-o; OE2.2. partilhar a sua opinião, gostos e interesses, e respeitar a do outro; OE2.3. valorizar os seus sentimentos e dos colegas; OE2.4. pensar acerca do outro	- Brainstorming; - Momentos partilha; - Exercícios de dinâmica grupal; - Sessões de bem-estar (fotos e maquilhagem); - Jogos tradicionais - Convívio intergeracional	Ação A – “olhar e recordar para contar”	- “Recorda-me” - Brainstorming; - Jogos tradicionais; - 2 Convívio intergeracional entre creche e centro de dia;

	OE2.5. Comunicar de forma clara e objetiva.			
OG3. Promover melhor interação entre adultos mais velhos e profissionais;	(que os profissionais sejam capazes de...) OE3.1. compreender a importância do contacto regular com as pessoas e da necessidade de apoio psicossocial; OE3.2. adotar uma postura de igualdade, com interações positivas e respeito pelas pessoas; OE3.3. refletir criticamente acerca dos seus comportamentos e atitudes com os adultos mais velhos,	- Momentos de convívio, partilha e reflexão - Muitas conversas intencionais	Ação B “caminhando lado a lado”	- “Dia do pensamento”; - “Paz”, - “aos olhos dos outros”; - “o lanche mais partilhado”; - Conversas intencionais durante todo o decorrer do projeto

	<p>OE.3.4. adotar uma linguagem clara, sem menosprezar ou diminuir a pessoa;</p> <p>OE3.5. de partilha e conviver com as pessoas que usufruem do centro de dia</p>			
OG4. Promover melhor interação entre equipa técnica e colaboradores	<p>OE4.1. compreender a importância do trabalho em equipa;</p> <p>OE4.2. valorizar o seu trabalho e o dos outros;</p> <p>OE4.3. tomar decisões, sem que prejudiquem o trabalho dos outros</p>	<p>- Sessões grupais com auxiliares</p> <p>- Conversas intencionais</p>	<p>Ação C – “em busca de um trabalho em equipa”</p>	<p>- “ver o mundo com os nossos olhos”</p>

NM